

Antoninho TATTO



... memórias, atos e fatos

de uma **Família**

Antoninho Tatto

**... memórias, atos e fatos
de uma Família**

1ª edição
2020

O Recado Editora
Rua Antônio das Chagas, 93
04714-000 - São Paulo - SP
Fone: (11) 5181-4242
homepage: www.orecado.com.br
e-mail: orecado@orecado.com.br

**... memórias, atos e fatos
de uma Família**

Antoninho Tatto

**... memórias, atos e fatos
de uma Família**

1ª edição
2020

O Recado Editora
Rua Antônio das Chagas, 93
04714-000 - São Paulo - SP
Fone: (11) 5181-4242
homepage: www.orecado.com.br
e-mail: orecado@orecado.com.br

Copyright © O Recado Editora Ltda - 2019

ISBN - 978-85-64516-29-8

Capa: Daniel Tatto
Fotos: Álbuns de família
Impressão: Lis Gráfica

DO RIO GRANDE DO SUL AO PARANÁ

Era 21 de novembro de 1963. Por volta das 15 horas, aparecem dois caminhões na pequena vila, Ponte do Parto. Era sempre uma novidade, um divertimento para nós crianças, a chegada de um automóvel, um caminhão. Coisa rara naqueles tempos e nas nossas redondezas. O que seria desta vez? E dois de uma vez. Extasiados, percebemos que se dirigiam para nosso lado. Pararam em frente a nossa casa. Aparecem os motoristas e... com eles, nosso pai. A última notícia, bombástica notícia. Vamos arrumar tudo, colocar tudo nos caminhões, vamos embora para o Paraná. Não teve conversa, a contratação do transporte já estava acertada e não tinha volta. Naquela tarde e noite adentro foi uma correria para ajeitar tudo, ou o pouco que tínhamos. Improvisar gaiolas para as galinhas e os porquinhos, arrumar espaço para a junta de bois, Pratiado e Ramalhete, a vaca Estrela e a égua Grápia. Como era grande, comprida, essa égua! Os poucos e antigos móveis, mais as roupas empacotadas envoltas em



lençóis, colchões de palha, algumas cadeiras, o fogão a lenha, utensílios de cozinha, algumas ferramentas, como a balança de braço que foi utilizada muito, durante muitos anos, para as pequenas vendas de salame, queijo etc. e traz as letras “JT” indicando o dono, João Tatto. Ou seria Jácomo Tatto? E uma máquina de plantar milho, arado, foice, machado, algumas enxadas e, é claro, a companheira da mãe, de todas as horas de “des-



canso”, a máquina de costura que era da nona Jacomina que não conhecemos, pois havia falecido em 1949: eu tinha apenas um ano de idade. De forma bem protegida, a velha maleta, tipo mini 007, do nono João. Naqueles tempos, quem tinha uma dessas maletas era considerado homem do dinheiro. Embora isso nunca tenha

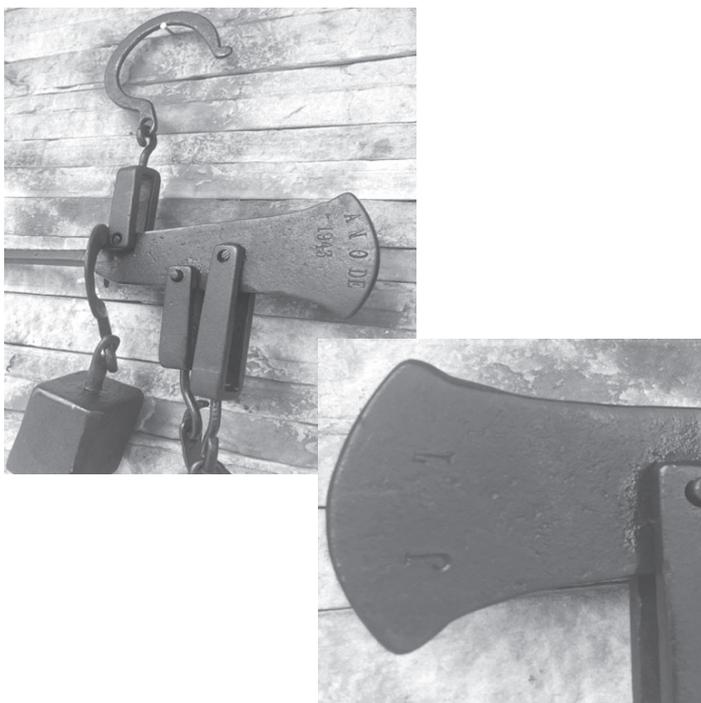
sido a realidade do nosso nono, era assim que era visto. Mas então, o que levava na tal maleta? Sim, o dinheiro que tinha, que precisava para as compras do moinho, serraria, ferraria e, principalmente, a casa comercial. Mas, principalmente, carregava os documentos necessários para todos seus empreendimentos e seus documentos pessoais. Homem prevenido, organizado.

Tudo estava pronto, motores ligados, sem despedidas e sem aviso. Todos com o coração sangrando de dor; estávamos acomodados sob uma lona furada, que nos fez sofrer muito durante a viagem pela chuva gelada que caía. Percebemos um vulto que se aproximava com a bicicleta pneus balão, aro 26. Não podia ser outro, era o Leonide, que soube, em Frederico Westphalen, onde estudava, que estávamos mudando para o Paraná. Não pensou duas vezes; largou tudo e veio para completar a então família rumo a Penha, município de Corbélia, Paraná, para a vida mudar.

Que vida mudar?

Esta é a história. Ignês, jovem ainda, muito cobiçada pela sua beleza. Vários pretendentes surgiram chamando atenção da me-





nina cujos pais, e não podia ser diferente, eram muito exigentes e rigorosos. Quando seu coração se inclinou para aquele que sentia ser o dela, veio a interferência paterna e, na onda, a opinião materna. É melhor que você case com o Jacó, Jácomo Tatto. Mas por que ele? “Ele é professor, bom rapaz, estimado por todos, de uma família de bem, e de

bens”. Seguindo a tradição de obedecer aos pais, ou confiar na sua intuição e experiência histórica, tudo foi resolvido, e Ignês e Jácomo casaram-se em 10/05/1947.

Quem era o tal namorado ideal, Jácomo, ou Jacó, como era mais conhecido? Era sim uma pessoa muito respeitada pelo seu simples jeito de ser. Pessoa correta, simples. Como professor que era, possuía um pouco mais de conhecimento que a média dos jovens de sua idade. Certa vez fui fazer pregações na diocese de Frederico Westphalen. Com Mons. Leonir visitei 21 comunidades, da paróquia de Santo Antônio, Catedral de Frederico Westphalen. Em todas elas encontrei pessoas que tinham conhecido o Jacó, e lembravam dele como professor, como uma pessoa boa. Foi gratificante ouvir tantas histórias bonitas depois de tanto tempo passado. Pois é, Jácomo foi professor daquele lugar de onde agora estávamos saindo.

Mas por que sair?

Por que deixar as raízes e o lugar de tantos encantos, lembranças e histórias, lugar especial, que ficaria para trás? O que tinha de especial aquele pedaço de terra que denominaram São Francisco do Pardo, depois Ponte do Pardo? Que lugar é este? Que encantos tinha?

Tudo começou com João Tatto ou Giovanni Batista Tatto, filho de Martino Tatto, que tinha mais dois filhos, Vitorio Tatto e José Tatto, vindos de Lasen, Feltre, na Itália. A esposa de Martino teria morrido durante a viagem para o Brasil. Não temos certeza desta informação. João tinha então apenas três anos. Martino instalou-se em Nova Pádua, RS, onde se encontra enterrado no cemitério comunitário, próximo à capela das Almas.

Vamos conhecer um pouco mais desta história com o relato de Alfredo Tatto, por ocasião do primeiro encontro da Família Tatto no Brasil.

NOVA PÁDUA – 2006 – 1º ENCONTRO DA FAMÍLIA TATTO

Caros familiares

120 anos dos “Tatto” no Brasil. O que de fato isso significa na nossa vida?

Com certeza para cada um dos aproximadamente 200 Tatto presentes em Nova Pádua deve ter um significado diferente. Mas todos eles verdadeiros. O significado dos 120 anos dos Tatto no Brasil com certeza está na soma dos sentimentos destes 200 e de outros tantos que não puderam estar presentes. Sentimos sua falta, mas, com certeza, todos estão bem representados.

Retornemos a 1886. Retornemos a 21 de fevereiro de 1886, quando nosso Bisnono, Martino Tatto, junto com sua esposa, nossa Bisnona, Eva Angela Cossalter, seus filhos Giuseppe, Giovanni e Vittorio, obtiveram o passaporte e autorização para deixar a Velha Itália. Retornemos mais, retornemos ao mo-



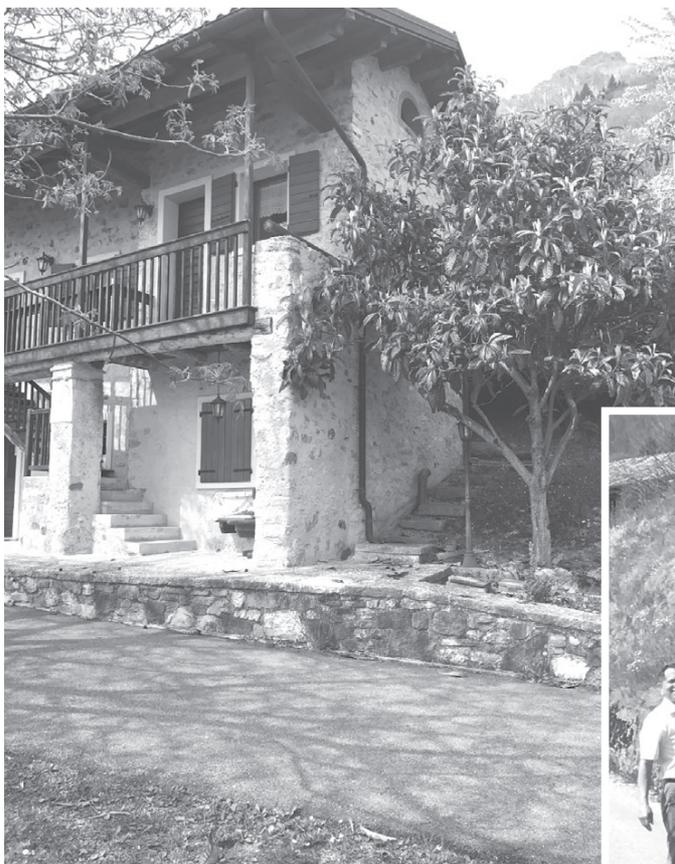
Martino Tatto, nosso bisavô

mento em que aquele casal, em virtude de suas dificuldades de vida, decidiu emigrar para o Brasil. Se me permitem, retornemos ainda mais... retornemos aos idos de 1600, quando temos notícias dos primeiros Tatto estabelecidos na região de Lasen-Feltre, na província de Belluno, no Vêneto Italiano. Aí estão nossas raízes. Sem sermos xenófobos, temos que ter orgulho destas raízes. Num determinado dia, muito provavelmente nas frias noites sob nevascas nos pés das Dolomitas, este casal resolveu que era momento de procurar novos ares que propiciassem condições para a sobrevivência de seus filhos.

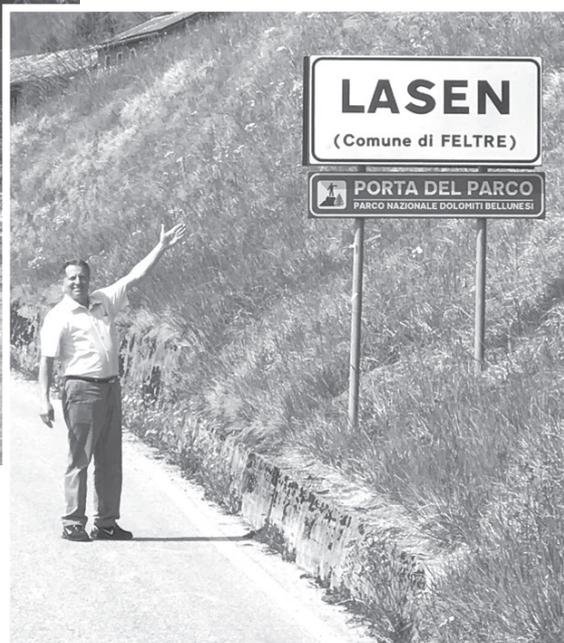
Terras pouco agriculturáveis, pouca lenha para o fogo, poucos alimentos, e a necessidade de mear a produção, enfim a “pelagra” foram fatores determinantes: “Vamos fazer a América”. E decidiram vir para o Brasil junto com outros conterrâneos. Quem conhece Lasen, Nova Pádua, lembra seus montes e vales. Alguns Tatto optaram pelos EUA, outros pela Austrália, alguns pela Argentina. Nossos Martino e Eva Angela optaram pelo Brasil, para estar junto com seus vizinhos de Lasen que também emigraram.

De Lasen a Genova. De Genova a Santos. Chegaram a Santos, de Santos a Rio Grande, de Rio Grande a Porto Alegre, de Porto Alegre a São Sebastião do Caí.

Se a viagem até aqui foi desconfortável, o pior estava por vir. De São Sebastião do Caí, por terra, deveriam chegar ao local onde estariam as terras que seriam compradas. Aqui começam os problemas. Notícias nos dão conta de que, primeiramente, seriam enviados às terras entre Nova Milano e Alta Feliz. Não teria havido aceitação. Haviam separado os diversos amigos saídos de Lasen. Todos teriam exigido permanecer juntos e conseguiram sua transferência para Nova Pádua. Neste momento, nossa bisnona Eva faleceu. Temos algumas dúvidas. Não se sabe onde, mas é certo que não chegou ao Travessão Divisa. O mais provável, e estamos pesquisando, é que ela tenha falecido próximo a São Pedro da Terceira Léguas, em Caxias do Sul. Mas há informações também que teria morrido durante a viagem e teria sido jogada ao mar. Chegados a Nova Pádua, nosso bisnono, passado algum



*Casa de Martino,
Lasen - Itália*



tempo, casou novamente com Tereza Perotto. A ela nossas homenagens por ter criado nossos avós. Não tiveram filhos. Os Tatto são chamados de Martin, Giuseppe Tatto é Beppi Martin, Giovanni Tatto é Nanni Martin e Vittorio Tatto é Vittorio Martin. Até hoje somos os “Martin”. Homenagem e respeito a Martino Tatto por sua postura de vida.

Quando os filhos crescem, os dois decidem “fazer a América” também....e lá se vão o Beppi e o Nanni para Guaporé, não sem antes casar. Casam-se e vão para onde hoje está Serafina Correa. Passam um tempo lá e decidem ir para novos horizontes: Frederico Westphalen.

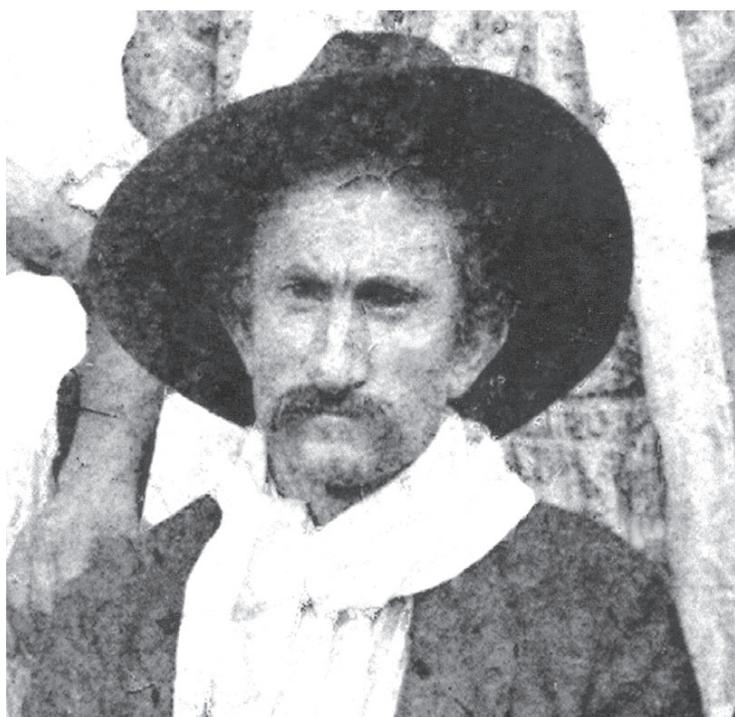
Daqui em diante os descendentes destes três filhos de Martino contam a história.

Agradeço ao Alfredo Tatto por esta importante contribuição histórica.

JOÃO TATTO, A HISTÓRIA DE UM EMPREENDEDOR

Não sabemos muita coisa da vida e juventude de João Tatto, o nosso avô. O que sabemos, entre lendas e realidade, é o que nos falaram dele, e os anos que com ele convivemos, apesar de nossa pouca idade. A figura dele era tão marcante que seria impossível conhecê-lo sem ter com ele envolvimento pessoal. Pessoa de muito pouco estudo, mas de uma inteligência e criatividade incomparável, necessárias naqueles tempos. Já afirmei muitas vezes, e deixo aqui consignado: para mim, João Tatto foi, naqueles tempos, o Bill Gates de hoje. Na proporção dos tempos e nas circunstâncias e condições da época, realizou proezas admiráveis. Senão vejamos. Não se sabe por que, e como, chegou àquele lugar. Diz a lenda, e essa foi comentada até pelo Mons. Vitor Batistella, outro monstro de sabedoria e realizações na mesma época, que, certa vez, aproximou-se uma cigana e, olhando as mãos do João Tatto, teria dito: “O teu destino está nas águas”. Era sempre motivo do Mons. Vitor Batistella dar risada cada vez que lembrava disso, e dar um puxão de orelha, pois João, católico que era, teria aceitado que uma cigana lesse suas mãos, e isso teria reflexos no futuro de sua vida.

Voltando à realidade, João se embrenha na mata, encontra um rio, analisa seu percurso e grava na cabeça seu projeto ousado.



Aproveitando o declive e a curva do rio, imagina um canal cortando caminho em linha reta até encontrar, muito abaixo, novamente as águas do mesmo rio.

De quem eram as terras e como as adquiriu, não temos informações. Nem tampouco de como tudo começou. O que sabemos é tudo o que realizou.



Em determinado ponto do rio, construiu uma barragem, de aproximadamente 1,5m de altura e talvez 20 metros de comprimento. Água represada, canal aberto, em alguns pontos chegando a 5 metros de profundidade, leva por aproximadamente três quilômetros esta água que caía no “rodão” de uma altura de mais de 10 metros. O rodão recebia aquela água, e pela sua força constante, o fazia rodar na velocidade desejada, dependendo da

quantidade de água que se deixava cair em suas canaletas. Por que “rodão”? Era assim que todos falavam, porque era grande como nunca visto, tinha a largura de 1,20, um raio de quatro metros, um eixo de madeira, uma tora inteira de um metro de diâmetro. Tudo coisa grande. E tudo isso para quê? Para fazer rodar uma engenhoca muito complexa na parte interna de um prédio de três andares, feito todo em madeira, madeira toda serrada com serrote, no “muque”, como diziam naquele tempo, no braço, pois não havia serraria. Neste prédio encostado na parede interna, protegido da água, tinha uma outra roda de madeira, esta com dentes, que se comunicava com uma roda dentada menor, para dar-lhe velocidade, que por sua vez fazia rodar um eixo transmissor comprido de ferro onde outras rodas de madeira estavam estrategicamente colocadas para fazer rodar, via correias, para um lado e para outro, rodas maiores ou menores, dependendo sempre da velocidade que se precisava, que faziam girar eixos horizontais ou verticais, cada um ligando um aparelho como hoje vemos motores engatados em tantas ferramentas. Tudo tocado a água a partir do rio, do açude, do canal, do rodão, do eixo, e de cada roda. Neste prédio dos três andares ele instalou quatro pedras de moer. Ou seja, uma pedra rodava sobre a outra e assim moía trigo e milho. Uma engenhoca extraordinária que nos encantava quando víamos a farinha branquinha ou amarela



*Bica sobre
o Rodão*



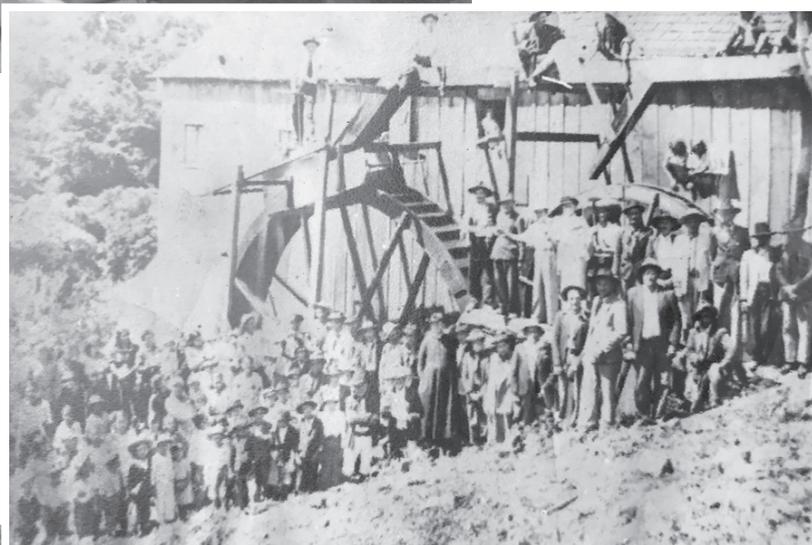
Açude

cair como neve, leve e limpa, no caixote a cada uma destinado. As famílias vinham com seus sacos de trigo ou milho para que fossem moídos. Num raio de dezenas de quilômetros era o único moinho. Assim começou o negócio do João Tatto que precisou, por força das necessidades, acrescentar cada vez mais atividades, agregando utilidade ao que já era uma realidade, com o moinho. Foi esticando transmissões e rodas e fez funcionar uma serraria que daria novo impulso ao seu empreendimento. À medida que os eventos iam se estabilizando, a cabeça do João já tinha novas ideias. Foi só esticar um pouco o prédio e lá aparecia num andar térreo, uma oficina de móveis com as madeiras da serraria. Tudo interligado. Era uma engenhoca que dava gosto de ver, tudo funcionando perfeitamente, cada coisa à sua velocidade, de acordo com o que deveria tocar e produzir. Era o progresso que chegava no meio do mato, favorecendo a



*Engrenagem
dentada*

*Moinho
Inauguração*

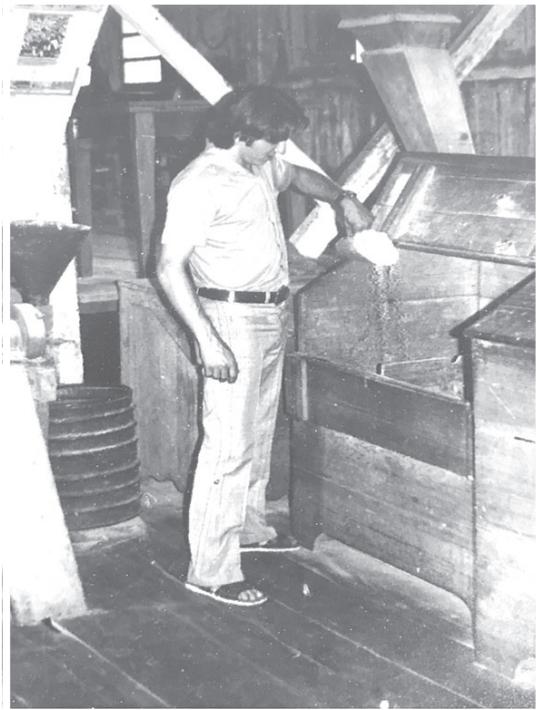


*Rodas e
correias de
transmissão*

todos que viviam em suas roças, que para lá acorriam em busca das facilidades da “modernidade”. Mas as suas atividades não se limitaram a isso, a agropecuária tinha que caminhar junto.

Lembro de muitas pessoas trabalhando diariamente, dezenas delas permanentemente, cada uma cuidando de uma especia-

lidade: plantio na roça, cuidado com gado, porcos, galinhas. Naturalmente, todas estas atividades necessitavam de ferramentas, que eram adquiridas às duras penas, pela distância e preço em Porto Alegre, distante mais de 700 quilômetros, distância percorrida a cavalo ou em carroças. Ou deveria ir a outras cidades como Santa Maria e Caxias do Sul. João não teve dúvidas, conseguiu ferreiros, o Naneto Escolari e o Alcides de Bona. Dois grandes artistas do ferro que passaram a produzir, a partir de molas de caminhão, as mais variadas ferramentas. Foice, enxada, martelo, ponteiros, balanças, máquinas de plantar milho, facas, facões, machados e tudo que fosse preciso para facilitar a vida. A região foi se desenvolvendo, com várias vilas: São José, São Paulo, Vista Alegre, Pardinho, Pavão. Algumas já existiam antes do Pardo, que se transformou no centro de convergência e irradiação, por tudo o que oferecia e possibilitava. Ainda não estava completo o projeto do João, sua cabeça pensante e obser-



Caixa onde caía a farinha



João e Jacomina Tatto

vadora sabia que havia outras necessidades que precisavam ser atendidas, pois as famílias dependiam de muito sacrifício para atingir as distâncias, buscando as coisas que necessitavam pa-

ra viver. Foi então que resolveu construir mais uma casa, onde seria a loja. Nela se encontrava de tudo, qualquer tipo de ferramenta, garfos, facas, colheres, pratos, panelas, outras coisas de cozinha, tudo que precisasse, além de sal, açúcar, temperos, muitos completamente desconhecidos pela maioria das pessoas, produtos de armarinho, chapéus, algum tipo de roupas prontas. Coisa do “outro mundo”. Tudo era novidade, tudo era admirável. Tudo devia funcionar bem. Ele tinha um olhar em cada detalhe.

Naturalmente, o João inventor, o empreendedor, o João trabalhador, também pensava, e muito, na família. Casado com Jacomina, teve com ela 15 filhos. Cada filho tinha suas habilidades, e cada um ajudava no cuidado de alguma coisa com que mais se identificava. Também teve a grande contribuição do irmão José que, com um “carroção” puxado por três pares de burros ou cavalos, levava os produtos do moinho ou ferramentas, para serem vendidos nas redondezas, atingindo grandes distâncias. Toda comunicação era com a cidade grande, não tão grande assim, mas a maior cidade próxima, Frederico Westphalen, que nós ainda chamávamos de Barril porque seria este o nome primeiro: havia uma fonte de água com um canal feito de taquara que despejava a água num barril, debaixo de uma árvore. Este barril teria sido deixado no local por viajantes que carregavam cachaça nas redondezas. Um desses barris caiu e perderam a cachaça. Tiveram a ideia de usar o barril para recolher a água. As caravanas costumavam marcar seu lugar de encontro neste local, “no barril”, aproveitando para descansar e dar descanso e água aos animais.

Para qualquer comunicação do Pardo para o Barril, só indo a cavalo ou de carroça. Os mais abastados tinham a “aranha” puxada por um burro ou cavalo, e levava confortavelmente duas ou três pessoas. Eram os meios de transporte para qualquer emergência. Quando víamos alguém subindo o morro em toda disparada com seu cavalo, já sabíamos que alguém estava doente na família, e ia avisar o médico que mandava um jeep buscar quem estava doente. Eu tinha um cavalo, chamado “macaco”, muito ágil. Muitíssimas vezes, porque corria muito, eu era solicitado

para ir ao Barril chamar o Palocci com o Jeep. Este cavalo, o “macaco”, tinha seus caprichos. Só eu conseguia pegá-lo no pasto. Certa vez fui visitar meus avós maternos em Palmitinho. Aconteceu que a professora, Luiza Bernardi, ficou muito doente. Precisavam com urgência levá-la para o médico. Como avisar para o jeep vir buscá-la? Sim, como sempre, o Toninho com o “macaco”. Mas eu não estava em casa. Como o cavalo era dócil, qualquer um podia ir com ele. O problema era pegá-lo no pasto. Um grupo de homens tentou de todo jeito cercá-lo, laçá-lo e não teve jeito. O estado da professora era preocupante. Desesperados, desistiram do “macaco”. Preocupados perguntavam-se como fazer, quando me viram chegando a casa, retornando da minha viagem. Me chamaram e foi só entrar do pasto que o “macaco” veio ao meu encontro e, alguns minutos depois, eu desaparecia morro acima numa disparada que já era conhecida para alívio de todos. Estes apuros aconteciam quando o telefone não funcionava. Telefone? Na década de 1950? No Pardo?! Sim, lá tinha telefone, aquele aparelho de manivela, que, por graça do destino e pela generosidade do Cesar Tatto, neto do Roberto Tatto, último proprietário do tal telefone, um dia me entregou dizendo que a família se sentiria honrada se eu ficasse com ele. Está bem guardado no nosso memorial, como peça especial de grandes recordações e de admiração pelos desafios vencidos pelo nosso avô e por ter conseguido esta proeza, esticando um fio de arame de Frederico Wesphalen, do Barril, até o Pardo. Então Frederico já tinha telefone? Sim, há pouco tempo, uma realização extraordinária do Mons.

Victor Batistella que, por conta própria, puxou 130 quilômetros de fio abrindo picadas na mata, até Frederico Wesphalen, o Barril, apesar dos percalços: os agricultores roubavam o fio para construir suas cercas para o gado. Só por existirem homens do calibre intelectual, do amor ao pró-

1º telefone da família Tatto



ximo, da visão de futuro, da garra e de espírito empreendedor como Mons. Vitor Batistella, isso foi possível.

Este telefone foi a salvação de muita gente, mas nem sempre funcionava. Era só cair um galho sobre o fio esticado no meio da mata e já não tínhamos sinal. Sim no meio da mata, não podiam seguir à beira da única estrada, tinha que ser em linha reta para economizar. O fio foi esticado, puxado por cavalos à medida que a picada ia sendo aberta. Doze quilômetros vencidos, e lá estava o telefone preto de manivela que a cada volta registrava um número e sinalizava na central em Frederico. A atendente ouvia a solicitação e transferia a ligação para o hospital, ou para a casa canônica ou para o ponto onde o Palocci do jeep atendia.

É admirável que nosso avô tenha tido esta ideia de levar o telefone até o Pardo, pois comerciantes dentro da cidade de Frederico ainda não tinham pensado nisso. Isso se chama visão, pensar grande, não ter medo dos desafios, buscar sempre alternativas, não cruzar os braços, não desistir na primeira dificuldade, não ter preguiça, levantar após cada queda e confiar no amanhã por que o ontem foi de garra, de luta, de esperança. Porca miséria, esse nosso avô era porreta! Hoje, com 71 anos, olho para trás e penso no pai, na mãe, em todos os desafios que tiveram que enfrentar, nas humilhações que sofreram, penso na nossa caminhada, minha e de todos meus irmãos: somos dez. Penso como foi possível passarmos por tantas pedreiras sem que ninguém ficasse para trás, se perdesse pelo caminho. Não tenho dúvidas que o DNA já estava definido lá no grande e velho João da cabeça branca.

Por isso tudo, era admirado, idolatrado. Homem de muita sabedoria, de muito equilíbrio. Sempre procurado para aconselhamentos e para desfazer mal entendidos. Mas era muito enérgico, correto, não negociava o essencial, não tolerava, de jeito nenhum, injustiças. Era implacável com ladrão, preguiçoso e bêbados. Pessoa boníssima, ajudava a todos, em toda e qualquer situação, principalmente, dando oportunidade de trabalho e desenvolvimento pessoal, mas que não pisassem na bola com ele. Sabia

muito bem como corrigir a quem falhasse com ele ou com qualquer pessoa. Era comum ver pessoas arrumando estradas com picaretas. Todo mundo sabia: era o castigo para quem transgredisse as leis. Dependendo da transgressão, o castigo poderia ser de um dia, uma semana e até de um mês.

As estradas é outro capítulo à parte das engenharias do João Tatto, pois escolheu um lugar rodeado de morros de pedra. Para alcançar o local precisou abrir estradas, tudo na picareta, no facão, no machado, na foice, e com dinamite para romper os “peraus”, os morros de pedras. Depois, de tempos em tempos, fazer a manutenção destas estradas. Sempre em mutirão, ou quando alguém precisava ser castigado. Tinha uns caras bem conhecidos por lá. Parece que gostavam do castigo. Para os reincidentes ele tinha seu jeito de corrigir.

Certa vez foi roubado na loja. Foi uma dessas pessoas conhecidas, acostumado a aprontar. Como não tinha jeito de parar de roubar, apesar de muitas vezes ser castigado, tendo que arrumar as estradas, o castigo desta vez teria que ser diferente. Ele tinha roubado uma camisa, um canivete e uma “gualhaca”. Meu avô pendurou tudo isso no pescoço dele, amarrou-o numa corda e foi puxando pela vila. A cada pessoa que encontrava, deveria dizer que tinha roubado aquelas coisas, que estava arrependido e não faria mais aquilo. Depois de alguém ser castigado, ele tinha uma conversa séria com a pessoa e acabava oferecendo um trabalho. Assim, muitos foram corrigidos e se tornaram homens de bem.

À medida que os filhos do João foram casando, cada um fazia sua casa, não muito longe da casa paterna. Outras famílias de trabalhadores que eram contratados pelo nosso avô foram se instalando por perto, alguns com casas próprias, outros em casas emprestadas. Formou-se uma vila, São Francisco do Parto. Lá existia uma capela cujo padroeiro é São Francisco, terreno doado por João Tatto. Não foi diferente com a escola e o cemitério. João pensava e providenciava tudo. A comunidade unida fazia acontecer tudo o que fosse bom para todos. Lá, na engenhoca

de polias, rodas e correias, João deu um salto civilizatório. Arrumou um dínamo, tocado, claro, a água, e iluminava todo o complexo do seu pequeno império. Esticou fios para a casa grande e depois para casas do vilarejo e até para a escola e igreja. Casa grande? Sim, uma casa de 10 x 10, três andares, toda feita em madeira, amparada por duas toras que saíam do porão indo até o telhado. No primeiro andar uma sala grande, tinha uma mesa em que cabiam sentadas para as refeições, cerca de vinte pessoas. Nela comia meu avô e todos os empregados com ele. Era bonito de ver. Tinha ainda três quartos, cozinha e uma pequena despensa. Segundo andar, vários quartos, para os filhos recém casados, enquanto não tinham suas terras e suas casas e para eventuais hóspedes. Terceiro andar era uma espécie de lugar para guardar tudo: arroz, feijão, amendoim, batatas, cebola, alho, tudo o que podia e devia ser guardado para ir utilizando até a próxima safra.

O porão, todo feito de pedras, amparava a estrutura da casa. Naquele porão, arejado, mantendo sempre a mesma temperatura em qualquer época do ano, ficavam as “pipas”, onde guardavam o vinho produzido pelo nosso avô e os filhos. Era muito vinho! Coisa de 25.000 litros, uma quantidade absurda para a época e para nós, crianças, que ficávamos vislumbrados com o tamanho das pipas. Não vendiam não, era para beber, e como bebiam!



Casa da família Tatto, no Pardo

Qualquer pessoa que chegasse, era recepcionada com jarras e mais jarras de vinho, sempre acompanhado de pão, salame e queijo. Tudo produção própria. Todos bebiam, as crianças também tomavam seus goles, às vezes um pouco mais, até demais. Todos sabemos o que acontece mais tarde quando se ingere muita bebida alcoólica. Nosso avô tinha uma preocupação muito grande com as pessoas que bebiam demais. Ele sofreu muito com isso, pois foi atingido fortemente na família com a doença do alcoolismo.

O progresso do empreendimento foi grande. Foi adquirindo as terras da redondeza, uma colônia para cada filho. Cada um, à medida que casava, ia cuidar de sua terra, da sua família, da sua vida. Toda aquela estrutura, aos poucos, foi diminuindo seu movimento pois, em outras cidades, surgiram opções que eram concorrência direta. De qualquer maneira, sempre havia um pouco de movimento que justificava a continuidade, agora com menos gente envolvida.

O filho Jácomo e a nora Ignês permaneceram com o João. Aqui entra a atividade de nosso pai, agora não mais como professor, mas como “moinheiro” ou “moleiro”, aquele que cuidava dos clientes que ainda o procuravam para moer o trigo, o milho e descascar o arroz. Cuidava ainda da iluminação “pública” da vila.

A serraria ficou com o filho Roberto, a ferraria permaneceu apenas para manutenção. A casa comercial ainda tinha um pouco de movimento, nada como nos bons tempos. Lembro que as coisas que as pessoas vinham comprar como açúcar, sal, farinha etc. eram colocadas em caixotes. Certa vez Leonide e eu estávamos lá, aproveitando da ausência momentânea de nosso avô, claro, pegando açúcar, rapadura, doces. Fomos surpreendidos com a chegada dele. E agora? Não tivemos dúvida, entramos na caixa de açúcar. Estava tudo tranquilo até que chegou um freguês. Foi pedindo as coisas e, lá pelas tantas, pediu também açúcar. Bingo! Quando abriu a tampa, nossa reação foi: – O senhor quer açúcar, nono?

A resposta foi “porca miséria, o que estão fazendo aí dentro?” e correu para o outro lado do balcão a fim de apanhar um metro de

pau, que usava para medir os panos. Enquanto dava a volta, saímos esparramando açúcar por todo lado, pulamos a janela e nos embrenhamos no mato, só aparecendo de noite. Estava tudo bem, até chegarmos à mesa para jantar. Quando fomos cortar um pedaço de polenta, uma mão forte nos apanhou, e o laço comeu. Não sei por quê. Só queria um pedaço de polenta. Foi aí que entendemos o ditado: te pego no fio da polenta. Hoje pouca gente sabe o que é isso. A polenta, feita a partir da farinha de milho, uma vez pronta, bem cozida na panela de ferro, era despejada sobre o “taier”, uma táboa redonda, como estas que se usam hoje para cortar carnes. Era amarrado um fio de costura no cabo. Com este fio cada um media a fatia que desejava e cortava com o fio. Hora boa para pegar os malandrinhos.

Com o tempo tudo muda, e nosso avô já não tinha muito interesse na casa comercial; tinha melhores coisas para fazer, que o realizavam mais, que eram suas paixões. Também não tinha mais aquela energia que teve para tantas realizações. Apareceu uma oportunidade de negócio, e Jelcemino Candatem se tornou o novo proprietário daquela loja que marcou história na vida da família Tatto. Jelcemino era casado há pouco tempo, sua esposa era conhecida pelo apelido de “Gueto”. Como era linda! Ele também era um galã. Formavam um casal lindo. Gueto tinha um carinho muito especial por todos nós, crianças. Sempre fazia bolos deliciosos. Os novos proprietários incrementaram a loja com novidades, pois vinham da cidade, com novas ideias. Até um caminhão o Jelcemino comprou. Foi uma grande novidade para todos nós. Pegar uma carona, mesmo que fosse por alguns metros, já era uma aventura de tirar o fôlego.

O ACIDENTE

Certa vez Jelcemino, como fazia sempre, carregou o caminhão com sacas de mantimentos: arroz, feijão, milho. Ia vender para outras cidades. Nosso pai Jácomo e o tio Roberto foram com ele. Quando estava subindo um morro, numa estrada estreita aberta ao lado de um “perau”, uma rocha grande, houve algum problema e não engrenou (a marcha correta), o caminhão voltou

de ré, saindo da estrada e virando morro abaixo, tombando algumas vezes, só parando quando a ponta da carroceria bateu numa árvore. Um metro mais para frente teria esmagado todos dentro da cabine. Sofreram apenas algumas escoriações. Foi triste, aquele caminhão que era nossa alegria e motivo de orgulho, só retornaria meses depois, após uma grande reforma.

A PAIXÃO DO JOÃO

Agora sim, nosso avô podia dedicar-se a fazer o que gostava, o que lhe dava verdadeiramente alegrias.

João Tatto era um caprichoso, tinha suas preferências e, entre elas, o cultivo de frutas e uvas. Tinha um belíssimo parreiral, muito cuidado, onde pessoalmente se dedicava com afinco, cuidando dos mínimos detalhes. Ao lado tinha um parque frutífero que era a coisa mais linda. Não havia espécie de frutas conhecidas que lá não estivessem. Era comum que as pessoas que passavam por lá apanhassem frutas. Ele não gostava, ficava furioso. Mas se pedissem, podiam apanhar o que quisessem e quanto quisessem. Muitas vezes ele acompanhava as pessoas, para ajudar a apanhar as frutas que desejavam. No final ele oferecia uma muda daquelas frutas e orientava para o plantio e cultivo. Poucas pessoas levavam a sério, a maioria jogava as mudas fora apenas estivesse fora do olhar dele. Será que é por isso que hoje na região são poucas as famílias que cultivam seus pés de árvores frutíferas? E que aquele pomar lindo não existe mais? O parreiral também não. A nossa família, desde nosso pai, adquiriu esta cultura de plantar árvores frutíferas, de todas as espécies, e cultivar horta, herança de nosso vô, mesmo na cidade. Foi ao parreiral que nosso avô dedicou seus últimos anos de vida. Era impressionante, todos os dias, sol ou chuva, lá estava aquela cabeça branca se movendo no meio das parreiras. Mas o que fazia todos os dias, o ano inteiro, se só há uvas em curto período? Era o seu parreiral. Precisava de cuidados o ano inteiro. Olhava o mato que crescia, que não podia sufocar as plantas que cultivava, cada uma em sua época. Amendoim, soja, feijão, milho, batata doce, fava, batatas, e tantas outras coisas de que não me

lembro. Cuidava de uma praga que o deixava preocupado, as formigas que cortariam os galhos novos das parreiras assim que brotassem, atrapalhando a formação dos cachos de uva. Procurava o ninho e fazia uma mistura de água com formicida Tatu, veneno perigoso, e jogava nos buracos para se livrar das formigas. Isso significava que precisava carregar água em baldes numa distância de até mil metros, o que sobrava para nós, embora pequenos, oito, nove anos. Muitas vezes ao dia tínhamos que levar água, ao grito de que tinha encontrado mais um ninho de formiga. Principalmente o Leonide executava esta tarefa, pois eu tinha a incumbência de cuidar do moinho. Quando não estava no parreiral estava cuidando das árvores frutíferas, fazendo as podas, preparando mudas. Ele só parou quando ficou doente. Uma pequena ferida em cima do pé que lhe causava muita dor. Sofreu muito, durante muito tempo. O médico da época, Dr. Enio, não sabia mais o que fazer: a ferida progredia, a dor continuava. Era triste ouvir de longe seus gritos de dor. Se acalmava um pouco quando chamava nossa mãe, a Ignês, sempre ela, para fazer curativos. Ninguém podia tocar no seu pé, só a Ignês. Era mágico, ficava calmo, se alimentava e dormia. Presenciei muitas vezes este fato. Assim como participei de outro momento inesquecível. Eu era coroinha e acompanhei um missionário capuchinho que estava fazendo missões populares numa cidade vizinha. Na semana seguinte viriam os missionários para nossa capela, nossa vila. Como estava sofrendo muito com as dores, temendo que não suportasse e viesse a falecer, chamaram o padre, este capuchinho. O coroinha precisava acompanhar. Que momento para mim! O missionário ouviu meu avô em confissão, ministrou a unção dos enfermos e deu a comunhão. Quando terminou, o missionário disse: “Seu Tatto, fique calmo, a partir de hoje o senhor não vai mais sofrer”. O missionário foi embora e eu, testemunha destas palavras, fiquei na observação. Aquelas palavras do missionário capuchinho martelavam na minha cabeça, “não vai mais sofrer”.

Na semana seguinte vieram os missionários e, durante uma semana, tivemos nossas missões. A cada dia um padre missionário levava a comunhão, assim como para outros doentes.



*Mons. Vítor
Batistella
e
Missionários
Capuchinhos*

Participou de tudo o que era possível, de tudo o que se comentava que estava acontecendo na nossa igreja, das pregações acaloradas de cada missionário, das grandes celebrações feitas para os jovens, para as mulheres, para os homens e daquelas festivas e emocionantes com toda a comunidade. Para encerramento das missões era esperada a vinda da imagem de Nossa Senhora de Fátima. A expectativa era grande, pois durante toda a semana foi mencionada, a cada celebração, criando um grande desejo por vê-la entre nós. No dia, na hora marcada, ela surge no alto do morro, lentamente vai descendo carregada no andor por quatro homens, acompanhada pelo último missionário que viria juntar-se aos demais. O povo todo, com olhar fixo, vendo aquela imagem linda aproximar-se com um único olhar, o de mãe, de protetora, com o desejo de abençoar a todos que estivessem de coração aberto. Um grupo de homens nos surpreendeu a todos saudando Nossa Senhora com muitíssimos fogos, tantos como nunca tínhamos visto ou imaginado. Colocada na frente de nossa capela, feitas as últimas pregações, não havia quem não estivesse muito emocionado. Por um longo tempo, cada pessoa ia se aproximando da imagem fazendo sua homenagem e seus pedidos de intercessão. No dia seguinte foi a vez do nosso avô. Recebeu a visita de Nossa Senhora, foi rezado o terço, o que meu avô fez diariamente durante toda a vida. Dois dias após o término das missões nosso avô faleceu, em 1961, tendo se cumprido o que tinha dito o missionário, “a partir de hoje o senhor não vai mais sofrer”. Suas últimas palavras foram dirigidas para

Ignês, agradecido: “obrigado por tudo que você fez a mim. Fica para você, de presente, a propriedade...”, que Ignês nunca recebeu e, nem sabemos que propriedade era. Esta é outra história que Ignês sublimou, perdoou e, esqueceu.

Nosso avô levou uma vida muito regrada e simples. Pouca coisa era suficiente para a sobrevivência. O dinheiro da venda da loja, muito pouco, serviu por um tempo para as necessidades básicas. Aquele que construiu um império para aqueles tempos, que deu para cada filho uma colônia de terra, 10 alqueires, que ajudou a construir para cada um sua casa com os mobiliários indispensáveis e infraestrutura básica, chiqueiro, galinheiro, estrebaria para o gado, galpão, carroça. Cada um passou a cuidar da própria vida. Ele mesmo, agora já idoso, vivia com Jácomo e Ignês, a quem tinha vendido o moinho, que garantia ainda uns poucos recursos para manutenção da casa. Um pequeno comentário de meu avô nos últimos dias de vida para pensar: “Jacó me pagou a compra do moinho até o último centavo”. Nunca passou pela cabeça do João Tatto fazer uma poupança, não se falava disso, não era a cultura. A cultura era ter bastantes filhos: ajudariam nos trabalhos da roça. A cultura era adquirir terras, expandir as plantações, garantir alimentação boa, saudável e em quantidade para todos, criar porcos, galinhas e um pouco de gado para o leite, queijo e a carne. Dinheiro era coisa rara e foi diminuindo cada vez mais. Jácomo também recebeu uma colônia de terra. Mas não podiam cultivar, pois o cuidado com o moinho e a responsabilidade de cuidar do pai tomavam o tempo todo, além de outros problemas que atingiram a família e, de modo especial, a nossa, causa de muitas humilhações. Como o moinho tinha pouco movimento, eu, com nove anos, assumi a responsabilidade de cuidar. A clientela era pouca, mas o moinho já não era aquele do início, com grande potencial de produção: funcionava com meia estrutura, por isso, na maioria dos dias, funcionava também à noite, quando o Leonide, que tinha ido para a escola e já trabalhado na pequena roça de plantio das coisas básicas necessárias, vinha juntar-se a mim. Nosso lugar de dormir era sobre sacos de milho, sempre atentos para algum barulho mais alto, o que significava que tinha acabado milho no reservatório sobre as mós: uma pedra



*Pedra
para
moer*

fixa, outra girando, com um furo central onde o milho ia caindo, sendo moído, e, por esteiras, levava a farinha para peneiras que separavam a farinha do farelo, e despejavam em caixotes próprios. Claro que isso não ia dar certo. Éramos vencidos pelo sono e só percebíamos que a mó girava em alta velocidade, pela falta do milho, quando o pai ouvia lá longe, na casa, e vinha nos acordar. Não era uma boa experiência quando ele aparecia nestas circunstâncias. Sofríamos muito por isso. Nossa mãe muito mais, pois não concordava com os métodos que nosso pai utilizava. Naquele tempo criança tinha que trabalhar sim senhor. Se não fizesse direito apanhava. Foi assim que aprendeu, foi assim que viveu sua época, era esta a cultura. A forma de corrigir (educar?) os filhos era observada por vizinhos e, principalmente, por familiares, tios, tias, primos. Ser enérgico com os filhos contava ponto na admiração social. E nós pagávamos o pato. Qualquer transgressão, em qualquer lugar, tínhamos a correção, normalmente surras de vara. Podia ser em casa, na casa dos tios, de vizinhos, conhecidos. Havia uma lei seguida por todos, todos podiam, deviam corrigir quando uma criança fazia algo que fugia dos padrões estabelecidos. A correção de um filho alheio teria sempre a concordância dos pais. Nem sempre. Conhecemos famílias que corrigiam os filhos dos outros, com surras enormes, e jamais permitiam que tocassem nos seus filhos. Eram intocáveis, sempre defendidos, mesmo que fizessem as piores coisas, o

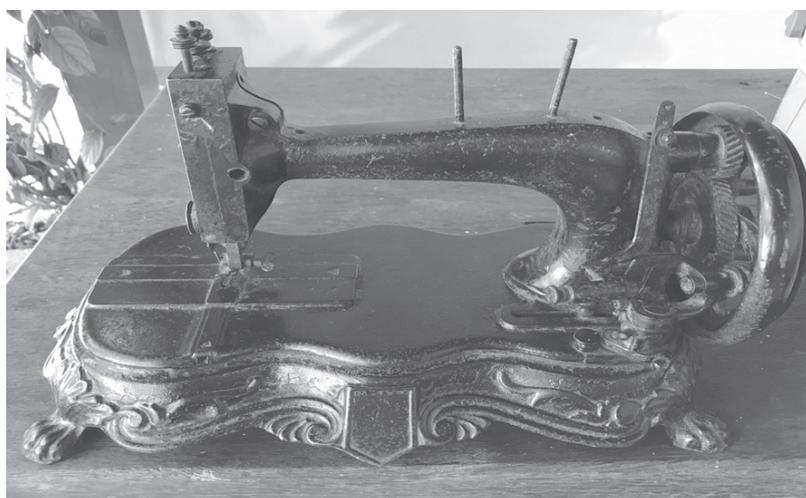
que normalmente acontecia. Eram os piores, e se aproveitavam disso porque os pais os protegiam. O tempo passa, o tempo voa e os acontecimentos vêm. Não foi boa a atitude desses pais, não construíram o caráter dos filhos.

No cuidado do moinho tínhamos amigos que passaram a nos ajudar. Da família Stanga, o Antônio, o Nene e, principalmente, o grande amigo Arlindo. Eles vinham e ficavam conosco durante a noite, até madrugada, muitas vezes. Por simples amizade. Tivemos também outra pessoa que se ofereceu para ficar conosco. Depois de certo horário, dizia que podíamos dormir, ele ficaria cuidando. Depois de um certo tempo passamos a desconfiar e, fingindo que dormíamos, observamos que enchia um saco de farinha ou farelo, levava a certa distância e, na madrugada, quando chegava a hora de ir embora, passava por lá e apanhava. Que pena que fez isso! Enfim, era o que sobrava para nós, o pouco movimento do moinho, as poucas coisas que cultivávamos em terras que não eram as melhores. Mas o que foi feito da colônia de terra? Nada, era puro mato na maior parte de sua extensão. Não tínhamos como cultivar, todos os filhos pequenos e o pai fazia o que podia, às vezes com ajuda de uma ou outra pessoa. Pagar empregados, como? Não tínhamos dinheiro. Ainda tínhamos o que comer porque sempre tinha farinha para fazer polenta. A mãe criava galinhas, tinha sempre uma ou duas vacas, tínhamos ovos, leite, queijo, às vezes matávamos um porquinho. Não faltava batata doce, mandioca, um pouco de milho, hortaliças, alguns vegetais. Às vezes conseguíamos pegar alguns peixinhos. Era uma festa! Lembro que a mãe fritava com bastante banha. Era o molho saboroso para comermos com muita polenta. Esta situação era motivo de mais humilhações. Comentavam sobre nós sem nenhuma cerimônia. Parece que isso dava satisfação. Qualquer coisa era motivo de gozação e deboche. A roupa que usávamos, na maioria das vezes remendada, o calçado velho ou a falta dele. Esta era a realidade vivida, a que conhecemos, quando começamos a perceber e entender as coisas. A cada ano a situação piorava, e as perspectivas de mudanças ficavam cada vez mais longe. Percebíamos a preocupação da mãe e as lutas que travava para defender o

pouco que tínhamos. Certa vez o pai chegou a casa com dois homens. Tinha vendido para eles nossa terra. Aproveitaram-se dele por estar bêbado. Precisavam da assinatura da mãe para concretizar o negócio. Ela apanhou um machado e foi em cima dos dois que saíram correndo e nunca mais apareceram. Normalmente sempre calma, serena, mas quando se tratava de defender os filhos, a família era forte, sem jamais extrapolar o uso da razão. Mas não passava a mão na nossa cabeça, sabia impor limites. Era invejada também por isso. Alguma coisa precisava ser feita, uma solução teria que aparecer.

UM PADRE NA FAMÍLIA?

Certo dia o Leonide chegou com a ideia de ser padre. Foi uma notícia muito boa para nossa mãe, que sempre desejou ter um filho padre. O pai não gostou da ideia, faria falta para trabalhar na roça. Mesmo assim levou a ideia em frente. Com muito sacrifício, muito mesmo, a mãe foi preparando tudo o que precisava para entrada no seminário. Costurando ela mesma na velha máquina manual as poucas roupas que podia. O padre veio para a entrevista final, e marcou o dia da ida para o seminário. Estava tudo certo, iria ele e o Luizinho. Leonide estava muito feliz, a mãe muito contente, todos nós agora estávamos comemorando o fato. Mas veio a última notícia. Foram falar para o padre que nosso pai tinha um problema, era alcoólatra. Foi o fim de tudo! Mais uma humilhação para a coleção. Se não bastassem estas coisas, ti-



*Máquina de costura
de nossa avó Jacomina*

nha na cidade uma mulher famosa nas fofocas. Ela se encarregou de espalhar como pólvora a notícia com uma boa dose de ironia, sarcasmo e outras maldades. Não sei por quê, fui escolhido entre suas preferências.

As Fake News de hoje não são novidades: ela era especialista em inventar coisas e espalhar com tanto grau de veracidade que logo se tornavam verdades e eu levava mais uma surra. A mãe sabia que nada disso era verdade, mas preferia calar, sofrer silenciosamente, confiante, esperançosa.

Tá certo que eu não era o anjo da cidade. Certa vez, com mais alguns amigos, roubamos na loja do Jelcemino centenas de bombinhas e ficamos a noite toda estourando, fazendo farra, mas não o demônio pintado com cores fortes pela artista covarde.

FONTE PERENE

No terreno da comunidade, perto da nossa Capela, tem ainda hoje uma fonte. Sempre jorrando água cristalina. Muitas famílias buscavam água, inclusive ela, a tal fuxiqueira. Logo abaixo da fonte, onde tirávamos a água, aproximadamente um metro e meio de distância, foi feito um reservatório que era utilizado para matar a sede dos animais, onde nós, alunos da escola que ficava ao lado, lavávamos nossos pés, pois andávamos sempre em estrada de terra, na maioria das vezes descalços. Precisávamos entrar na escola limpos. Tinha o lado por onde a água entrava e do outro lado onde a água transbordava. Pois é, neste lugar, o tal de Antoninho tinha que fazer xixi, bem ali. Não foi o único, mas o que chegou aos ouvidos do povo pela fuxiqueira de plantão foi que o Antoninho tinha feito xixi dentro da fonte. E lá veio mais uma surra, castigo na escola ajoelhado sobre grãos de milho e algumas varadas de vime nas costas. Não parava por aí, vinha mais surra. O pai tinha nos dito que se a professora nos colocasse de castigo ou surrasse, era para contar tudo para ele. Eu contei o que tinha acontecido. Ele me tomou pelo braço e apanhei até não conseguir mais chorar. No domingo, na hora do terço, toda comunidade reunida, apanhei e fui colocado de joelhos em frente ao altar, de castigo, como que uma prestação de contas. Era ponto de honra; corrigir os malfeitos dos filhos perante a comunidade. Fosse ou não verdade. Numa das audiências das quartas-feiras, em 2018, o Papa Francisco contou que aconteceu exatamente isso com ele. Foi castigado pela professora por uma pequena

arte que cometeu. Chegando a casa apanhou da mãe pelo mesmo motivo. Hoje é nosso querido papa. Se fosse contar todos os casos de conversa fiada, de mentiras, em que nos envolviam não nos livraríamos nunca mais do peso que teríamos de carregar por esse passado de que não precisamos, que não nos faz falta.

É apenas para situar o contexto de uma história com tantos nuances de orgulho, as realizações de nosso avô, de família enorme que constituiu, de uma vida dedicada ao bem comum. A mãe sempre foi uma pessoa dedicada, em todos os sentidos e em todas as coisas. Muito estimada, idolatrada até hoje, com 92 anos de idade. Sempre esteve à frente de todos os trabalhos de igreja na nossa capela. Faziam parte do coral junto com sua companheira de todas as horas, a Assunta Tatto, filha do Roberto e da Verônica. Faziam tudo junto para animar, zelar pela coisas sagradas daquela capela. Eram catequistas, puxavam o terço. O padre, quando vinha para celebrar, fazia as refeições lá em casa.



Mons. Vítor Batistella
Foto: Wilson Ferigollo

A mãe tinha uma estima muito grande primeiro pelo Mons. Vitor Batistella, depois pelos outros padres que sucederam. Qualquer coisa que precisassem, podiam contar com nossa mãe; não coisas materiais, isso tinham muito mais que nós, mas era a conselheira de todos, a que apoiava sempre em qualquer circunstância cada pessoa, cada família. Não importava se eram pessoas de bem ou as que nos prejudicavam: para ela, fazer o bem não tinha que olhar para quem. Por isso tudo ela é que mais sofria diante da situação que vivíamos. Mas ela não desanimava, não murmurava, buscava sempre um jeito de cuidar de todos nós. Muitas vezes

não tínhamos quase nada em casa, pois a cada dia a situação ficava pior. Não sabemos como fazia: na hora do jantar tinha alguma coisa que comíamos com prazer. Uma noite na mesa só tinha serralha cozida (uma espécie de almeirão do mato que era colhido para tratar os porcos) e polenta. Estava tudo delicioso. Mulher de garra e de esperança, de oração. Sempre declarava seu amor a Deus, em primeiro lugar, e Nossa Senhora e à Igreja que sempre a orientou na pessoa dos padres. Esta frase tornou-se um marco em sua vida.

Leonide continuava com a ideia de ser padre. Pois a mãe conseguiu que ele fosse estudar em Frederico Wesphalen, adiantar-se nos estudos para no futuro seguir adiante com sua vocação. Uma família de nossa tia Joana Romitti acolheu o Leonide, que conviveu com o Nenê, Adelino Romitti e suas irmãs, possibilitando seguir nos estudos. Foi de lá que o Leonide veio correndo no dia em que soube que estávamos saindo de mudança para o Paraná. Nestas alturas não preciso mais falar outras coisas para que se entenda da necessidade de sair daquele lugar. Uma coisa é precisar sair, outra é conseguir. Com que condições? Mas como Deus nunca abandona e faz as coisas acontecer a quem acredita e faz por conseguir, não fica de braços cruzados, surge a grande oportunidade. Lembram da colônia que o pai recebeu do nosso avô, que ninguém trabalhava? Pois bem, nos últimos dois anos nosso pai conseguiu derrubar a mata virgem. Com as famosas queimadas tudo ficava limpo. Plantou milho e tivemos uma grande colheita. Depois feijão, foi uma boa colheita. Deu para pagar as dívidas que tínhamos. Honrar os compromissos, coisa séria para nosso pai. Foi roubado, muito. Até pouco tempo ainda tínhamos um livro enorme de pessoas que deviam pelos serviços prestados no moinho, pela farinha que compravam a fiado e nunca pagaram. Era até ameaçado quando cobrava. Mas ele era justo, custando sacrifícios, era fiel em seus compromissos. As boas colheitas possibilitaram acertar tudo que estava atrasado, limpando seu nome e mantendo sua marca de homem correto. Foi quando, com as terras limpas, prontas para produzir que surgiu a proposta de trocar as terras do Rio Grande do Sul, por terras na Penha, município de Corbélia, no Paraná. Um membro da família Fréu

propôs o negócio e, sem conhecer a nova terra, a mãe incentivou para que o pai aceitasse. Sua intuição, e principalmente, o desejo de mudança, a levava tomar tal decisão, embora sofresse muito por sair daquele lugar. De qualquer maneira aí estavam suas raízes, amigos, amigas, sua história. Em nenhum momento ela levava em conta as humilhações, as gozações contra o marido e filhos. Só sofria, mas não pensava mal de ninguém. Talvez sentisse pena. O moinho foi vendido, e o dinheiro empregado na construção de uma casinha nas novas terras. O pai e eu viajamos para a Penha para escolher o local da casa e contratar um empreiteiro. Era mato pra todo lado. De Cascavel até Corbélia, estrada de chão, as taquaras cruzavam sobre a estrada. Não era diferente até a Penha, um pequeno patrimônio loteado pelo Hélio Zanatta que se tornou um grande amigo da família. Da Penha até nossa terra, três quilômetros com uma estradinha, quase uma picada. E lá, no meio do mato fechado, à beira da estradinha, escolhemos aquele lugar que seria uma bênção em nossas vidas. Sim, foi o lugar a que, alguns meses mais tarde, inesperadamente, chegaram os caminhões, com dificuldade de passar. Precisamos cortar galhos, taquaras, com facão, com foice para passarem os caminhões, que nos levariam até nossa casa nova, na nossa nova terra. Era 23 de novembro de 1963. Mal chegamos e ouvimos no rádio do empreiteiro a notícia do assassinato do Presidente Kennedy dos Estados Unidos. Tudo foi surpresa, até para os construtores da casa que ficaram assustados quando chegamos. Faltava muito ainda para terminar, não sabiam que chegaríamos, mas nem nós sabíamos. O que nós sabíamos era que estávamos chegando, que tínhamos que sair daquele lugar onde a “bananeira já tinha dado cacho”.

Ficavam para trás muitas lembranças. A professora Luiza Bernardi, mulher doente, mas uma professora zelosa. Ela compreendia o que se passava na nossa casa. Castigou-me muitas vezes. Já sabem, eu não era anjo, mas tinha também um carinho muito especial por mim. Sabia que havia muita mentira. Com cinco anos de idade eu lia qualquer texto, qualquer coisa que caísse na minha mão. Isso para ela era motivo de orgulho e recompensa pela sua dedicação. Sabendo das nossas dificuldades financeiras,



Casa - Paraná

uma vez me chamou de lado lá na escola e abriu uma caixinha que tinha, tipo caixa de sapato onde guardava suas coisas pessoais. De lá tirou um lápis novo e me deu. Que maravilha! Ganhei um lápis novo, da professora, e era muito perfumado, um perfume que me marcou muito. Procurava usar o mínimo aquele lápis, queria mantê-lo para sentir o perfume, lembrar da professora e me lembrar que era estimado. Foi a primeira pessoa que me deu impulso na vida, que acreditou em mim, que confiava, que elevou minha autoestima. Nunca a esqueci, sofri muito quando soube que tinha falecido, mas o seu perfume ficou para sempre na minha subconsciência. Teve uma relevância ainda maior quando descobri o mesmo perfume usado por uma menina muito linda que conheci anos mais tarde. Ficavam para trás muitos amigos, como o Arlindo Stanga e seus irmãos que sempre foram solidários, o pomar de nosso avô, o parreiral, o moinho de tantas lembranças boas e algumas sofridas. Cuidando do moinho tinha ao lado, na serraria do meu tio, o Severino, o NINO, grande companheiro naquelas horas e horas que ficava esperando pelos fregueses que diminuía cada vez mais. Na serraria também não tinha muito o que fazer. Passávamos o tempo jogando cartas. A tia Verônica mandava para ele o almoço. Sempre sobrava, ou ele fazia sobrar, e me oferecia. Claro, eu comia com muito gosto, principalmente quando vinha macarrão com feijão, tipo fetuchini que a gente encontra hoje nos supermercados, só que feito em casa pela minha tia. Uma delícia. Ficava para trás algo muito especial que

para mim foi a melhor experiência quando menino e adolescente, a participação na igreja. Com cinco anos aprendi a responder à missa em latim. “Servir à missa”. Quem me ensinou foi o saudoso primo Olivo Tatto. Como eu o admirava por vê-lo ajudando o padre. Por muito tempo, aos domingos me levava lá no altar e fazia treinamento para poder me apresentar ao padre. O padre, Mons. Vitor Batistella, aprovou. Mais ainda, ele me levava para as outras capelas, nas outras comunidades que não tinham coroinha que sabia responder à missa em latim. Eu ia montado na garupa do cavalo zaino dele. Foi aí que iniciei meu trabalho missionário que, pela graça de Deus, continuo até hoje.

Como esquecer estes momentos? Não, ficariam para trás na minha memória e na do pai, da mãe e demais irmãos. Eu tinha 15 anos (25/05/48), Leonide 14 anos (18/06/49), Oneida 12 anos, (17/03/51), Alceu 9 anos (06/03/54), Arselino 7 anos (08/03/56), Verônica 5 anos (22/04/58), Enio 3 anos (10/05/60), Nilto 4 meses (30/07/63).



*Mons. Vítor
Batistella
no cavalo
“Zaino”
(pêlo casta-
nho escuro)
Foto: Wilson
Ferigollo*

Era preciso dizer adeus a tantos amigos e outros tantos não tanto assim. Mas não funcionou, saímos sem nos despedir, apenas alguns dos vizinhos estavam presentes e presenciaram nossa saída. Não ouviríamos mais o tocar do sino às 6h, 12h e 18h, sino que toquei muitas vezes e era outra honra para mim. Aquele sino tem um timbre especial. Mons. Vítor o queria para a Paróquia Santo

Antônio de Frederico Wesphalen, hoje a linda Catedral. Mas nosso avô não abriu mão, tinha que ser para a comunidade São Francisco do Pardo. Está lá até hoje. No dia do 4º encontro da família Tatto, na hora da foto, o João Tatto Neto, num impulso, começou do nada a tocar o sino. Foi para mim uma emoção muito forte e não aguentei, peguei na corda e dei continuidade, matando a saudade daquele ato tão simples, mas muito marcante na minha vida.

O FENÔMENO DA LÍNGUA

Um dia, na casa da mãe, já em São Paulo, após o retorno de uma viagem à Itália, contava para a mãe de uma experiência que Inês, minha esposa, e eu vivemos na Basílica de Santo Antônio, onde estão os restos mortais do grande santo e onde permanece, num relicário, intacto, o palato e a língua de Santo Antônio. Todo grupo seguiu em frente visitando outros lugares dentro da Basílica e eu fiquei lá sem entender o porquê. Estava extasiado em estar ali. Passou um tempo e Inês percebeu minha ausência e veio ao meu encontro. Perguntou o que eu tinha, o que estava sentindo. Tentava responder, falar, mas não saíam as palavras. Minha língua estava grossa, e Inês percebeu e entendeu tudo, ou sentiu, o que era próprio dela, com toda a sua sensibilidade. Agarrou meu braço e me levou diante do sacrário. Lá rezamos um pouco e tudo ficou bem. Isso aconteceu na primeira vez que visitamos a Basílica de Santo Antônio em Pádua, na Itália. Quando fomos pela segunda vez, anos mais tarde, não foi diferente. Mais uma vez Inês percebeu minha ausência e foi direto ao local das relíquias. Eu estava lá. Mais uma vez o fenômeno da língua impedia que balbuciasse alguma palavra. Desta vez, Inês estava acompanhada por uma outra pessoa, uma amiga que testemunhou. Inês sabia o que devia fazer. Diante do sacrário, no mesmo lugar, fizemos nossas orações, penso que fiz, não tinha plena consciência. Quando tudo terminou, Inês olhou nos meus olhos, e emocionada disse: “Você tem alguma dúvida do que Deus quer de você?”. Estava contando este fato ao retornar desta segunda viagem e a mãe me contou um fato que nunca tinha imaginado na vida, que jamais tinha sido falado em nossa casa. Ela escutou tudo com muita atenção, mas seus pensamentos voaram para

um tempo bem anterior, para um momento bem complicado de sua vida que passou a me relatar.

MILAGRE DE SANTO ANTÔNIO

“O nome que te demos de Antoninho foi porque fiz uma promessa a Santo Antônio. Você estava para nascer mas não nascia. Já se tinham passado três dias e nada. Eu não aguentava mais, a parteira e todo mundo achavam que eu ia morrer. Pedi ajuda a Santo Antônio, prometi te consagrar a Deus. Algum tempo depois, 18hs, quando tocou o sino, você nasceu. Todos ficaram admirados”. Vejam, tocou o sino e eu nasci. Não foi o contrário, eu nasci e aí tocou o sino. O sinal de Deus, o sinal da graça foi anunciado com aquele sinal. Era para dizer que sempre podemos confiar em Deus e que a intercessão é real e necessária. O sino não tocou, como homenagem, como celebração do que acabava de acontecer, por isso não foi depois, sim antes, para se perceber que o anúncio vem primeiro, o que é do alto vem antes e o que vem depois é para confirmar a presença silenciosa, mas real, do poder de Deus. Eis porque algo me ligava, me chamava atenção e marcava tanto a cada toque daquele sino. Era maravilhoso escutar aquele toque: cada jeito de tocar tinha um significado. Três batidas do badalo, tom, tom, tom, indicavam atenção, prepare-se, é hora da Ave Maria e todos rezavam “O Anjo do Senhor anunciou a Maria e ela concebeu do Espírito Santo. Ave Maria...” enquanto o sino tocava alto e forte. Ao meio dia era tocado também em toda sua plenitude, anunciando que era hora de parar o trabalho, rezar, almoçar e descansar. Nesta hora todos faziam uma oração. Quando chegavam 18h, novamente as três badaladas e, em seguida, o toque contínuo lembrando que era hora de rezar novamente o Anjo do Senhor. Aos domingos, ou dias festivos, outros toques chamavam a atenção do povo, com três avisos. Primeiro toque, com meia hora de antecedência, lembrando a todos que hoje temos missa, quando o padre vinha uma vez por mês, ou nos domingos, anunciando que temos terço. Segundo toque avisando que faltavam apenas 15 minutos e, na hora de começar a cerimônia, vinha o terceiro toque seguido de badaladas individuais, tom, tom, tom...

Mas o sino tinha outra função também, o triste dever de anunciar que alguém morreu. Tocado fora de hora costumeira, anunciava o que ninguém queria saber, ou o que todos esperavam, quando se tratava de alguém muito doente que sempre era acompanhado da solidariedade de toda a comunidade. Nesta hora, todos deixavam seus afazeres e se dirigiam para a casa da pessoa falecida. O mesmo sino agora tocava triste, com badaladas únicas, mais demoradas, acompanhando o cortejo da igreja até o cemitério, só silenciando quando o caixão era baixado na tumba. Para aquela pessoa ficava a última badalada dizendo para a comunidade: ele agora vai descansar, vai ficar em paz. O silêncio era oportunidade para todos pensarem em suas próprias vidas e no destino final de cada um e, principalmente, para reafirmar sua fé na vida eterna, morada definitiva preparada por um Pai cheio de misericórdia, puro amor. Tenho um sino pequeno em casa, na capela, símbolo criado por São João Paulo II por ocasião do Novo Milênio. Presente do amigo Francisco Sogari. Outro um pouco maior na área de lazer onde os netos gostam de tocar. Para eles, é fazer barulho, mas para mim é anúncio de vidas novas, cheias de energia e entusiasmo, manifestando as maravilhas de Deus.

E agora? O que fazer, por onde começar? A casa de madeira precisava ainda das últimas providências, colocar as mata-juntas, uma ripa que fecha as frestas entre uma tábua e outra. Mesmo assim tomamos posse daquele lugar mágico, cada um arrumando-se como podia no quarto, apenas três, um para o pai e a mãe, outro para as meninas e outro para os meninos. Uma sala de jantar, uma cozinha e uma pequena sala de estar com uma pequena varanda; finalizava com uma minúscula despensa. Ao redor, tudo mato. Tudo precisava ser improvisado, um cercadinho para os porquinhos, para as galinhas que sobraram, algumas escaparam durante a viagem quando fomos parados pela polícia que queria documentos fiscais da viagem. Quem ia se preocupar com isso, quem sabia disso? Enquanto o pai tentava explicar que não tinha nada disso e não sabia, algumas galinhas voaram no meio da mata. Os policiais pegaram espingardas e foram atrás das galinhas, deixando estrada livre para seguirmos viagem. Arrumar um pequeno abrigo para os bois, a vaca e a égua, limpar ao redor

da casa roçando por volta de dez metros para evitar sermos atacados por animais e, principalmente, pelas cobras. A primeira semana foi para assimilar as novidades, descobrir os vizinhos e deixar a “ficha cair”, a nova realidade. Tudo ia relativamente bem. Mas algo preocupava a mãe. Os dias foram passando e nos comunicou que aquele seria nosso último jantar com as coisas que tínhamos trazido. Não tínhamos dinheiro, tudo estava empregado na casa e ainda precisávamos pagar o final da construção ao empreiteiro, gente boa, que disse para não nos preocuparmos, pagaríamos assim que pudéssemos. Naquele ano, os moradores dos arredores, nossos novos vizinhos mais próximos, tinham tido uma grande safra de milho. Os preços para venda estavam muito baixos, “não compensava colher”. Conhecemos o Juvenal e a Jandira com sua penca de filhos pequenos e o irmão da Jandira, o Dito, que viria a ser um grande amigo. Juvenal e Jandira, anjos de Deus colocados na nossa vida naquelas alturas de nossas vidas. Eles disseram que podíamos colher a quantidade de milho que precisássemos. Foi nossa salvação porque tinha milho para os animais, para a vaca de que vinha o leite, as galinhas que davam alguns ovos, milho para a farinha que era moída no moinho do Costa Curta, não longe da nossa casa. Polenta, leite e ovos quando havia e muitas vezes produtos de caça do amigo Dito, tatu, cotia, alguma ave. A caça ainda não era proibida.

Conhecemos outro vizinho, a família do Lipaus, que nos franqueou mandioca, também na quantidade necessária. Melhorou a ração dos animais e a nossa. A mãe, muito criativa, fazia mandioca de todo jeito e nós comíamos felizes. Começamos a derrubar a mata ao redor da casa, precisávamos preparar nosso roçado. A primeira queimada, próxima da casa era motivo de preocupação, mas deu tudo certo. Área limpa pela queimada, tomamos ciência de uma realidade assustadora, mais de vinte cobras grandes queimadas, urutu, cascavel, bicho peçonhento perigoso. Fizemos nossa primeira plantação, todos trabalhavam, até os mais pequenos, todo mundo entrava na dança, não tinha moleza. Plantamos a primeira safra de feijão, alguns pedaços de terra com milho, com mandioca, batata doce e tudo o que nossos vizinhos nos ofereciam. Era bonito ver as sementes germinando, a roça ficando



*Arando a terra, junta de bois:
Prateado e Ramalhete*

toda verdinha, crescendo, enchendo nossos olhos, trazendo a esperança de dias melhores. Como era bonita aquela roça. Enquanto esperávamos o tempo bom da colheita, outras providências eram tomadas: instalações para os animais. E como a água era trazida de uma fonte distante, iniciamos a furar um poço, bem ao lado da casa, em frente à despensa. Não foi fácil, não tínhamos experiência e força para serviço tão pesado. Mas precisávamos furar aquele poço, precisávamos da água. Quando chegava à noite, na hora de jantar, era comum dormirmos à mesa deixando o garfo cair da mão. A mãe, com muita calma, cuidava de todos nós, e certamente sofria por ver esta situação. Mas jorrou água cristalina e todos ficamos contentes. Dona Jandira, uma senhora negra, forte, muito determinada, fazia uma comida que só vindo inspiração do céu para ser tão gostosa. Era uma panela enorme de arroz. Chamava todos nós, mandava sentar no chão e colocava um prato de arroz para cada um. Vendo como a gente comia, passou a repetir todos os dias este ritual. Era o momento mais glorioso para nós. E o aroma do café que fazia? Ela torrava artesanalmente, espalhando o aroma para todo lado, chegando até nossa casa, acerca de mil metros de distância. Era o aviso, devíamos ir comer o arroz e depois tomar o café, canecas e mais canecas de café.



*Família
Juvenal
e
Jandira*

Em 1976 Inês e eu fomos ao Paraná para apresentar nossa primeira filha, a Kátia, que tinha então 11 meses segundo a memória da mãe. Dona Jandira e Juvenal tinham mudado de cidade. Fomos até eles, a saudade era muita. Chegando à nova casa deles, a primeira providência de Dona Jandira foi matar uma galinha e preparar aquele almoço que me fez voltar no tempo. Registramos aquele momento da visita numa foto que hoje está nas paredes da casa da família da Dona Jandira e Juvenal.

O tempo vai passando e muita coisa boa acontecendo. Leonide retomou os estudos no colégio das irmãs na Penha. Iniciava-se o seminário menor do Verbo Divino. Era a vez do Leonide retomar seu sonho, mas os estudos estavam atrasados. Como tinha estudado um tempo em colégio bom, em Frederico Wesphalen, foi avaliado e constataram que seus conhecimentos eram muito melhores que os dos colegas de sua classe. Prometeram adiantá-lo, dependia das notas nas próximas provas. Se conseguisse a média necessária podia ser admitido no seminário no ano seguinte. Ele sempre foi bom de estudar, sempre foi muito inteligente e dedicado, mas agora redobrava os estudos, pois seu sonho haveria de se realizar. Os menores também começaram a frequentar a escola. Todos os dias lá ia a turminha, a pé, claro, às vezes, todos montados na égua de nome Grápia. Sim, todos eles montados na égua. Não só eles, os filhos da Jandira também. Lembram no início quando eu disse que era muito comprida

aquela égua? Mas como pagar o colégio? Não era caro, mas para quem não tem nada tudo é difícil. A mãe sempre entrava no jogo das soluções. Sua criação de galinhas era admirável, muitas galinhas espalhadas pelo pátio. Era com galinha que tínhamos, pelo menos aos domingos, uma comida melhor. Quando falo de muitas galinhas, estou falando de umas cinquenta. Para acertar a conta do colégio, as crianças levavam galinhas para vender na Penha. Às vezes alguma dúzia de ovos. Começava assim a vida estudantil da família do Jacó Tatto e da Ignês Tatto, na Penha, Paraná. Começava lá, novamente, uma fase de humilhações, de gozações. Todos levavam merenda para a escola, para o recreio. Menos os Tatto. Era vergonhoso para aquelas crianças não terem algo para comer. Um ou outro coleguinha partilhava o que tinha. A mãe então passou a fazer bolinho de farinha de milho. Aquilo absorve um tanto de banha, a única coisa que tinha para frituras. Ao colocar na sacola dos livros, a banha manchava a sacola e os livros. Dá-lhe mais gozação, mais vergonha perante toda a classe. Mas o tempo passa, e vem o dia das provas. As notas de cada um eram excelentes, sendo elogiados pelas irmãs que dirigiam o colégio. Passaram a ser vistos de forma diferente. Podiam não ter o que comer, mas tinham o que precisavam ter, para não serem pobres. Meio dia na escola, meio dia na roça. À noite, depois do jantar, fazer os deveres de escola à luz das lâmpadas de querosene. Era muito cansativo, fácil para dormir. Lá fora a roça, uma beleza. O feijão crescia, estava muito alto, oitenta centímetros de altura, como nunca tínhamos visto em nossas vidas, pois a terra era muito boa. Já começavam a aparecer as primeiras flores. Nossa alegria era grande.

NOITE TENEBROSA

Fomos dormir, chovia um pouco, estava muito quente naquela noite. Cansados como sempre, dormimos profundamente. De manhã, o pai veio nos acordar. Estava muito triste. Venham ver, disse. Fomos para fora e não dava para acreditar. Tudo arrasado. Dos pés de feijão, da nossa primeira safra tão esperada, só os pauzinhos em pé, nenhuma folha, nenhuma flor, tudo acabado. Uma tempestade de pedras arrasou tudo. O pai foi andando no

meio daquela desolação. Chorava e andava olhando, como quem repara em cada pé de feijão, como alguém que tenta encontrar alguma coisa que devolva a esperança e lhe dê a força para recomeçar, novamente, do zero. Foi o que aconteceu. Plantamos tudo o que era da época e, com paciência, esperamos a hora da colheita. Enquanto não acontecia, nossa rotina era trabalhar como boias-frias para algum agricultor da região, principalmente com a família Capixaba. Era bom trabalhar com eles, pagavam a diária, não era muito, mas muito bom para nós, e nos davam a comida que era sempre muito boa. Lá tinha muito lagarto. Era uma delícia quando conseguíamos matar um. Muitas noites acompanhávamos o Dito, especialista em caçar tatu com seus cães farejadores mata adentro por horas. Uma região de muita cobra, onça e outros animais silvestres. Só mesmo a necessidade para fazer tamanhas loucuras. Mas não existe nada permanente, tudo passa, os momentos bons e os ruins. Mas como é bom quando as coisas ruins ficam para trás. Já tínhamos nossas plantações, poucas, mas o suficiente para nosso sustento e a manutenção de todos na escola. Para a mãe era ponto de honra, fazia sempre qualquer sacrifício para que todos estudassem, pois sempre acreditou que a vida só melhoraria se os filhos passassem pela escola. No segundo ano eu também fui me inscrever no colégio. Tinha 17 anos, e desde os 9 não estudava. No Pardo tinha me formado no grau maior, quinto ano. Depois vinha a Admissão, mas não era para nosso bico. No colégio das irmãs fiz um teste de avaliação. Péssimo! Tudo ao contrário do Leonide, foi o que me disse a irmã. Me consolou dizendo: Mas não está tudo perdido, você estuda durante seis meses, e se alcançar os outros alunos da classe, pode entrar para a Admissão. Apenas três meses, na terceira prova fui promovido. Ganhei um ano, o que me garantiu um convite do padre para entrar no seminário, tudo o que eu queria. Ser padre? Sim, por que não?

Agora Leonide e eu no seminário. Em casa a mãe com todos os filhos pequenos tomando conta de tudo, casa, roça, animais, filhos e marido que não colaborava muito. Incansável, destemida, tudo suportava com grandeza e serenidade. De onde vinha tanta força? “Primeiro em Deus, depois em Nossa Senhora e por fim nos ensi-

namentos da Igreja”, era sempre sua resposta. No seminário, uma maravilha. Missa pela manhã, horário para ir à escola, almoço, cuidar de umas poucas coisas, futebol e depois estudar fazendo os deveres escolares. Jantar, brincadeiras, oração da noite terminando sempre com a música “Lenta e calma sobre a terra...” e dormir. Nada daquela rotina de casa com o sol queimando nas costas, uma preguiça danada. Mas quando íamos de visita a casa, percebíamos que nada estava bem. A vida estava pesada para nossa mãe.

Leonide foi enviado para continuar os estudos em Araraquara, SP. Eu permaneci na Penha. O seminário recebeu da Congregação uma Kombi. Não tinha motorista. Eu tinha 17 anos, sabia dirigir, não lembro onde e como aprendi: essas coisas eram fáceis para mim. Passei a ser o motorista do padre Agostinho Vorguerd, com uma licença expedida pelo delegado de Corbélia. Foi o suficiente para começarem as fofocas e as invejas. Até namorada me arrumaram. Ela e eu não sabíamos que éramos namorados. Ela era muito linda, todos os moços da cidade queriam namorá-la. Estas lambanças chegaram ao ouvido da mãe. Mais motivo de sofrimento, misto de vergonha e preocupações. Como, um semi-narista namorando? Sofria em silêncio, pois duvidava muito que isto estivesse acontecendo. A reação no seminário era que eu seria expulso, para alegria de muitos, pois achavam que eles é que deveriam ser o motorista do padre. O padre Agostinho, preocupado com os comentários e pressionado por algumas pessoas da igreja, tinha que tomar uma decisão. Interrogou algumas pessoas, ouviu os comentários, as testemunhas de dia e hora em que eu estaria com “minha namorada”, veio com todo relatório, sem refletir muito e me disse: “Antônio, Antônio, era assim que me chamava. Tenho as provas aqui, neste dia, nesta hora, você encontrou com ela”. Padre, este dia foi quando nós fomos lá na fazenda do pai do Luiz buscar frutas e cereais. Ele sempre abastecia o seminário com seus produtos. “Sim, me lembro disso”, respondeu. “Esta é uma afirmação falsa”. E ficou nervoso porque tinha sido feita por uma freira. Depois veio outra testemunha dizendo também que tinha me visto com a “namorada” em outro lugar e em determinada hora. Mais uma vez era falsa a notícia

pois tinha acompanhado o padre numa cidade vizinha onde foi celebrar. Mas eram três as testemunhas. Esta última ele só me mostrou o que dizia, mas já tinha a resposta, foi um dia de retiro ou coisa semelhante de todos nós seminaristas. As “fakes news” não conseguiram me derrubar, mas o padre ficou muito nervoso com os comentários, sendo assunto do sermão na missa do domingo, o falso testemunho, deixando a freira vermelha de vergonha na primeira fila da igreja onde, por felicidade, eu era naquele dia o coroinha. Assisti tudo de camarote.

No ano seguinte, eu também fui enviado a estudar em Araraquara, onde estava o Leonide. Que maravilha estudar em Araraquara, no Colégio Duque de Caxias, pertencente à Congregação do Verbo Divino. Excelente colégio, referência em toda região. No seminário, muitos colegas, muito estudo e muito aprendizado em diversos setores. O futebol diário era algo espetacular. Um time de primeira categoria, imbatível na região. Piscina, biblioteca, completavam o que poderíamos chamar de coisa de outro mundo para quem vinha da roça como nós. No sábado o padre Geraldo, nosso superior, sorteava alguma coisa entre nós. Um dia, no mês de março, fui sorteado com dois brindes: um doce de leite e um fogo de artifício, desses que, acendido, roda e sobe formando um círculo brilhante e explodindo no alto. Guardei tudo até o fim de ano, levei para casa nas férias, e cortei em pequenos pedaços para que todos pudessem experimentar. Depois fomos soltar aquela maravilha que brilhava à medida que subia e estourava. Foi um grande acontecimento para todos, principalmente para os menores. Alegria igual, nós os mais velhos vivemos uma vez no Pardo. Era véspera de Natal e o pai tinha ido para a cidade. Nossa curiosidade era grande quando o pai voltava com algum pacote. O que será que trouxe? Sempre eram as coisas que precisava para o moinho, umas peças de roupas para a mãe costurar, camisas, calças. Comprava a peça inteira. A mãe fazia camisas para todos, todas iguais. Calças idem. Mas, desta vez, o pai nos fez uma surpresa: escondeu bem e só descobrimos no dia seguinte, na árvore de natal, um galho de pinheiro fincado dentro de uma lata com serragem. Lá estava o nosso presente. Um pé de moleque para cada um. Inacreditável o sabor daquele pé de

moleque! Coisa jamais experimentada. Ainda hoje, passados mais de 60 anos, ao ver um pé de moleque, as lembranças daquele dia feliz vêm à mente para nos lembrar do carinho e do amor sem medidas do nosso pai. Naquele tempo não tínhamos ideia do sacrifício que isso significava para ele, pois não tinha dinheiro.

Certo dia, após minhas férias, deveria retornar ao seminário em Araraquara. A situação em casa, no Paraná, não era boa. Trabalhavam duro para pagar dívidas de escola e as compras feitas numa loja na Penha. Toda colheita era entregue lá e a dívida nunca findava. Por que será? Bem, deixa pra lá. Nesta situação toda, ao me despedir de casa, o último foi o pai. Ele estava um pouco afastado da mãe e dos meus irmãos e, um pouco sem jeito, tirou duas notas de um, do dinheiro da época, dois reais hoje. Era tudo que tinha. Me entregou e disse: “Faça o bem”. Chorando nos abraçamos e parti levando nas costas uma trouxa com minhas roupas: não tínhamos mala. A viagem demorava dois dias até Araraquara. Penha, Maringá de ônibus, estrada de terra, choveu e tivemos que descer e empurrar o ônibus para seguir em frente. Imaginem como ficaram as roupas naquele barro vermelho. Outro ônibus até Londrina e depois até São Paulo onde tomaria o trem. Em Jundiaí era uma parada do trem. Um vendedor ambulante entrou oferecendo um saco enorme de biscoitos, aqueles de puro vento, custava todo dinheiro que meu pai me entregou, tudo o que eu tinha. A fome era tanta que não dava mais para aguentar. Comi com gosto, com muita gratidão pelo gesto generoso do meu pai.

Em Araraquara, naquele ano de 1965, estávamos todos nos dois campos de futebol, ao lado do prédio, cercados por muitas mangueiras de mangas deliciosas. Chegou uma mulher com duas meninas e sentaram num banco de cimento, debaixo de uma mangueira, assistindo aos jogos. O padre chamou o Luiz Gonzaga. Era a mãe dele e as duas irmãs, Inês e Regina. Um olhar atravessou o campo como uma flecha para encontrar com o meu que observava aquela menina. Terminado o jogo, quis o destino que eu fosse encarregado de servir uma refeição para a família que visitava nosso colega Luiz. Mal pude colocar as coisas sobre a mesa e ter tempo de olhar aquela menina pela segunda vez.

Esta lembrança nunca se apagou em minha mente.

Fiquei em Araraquara pouco tempo, mas tudo foi muito intenso. Mereceria um relato completo. Fui transferido para São Paulo, Chácara Santo Antônio, no bairro de Santo Amaro. Foi uma grande virada na minha vida, pois agora, além de progredir nos estudos, até o segundo grau, tive a oportunidade de trabalhar no Artesanato Verbo Divino, com o Ir. Jorge Repelevicz, hoje padre Francisco, missionário em Papua-Nova Guiné. Foi uma experiência maravilhosa. Fabricávamos patenas, cálices, galhetas, castiçais e outros assessorios utilizados nas igrejas. Tudo em cobre e latão, banhados a ouro. Peças lindas! Ir. Jorge era muito criativo. Para suportar economicamente o artesanato, que não dava muito lucro e por isso era criticado dentro da Congregação por algumas pessoas, iniciou uma experiência com serralheria, começando por fazer todas as janelas e portas de um seminário em construção, próximo a Itapecerica da Serra, SP. Eu tinha acabado de fazer curso de desenho arquitetônico por correspondência, patrocinado pelo Ir. Jorge. Fiquei encarregado de desenhar as janelas e portas para fabricação em alumínio. Isto significou uma economia enorme para a Congregação. Em seguida ganhamos a concorrência das obras da Karman Guia e da Volkswagen beirando a Rodovia Anchieta, em São Bernardo, toda a frente de vidro. Foi uma grande conquista causando a admiração de todos. Quando dava certo, muito certo, tudo bem, quando não rendia, as críticas eram pesadas. O último trabalho feito por nós foi no estádio do Morumbi. Todas as janelas, alambrado e corrimões das rampas de acesso foram feitos no Artesanato Verbo Divino. Leonide, já em São Paulo, mais o Breno Bonen e outros funcionários foram os que soldaram todos aqueles canos. Dentro deles, um dia, quando forem trocar aqueles canos, encontrarão muitos bilhetes que eles escreveram e deixaram lá para conhecimento da posteridade. Trabalhando no artesanato, em minha mesa, fazendo desenhos, me avisaram que uma mulher precisava falar comigo, indicada pelo Luiz Gonzaga e pelo Irmão Sávio, nome de religioso, de nosso querido Ir. Nelson. Fui atendê-la, e qual não foi meu espanto. Era a Dona Maria, a mãe do Luiz, acompanhada pela Inês. Aquela menina! Como disse, os tempos para o Artesanato Verbo Divino não es-

tavam bons, as críticas eram muitas e vivíamos a grande crise dos anos 70, quando muitos deixaram os seminários e, lamentavelmente, alguns padres também deixaram o ministério, causando muita tristeza. Eu nunca tinha ouvido falar que alguém, uma vez consagrado, pudesse deixar de sê-lo. Como era possível se tudo foi fruto de muita dedicação, de muito estudo, sacrifícios, de tanta entrega como sempre vi nos padres, de tanto zelo! Era a realidade daqueles tempos que acabou nos atingindo. Eu queria ser irmão religioso, queria ser missionário, primeiro no Xingu. O padre Fabiano Cachel nos visitou ainda no colégio das irmãs da Penha, no Paraná, e nos falou das missões no Xingu. Depois outro nos falou da Nova Guiné. Agora eu queria ir para lá, era fora do país, me atraía mais. Sempre desejei ser consagrado. Certo dia veio a notícia que o Artesanato Verbo Divino seria fechado. Uma bomba! Não me conformei e decidi falar com o provincial, o que seria depois o bispo Dom Joel Ivo Catapan. Seminarista não podia falar a não ser com seu superior direto, um irmão ou o padre “prefeito” que na época era o que seria mais tarde o bispo Dom Olívio Faza, um grande pai na minha vida. Não segui a regra. No corredor, após o almoço, hora do silêncio, quando todos se dirigiam para a capela, para uma oração, depois iriam para um curto descanso. Quero falar com o senhor. Um escândalo! Profanação das regras, causa de expulsão. Foi isso que falaram na capela. Ir. Jorge, sempre ele, pediu licença e o provincial concedeu que falasse. “Concordo que sejam aplicadas as regras, mas antes, por que não ouvir o que tem a dizer”. Foi-me concedido o tempo de cinco minutos. Falei com o provincial aquela tarde toda, o dia seguinte e em outras duas ocasiões. Como era seu costume, anotava tudo com detalhes. Escreveu um calhamaço sobre tudo que relatei, tudo o que acontecia de verdade no Artesanato e não o que diziam, tudo era fruto de invejas contra o Ir. Jorge. Ao mesmo tempo me reportava ao Pe. Olívio Faza que, carinhosamente, me orientava e protegia, pois me conhecia profundamente. No fim de tudo, recebi do Provincial, Pe. Joel Ivo Catapan, o convite de continuar meus estudos na Congregação fora do Brasil, o que era impensável e, ao mesmo tempo, o sonho de todos nós. Em solidariedade ao Ir. Jorge e os demais colegas seminaristas, não aceitei: seria incoerente, depois de toda defesa que fiz e das justifi-

cativas da continuidade do Artesanato. Mas a cama já estava feita, e os outros “empreendedores”, venceram a parada e tudo acabou. Mais tarde, todos assistiram o fim daquele que seria o empreendimento que valia a pena continuar, em detrimento do Artesanato. Enquanto isso, Ir. Jorge, agora missionário em Papua-Nova Guiné, era ordenado sacerdote, hoje Pe. Francisco. Tudo passa, o tempo tudo explica, tudo corrige, e oferece matéria-prima para novos passos.

E agora, fazer o quê? Voltar para casa, trabalhar na roça? Enfrentar os problemas que aumentavam em casa? Ou enfrentar a “selva de pedra” em São Paulo? Sem dinheiro, sem uma profissão definida, faltando um ano para completar aquele ciclo de estudos. Se estando no seminário era sacrificado estudar toda noite, como seria depois? Estudava no Colégio Doze de Outubro, em Santo Amaro, distante uma hora a pé: não havia ônibus naquele tempo. Quantas vezes, ao chegar a casa, no seminário, levava um susto, quando Pe. Olívio me acordava. Sim, estava dormindo, caminhava dormindo retornando cansado da escola depois de um dia de trabalho. Pe. Olívio não dormia enquanto eu não chegasse, sempre após meia noite. A decisão de sair do seminário implicava em muitas consequências, mas não tinha outra alternativa: o sonho de ser irmão consagrado estava acabando. Como faria o curso de contabilidade em seguida, meu sonho e minha necessidade? Onde morar? Pe. Olívio me tranquilizou dizendo que não me preocupasse, que enquanto não tivesse um trabalho e um lugar para ficar, podia continuar morando no seminário. Todos os dias a gente conversava, ele me orientava, me tranquilizava. Na verdade, eu não queria deixar a Congregação, queria continuar meu sonho de ser missionário. Meus colegas de seminário, revoltados com o que tinha acontecido, passaram a ter comportamentos incompatíveis com aquela nossa vida, o que deixava Pe. Olívio muito triste. Ele foi obrigado a dar um ultimato, ou se comportavam ou teriam que deixar o seminário. Não teve jeito, a revolta era grande e a ingratidão também. Ingratidão sim, a Congregação foi tudo para nós, sempre nos respeitando, orientando, ajudando a discernir nossa vocação, sempre preocupada em formar bons cristãos, independente se fôssemos continuar na vida religiosa ou não.

Desde o seminário na Penha, Pe. Agostinho, depois Pe. Geraldo e Pe. Olivio, sempre tinham em mente “preparar para a vida, preparar bons cristãos, bons pais de família” caso não continuássemos na vida religiosa. Quanta alegria senti em Medianeira no Paraná. Depois de 20 anos, encontrei Pe. Agostinho no encontro de todos os padres da Diocese de Foz de Iguaçu com Dom Olívio Faza, quando me disse: “Antônio, eu formei poucos padres, poucos irmãos, mas formei alguns bons pais de família e um grande missionário leigo”. Esta homenagem, partilhada por Dom Olívio e os padres, foi um grande momento. Por isso lamento muito as ingratidões contra a Congregação do Verbo Divino, principalmente, dos que não souberam compreender a grande missão de uma congregação religiosa: formar bons cristãos. Ao contrário, saíram revoltados, falando mal e, o pior, deixando de participar da vida da Igreja. A propósito de minha experiência no seminário, em outubro de 1979, vivendo como missionário leigo, escrevi um artigo publicado na revista O Recado nº 8 “O Cristão e sua Vocação Missionária”:

Em 1964 eu entrava para um seminário para ser Missionário. Durante alguns anos alimentei uma vontade firme de ser Missionário no Xingu, e depois na Nova Guiné.

Não compreendia muito bem o “Muitos são chamados e poucos escolhidos”. Por que todos não são chamados? Por que todos não são escolhidos? Quem os escolhe? O que é necessário para ser escolhido? Por que muitos são chamados? Por que não chamar só os que serão escolhidos? Quem é que manda nessa confusão toda? Por que fiquei triste quando deixei o seminário e não trazia no peito a cruz missionária?

Me lembro que, naquele dia, éramos quatro preparando nossas malas, dando adeus a todos. Ao sair pelo enorme portão que nos protegeu durante um certo tempo, eu olhei para trás; senti vontade de chorar por ver desabarem todos os meus sonhos. Passava a mão no peito e não encontrava a Cruz do Missionário que eu tanto queria ser. Muita tristeza! Eu queria ser um daqueles pregadores que arrebatariam as multidões fazendo todo mundo chorar de arrependimento por seus pecados.

Mas ia embora, estava deixando a grande família do seminário que me acolheu e possibilitou que eu vivesse um pouco mais a fé e me instrísse. A família que me deu condição de sair do submundo, da marginalização, e que queria fazer de mim um homem cristão, um missionário. Mas eu ia embora, e comigo mais quatro colegas, todos sem destino, sem dinheiro, sem profissão e sem amigos numa cidade grande, onde o mal prolifera, o mundo atrai os jovens e oferece as vantagens fáceis para uma vida desregrada.

Não demorou muito e eu já não pensava muito naqueles que queria salvar. Estava agora preocupado em me salvar da fome, da ganância, da prostituição que me rodeava. Foi uma luta medonha!

De vez em quando me encontrava com algum amigo do seminário, e aí vinham as novidades! Fulano foi mandado embora, sicrano saiu, beltrano abandonou... e assim por diante. Eu ficava triste porque eu queria ser um missionário e não fora escolhido, e os que foram não aceitaram! Lutava muito para manter minha fé, mas as contradições eram muitas! Meus colegas, aos poucos, foram deixando o seminário e não queriam mais nada de igreja, entregando-se às bebedeiras, farras e à prostituição.

Senti que deveria fazer alguma coisa. Mas só depois de casado é que descobri minha vocação missionária, quando os jovens com quem trabalhava se acercavam de mim para ouvir a palavra de Deus. Muitos choravam e, arrependidos, buscavam a reconciliação com Deus e mudavam suas vidas. Assim um grupo ia se formando, e outros jovens sedentos da palavra sagrada acercavam-se desse grupo que, aos poucos, crescia forte na fé e na oração. Compartilhando suas vidas, descobriram a maneira fácil de se ajudarem, e se porem a serviço da comunidade, cada um com a capacidade que Deus lhe deu. Cada um ia descobrindo sua vocação cristã, seu papel importante na Igreja de Cristo.

E foi na convivência com cristãos que sofrem toda sorte de injustiças sociais e morais que descobrimos a importância do trabalho missionário do leigo que se entrega à Evangelização, levando aos jovens e aos adultos a palavra de salvação do Cristo

Ressuscitado. Foi convivendo com muita gente que descobrimos que o Evangelho se vive, se encarna, e que não se explica puramente por palavras.

E foi também no estudo, na pesquisa, que descobrimos que o Vaticano II nos convoca para sermos fermento para mexer a massa ao nosso redor, e transformá-la em massa de salvação. Entendi meditando o Evangelho de Jesus que ser sal da terra era assumir minha vocação missionária recebida no batismo. Mas como ser sal? Que tipo de sal? Em que quantidade? A experiência do trabalho diário com muita gente nos mostrou que ser sal, só, não é suficiente. É preciso ser sal bom e na quantidade certa. Uma comida sem sal é horrível. Mas apesar de ser horrível, eu posso engoli-la. Mas se tiver sal demais, é mais horrível ainda, e eu não posso engolir. Cuspo fora. Mas se o sal estiver no alimento na quantidade certa, se dissolve, desaparece mas deixa o sabor, o sinal da sua presença, invisível, mas real. Se eu estiver num ambiente como, por exemplo, um baile, e lá eu quiser dar meu testemunho de cristão e, para isso, no final de uma música, eu começar a gritar as palavras do Evangelho de Jesus, os que estão no salão vão me mandar para o inferno. Mas se eu me comportar de maneira diferente da maioria, se eu simplesmente for me divertir, respeitando e exigindo respeito, eu vou questionar muita gente, vou deixar um sinal naquela massa sem que ninguém tenha percebido que eu sou cristão. Ser missionário é ser sal na quantidade certa.

Ser missionário hoje, para mim, significa muito mais que ir para a Nova Guiné. Ser missionário é para mim aceitar viver o Cristo dia a dia, apesar do mundo que nos envolve: um mundo de injustiças, de mentiras, de incoerências e de gananciosos que não querem viver o amor.

Ser missionário para mim é ser o sal forte que serve para salgar e preservar da podridão o homem que se destrói a si mesmo e aos outros.

Ser missionário é manter acesa a luz colocada no candelabro para iluminar a todos os que estão em casa.

É ser essa luz orientando o caminho que leva para Deus, testemunhando com a vida as palavras proferidas.

Ser missionário para mim é dizer sim e não, conforme for necessário.

Ser missionário é ter coragem de dizer verdades nuas e cruas, com amor, sem se importar com os comentários.

Ser missionário é ter coragem de incomodar os omissos e fazer com que percam o sono porque a consciência está pesada.

Ser missionário é colocar antes o coração em Cristo e depois no dinheiro que cega.

Ser missionário é respeitar e amar a esposa e os filhos como troféus maiores desta vida.

Ser missionário é, também, ir para outras cidades levando a palavra de Deus aos que não a conhecem, ou animar os que querem viver o Evangelho mas necessitam da troca de experiências.

Ser missionário é pensar vinte e quatro horas por dia como pregar melhor, e preparar-se para isso, no estudo e na oração.

Ser missionário é deixar Cristo viver em nós.

Ser missionário é resplandecer para os olhos dos missionados como Cristo resplandecia em sua Divindade, sem ofuscar os corações sensíveis a Deus.

Ser missionário é viver o batismo em sua plenitude, na alegria de viver a graça de Deus em nós.

Ser missionário é despertar a vocação missionária de todo cristão.

Ser missionário é fazer sorrir o desesperado e oprimido e fazer chorar o opressor para que encontre DEUS na dor, já que não O aceitou no amor.

Ser missionário é fazer boas obras e colocá-las para que todos possam vê-las e louvar a Deus por intermédio de Cristo, o primeiro e maior de todos os missionários.

Ser missionário é ter paciência de andar com as pessoas dizendo bom dia até o momento em que possamos dizer-lhes que Jesus é o Senhor.

Ser missionário é “abandonar” a família por causa de Jesus.

Ser missionário é aceitar, por amor a Jesus, que o esposo fique fora de casa pregando o Evangelho e, na ausência dele, pedir ao Espírito Santo de Deus que o use como instrumento de amor, de paz e de união para outros casais.

Hoje não sofro por falta da minha cruz missionária, pois trago meu crucifixo amarelado no peito como lembrança viva do Cristo Crucificado que ainda hoje sofre no homem por causa da perversidade do pecado.

Entendo agora que ser missionário é, antes de mais nada, levar Deus aos corações da minha família, dos meus colegas de escola, no meu trabalho, e a todos os que se acercarem de mim. Ser missionário é ser chamado e querer ser escolhido sem se importar para o quê e onde.

Ser missionário é sacrificar um gosto para preservar a dignidade.

Ser missionário é muito mais que pensar que se é.

Ser missionário é querer ser.

HORA DE MUDAR

Mas continuando a história, enfim, um dia chegou a hora da mudança. Outra! Desta vez bem radical e incerta. Com mais três colegas, Paulo Gil, Darci Demarchi e Breno Bonen, procuramos um lugar para morar. Encontramos uma edícula, no fundo de uma casa de um casal de velhinhos, de menos de 15m², com cozinha, banheiro, quarto. Isso para quatro jovens. Não tínhamos absolutamente nada a não ser nossas roupas, e poucas. Pe. Olívio, sabendo disso, nos arrumou dois beliches, colchões, lençóis e cobertas. Assim começou minha vida em São Paulo e minha busca por emprego. Foram meses sem conseguir trabalho. Meus colegas trabalhavam, tinham seu dinheiro, com isso compravam alimentos para todos. Como eu tinha mais tempo livre, para compensar, lavava a roupa de todos, limpava a casa e cuidava da comida. A cada dia saía de casa com renovada esperança, visitava muitas empresas, corria atrás dos anúncios, e nada de emprego. Ao retornar depois de um dia andando, claro, sem comer, renovava a minha esperança dizendo para mim mesmo: amanhã será diferente, amanhã conseguirei. Até que, novamente, a Congregação do Verbo Divino, graças ao Pe. Egon Zolner, me contratou para ajudar na contabilidade, pois eu estava fazendo o curso de Técnico de Contabilidade e tinha a prática cuidando da contabilidade do Artesanato Verbo Divino, e também devido às aulas dadas pelo Pe. Germano Holscher, um grande cara, um

grande padre, que era ecônomo e sempre me orientou. Com um salário, agora eu podia contribuir com meus colegas nas despesas da casa, na maioria absoluta das vezes pão e ovo frito, aos domingos uma macarronada, e pagar o colégio. Não sobrava nada, ou quase nada, 5,00 cruzeiros que eu depositava no Banco do Brasil. Andava muitos quilômetros a pé para não gastar com condução. Por sorte estudava a menos de 100 metros de casa. Foi um período muito duro porque o trabalho era muito longe, naquele tempo; sem trânsito em São Paulo, demorava uma hora de ônibus, o que hoje demora aproximadamente duas horas e meia. Retornava do trabalho, comia minha porção de pão e ovo e corria para o colégio. Retornava para dormir no nosso aconchegante dormitório em que mal tínhamos espaço para passar entre um beliche e outro, por volta da meia noite.

O tempo passa e a vontade e a esperança não passam. Consegui um novo emprego, meio período, e Pe. Egon, homem bom, compreendeu que seria bom para mim: propôs que aceitasse e fizesse também meio período para ele, além dos sábados. Neste novo emprego, segui mais tarde em período integral com outro colega, o Iracélio Perez, ex-colega de seminário. Com ele tudo mudou, pois tinha muito conhecimento em contabilidade e administração, com ele aprendi muito. Trabalhávamos para uma empresa que comercializava tintas. Dedicção total, cuidado com os mínimos detalhes, como se a empresa fosse nossa. A dona da loja era engraçada, velhinha muito esperta e gozadora. No final do mês, no pagamento, nos dava gratificações. Para o Iracélio 10 moedas de um centavo, sim um centavo. Para mim cinco moedas de um centavo. Guardei todas as moedas numa caixinha. Percebemos que aí não tínhamos futuro, e começamos a pensar em um negócio próprio. Por que não um escritório de contabilidade?

Assim nasceu a empresa Contaget Serviços Administrativos e Contábeis Ltda, em 09/03/1970. Como eu não tinha dinheiro, Iracélio abriu só no nome dele, e quando eu tivesse a minha parte, entraria na sociedade com 50%. Eu continuei depositando no Banco do Brasil todo mês 5,00 cruzeiros. Era o que sobrava, e eu fazia questão de depositar. No final do ano tinha 60,00 cruzeiros,

mais 248,00 cruzeiros do 13º e 248,00 de férias. Completei 556,00 cruzeiros. Faltava muito ainda, precisava 1.000,00 cruzeiros. Conseguimos alguns clientes, inclusive a empresa da nossa antiga patroa, a “mulher generosa” das moedinhas de um centavo. Conseguimos ganhar um pouco melhor, e minha parte era sempre depositada no Banco do Brasil. Aprendi com Pe. Egon Zolner que era importante economizar e aplicar o dinheiro, mesmo que fosse pouco. O importante é economizar, dizia ele.

Compreendi, na minha pobreza e nas dificuldades que, quem não consegue economizar quando ganha pouco, não vai aprender quando ganha mais. Todo mês eu verificava meu saldo, tinha pressa em me tornar sócio, pois assim ganharia um pouco mais. Chegamos ao mês de julho de 1970, contei todo dinheiro que tinha no bolso e no banco, faltavam alguns cruzeiros. Foi quando me lembrei das moedas de um centavo na caixinha. Corri para contar e, qual não foi minha surpresa, e do Iracélio, ao constatarmos que, com a última moeda de um centavo, completava exatamente 1.000,00 cruzeiros. Era o sinal para nós dois. Deveria me tornar sócio sim. Isso aconteceu no dia 15 de julho de 1970.



Primeira máquina Ruf

Progredimos muito juntos e enfrentamos muitos desafios. Sempre pensamos numa empresa com alto padrão de prestação de serviços, com investimentos em tecnologia, embora na época existissem poucas opções. Iniciamos com uma única máquina de escrever, marca RUF, que utilizamos por muitos anos, até termos 50 clientes. Foi com esta máquina que Inês, funcionária do escritório, fazia todas as folhas de pagamento, holerits, lançava todas as contabilidades e datilografava todos os balancetes e balanços das empresas. Não sei como teria sido sem as habilidades e dedicação desta menina. Logo começaram a aparecer as primeiras máquinas automáticas, com somadores e logo os primeiros computadores. Primeiro um de tarja magnética da Philips, modelo 353, graças a um empréstimo da Congregação do Verbo Divino, de que fazíamos a contabilidade, e pela bondade do Pe. Paulo Evers, ecônomo e nosso amigo.

Depois o grande salto: um computador COBRA de 64K de memória. Hoje um cartão de Natal tem 128K, para termos a ideia do que era. Mas a criatividade na programação permitia grandes avanços. Este computador foi financiado em 36 parcelas, a moeda era o dólar. Quando faltavam 8 prestações – como era difícil pagar estas prestações!!! – veio uma maxi desvalorização do cruzeiro. De um dia para outro, estávamos quebrados: as oito prestações se transformaram em mais 48 prestações. Eita tempos difíceis aqueles! Mas superamos e continuamos caminhando, agora com mais um pouco de fôlego.

Éramos quatro pessoas trabalhando, Iracélio, eu, José, irmão do Iracélio e uma menina, muito bonita, chamada Inês. Em 8 de julho de 1971 mais um sócio juntou-se para enfrentarmos os grandes desafios impostos pelos governos com seus pacotes econômicos, o Algirdas Sliesoraitis, um grande cara, muito alegre, nos ajudava com seu bom humor e otimismo. Ele nos apresentou, tempos mais tarde, um amigo, o Durval Pinheiros, que se tornou também nosso sócio e um grande advogado. Foi uma sociedade de grandes amigos, de irmãos na fé e na esperança, cada um dando o que tinha de melhor para o progresso da empresa. Confiança mútua, amizade estreita, uma baita cumplicidade.



Inês em nosso primeiro computador

Foram vários anos de muito trabalho. Nosso espírito era o da partilha. Sempre dávamos oportunidade, como Iracélio fez comigo, de outros colegas fazerem parte da sociedade, pois agora tínhamos um grande quadro de colaboradores. Mesmo assim, a luta era grande e os problemas também. Um único computador, só a Inês como operadora, não dava conta no período normal de todo serviço. Dezesete e trinta todos iam para casa, só eu e a Inês ficávamos para terminar o serviço, que nunca terminava. Às sextas feiras, tínhamos a “sexta feliz”, um bingo onde cada um colocava 5,00 cruzeiros, e quem ganhasse fazia a festa, e todos se despediam felizes e iam embora descansar. Merecido descanso. Só não acontecia para duas pessoas que tinham que continuar o trabalho até altas horas e retornar no sábado e muitas vezes no domingo para que o serviço estivesse pronto na segunda-feira. A grande prejudicada era Inês, que fazia todo trabalho. Eu ficava junto e, quando não aguentava mais de sono, deitava no chão até Inês me acordar para irmos embora, altas horas da noite, quando não era de madrugada. Como ela aguentou tudo isso?!

Foi um período de muita luta, de sofrimento, mas de esperança. Em determinado momento julgamos que era necessário contratar um técnico em programação para nosso computador, para dar mais agilidade aos nossos trabalhos. Foi um período bom e se tornou um grande amigo, solidário: ficava comigo e Inês após horário normal para nos ajudar. Tornou-se sócio, trazendo grandes esperanças para todo o grupo. Crescemos muito nesta época, e tudo foi melhorando, até que a inveja tomou conta do coração de nosso amigo, me propondo mudanças, “botar pra fora alguns sócios, teríamos muito mais lucro”; e entre eles, meu irmão, amigo e inspirador e até padrinho de casamento, Iracélio. Minha resposta foi que estava com ele há 11 anos e estava contente, confiava nele e ele em mim, não mudaria esta sociedade com ele por nada. Em poucos dias fui chamado para uma reunião e comunicado que não queriam mais que eu permanecesse na empresa. Foi uma noite terrível, de muitas lembranças dos dias e noites de trabalho, mesmo quando todos estavam se divertindo, lá estivemos, Inês e eu, segurando as pontas. Agora tudo desmoronava, nos deixando sem alternativas. Mas Deus é bom e cuida de nós, sempre cuidou. Naquela tarde, depois da comunicação de que deveríamos nos retirar da empresa, fomos, Inês e eu, para nosso cantinho especial, privilegiado, a capela na comunidade João Paulo I. É lá que tínhamos nosso momento de oração, missa quando possível, como nesse dia. Pe. Jonh Drexel, nosso diretor espiritual, celebrava missa.

O Salmo daquele dia falava de inimigos que perseguiam, mas que Deus sempre protegeria os fracos, os que tinham confiança e jamais abandonaria os Seus. Um choro convulsivo tomou conta de mim. Pe. Jonh, que nos conhecia bem, sempre muito sensível e observador do que têm no mais íntimo do coração os seus guiados, fez silêncio. Era necessário e importante um tempo para apaziguar o coração. Depois de um certo tempo disse: Você quer falar? Quer partilhar o que o aflige? Conte tudo o que estava acontecendo e o entristeceu muito. Ele sabia das nossas lutas e, principalmente, de todo sacrifício da Inês. Com muito cuidado, muito lentamente foi nos falando da confiança que devemos depositar sempre em Deus. Que muitas vezes não podemos



Padre John Drexel

compreender os fatos e acontecimentos que nos atingem, que nos machucam muito. Rezou por nós, rezamos juntos, e continuou a Santa missa. Tudo estava mais calmo dentro de nós. Jantamos juntos naquela noite, conversamos sobre tudo, não nos deu nenhuma pista de ação ou solução para nosso grande problema. Mas avivou em nós a confiança em Deus. Inês e eu rezamos naquela noite abraçados, de modo muito especial, confiantes que novos caminhos seriam abertos e que nada daquilo tudo que construímos teria sido em vão. Foi uma noite longa, e muitos pensamentos passaram pela nossa mente. Na manhã seguinte teríamos que formalizar nossa saída. Antes, porém, surgiu a ideia de compartilhar o que estava acontecendo com Rouxinol, um sócio em uma empresa editorial, que dava sustentação ao nosso trabalho missionário como leigos, um amigo, conselheiro, um verdadeiro pai. Quantas vezes estivemos juntos, aos finais de semana, nos intervalos do meu trabalho missionário. Na chácara da Granja Viana, lá estávamos nós, com nossos filhos pequenos e Maria Alice e Inês, cada uma com seus nenês no colo, conversando, trocando confidências, uma dando força para a outra. Naquele dia, Rouxinol ouviu tudo com muita



Inês e Alice

atenção e percebeu nosso desespero e concluiu. “Vocês não vão fazer isso, pois não?” Sim, vamos fazer, já aceitamos, disse eu. Ele continuou. De jeito nenhum! Vocês trabalharam dia e noite há tantos anos, significou muito sacrifício o que conquistaram. Não devem

aceitar a proposta, se querem desmanchar a sociedade, que saiam eles”. Rouxinol sempre foi muito ponderado e com muita sabedoria nos orientava. Nasceu uma esperança, e foi o que fizemos. Tivemos uma semana de embates, discussões, propostas e, enfim, acertamos de dividir a empresa, cada parte da sociedade em cotas seria partilhada, com clientes verso faturamento, e nós continuamos a nossa trajetória com um grupo de colaboradores que quiseram trabalhar comigo e com a Inês. Tivemos cinco adesões espontâneas, e por causa destas cinco pessoas, entre elas o saudoso Lourenço Santana, pensamos, Inês e eu, em mudar a forma de ser empresa a partir da divisão.

Era dois de agosto de 1980, uma tarde de muitas incertezas e de muita reflexão e, mais uma vez de choro na celebração da missa em nossa capelinha na favela, comunidade João Paulo I, celebrada pelo Pe. John Drexel que nos deu espaço para um desabafo. Aconselhou-nos a sermos firmes nos nossos princípios e confiar em Deus. Terminada a missa, tudo estava mais calmo dentro de nós. Ao chegar a casa uma correria. Inês, que tinha trabalhado o dia todo, como sempre, estava sentindo dores do parto. Fomos ao Hospital Fleming onde passamos a noite, e como não conseguia dormir, pensando nesta nova etapa da nossa vida, com tamanhos desafios e muitas dúvidas, comecei a escrever como imaginava a nova empresa.

Pensei nas cinco adesões e, talvez, outras adesões poderiam acontecer. Comecei a escrever “**Um compromisso de Fidelidade**”, que guardo com carinho em meus arquivos.

Dia três de agosto de 1980, por volta das 10h, Inês foi para a sala de parto, e eu fiquei só no quarto muito preocupado com a Inês e com o escritório que também nascia naquele momento, e seria conforme o que escrevi durante a noite. Na emoção e no sufoco escrevi uma carta para nosso filho Daniel que estava nascendo.

Filho querido!

Neste momento você está pronto para nascer. Mamãe está sofrendo as dores de parto. Você também deve estar sofrendo. O motivo do sofrimento? Você quer nascer, precisa e tem o direito, para nos ver, nos sentir e amar. Mamãe e eu queremos te acolher como os outros teus irmãos que já te esperam, como nós, há algum tempo.

Não sei se você sabe, mas muita coisa vai mudar daqui a pouco para você. O mundo aqui é outro. Muita coisa boa e ruim te espera. Depende de como você vai se conduzir na vida que nós vamos te ajudar a iniciar.

Você até agora viveu protegido, feliz e em paz. É assim que nosso Criador quis para seus filhos. Mas eles modificaram os planos de seu Criador e por isso muita gente não tem proteção, nem felicidade e nem paz. Os homens aqui, neste mundo de que você vai fazer parte daqui a pouco, se tornaram egoístas. E eu sou um deles, eu também entrei na roda-viva. Com isso, filho, quero dizer que de egoístas passaram a ser cada vez mais gananciosos e acumulam para si mais proteção do que necessitam, sem se importar se ela vai faltar aos outros. Quiseram cada vez mais para si sem querer saber dos que têm falta, e a consequência, querido, é que ninguém tem a paz que o Criador deu. Uns escondendo a proteção e a felicidade e outros procurando. Este será o teu mundo, este é o nosso mundo. Mas não fique triste não, este mundo é bom assim mesmo. Lá em casa a gente brinca muito, a gente corre, cai no chão,

chora. Tudo é muito gostoso. Lá em casa tudo continua bem. Teu cantinho está preparado com muito carinho. Você vai ter proteção. Não demais. A necessária. Você vai ter alegrias e muita paz, porque lá em casa a gente bagunça muito. Mamãe é uma moleca, o teu irmãozinho Léo, é uma parada, parece um cabritinho, quando está brincando. Mas sabe muita coisa séria e bonita.

A Kátia é uma menina muito inteligente, como o Léo, e muito delicada e meiga. A Cristiane, bem ela é pequenininha ainda, mas não pára nem um pouco e é fofa, carinhosa e gosta muito de brincar.

A Nete é outra mãe. Ela é que cuidou de todos nós até hoje e vai cuidar de você. Você vai gostar muito dela e do que ela faz. Quase que me esqueci, ela brinca muito com as crianças.

O Papai, bem esse é o mais carrancudo, fechado, sempre olhando para todos muito sério. Mas deixa eu dizer uma coisa pra você. Eu sei que você não vai contar pra ninguém. O papai está sempre sorrindo por dentro, no coração, porque ele tem uma família que hoje vai se completar com você, que tem segurança, que ninguém pode tirar, felicidade que não se apaga e a paz que nunca termina. Por isso lá em casa nós fazemos muita bagunça, porque somos livres, apesar das cadeias do mundo.

É nesse mundo que você vai viver, com opção para escolher. É nessa família que você vai iniciar sua vida, com liberdade para melhorá-la.

É assim que eu te aguardo, nestes minutos finais que parecem horas, com o coração aberto, com os braços estendidos e a mente livre para aceitar mais um dom que meu Criador me deu por Sua bondade. Ele é a segurança, a felicidade e a Paz! Ele é Deus!

No dia 04/08/1980 cheguei ao escritório com duas notícias, o Daniel tinha nascido e a ideia da empresa também. Quem estava interessado em saber qual seria nossa proposta para a nova empresa? Além das cinco pessoas, outras cinco quiseram saber. Duas pessoas resolveram aderir, assim sete colaboradores for-

malizaram sua intenção, assinando o “Compromisso de Fidelidade”. Os sete que aderiram tomaram conhecimento que, a partir daquele momento, Inês e eu doávamos 49% das cotas da nova empresa, todos seriam sócios, e assim aconteceu. Terminava um capítulo, triste, difícil, pois nunca imaginei me separar do meu irmão, amigo e padrinho Iracélio. Foi muito triste, mas ambos seguimos em frente, sem olhar para trás, levando cada um na bagagem a experiência e a determinação para vencer etapas novas sem esquecer a gratidão que sentíamos um pelo outro.

Foi assim que nasceu a nova empresa, Balan-set, que traz no seu nome a mística desta história e toda esperança que neste nome era depositada com a graça de Deus. Sim, foi da Palavra de Deus que veio o nome nascido num almoço com o saudoso Gunter, grande cristão, grande amigo que ficou muito triste quando tomou conhecimento de tudo o que estava nos acontecendo. Naquele almoço falamos de tudo, conversamos sobre nossa fé e confiança que sempre tivemos no nosso Deus. Que nome colocar na nova empresa? Apresentei algumas opções, todas elas com a raiz Balan, que seria o balancete de uma contabilidade, mas não com “cet” e sim com “set” que entendia eu o balancete de uma contabilidade que saía rapidamente pela impressora, informações que vinham do computador. Jet set diziam os meios de comunicação da época, eram aqueles homens famosos, importantes que se deslocavam velozmente pelo mundo. Jantavam em Paris e tomavam café no Rio de Janeiro e assim por diante. Foi quando Gunter disse: Antoninho, Balan-set é o nome perfeito e não por acaso. Adão e Eva tiveram seus primeiros dois filhos, Caim e Abel. Por inveja Caim matou seu irmão Abel. Que tristeza, que tragédia para aquela família! Mas depois veio Set, o terceiro filho de Adão e Eva e, de Set toda a posteridade até Jesus, até cada um de nós. Nascia de forma gratificante e definitiva o nome de nossa nova empresa. Nesta empresa muitas pessoas passaram e marcaram profundamente nossas vidas. Acabo de receber a notícia que Dona Maura faleceu. Fez parte desta história que estou relatando e foi solidária em todos os momentos. Ficou muitos anos conosco, mas um dia, aposentada, nos deixou. Para mostrar nosso carinho e gratidão escrevi para ela esta carta.

São Paulo, 27 de junho de 2002

Querida Dona Maura!

Hoje é um dia muito especial para nós, quando a senhora deixa nossa empresa. Especial porque tudo é especial em sua vida, em nossa vida. Até a despedida dolorosa passa a ser especial porque marcada de muitas saudades e lembranças. Esta data, com certeza, não será esquecida na nossa vida. Como também jamais vamos esquecer tudo o que se passou entre nós desde que a senhora iniciou a trabalhar conosco há quase trinta anos.

Dizem que ninguém é insubstituível. Não podemos concordar com isso. Ninguém vai se igualar à senhora Dona Maura, no carinho, na dedicação das mínimas coisas. Não vamos esquecer o seu carinho e dedicação para com todos, indistintamente. Mesmo quando era incompreendida soube amar e perdoar. Nas horas primeiras de nosso escritório, sua solidariedade e sua fidelidade foram marcantes, e muito importantes. A senhora foi amiga nas horas difíceis, alegrou-se conosco nos momentos bons, e conselheira sábia em todas as circunstâncias.

Neste momento queremos agradecer com este gesto simples. Agradecer de modo especial seu testemunho cristão e humano. Silenciosamente foi marcando nossas vidas com o que tinha de melhor para nos oferecer. E oferecemos tão pouco! E tudo aceitou com alegria e gratidão. Próprio das grandes almas, dos grandes seres humanos. Que possamos aprender com tudo isso que nos ensinou. Por isso, repetimos, ninguém poderá preencher esta lacuna de sua ausência. E não poderia ser diferente, pois Deus não se repete na sua criação. Mas com a senhora Ele caprichou, e nós lucrarmos com isso, tendo o privilégio de sua amizade e dedicação. Que Deus a abençoe sempre.

Com muito carinho e gratidão, seus amigos da Balan-Set

Leonide com uma amiga, Judith, tinham uma empresa aberta um tempo antes, que se chamava JLA Serviços Legais Ltda. J de Judith, L de Leonide e A de Antoninho, uma homenagem que resolveram me prestar e que me deu muita honra. Diante das circunstâncias

e da necessidade de criarmos uma nova empresa, concordamos em nos unir e a JLA tornou-se Balan-set Serviços Contábeis S/C Ltda e continua até hoje com grande prestígio, sendo referência na área de contabilidades, consultoria e assessoria às empresas. Uma das coisas mais importante da Balan-set, além de prestar sempre o melhor serviço aos clientes, com retidão, ética e profissionalismo, foi o fato de dar oportunidades, criar possibilidades para muitos jovens se desenvolverem profissionalmente. Foram inúmeras vagas abertas para as pessoas mais pobres da favela do Jardim das Imbuías, hoje grandes profissionais inclusive, colegas empresários da contabilidade. Não foi diferente nas oportunidades às pessoas da família. No Paraná continuava a luta pela sobrevivência dos nossos pais. No escritório nossos rendimentos eram poucos, mal davam para aluguel e despesas de casa e o pagamento da faculdade. Todo pedido de socorro de nossa mãe era um tormento por não podermos atender. Ficamos muito tempo sem visitá-los, não tínhamos dinheiro para as passagens. As notícias eram por cartas, difícil de serem lidas, pois cada linha transmitia uma tragédia. Tudo era complicado porque a mão-de-obra era do pai, da mãe e dos filhos pequenos que estudavam. Sem dinheiro para contratar empregados, como cuidar das plantações? Enfim, surge a possibilidade de fazer uma visita e constatar as dificuldades.

Chegando a casa, é impossível descrever o nível de dificuldade, apesar do empenho de todos, principalmente de nossa mãe. A curiosidade de todos era grande, de tudo queriam saber, como vivíamos, como era São Paulo, o que tinha em São Paulo. Nossa situação em São Paulo não era grande coisa, lutávamos muito para sobreviver, mas não dava para comparar com aquela vida sem a menor perspectiva para aqueles adolescentes que me olhavam como quem diz, e daí, vai nos deixar aqui? Não vai dar um jeito para irmos contigo? E foi assim que começou a migração dos meus irmãos para São Paulo.

A Balan-set era o primeiro socorro, trabalhavam de boy, estudavam e ficavam de olho em qualquer vaga, de uma posição melhor na Balan-set ou nos clientes da Balan-set. Nenhum teve

moleza, nenhum recebia dinheiro de mim para nada, trabalhavam, e com o que ganhavam, pouco, ou muito pouco, era com isso que tinham que se virar. Compreenderam bem a dinâmica da responsabilidade e dos novos desafios que a vida impõe a cada um. As meninas Oneida e Verônica foram colocadas em casa de famílias de amigos. Com seu trabalho humilde seguiram em frente buscando depois novas oportunidades. Cada um se desenvolveu profissionalmente tornando-se independente. Morávamos todos juntos, com outros amigos, casa alugada, em forma de república. Não tínhamos conforto, a comida nós mesmos fazíamos, portanto nada de fazer inveja a qualquer chef, mas era divertido. Existia entre nós uma exigência tácita e tranquila, a exigência que nossa mãe impôs, que todos os filhos estudassem, custasse o que custasse, não importava os sacrifícios, estudar era preciso. Para honrá-la e dar-lhe alegria, cada um se esforçava nos estudos e estudava às próprias custas.

Por isso hoje cada um tem sua história construída sobre alicerces firmes, capazes de superar qualquer vicissitude e suportar com galhardia as pauladas que a vida impõe, pois cada dificuldade é mais uma experiência que abre caminhos, novas possibilidades e aponta para horizontes sem fim. Não vale a pena aqui resumir os passos de cada um, merecem mais, muito mais, merecem um capítulo especial. O salto que representou, a mudança total na vida de cada um, do Pardo à Penha, no Paraná e de lá para São Paulo, cidade adotada por nós como a do coração. Uma cidade que nos daria muito mais que o conforto de uma vida menos sofrida, nos daria a possibilidade do trabalho, de estudar, de descobrir novas possibilidades de progresso humano e profissional. Na roça as possibilidades eram poucas. Na cidadezinha se estudava até a quinta série, depois era dedicar-se a plantar, colher, vender, sofrer com o pouco que sobrava e começar tudo novamente. Sem perspectivas de qualidade de vida. São Paulo nos apresentou todas as oportunidades para escolhermos o que queríamos ser. Tanto para o bem como para o mal.



*Nilto,
Jilmar e Jair,
remanes-
centes
no Paraná*

A NOSSA ESCOLHA

A escolha foi nossa. Preferimos seguir uma trajetória difícil, mas do bem, como foi com nosso pai, não importa a dificuldade. Devíamos seguir o caminho da justiça, do trabalho duro, mas digno, da ética e da cidadania. Esta cidade nos ofereceu muito mais que estas oportunidades, nos ofereceu o que tinha de melhor, o amor. E nele, encontramos os nossos amores pelos quais valeu a pena todo caminhar, valeu a pena todo passado e por este amor de cada um é que olhamos para trás e só temos agradecimentos pela vida que Deus nos proporcionou. Nada foi em vão, nenhum material foi perdido, nenhuma situação foi desperdiçada, tudo serviu de alicerce e degrau para chegarmos onde hoje nos encontramos com a mesma disposição de continuar a construir elementos sólidos para nossos filhos e netos. Foi nesta cidade que, entre idas e vindas, encontrei meu amor. Primeiro foi lá em Araraquara, quando a mãe e as irmãs do nosso colega Luiz Gonzaga lá estiveram.

Aquela menina, eu a vi naquele dia. Depois a coincidência da visita da Dona Maria e ela, no Artesanato Verbo Divino para encomendar uma janela e uma porta. Que encanto havia na simplicidade daquela menina. Mas minha determinação de ser consagrado, de me tornar missionário do Verbo Divino não permitia, nem de

longe, imaginar qualquer tipo de namoro com quem quer que fosse. Mas que mexia, mexia. Enfim, fora do seminário, lutando desesperadamente por emprego, precisando de toda forma continuar os estudos, enfrentando as barras pesadas da “selva de pedra”, não sobrava muito tempo para sonhar com um grande amor. Mas um dia, com outras pessoas, resolvemos conhecer melhor a represa Guarapiranga. Tínhamos muitos caminhos para chegar, mas porque não pela Rua Cinco do Jardim Sertãozinho? E assim aconteceu: caminhamos rua abaixo, bem devagar, meus olhares para dentro dos muros baixos das casas, casas muito simples, eram penetrantes, mas nada vi. Restava o retorno, havia ainda uma possibilidade. Era final de tarde, um pouco mais e tudo ficaria escuro, tínhamos que retornar. Passando pelas casas, nada vi. Bater na porta, tocar a campainha, nem pensar. Só em imaginar já ficava vermelho, encontrá-la, como seria? Seguimos em frente e chegamos à avenida onde tomaríamos um ônibus. Ei-la que surge! Desce do ônibus e vem para nosso lado, nos cumprimenta. Apresento as pessoas que estavam comigo. Leonide estava junto. Seguiu seu caminho, e entrou naquela humilde casa, com aquela janela e porta que um dia desenhei. Não houve mais paz no meu espírito. Aquela menina bonita, meiga, tinha algo especial, aquele olhar queria dizer alguma coisa. Arrumei uma desculpa qualquer e, no final de semana, fiz uma visita, afinal eu fui colega do irmão dela. Fui bem recebido por toda família, Dona Maria, Tarciso e Regina. Não estava com pressa de ir embora, ficava observando, envergonhado, com poucas palavras, conversando mais com Dona Maria sobre muitos assuntos, mas principalmente sobre Igreja, sobre o trabalho que ela desenvolvia junto aos pobres. Foi quando tomei conhecimento sobre o movimento das “panelas vazias”. Ela foi uma das quatro primeiras mulheres que iniciaram o movimento, batendo panelas vazias como protesto contra a carestia que tomava conta do Brasil. Era uma oportunidade de ficar perto e observar a Inês. Ela quase que não dava bola, pouca atenção me dava, recatada ao extremo, ficava em seu canto envolvida com música. John Lenon era seu ídolo, com trabalhos de escola, sempre vestida com um guarda pó verde, pois a pobreza não permitia ter muitas roupas. Se limitava a responder sim, não, poucas palavras.

As visitas foram muitas, a cada final de semana. Faltava-me coragem de tomar qualquer iniciativa, medo de receber um não, de não ter a aprovação de Dona Maria que era viúva. Mas o tempo passando, a intimidade com a família já era grande e, um dia percebi. Tinha acontecido antes mas eu não me tocava, era muito tímido e medroso, percebi que me deixavam sozinho com a Inês na sala. Depois de algumas semanas acontecendo isso, um dia falei: Inês, eu gosto muito de você. O desespero tomou conta de mim no mesmo instante, misto de medo e arrependimento pela ousadia. Mas a resposta foi imediata e simples. Eu também gosto muito de você. Pronto, estava tudo resolvido, levantei e me despedi, pela primeira vez com um beijinho. Fiquei com medo de ficar mais tempo e descobrir que não era verdade, que não era correspondido. Foi uma semana difícil, não acabava nunca, mas chegou o final de semana. A alegria da família era visível, mas ninguém comentava e Inês continua discreta, no seu canto até que ficamos a sós na sala. Rolou o primeiro beijo e as primeiras palavras de dois apaixonados.



Inês na varanda da casa onde sempre me esperava

Rimos muito depois porque ela disse que a mãe vivia questionando, “como é, ele não se decide?” Aí não teve jeito, pedi licença para namorar a Inês. A partir de então, ela me esperava sentada, na área externa da casinha onde moravam.

Nessa época eu já tinha um fusquinha. Então, como ela estudava em Santo Amaro, perto de onde eu morava e estudava, sabendo o horário da saída do colégio, passava no ponto de ônibus onde estava e oferecia carona, levava-a para casa.

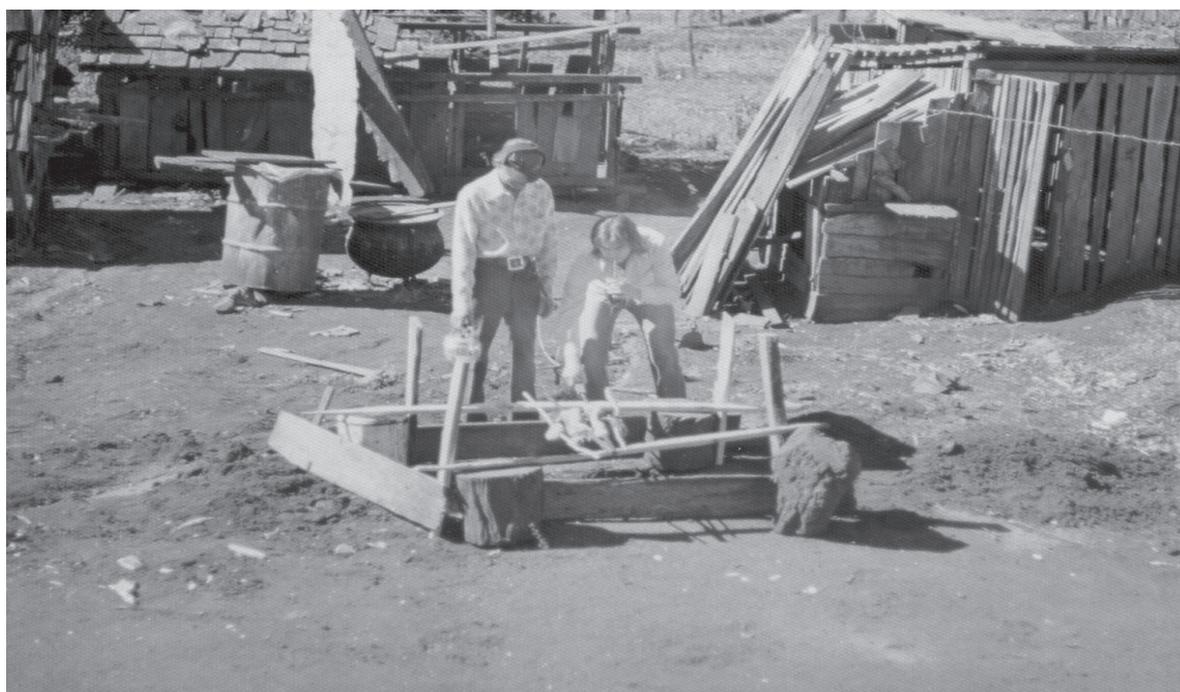
Pontos com a futura sogra. No escritório meu sócio, eu e o irmão dele não dávamos conta dos serviços, precisávamos contratar mais uma pessoa. A ideia da Inês trabalhar conosco foi logo aceita e começou boa parte da história que todos conhecem. No Paraná a notícia do meu namoro alvoroçou a pequena vila. As pretendentes, de que nem eu sabia, se manifestaram e faziam visitas à minha mãe, solícitas e solidárias. A mãe agora precisava administrar as pretendentes a nora.

Dia 12/06/1971 noivamos e planejamos visitar meus pais e irmãos para apresentar a Inês. Chegou o grande dia da partida, final do ano, passaríamos o Natal e Ano Novo com minha família. Saímos de São Paulo dia 24 de dezembro com o fusquinha, cinco pessoas e os pertences de cada uma. Tudo era festa. Eu corria muito, porque gostava, e também para me mostrar, coisa de gabola, que quer aparecer. O fusquinha abriu o bico na cidade de Imbituva, próxima a Guarapuava, o motor fundiu. E agora, fazer o quê, com que dinheiro? O que tínhamos era suficiente para o combustível ida e volta, e alguns lanches. Deixamos numa oficina e seguimos, por sorte, com um caminhão que nos deu carona, que era do nosso tio José e que nos levou até a casa dos meus pais.

Foi uma festa nossa chegada. Todos gostaram muito da Inês, e ela de todos em casa. A alegria de nossa mãe foi imensa. Mãe, sente, mãe sabe, mãe intui, mãe é mãe. Todos estávamos felizes. No dia 30 de dezembro retornei a Imbituva para buscar o fusquinha. Não estava pronto, a peça principal não tinha chegado, mas chegaria a qualquer momento, o que aconteceu por volta das 14h. O trabalho só ficou pronto após 20h. Dei todo dinheiro que tinha, um relógio, e pela bondade do mecânico, prometi que pagaria no próximo ano, o mais breve possível, a diferença. Estava muito cansado, o dia todo esperando, sem comer, ansioso, tomei a estrada. Dirigi até 22h, estava com muito sono. Lavei o rosto num posto de gasolina, parecia estar bem e segui dirigindo, mas foi por pouco tempo, dormi ao volante e acordei quando estava ziguezagueando na estrada em alta velocidade capotando várias vezes na pista. Agora sim, estava tudo acabado. Todo ralado, carro todo contorcido, longe de casa, sem dinheiro. O sem dinheiro

sempre foi uma marca registrada na nossa vida, mas desta vez tinha um azedume maior. Com caronas cheguei a casa pela manhã, todo sujo de sangue e sem o fusquinha para o desespero e perplexidade de todos. Inês veio, me abraçou e disse: Não tem problema, tudo passa, fica bem. E assim foi, ficamos bem, pois estávamos em casa, com nossa família, e no dia 1º de janeiro de 1972 saboreamos o melhor churrasco feito por nosso pai que era um especialista no tempero da carne.

Naqueles dias tivemos o tempo suficiente para avaliar todas as possibilidades de mais alguém estar conosco em São Paulo. Já tinha vindo a Oneida, Verônica, Alceu, Arselino, Leonide e eu. Só os menores continuavam em casa e eram motivo de muitas preocupações, principalmente da nossa mãe que tinha que aguentar a maior barra. Nosso pai trabalhava muito, mas o desânimo tomava conta. Nossa mãe ficava preocupada quando os meninos demoravam para chegar, principalmente aos domingos quando iam jogar futebol. Não era à toa a preocupação, pressentimento de mãe. Um dia vieram e disseram que o Enio tinha sido baleado, levou dois tiros. É notícia para deixar qualquer mãe apavorada. Tinha sido levado para um hospital próximo ao incidente, longe de nossa casa algumas horas. Enio era muito bom de bola, era



*Antoninho com o pai Jácomo,
preparando o churrasco em 01/01/1972*

convidado para jogar nos times da região para disputa de campeonatos. Naturalmente havia rivalidades entre os times. Quando iam para o jogo, na estrada, todos numa Kombi, um outro veículo passou ao lado e abriu fogo. Enio estava no banco da frente e foi atingido por dois estilhaços no rosto, por muito pouco não atingiu a veia do pescoço. Mais uma tragédia para nossa mãe. Um filho no hospital, atingido por tiros, sem notícias, sem a menor possibilidade de ir ver o que estava acontecendo. Uma boa alma se prontificou a me avisar em São Paulo, um telefonema, coisa rara e difícil na época. Leonide e eu fomos imediatamente e encontramos a mãe em casa desesperada por não ter notícias depois de uma semana. Fomos para o hospital. Enio, já bem recuperado, podia ter alta naquele mesmo dia, faltava apenas um detalhe, pagar a conta. Me comprometi a vir para São Paulo, conseguir o dinheiro. Era muito dinheiro para nossa situação. Alguns dias depois o dinheiro chegou e o hospital liberou seu paciente para alegria de nossa mãe. É, a rapadura é doce, mas não é mole!

Alguma coisa tinha que acontecer. Aliás, muita coisa tinha que acontecer, em São Paulo e no Paraná. Todos já tinham chegado ao limite do tolerável, mas todos estavam dispostos a tudo para amenizar o sofrimento e dar esperança aos que ainda estavam em casa. Inês e eu resolvemos casar, em dezembro de 1971. A sequência de problemas no escritório, as dívidas que tínhamos, os planos econômicos do governo, tudo contribuiu para desistirmos da ideia reprogramando para dezembro de 1972, que também não aconteceu. No ano seguinte sim deu certo, casamos no dia 22 de dezembro de 1973, com a presença de toda a família em São Paulo. Alegria maior impossível, apesar de alguns desencontros.

No dia do casamento a Oneida foi a uma feira e comprou algumas flores, coisa pouca, não passava de meia dúzia de vasinhos, e foi enfeitar a igreja em frente ao nosso escritório, Capela Sagrada Família. Arrumou tudo com maior capricho quando foi surpreendida pelo padre que mandou retirar tudo, que não queria saber de flores, que não precisava daquilo. Desesperada e chorando retirou tudo, sem entender a atitude do padre. Depois descobrimos a razão de tudo. Como o celebrante não seria ele e sim um colega

dele, o querido amigo Pe. Paulo Evers que tinha um carinho grande por nós, teria ficado com ciúmes, pois ele também gostava muito da gente. Enfim, chegamos à igreja, estranhei por não ter nenhuma decoração, nem sobre o altar. Mas não era hora para problemas, só queria ver a noiva que estava muito atrasada. Nosso padrinho Algirdas Sliesoraitis perdeu-se, quase não encontra o endereço da Inês, mas chegou. Meu coração disparou quando ela apareceu na porta, imagem angelical, o paraíso estava presente. Ao som de Lago de Hendel ela foi se aproximando conduzida pelo irmão mais velho, o Luiz Gonzaga. Recebê-la e conduzi-la ao altar foi mágico.

Foi um casamento descontraído, o fotógrafo Mariano que nos presenteou com um magnífico álbum e centenas de fotos. Padre Evers realmente gostava muito de nós. Lembrou na cerimônia que nos conhecia há muito tempo, que nos via sempre de mãos

dadas, aliás, mãos dadas não, dedinhos dados. Ele tinha percebido o detalhe, a gente sempre andou de dedinhos mindinhos dados. A “festa” foi em frente da Igreja, ao lado do escritório, numa casa recém adquirida, onde seria a nossa sede definitiva do escritório. Uma sala, na recepção, a maior gala, o maior acontecimento da nossa história, o





evento que não poderá ser comparado com nenhum outro. Apenas um bolo, presente do tio da Inês, o Chico, e duas garrafas de Cidra. Brindamos com toda pompa, com todos os desejos de felicidades possíveis, com a presença de todos os colegas do escritório, de muitos clientes e amigos. Começava a maior de todas as aventuras, ela vinte anos, eu vinte e cinco, o mundo para ser conquistado, a graça de Deus para nos impulsionar em direção ao infinito, e uma garra muito grande de alcançar os horizontes que descobrimos naquela linda

preparação no namoro e noivado.

Agora éramos apenas um, e para sempre. Saímos da festa às 22h, tomamos estrada em direção ao Paraná. Paramos num hotel barato à beira da estrada, onde não deveríamos ter parado. Seguimos em direção a Curitiba e nos deparamos com um acidente, um senhor perdeu a direção e rolou ribanceira abaixo. Paramos por curiosidade. Alguém perguntou se poderíamos levar o senhor para averiguação até Curitiba. Eu disse que não, podia me complicar, não o conhecia, e tinha que seguir em frente, tinha acabado de casar, estava em lua de mel. Não socorri. Inês não me disse nenhuma palavra, só me olhou. Mal sabia ela que aquele era apenas o começo do meu comportamento ruim durante o casamento que a faria sofrer muito. Aquela atitude me corroe a viagem de lua de mel inteira: não compreendia como pude negar socorro. Tinha lá, sim, muitas outras pessoas curiosas, que chegaram antes de nós, com seus carros, mas não importa, foi a mim que alguém solicitou e eu neguei. Foram anos de arrependimento.



Casamento Inês e Antoninho

Chegamos a Cascavel onde pernoitamos num hotel barato perto da rodoviária. De lá seguimos para o Rio Grande do Sul, para Inês conhecer os parentes e o lugar de minha origem. No Pardo mostrei para Inês o que ainda restava do Moinho, da serraria. Tiramos algumas fotos, as últimas, com que podemos ilustrar estes fatos: depois tudo foi destruído. Toda a história, a origem de tudo o que aconteceu e significou para a grande família Tatto, desapareceu num incêndio. Retornei ao local alguns anos depois, já sabendo que não existia mais nada, mas não podia acreditar, tinha que ver onde tinha parado todo aquele monumento, aquela engenhoca que alimentou minha fantasia por toda a vida, aquele espaço que foi marca de um desenvolvimento profundo, tecnológico, econômico, social e, para mim, de um sentimento muito grande, minha raiz. Fiquei olhando, a uma distância de 50 metros, aquele mato todo crescido que escondia o resto do canal que conduzia água para aquele lendário Rodão que movimentava toda aquela estrutura. Dava para sentir o barulho da água caindo forte, fazendo rodar um grande eixo que agora não tocava mais nada. Tudo ilusão, fantasia. O mato escondia o rio que continuava seu curso natural como sempre. Lá estava ele para testemunhar que

tudo poderia estar lá, como foi um dia, a realização de um grande sonho, de uma realidade que transformou vidas. Era necessário cair na realidade: não existia mais nada, nem as cinzas sobraram, o tempo tudo consumiu. Só mato, como era antes do grande sonho do visionário João Tatto. Voltei-me, não olhei mais para trás. Mais uma vez o golpe de ter que sair de um lugar para poder respirar, para continuar a viver. Como naquele dia 20 de novembro de 1963, era preciso partir, mas agora sem deixar para trás o símbolo mais precioso da família Tatto.



*Inês
no Rodão*

*Últimas fotos
do moinho*



*Inês
na serraria*

Depois de visitar a família Tatto, do Pardo, seguimos para outras cidades onde sabíamos que tinha alguém com algum grau de parentesco. Fomos acompanhados pelo querido tio José Tatto,

que viria a falecer apenas dois meses mais tarde. Chegamos a Vista Alegre, casa da tia Domingas Fontana e do tio Eduardo Sponchiado. Foi uma visita especial, principalmente para lembrar velhas histórias. Morei com eles durante alguns anos. Foi assim: a tia Domingas perdeu o primeiro filho, aborto espontâneo, sofreu muito com esta perda e, para se distrair, foi visitar a nossa mãe que tinha tido o segundo filho, o Leonide. Eu tinha treze meses. Na conversa entre elas a tia disse: “Você tem dois pequenos, eu não tenho nenhum, perdi o meu, dá um pra mim”. Minha mãe concordou. Como assim? Tudo bem, pode levar o Antoninho. Simples assim? Isso mesmo, simples assim. Aqui está a essência de uma família, não há nada que não possa ser partilhado, mesmo que seja um filho. Este é o espírito que sempre acompanhou nossa mãe, e não com menos intensidade o da sua irmã Domingas, à qual entregava seu primogênito. Segui para casa da tia Domingas e do tio Eduardo Sponchiado. Fiquei morando com eles até quando nasceu a primeira filha, a Inês Maria Fontana Sponchiado, mais conhecida entre nós como Netché. Naturalmente eu chamava a tia e o tio de pai e mãe. Quando minha mãe ia para me ver, ouvia isso e ficava com ciúmes e dizia: “pera aí, sou eu tua mãe” e eu respondia: “Não, esta é minha mãe”. Naturalmente tudo no dialeto italiano como todos falavam, e isso tornava a coisa engraçada. À mesa nas refeições, era servido queijo e polenta, eu não comia a polenta, só queijo. Então diziam que era para comer um pedacinho de queijo e um pedaço de polenta. Eu respondia: “A polenta dá pro Eduardo”. Estas histórias e tantas outras eram contadas quando minha mãe e a tia Domingas se encontravam. Quando a Netché tinha dois ou três anos, eu fui devolvido para minha mãe. Agora Inês e eu estávamos lembrando todas estas coisas na casa do tio Eduardo quando vimos a Netché aparecendo no início da rua que dava para a casa. Vinha do trabalho. Eu disse para o tio: “Olha, quando eu era pequeno fui morar com vocês até a Netché nascer, fiquei com ela um bom tempo, agora ela poderia vir para São Paulo para ficar conosco, trabalhar na nossa casa”. Os olhos do tio brilharam. Falamos com a tia e ela disse: “Se ela quiser ir, tudo bem”. Assim a Netché chegou, nos cumprimentou e demos a notícia da nossa conversa: “Você topa ir conosco?”. “Sim, claro, disse ela”. E do

dia seguinte, 3 de janeiro de 1974 até o dia de hoje, ela está conosco.

PARADA ESTRATÉGICA

Houve uma parada estratégica de alguns dias neste meu relato, pois estamos no final de ano. É um período muito intenso no escritório. Mas, enfim, temos férias que podemos gozar com serenidade, pois tudo ficou encaminhado, agendado e projetado para retorno no dia 3 de janeiro. Precisamos desfrutar intensamente destas férias, pois no passado, por muitos e longos anos, não nos era permitido. Hoje olho para trás e, rememorando, só tenho pensamentos de saudade e gratidão a Deus por nos ter concedido tantas graças. Quantas lembranças! São exatamente 15h, do dia 23/12/2018. Faltam apenas três horas e Inês e eu estaríamos completando 45 anos de casados. Pela manhã já olhava para a foto dela e as lembranças foram muitas. Olhei um *banner* com mais de 50 fotos que retratam momentos significativos da nossa vida juntos, com filhos e netos. Não posso chorar, sim, não posso, ela pediu para que não chorasse, “se me amas, não chores por mim” foi o que deixou escrito: Tá bom, mas deixa estas lágrimas teimosas e desobedientes rolarem para apagar esta chama de saudade que queima no meu coração. Olhei as fotos da inauguração da casa, hoje Recanto Vovó Inês, que têm um significado maravilhoso para mim. Era seu desejo ter um cantinho na praia, “para curtir com os filhos e netos”, nada mais merecido para quem lutou muito e se dedicou intensamente no trabalho. Esta casa, quando o corretor nos mostrou, Inês parou diante da porta olhando para a sala e as escadas que dão para o segundo andar. Olhou-me e disse baixinho no meu ouvido: “É esta ou nenhuma”. Coisa de amor à primeira vista.

Foram meses de negociações, propostas e contra propostas. Nós fechamos questão no valor que julgávamos bom e possível para nós, mas não houve retorno positivo do corretor: queriam um valor bem maior. Como Inês tinha dito que era “esta ou nenhuma”, disse ao corretor que nossa decisão estava tomada, dependia dele. A resposta foi que tinha outro interessado. Inês não se preocupou; disse “se é para ser nossa, será”. Passado

um tempo, era dia 12 de junho de 2009, estávamos na casa de praia do Alceu e Regina, o corretor nos ligou dando a notícia de que os proprietários aceitaram nossa oferta. Foi um presente de namorados especial. Inês ficou muito feliz, eu estava muito emocionado pela conquista. Nosso cunhado Sérgio e a Vê estavam presentes e o Sérgio registrou toda manifestação de alegria da Inês. Horas depois fomos à casa para vê-la novamente.

Todos estávamos felizes. Apenas assinamos as escrituras, iniciamos uma reforma, coisa simples, mas necessárias, como Inês queria. Tudo resolvido, tudo nos devidos lugares, comemoramos com um espumante com quem estava conosco, entre as pessoas, minha mãe. Depois a gente conversa mais sobre esta história.



Casa dos sonhos de Inês, no Guarujá

CHEGADA A PORTO ALEGRE

Agora preciso retornar ao Rio Grande do Sul com minha amada que precisava ser apresentada a todos os parentes. Seguimos para Porto Alegre, a casa do tio Giacomo Fontana e tia Eni. Tinham um filho, o César, com 5 ou 6 anos. Acompanharam-nos a ver as belas cidades de Gramado e Canela, e a Netche, claro, conosco.



*Com Tio
Giacomo e
Família,
em
Gramado -
RS*

*Passeio,
Foz do
Iguaçu,
com Pai,
Mãe,
Netche
e Jair*



Seguimos para Santa Catarina, paramos apenas numa praia, precisávamos passar a noite e descansar para voltar logo a São Paulo, pois o dinheiro já tinha dado aviso que era hora de retornar. Mas antes fomos à Penha, casa dos meus pais, que tinham retornado de São Paulo e com eles fomos a um passeio em Foz do Iguaçu. Tudo era maravilhoso para mim e para Inês, e de modo especial para meus pais e Jair, o caçula. Estavam felizes pela oportunidade do passeio, coisa que nunca tinha acontecido na vida deles. Depois deste passeio lindo, era preciso voltar, o dinheiro estava no limite, deu para abastecer o carro pela última vez, sem sobrar o suficiente para um café da manhã. Chegamos a nossa casinha, alugada, mas o nosso cantinho. Estávamos ansiosos por chegar por muitos motivos, mas o principal, para abrir os presentes que recebemos no dia do casamento. Foram tantas manifestações de carinho de nossos amigos, sócios, colaboradores colegas do escritório e dos clientes.

Para as nossas condições, um casamento onde apenas um bolo ganho de presente e duas garrafas de Cidra para o brinde, e nada mais para oferecer aos convidados, não era para esperar nada. Mas, ao contrário, muita gente lotou a capela Sagrada Família e a recepção do que seria depois a sede do nosso escritório. Hoje eu não tenho dúvidas, Inês foi a atração, a razão de tão importantes presenças. Foram muitos presentes que recebemos. Agora estávamos curiosos para saber o que tínhamos recebido.

ENFIM, EM CASA

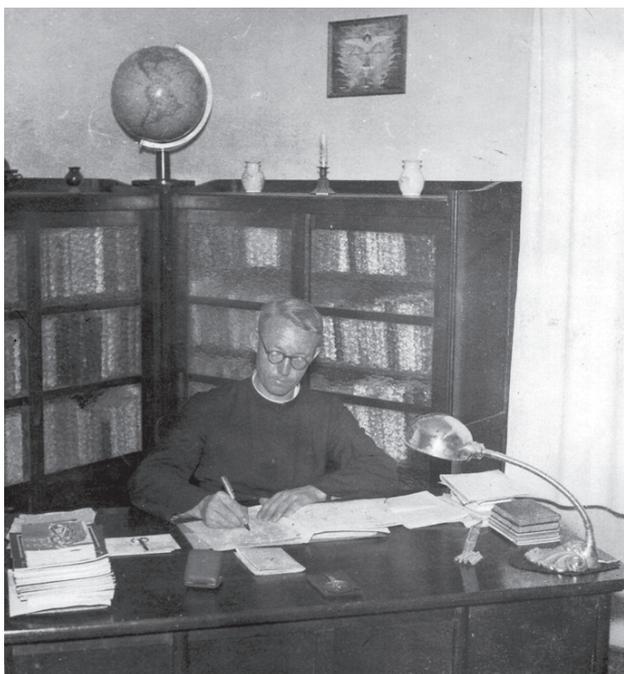
Chegamos a casa. Era fim de tarde do dia 12/01/1974. Luiz, irmão da Inês, ficou responsável por guardar nossa casa e cuidar de tudo. Tinha-nos dito que colocara todos os presentes sobre a cama e no chão do quarto para que pudéssemos ter uma bela surpresa. Mas ao chegar ele nos cumprimentou dizendo: “Acho que não vão gostar da surpresa, assaltaram a casa”. É isso mesmo, tinham arrombado a porta, entraram na casa e levaram quase tudo. Ficaram alguns presentes abertos e destruídos. Que decepção, que amargura, que tristeza! Olhei para a Inês, ela olhou nos meus olhos, inclinou um pouco a cabeça, como fez muitas vezes em vida, como quem diz, fazer o quê? Paciência. A minha revolta era grande, mas ela, com tranquilidade, começou a arrumar as coisas, ficando feliz com as poucas coisas que sobraram, tipo alguns garfos e facas de um faqueiro enorme, parte de outros presentes, nada completo. Ela lia os cartões, ria e mostrava felicidade. A Nêche juntou-se a ela e as duas se divertiam com aquela situação toda, como se tudo estivesse normal. O Luiz se desculpava pelo ocorrido e ela o acalmava. Eu estava fumegando de raiva, não aceitava mais uma paulada dessas. E assim começou nossa vida a dois, enfrentando mais um infortúnio, mas levantando no dia seguinte para seguirmos com nossa missão no escritório de contabilidade juntamente com nossos colegas que, ansiosos, esperavam pela nossa volta, pois, com a ausência da Inês, muita coisa estava pendente, uma vez que era ela que cuidava de todo processamento de dados, que dominava o pequeno computador, uma novidade no mundo dos negócios.

Por sorte em casa estava a Netché que, desde a chegada, entendeu a importância em nossa vida e, principalmente, a missão que lhe era reservada. Chegávamos a casa muito tarde todos os dias, cansados e famintos. Tudo estava arrumado, nada de preocupações em casa. Com nossa pobreza, dinheiro curto, ela fazia milagres na cozinha, nos surpreendendo a cada dia com sua culinária da roça, simples mas saborosa. O cuidado da casa, das nossas roupas, das poucas coisas que tínhamos e, especialmente do seu apoio solidário, nos encorajando quando percebia que estávamos preocupados com os acontecimentos do escritório. Sem a presença da Netché, certamente nossa vida teria sido muito mais difícil. Principalmente para a Inês, pois ela fazia questão de que não houvesse nenhuma preocupação em casa: ela cuidava de tudo nos mínimos detalhes. Competente e com o desejo sempre de agradar, de passar segurança para nós, era sem dúvida uma grande força. Não poderíamos jamais imaginar abrir mão dela. Foi uma pérola preciosa que Deus preparou desde há muito tempo para ser como um Anjo para nos ajudar. De modo especial quando vieram os filhos. Foi o suporte necessário para Inês em casa ou ausente pelo trabalho. Cuidou, criou e estabeleceu laços profundos com nossos filhos. Quantas noites ela passou em claro cuidando das crianças quando choravam, ou ficavam doentes. Fazia tudo para que a gente não percebesse, para que pudéssemos descansar um pouco, pois cedo deveríamos sair para o trabalho. De modo especial cuidou da Kika, pois uma doença terrível nos atormentava, e a Netché passava a noite cuidando dela. São 45 anos que a Netché está em nossa casa, convivendo conosco nos momentos dramáticos, nos momentos bons, felizes, que vivemos, nos ajudando a superar todos os desafios, sim todos, pois todos foram superados e deixados para trás como legado de nossa vida vencedora. Participou dos primeiros dias de minha vida com Inês, de todas as trajetórias que tivemos que seguir, de todos os passos que juntos damos, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença. E na doença é que a Netché mostrou sua fortaleza, sendo sempre nosso porto seguro e apoio incondicional. Em todo e qualquer acontecimento de minha vida com a Inês, a presença e atuação da Netché foi sempre fundamental. Vez ou outra, Inês, Netché e eu fazíamos visitas rápidas ao Paraná, para tentar levar um pouco de apoio para a mãe. As cartas



Em casa, a família completa com Netché e Dona Maria

que nos escrevia davam conta de inúmeras dificuldades que se perpetuavam. Não havia esperança, não podiam contar com futuro certo. A mãe nunca pedia socorro, nunca colocava a carga pesada que tinha que suportar sobre nossos ombros, tudo encarava como sua missão que silenciosamente procurava desempenhar. Mas sempre revelava a fraqueza do conjunto da vida familiar. Nosso pai sempre foi um homem bom, generoso, e, principalmente, homem honesto, correto em tudo, o tempo todo. Tinha seu problema, o nosso grande problema, a doença do alcoolismo. Com este problema e sua bondade, era alvo fácil dos enganadores. Quanto dinheiro roubaram dele! Quantas vezes foi enganado nas contas, pois sempre teve crédito pela fama de homem correto, que sempre honrava com seus compromissos, mesmo que isso prejudicasse toda sua família. O problema era a qualidade dos compromissos, fruto de enganação, de valores superfaturados, de marcações espúrias nas famosas cadernetas. Quando chegava na época das colheitas, tudo o que colhia ia para as vendas, para pagar as dívidas. Que dívidas, se quase nunca levava para casa mantimentos necessários? O pouco que colhia seria suficiente para manter a família mesmo que modestamente. Mas tudo ia para pagar as dívidas de algumas coisas



Pe. Agostinho Forgerd

que foram para a família, mas o grande valor era para as bebidas, não para ele, pois com pouca coisa já ficava embriagado, mas para os que se aproveitavam da “amizade” com ele, dos donos das vendas que incentivavam a bebedeira pois sabiam que o Jacó, no fim, pagava.

Até o Padre Agostinho Forgerd, nosso superior no seminário, sabia das roubalheiras dos comerciantes contra nosso pai.

Certa vez ele me disse: “Antônio, teu pai é um grande

homem”. Eu respondi: Mas é bêbado. Ele disse: “Nunca mais fale isso! O Jácomo é um homem de Deus, é sério. As pessoas é que não são com ele”. E é verdade, ele tinha razão. Nosso pai era coisa séria, mas tinha um sério problema, uma doença cujo remédio é um só, amor. Quando íamos visitar meus pais, era impressionante a mudança de comportamento de nosso pai. A presença da Inês fazia toda a diferença. Ela ficava horas conversando com ele, não sei o que conversavam, não sei de onde saía tanto assunto, pois a Inês era de poucas palavras, pessoa discreta, silenciosa. Mas lá estavam os dois durante muito tempo, dia após dia, numa conversa agradável e animada. Inês tinha o dom de escutar, de dar atenção. Ela cativou nosso pai. A convivência conosco era maravilhosa nestes momentos, tudo para ele era bom e bonito, fazia tudo para ficarmos felizes. Mas os problemas eram reais em casa. Na hora das despedidas era um problema sério, muita tristeza, pois lá ficaria a mãe com todos os problemas. Por mais quanto tempo? Não tínhamos ideia. A convivência com os irmãos menores naqueles dias era discreta, pela diferença de idade, mas, principalmente, pela grande diferença dos costumes de cidade grande com a roça. Alguns eram muito tímidos, principalmente o Jilmar, mal conversava conosco. Inês prestava atenção em tudo e em todos. É claro que eles falavam com



*Os últimos
no Paraná.
Nossos
pais com
Verônica,
Enio, Nilto,
Jilmar e
Jair*

a gente se não dava para virem conosco para São Paulo. Mas como, se nossa vida era tão difícil, nada definido ainda na grande capital? Mas a ideia ficava martelando na minha cabeça, e com o apoio da Inês e muitas vezes incentivo mesmo e iniciativa dela, falávamos para trazer um ou outro.

Assim veio a Oneida, para trabalhar na casa de um amigo, o Luiz Henrique Beraldo, que me ajudou muito com este emprego e sua amizade. Depois o Arselino foi convidado a vir. Quando soube que iria para São Paulo, estava carpindo na roça, beijou o cabo da enxada e disse: “Nunca mais vou te pegar”. Livrou-se daquela que, na verdade, nunca foi o seu forte. O trabalho na roça não foi fácil para nenhum de nós.

Em casa, no Paraná, os que sofreram muito, junto com a mãe, foram Oneida, Verônica, as que mais suportavam as piores coisas por serem mulheres e entenderem melhor a situação da mãe.

Dos homens, o Alceu dedicou-se na roça por um bom período, antes de ir para o seminário do Verbo Divino, na Penha, e depois em Toledo, onde se tornou campeão de Ping Pong. Ainda no seminário, chegou o tempo de alistar-se no exército. Foi escolhido para servir em Foz do Iguaçu. Eram tempos complicados, revolução, incertezas. Foi

aconselhado a sair do Paraná, vir para São Paulo e servir o exército aqui em São Paulo, mas com possibilidade de ser dispensado. Veio juntar-se a nós, iniciando seus trabalhos profissionais num cliente do nosso escritório, um homem bom, grande profissional, o Anton Blaselbauer, empresa que levava seu nome. Como todos nós, veio morar na república, única maneira para suportarmos as despesas de aluguel e comida. Eu ainda morava com eles, não tinha ainda casado quando chegou o Alceu. No ano seguinte de sua chegada, foi definitivamente convocado a servir o exército, aliás o único da nossa família. Nesse tempo vinha passar conosco os finais de semana e, segundo suas palavras, para pagar a condução pegava dinheiro da minha carteira e do Leonide.

Vencido o tempo, retornando para a vida normal, foi trabalhar com Leonide que tinha montado também um escritório de contabilidade com nosso ex colega de seminário e amigo, Arnito Forte. Por motivos normais de uma empresa, foi “mandado embora”, e duas horas mais tarde já estava contratado pelo nosso escritório, vindo a se destacar nas suas funções, assumindo mais tarde a coordenação do departamento pessoal com grande destaque, profissão que o motivou a continuar seus estudos de contabilidade e, continuando, buscou a faculdade de direito, tornando-se o primeiro advogado de que temos conhecimento da história da família Tatto. Casado com a Regina Jesus Tatto, irmã da Inês, comanda atualmente, com toda sua família, um belo escritório de contabilidade, além das funções advocatícias exercidas por ele e a filha Leyla. Com toda experiência adquirida ao longo de sua jornada profissional, adotou em seu escritório o mesmo modelo familiar, tendo seu filho, meu querido afilhado Alexandre, como timoneiro da contabilidade, Regina, cuidando da parte financeira, Leyla departamento jurídico, e Lucila especializada em departamento legal, assessorados por uma belíssima equipe de colaboradores. Uma lembrança marcante na vida do Alceu: quando, ainda na roça, Leonide e eu fomos de férias, Leonide deu de presente para o Alceu “um par de carpim”, um par de meias. Ainda hoje se emociona quando conta e relata o significado daquele gesto. Esta é a sensibilidade do Alceu, este é seu coração agradecido. Alceu é daquelas pessoas que só podem ser amadas.

É só conviver um pouco com ele, já se percebe que estamos diante de um homem reservado, extremamente sensível e companheiro.

Enio foi o que ficou o tempo todo em casa com os irmãos menores, Nilto, Jilmar e Jair. Mas em 1977 chegou sua vez de enfrentar a “selva de pedra”. Buscava também ele aventurar-se como os demais irmãos a um futuro, com certeza diferente daquele que podia esperar ficando na roça. Chegando a São Paulo, foi acolhido para trabalhar e morar com o Leonide e Graça, onde ficou por um bom tempo. Mais tarde veio morar comigo e Inês, já trabalhando nesta época no escritório JLA. Tempos depois veio também para nosso escritório, onde desempenhou atividades diversas que lhe permitiram ter uma visão geral dos serviços, importante para seu próprio empreendimento mais tarde.

Assim, cada um viveu sua história e passou por seus problemas, o que vale a pena um relato individualizado por tudo que passaram de humilhações e sofrimentos, de modo especial por tudo o que viria a acontecer em suas vidas, as superações de cada um, o que se tornaram e são, como pessoas, cidadãos e seres humanos. Foi constatando, a cada viagem, estas situações, e por tudo o que vinha acontecendo em São Paulo, que comecei a pensar em trazer toda a família. Coisa de louco! Só um maluco poderia pensar nisso. Será que pensava? Hoje sei que não, não era racional. O que acontecia em São Paulo, que me incentivava a pensar no resto, e que resto hein, um montão de gente, era que cada um que trazia se virava. Ou seja, não tinha moleza e não esperava, não queria moleza, queria trabalhar, estudar, fazer sua vida. Começavam como office boy, faziam o trabalho melhor que qualquer outro na função. Eram os melhores. Arselino visitando nossos clientes, entregando documentos encantava as pessoas e logo foi convidado para um novo emprego, muito melhor do que aquele que eu oferecia no escritório. Era muito querido, se esforçava, crescia e passou a ganhar bem pelas circunstâncias de sua formação e origem. Preocupava-se em estudar, trabalhar e progredir cada dia. Não foi para mim problema em nenhum momento, não dependia financeiramente, procurava viver com o que ganhava. Foi assim que pensei em trazer mais alguém. Mas,

a cada um que saía de casa, pior a situação da mãe, pois sempre os menores ficavam para suas preocupações. Foi numa das últimas viagens que fizemos ao Paraná que Inês me disse: Vamos dar um jeito, eles precisam ir para São Paulo, aqui não dá mais. Os meninos querem ir com a gente, teu pai também quer ir. Ele me disse que lá seria mais fácil para eles. Bem, não sei como foi e quando foi tanta conversa com a Inês, o fato é que ela tinha já ideia formada: deveriam vir todos conosco para São Paulo. Mas que loucura, como fazer isso? Sim, tinha que ser, mas como? Retornamos a São Paulo deixando a promessa de que íamos pensar numa forma, dar um jeito. Todos ficaram na expectativa de nossa comunicação, do nosso convite definitivo. As coisas não andavam bem para nós, ainda tínhamos muitos problemas, dificuldade, mas algumas coisas já estavam encaminhadas. A casa alugada agora era nossa, sim, com 60 parcelas para pagar, mas não teríamos a preocupação de mudar de lugar, pois tinham sido tantas as nossas mudanças, cada vez um drama, escolher o lugar, conseguir um fiador, sempre coisa problemática. Agora estávamos na nossa casa e isso nos dava uma grande segurança. Porque fui falar em segurança, Inês aproveitou e disse: Traz todo mundo para morar aqui, depois a gente vê. Não podia ser sério! Mas era, ela me convenceu e mandei um aviso: podem vir!

Muita coisa escrevi no livro “Conflitos e Esperanças na Família”, sobre o dia da chegada do caminhão com a mudança. Foi um misto de tudo. Alegria, decepção, preocupação, despreocupação, dificuldade e superação. Alegria de estarmos todos juntos novamente. A família junto, não tem coisa melhor, nada é mais importante, nada é difícil quando se está, e é, unido. Foi muito legal aquela primeira janta, meu Deus, tinha gente em tudo que era canto daquela casa de 80 metros quadrados, mas tinha espaço para todos porque o coração, principalmente da Inês, que não tinha nada com aquilo tudo, a todos recebia com facilidade, com simplicidade e feliz. Mas também aquele dia veio acompanhado da decepção, pois na minha cabeça iria abraçar meu pai que não estaria bêbado. Mentalizei isso por dias, esperando a chegada naquele final de tarde. Quando o caminhão parou, fui ao encontro, vi que ele desceu do caminhão com dificuldade, me aproximei, abri os braços para

acolhê-lo. Meu Deus, quando olhei para ele, estava muito bêbado. Fechei os olhos para não ver aquilo, mas esqueci de fechar os braços e ele veio e me abraçou chorando muito. Não sei quanto tempo ficamos abraçados, mas foi o suficiente para amá-lo, mesmo bêbado. Foi o começo da restauração, do perdão definitivo, da salvação. Não há força maior que o amor. Jamais vou esquecer o dia seguinte, bem cedo, quando levantei e, passando pela sala, olhei para fora, e vi a mais bonita cena: meu pai com o Léo, pequeno ainda, no colo, passando a mão em seus cabelos, acariciando seu rosto. Fiquei olhando aquela cena, me imaginando no lugar do Léo, imaginando que tenha sido carinhoso assim comigo quando era pequeno, que talvez tenha esquecido com o passar dos tempos mas que estava lá, no interior do meu inconsciente, querendo despertar para nunca mais esquecer.

Mas foi também um dia de preocupações, pois agora era minha a responsabilidade de tudo o que viria a acontecer. E como saber o que aconteceria? Onde acomodar nos próximos dias toda família com suas coisas, coisas que, na maioria, não servia para nada na nova vida de São Paulo, mas eram coisas deles. Enfim, confiar em soluções que deveriam aparecer. Sem muitas exigências, aceitaram



morar numa casa muito simples, sem nada de conforto, mas, de qualquer forma, era melhor que ficar em nossa casa naquela bagunça toda que nem sei como tinha sido possível. Logo todos partiram para sua vida escolar e profissional. O pai passou a trabalhar em O Recado Editora, graças ao amigo Rouxinol, revelando-se o mais eficiente dos colaboradores, deixando muita saudade. A mãe cuidava da casa, maior moleza para quem cuidava de vaca, bois, galinhas, cavalos,

horta, roça, um monte de filhos pequenos, deveres de escola e da casa. Para os que já estavam em São Paulo, que viviam em república, pagavam aluguel, tinham que fazer comida, agora chegavam a casa e tudo estava pronto, coisa de mãe, comida de mãe, cuidados de mãe. Melhor impossível!

Mas falei em despreocupação. Sim foi esta também a sensação: agora não precisava mais acordar sobressaltado com sonhos onde via minha família sendo perseguida e maltratada. Isso agora ficava para trás, era outro momento, seria outra história. Pensei nas dificuldades que passariam numa nova realidade, mudança radical da realidade, de costumes, de cultura, de possibilidades. Mas como dificuldade era coisa nossa, era irmã íntima de todos eles em casa, era irmã íntima minha e da Inês, então, abraçar mais dificuldades era simplesmente continuar nossa trajetória, apenas um pouco mais. Juízo não tínhamos mesmo, isso estava provado, então **vamo que vamo**. Mas, acima de tudo, neste dia estava a palavra mágica que se chama superação. Mágica, porque vem quando e como quer, quando se faz o que precisa ser feito. Você só sabe do que não é capaz se tentar fazer. A superação não faz parte de um projeto definido, é realização dos passos que determinamos dar. Se concretiza à medida que aceitamos o que somos e temos. Com isso resolvemos realizar o que precisamos. E nós tínhamos tudo naquele momento, naquele dia, tínhamos tudo para realizar, tudo para fazer, tudo para conquista, só era preciso começar. E o começo foi assim: a família de Jácomo Tatto e Ignês Fontana Tatto se estabeleceu em São Paulo e iniciou nova vida.

UMA NOVA ETAPA

Apesar das dificuldades normais de uma família em São Paulo, houve possibilidades para que todos continuassem os estudos, o grande sonho e determinação de nossa mãe. Cada um pagava seus estudos, era o principal investimento. Se sobrasse alguma coisa no final do mês, ajudavam na despesa da casa e, para isso, todos se submetiam a levar marmitas, preparadas pela mãe, para seus trabalhos. Talvez tenha sido o período de maior consumo de ovo de toda a história.

Com isso todos sentiam o peso da responsabilidade, valorizavam cada centavo ganho e faziam tudo para serem reconhecidos exercendo cada vez melhor suas funções. Adotamos o costume de nos encontrar aos finais de semana para atualização da situação de cada um e, principalmente, para dar muita risada lembrando tudo que passamos em tempos que ficaram para trás. Era um refresco, uma pausa legal para seguirmos em frente no dia seguinte. Quando podíamos comprar um pedaço de carne, era o pai que cuidava do churrasco, grande especialidade sua. Nos fazia lembrar ainda no Rio Grande do Sul, lá no Pardo, na festa do padroeiro São Francisco: ele era responsável por assar o churrasco para todos, grandes quantidades de espetos, sempre com o melhor tempo e servido rigorosamente no ponto, sendo sempre muito elogiado. Lembrar estes momentos nos ajudava a superar eventuais inseguranças. Ainda hoje, quando nos reunimos, e são frequentes as vezes que encontramos motivos para nossos encontros, nos lembramos sempre de tantas e tantas situações que vivemos e são hoje motivo de orgulho e reconhecimento. Tudo foi importante, sofrido, mas importante na formação do caráter, no enfrentamento das dificuldades e desafios que a vida impõe sempre. Reconhecemos agora que nada foi em vão, que tudo serviu para alicerçar, para ser base das nossas convicções atuais. Uma lembrança recorrente é o trabalho duro da roça. Agora, cada um acha que foi quem mais trabalhou na roça. Na verdade, fomos todos muito preguiçosos, mas muito preguiçosos! Trabalhar na roça sempre foi difícil, duro mesmo. Aquele sol quente nas costas dava uma preguiça que “só vendo” como costumava dizer nossa querida Dona Jandira. Fizemos o que éramos obrigados, mas gostar, ninguém gostou. Mas tem umas coisas que não dá para deixar passar em panos brancos.

Uma vez o pai mandou o Leonide plantar milho, perto do açude que represava água que tocava o moinho. Ele abriu uma cova comprida, despejou toda semente, cobriu e deitou numa sombra e dormiu. No final de tarde chegou a casa e disse que tinha plantado tudo. O pai o elogiou, aliás o Nide era o queridinho do pai. Mas, passados alguns dias, o milho na cova brotou e o pai descobriu. Deu-lhe uma surra que “só vendo”. Mandou plantar

novamente, e, desta vez, o Nide foi mais esperto, não enterrou, jogou no canal que colhia a água e levava para o moinho. Não funcionou, o pai estava consertando alguns buracos que os cascudos faziam no canal e deixavam a água escapar. Ele viu aquelas sementes todas descendo água abaixo e logo deduziu. Foi ao encontro do plantador de milho, pegou-o em flagrante. Foi uma surra que “só vendo”. Apenas dois fatos para exemplificar do que éramos capazes.

A VISITA DO CORAÇÃO

Outros tantos foram-nos contados e outros lembrados no dia 14 de dezembro do ano 2018, quando recebemos a visita de uma pessoa



Izena com nossa mãe

muito especial para nós, principalmente para mim, o Leonide, Oneida e Alceu, os mais velhos, e o Arselino que na época tinha apenas dois anos. Foi a visita da Izena Vedana e sua filha Soeli. A mãe, que tem 92 anos e está acamada pela dificuldade de se sustentar em pé, mas que tem uma cabeça e memória impressionantes, me disse um dia, ao visitá-la, que sentia muita saudade da Izena e desejava muito vê-la. Liguei para ela e, antes mesmo de eu dizer da razão do telefonema, a Izena foi me dizendo que estava com muita saudade da tia Ignês, minha mãe, que gostaria muito de vê-la.

Pronto, tudo era concordância, e combinamos a vinda dela. A chegada dela, o encontro das duas foi a coisa mais emocionante



*Alceu com
a madrinha
Izena e
a esposa
Regina*

que vivemos. Duas amigas, irmãs, almas gêmeas que se encontram, saudosas, e deixam extravasar toda emoção, toda admiração, carinho e amor. Foi muito legal! Ficaram conversando três dias, lembrando toda uma vida, trazendo à tona tantas situações e histórias vividas e superadas juntas. Foi motivo também da Izena nos lembrar de muitas coisas que nós aprontávamos. Contou-nos coisas que jamais imaginamos ser possível as crianças fazerem, aprontar em tanto. “Vocês foram tremendos”. Foi entrega geral. Agora cada um de nós queria saber quem mais trabalhava na roça, quem era o mais comportado, quem mais se esforçava nos estudos, quem mais ajudava a mãe. As notícias não foram animadoras. Em sua simplicidade e sinceridade... entregou todo mundo. Mais motivos para todos rirmos. Lembrou-nos que, nas secas, ninguém tinha água, todos deviam buscar água na fonte da igreja, aquela de que já contei quando me caluniaram de que eu tinha feito xixi nela. Ela lembrou que a tal mulher fofqueira do lugar espalhou para todo mundo como se fosse verdade e por isso levei uma surra do pai que “só vendo”. Mais ainda, eu tinha esquecido: no domingo, o pai me levou na frente da igreja e, diante de todos, me deu mais uma surra e só depois é que me fez ficar de joelhos diante do altar com os braços abertos enquanto a comunidade rezava o terço. Então, àquela fonte, ela ia buscar água para nossa casa, uma distância de aproximadamente dois quilômetros. Nestas ocasiões ela aproveitava para nos chamar “para ajudar”, assim podia nos tirar dos castigos a que éramos submetidos, justa ou injustamente. Izena trouxe para nós lembranças



À direita, nosso Pai com um amigo

importantes, principalmente das humilhações a que nossa mãe era submetida diante de uma sociedade machista. Ela ficou nove anos ajudando nossa mãe, no período mais difícil, com sete filhos pequenos e a responsabilidade de cuidar de dezenas de empregados que trabalhavam para nosso avô, pois ela é que tinha que cuidar da comida de todos. Perguntei como foi parar lá em casa. Ela nos explicou que nosso avô foi visitar sua mãe, a tia Tereza. Disse para ela: “Olha, Tereza, a Ignês precisa de uma pessoa para ajudar, me arruma uma filha”. E a tia Tereza imediatamente disse: “Pode levar a Izena”.

Assim chegou a nossa casa aquela que seria um Anjo de Deus por nove anos. Quando saiu de nossa casa, foi um desespero só. Chorávamos muito, Leonide e eu. Alceu não aceitava de jeito nenhum, queria de todo jeito ir com ela pois era sua madrinha. Foi marcante a passagem dela por nossas vidas. Agora ela e a mãe lembravam tantas coisas vividas juntas. Nos trouxeram histórias de namoros de que nem sabíamos. Disse que a nossa mãe era uma moça muito bonita, muito disputada pelos rapazes. Naquele tempo os namoros eram na saída do terço. Os moços acompanhavam as moças em que estavam interessados e, no caminho, ensaiavam algumas palavras manifestando suas intenções de namorar. No caso da mãe era complicado porque tinha três pretendentes. Ela não sabia o que fazer, “os três eram bonitos”. Então foi a casa de uma parente e contou o que estava acontecendo, e o conselho foi: “Se eu fosse você, ficava com o Jacó, ele tem uma colônia de terra, tem casa de comércio, moinho, é bonito e é professor”. E essa foi sua decisão,

escolheu o Jácomo Tatto e, por isso, estamos contando a história dele. O mais interessante foi ouvir a avaliação da Izena dizendo para a mãe que “apesar de tudo, você ainda escolheu o melhor, pois os outros...” e foi desencadeando toda uma história que não teria sido bom termos vivido e dela feito parte. A visita da Izena foi um bálsamo para nossa mãe, como deve ter sido tantos anos passados. Trouxe lembranças, carinho, respeito, histórias dignas de todo tipo de registros. Foram muitos os celulares registrando cada momento presenciado por cada filho, netos, netas, filhas durante aqueles três dias. No almoço de despedida, prestamos à Izena uma homenagem: manifestando a ela todo nosso carinho, admiração e gratidão. Um almoço preparado carinhosamente pela Yolanda, esposa do Enio.



*Homenagem
à
Izena*



OUTROS ANJOS

Já que falamos da Izena, não seria justo deixar de citar outra grande amiga da mãe, que prestou solidariedade muitíssimas vezes, que era guerreira, pronta para toda e qualquer situação. Foi a Assunta, filha do tio Roberto e da tia Verônica Bernardi Tatto. Sempre que a mãe precisava, ela estava disponível, apesar de suas próprias atividades e afazeres na casa dos tios. Foi a Assunta que deu continuidade a todas as atividades exercidas pela nossa mãe na igreja, como catequista, coordenadora do coral e cuidados das coisas do padre quando vinha para celebrar. Assunta foi importante para nossa mãe ajudando a cuidar dos filhos menores, principalmente do Arselino e dos que vieram depois. Ainda hoje é para nossa mãe uma figura admirável a quem devotamos um carinho especial, todos nós, pela sua simplicidade e generosidade. Assunta foi no Pardo, além de tudo, e acima de tudo, uma professora admirável, deixando marcas profundas de gratidão de todos os que foram por ela alfabetizados e mais que isso, que puderam experimentar o zelo, dedicação e o carinho nos seus ensinamentos. Mais que com os livros didáticos, ensinou com a própria vida. Ainda nesta linha de pessoas especiais e queridas, a mãe teve a Natalina, irmã da Assunta, casada com Vendelino Zancan. Sempre acompanhando sua irmã e nossa mãe nos trabalhos da igreja, era amiga íntima e confidente. Natalina com a família veio morar também em São Paulo: mais uma família que trouxemos e que sempre nos deu muito orgulho pelas próprias conquistas na cidade grande. Natalina foi, aqui em São Paulo, certamente a pessoa de maior intimidade com nossa mãe. Almas gêmeas, um olhar era suficiente para compreender toda e qualquer situação. Partiu para a casa do Pai muito cedo, deixando-nos um vazio muito grande e, para nossa mãe, abriu-se um grande abismo de saudade, perda, ausência de algo essencial que escapa do alcance, que não se pode mais tocar. Quanta saudade e gratidão por esta prima querida!

NOVA VIDA PARA OUTRAS FAMÍLIAS

O pai e a mãe, e de alguma forma todos nós, sempre tivemos laços familiares muito fortes. Dada a presença da Netche em nossa casa e o contato mais íntimo com toda sua família, tia Domingas e tio

Eduardo Sponchiado, um dia recebi uma carta do Jairto, o nosso querido Kuti. O tio Eduardo já era falecido. Ele relatava as dificuldades que a família estava vivendo e a desesperança por um futuro melhor. Dizia ele: “Se nos ajudar a ir para São Paulo, jamais vai se arrepender”. Não sei como foram os encaminhamentos. Em julho de 1971 chegou a nossa casa o caminhão com toda mudança. Uma coisa é certa, mais uma vez Inês abria seu coração. Certo dia, Inês me deixou na Comunidade João Paulo I, na capela onde tínhamos nossos momentos de oração nos finais de tarde. Neste dia ela não ficaria comigo, pois tinha um assunto sério para tratar. Um grupo de bandidos, assaltantes perigosos da região tinham sido abordados para uma conversa de evangelização. Escadão, o chefe, o mais perigoso, com seu amigo Gera, estariam comigo para continuarmos uma conversa iniciada dias antes. Os dois se tornaram depois missionários, fazendo um belo trabalho, com colegas do mau caminho, e principalmente, com crianças na favela onde moravam. Enquanto estava conversando com eles na capela, Inês chegava a casa e, ao entrar na garagem, foi abordada por dois assaltantes armados. Estava com Inês, Juarez e Jairton. Todos rendidos, sob ameaça de revólveres na cabeça, inclusive os nossos filhos, crianças. Os assaltantes foram se apossando de tudo, enchendo nosso carro com o que puderam carregar e foram embora. Mais uma experiência para a coleção e, desta vez, envolvendo a família Sponchiado. Pois bem, Kuti tinha razão. Jamais nos arrependemos. Ao contrário temos muito orgulho desta família e, mais que isso, muita gratidão, não só pela Netche que nos deram, mas por tudo o que significaram e significam em nossa convivência. Uma família que veio para fazer história. Inteligentes, trabalhadores, extremamente dedicados aos estudos. De uma forma ou outra, todos trabalharam no nosso escritório, onde se revelaram excelentes profissionais, vindo a ser admitidos como sócios.

No primeiro encontro dos Tatto no Pardo, tivemos ainda a graça de encontrar, já doente, o Albino, nosso primo Neco. Seu filho César desejava vir para São Paulo. Entrou no ônibus e aqui está conosco, trabalhando no nosso escritório na Área de TI. Chegando aqui viveu um tempo na casa da Natalina e Vendelino, depois passou um tempo em nossa casa. Hoje tem sua vida estabilizada,

casado com a Cristiane, com a linda filha Alice. Não foi diferente com a Nei que com 15 anos veio comigo para se estabilizar e fazer história em São Paulo, hoje vivendo nos EUA. Essa é a nossa família. Assim é que tem que ser uma família, do jeito que a Inês sempre viveu e nos deu o exemplo. Eram parentes meus, não dela, mas ela é que sempre foi o coração acolhedor. O bom de todas estas pessoas é ver como elas próprias têm hoje gestos de solidariedade dignos de todo reconhecimento. Por isso, podemos dizer como Raoul Follereau: “Quem faz o bem, nunca sabe todo bem que faz”.

UMA NOVA HISTÓRIA

O ano de 1982 foi marcante para nossa família, desencadeando uma nova empreitada, jamais pensada e nunca imaginada poucos anos antes. Inês e eu fazíamos parte de um grupo de missionários leigos, o Meac, Missionários para Evangelização e Animação de Comunidades. Bem antes de pertencermos ao Meac, já trabalhávamos como missionários do MAC, fundado por nós, Mocidade Ativa Cristã. Por prática da minha sogra, Maria Antônio Leonel, fui levado a uma Comunidade Eclesial de Base, coisa pequena, num barraco de favela onde apenas umas trinta pessoas participavam. Devido a minha formação de seminário e o espírito missionário que, apesar de tudo, de tantas contradições, nunca abandonei pela graça de Deus, fui escolhido como “animador” daquela comunidade. “Em terra de cego, que tem um olho é rei”. “Animador de Comunidade”, com outras pessoas como Sr. Agostinho, Seu Tózinho, Dona Custódia, Dona Maria e o Zé, que nos acolhia na sua casa para as reuniões do grupo de jovens.

Este título, “Animador de Comunidade”, cargo ou atividade, vinha de Dom Paulo Evaristo, Cardeal Arns para aqueles que tinham a incumbência de fazer as celebrações na ausência do padre, pois o padre vinha a nossa comunidade uma vez por mês. Lá desenvolvíamos todas as atividades próprias e necessárias de uma comunidade católica, celebração da Palavra com distribuição da Eucaristia, pregações, catequese, assistências aos doentes, comunhão para os doentes, enfim, tudo o que fosse necessário. Era

nosso pároco o Pe. Davi (omi), auxiliado pela Ir. Cecília, das Irmãs de Santa Cruz. Depois foi o Pe. Miguel Pipolo (omi) e, mais tarde, Pe. José Benito Pegoraro que, além de tudo, era meu confessor e diretor espiritual. Aqui começa a virada, uma nova história na nossa família. Nos trabalhos comunitários, que eram muitos, eu não dava conta de tudo, embora, por vaidade e orgulho, procurasse me envolver em todas as atividades. Foi com a chegada dos meus irmãos que tudo ficou mais fácil. Leonide sempre foi um bom pregador. Nos muitos encontros de jovens que organizávamos ele era sempre incumbido de falar da “História da Salvação”. Muito didático e bom conhecedor dos fatos, relatava toda a trajetória da salvação de nosso Deus. A Lurdes, que é a Verônica. Seu nome é Verônica Lurdes, mas nunca a chamávamos de Verônica. A Lurdes fazia uma palestra sobre amizade que era um primor. Era responsável pela mudança de vida de muitos jovens que passavam a ter, na amizade com outros jovens, os parâmetros de vida nova, principalmente aqueles jovens que viviam conflitos em suas casas. O testemunho de vida da Lurdes cativava, falava de nossa vida em casa, de como ela conquistou o coração do pai quando chegava a casa embriagado, criando confusão. Com seu jeito e atenção ao pai o acalmava e, assim, em casa reinava um pouco de paz apesar das circunstâncias. Aqueles jovens se identificavam com estes testemunhos e buscavam na Lurdes apoio e orientações.

O Arselino também se revelou um pregador excelente, com seu jeito alegre, comunicação fácil e, ainda por cima, era bonito e deixava as meninas todas assanhadas e prestando atenção. Eu tinha em mãos pérolas preciosas, material de primeira para meu trabalho missionário, claro, com outros jovens que também ajudavam, principalmente o Lourenço Santana, que mais tarde viria a ser colega de trabalho no escritórios, excelente contador e, no final, nosso sócio na empresa. Lourenço, Arselino, e também o Mauro Escarpinati que se identifica muito com nossa família, tinham a tarefa de cuidar dos adolescente, na catequese e nas práticas esportivas. Tudo ia muito bem na nossa Comunidade Nossa Senhora Aparecida do Jardim das Imbuías e depois na Comunidade João Paulo I, dentro da favela onde foi desenvolvido o mais extraordinário trabalho de nossas vidas e que mudaria o

rumo dos meus irmãos. Pe. Pegoraro vinha celebrar missa. Era diferente a missa dele, ele conversava com o povo, perguntava dos problemas, deixava que todos se manifestassem. E todos falavam da falta de luz, da água, da precariedade dos barracos, das doenças, da falta de recursos, do poder público que era uma verdadeira vergonha. Parece que não mudou muito e, principalmente, do desespero das famílias por falta de trabalho. Sem contar da violência, das quadrilhas que amedrontavam o bairro, da ditadura militar que apavorava, que fazia sumir gente, deixando as famílias sem rumo. Pe. Pegoraro ouvia tudo e colocava todas estas necessidades sobre o altar, lembrando que “Deus não quer isso. Não é este o plano de Deus. Ele quer vida digna para todos, bem estar para todos, alegria e paz para todos. Mas Deus não vai fazer isso sozinho, ele quer nossa participação, nossa união diante destes desafios todos que vocês levantaram e destes problemas que entristecem a vida de vocês. Então, a celebração desta missa é para pedirmos a graça e a força de Deus. Mas vamos prometer que vamos fazer a nossa parte, que vamos colaborar e lutar para que haja mudança neste mundo”. Ele cativava a todos e nós ficávamos extasiados ouvindo aquelas orientações. Era marcante a presença do Pe. Pegoraro nas nossas reuniões. Um conhecimento extraordinário, professor de Teologia, altamente preparado, mas de uma simplicidade extrema. Uma vez eu estava numa cidade do interior de São Paulo fazendo pregações, e uma freira pediu um aparte na palestra e contou-nos uma história muito bonita que tinha ouvido do professor dela de Teologia, que não lembrava naquela hora o nome, mas ressaltou a simplicidade dele dizendo, “vinha sempre com a mesma roupa, uma macacão azul desses de mecânico”. Eu disse: o Pe. Pegoraro. “Sim é esse o nome dele”. Deve ter usado este macacão durante uns dez anos, pelo menos. Tal era sua simplicidade e desprendimento. Quando a gente chegava para as reuniões, num salão, agora melhorado, pequeno mas bem melhor que o primeiro barraco, construído pelo grupo de jovens MAC, por nosso pai Jácomo e, principalmente, pelo “mestre de obras”, o Sebastião. A história da Comunidade Nossa Senhora Aparecida, hoje Paróquia Nossa Senhora Aparecida e São Paulo Apóstolo, merece ser contada a qualquer hora dessas.

Pois bem, nesse lugar, encontrávamos o Pe. Pegoraro sentado, com uma bacia enorme cheia de rúcula entre as pernas, e a reunião começava, seguia e terminava com ele pegando a rúcula com as mãos e comendo. Entre estas “*ruculadas*”, ele trouxe para nós um recado franco, direto, exigente e cheio de esperanças de Dom Paulo Evaristo, Cardeal Arns. Queria o Cardeal cristãos leigos católicos envolvidos na política. Vivíamos numa ditadura terrível. Nosso grupo do Meac era seguido nas palestras, – escondidos gravavam tudo –, pois a censura era cruel. Certa vez, após uma palestra do nosso fundador, o Neimar de Barros, chegou uma pessoa chorando e disse para ele: “Vim aqui para gravar tua palestra, para te entregar aos superiores, mas tuas palavras me tocaram muito e, ao invés de te entregar, eu estou me entregando para Jesus a partir de hoje”. Diante desta situação, Dom Paulo, o profeta da esperança, vislumbrava uma virada na política desde que pessoas cristãs, conscientes, se envolvessem nela. Pe. Pegoraro, então lança para o grupo na reunião, e depois em todas as comunidades, o desafio de escolhermos candidatos para as próximas eleições. Pelo destaque de nosso trabalho, que era na época referência entre as comunidades da paróquia, uma grande extensão onde hoje funcionam mais de 20 paróquias e era território de uma única, coube à nossa comunidade escolher, e teria o apoio das demais. Leonide foi o escolhido por sua dedicação e formação em nossa comunidade, mas também pela participação que vinha fazendo em encontros de Comunidades Eclesiais de Base e em reuniões políticas de que, pela orientação do Pe. Pegoraro, participava com um tal de Lula que despontava como um líder de trabalhadores e acenava para a formação de um novo partido político. Em 1982 e 1986 Leonide tornou-se candidato a deputado estadual por São Paulo. Apesar de boa votação, não foi eleito, mas deu-lhe uma experiência e discernimento político que transformariam a mentalidade de nossas comunidades e outras onde tínhamos oportunidade de fazer nossas pregações missionárias. Quando vieram as eleições para a Prefeitura de São Paulo, Leonide seria nosso candidato natural a vereador, mas não aceitou. Dentro de sua visão política e responsabilidade cidadã, intuiu que o candidato deveria ser o Arselino. Pois já era seu companheiro de reuniões e demonstrava conhecimento da

realidade, carisma e compromisso social para representar nosso povo. Leonide estava certo, Leonide acertou em cheio, Arselino foi eleito Vereador da maior cidade do Brasil, uma das maiores cidades do mundo. Eu perdi de uma vez só meus dois braços no trabalho de Evangelização, mas a política ganhava evangelizadores que seriam acompanhados pelo padrinho político, Pe. Pegoraro, e se tornariam nomes fortes, respeitados, admirados na política de São Paulo. Arselino está exercendo desde então o seu oitavo mandato como vereador, acaba de completar 30 anos de vida pública, tendo sido duas vezes Presidente da Câmara. Arselino e Leonide, ou melhor dizendo, Leonide e Arselino, passaram a ser uma força importante para o desenvolvimento de nossas comunidades em suas necessidades básicas, defendendo sempre os mais pobres, atendendo as reivindicações de quem quer que seja, sem nunca discriminar ninguém. O trabalho intenso desenvolvido nas comunidades da periferia, coisa que sempre fizeram na igreja, reuniões com povo para resolver seus problemas, muito mais agora, faziam estes encontros com a força e o poder que o cargo lhes conferia. Conhecedores das necessidades do povo, conhecendo suas aspirações pelo contato direto e permanente, passou o Arselino a criar leis, sendo aprovadas e postas em prática, transformando radicalmente a vida de muita gente. A cada nova eleição Arselino, candidato natural, foi sendo reeleito, e por mais sete vezes, sempre o escolhido. Adiante conheceremos um pouco mais do Arselino, da sua trajetória, com sua assessoria.

A FAMÍLIA GOSTA DE ESTAR REUNIDA

Uma das coisas mais espetaculares, bonitas, alegres e edificantes na nossa família, como já citei, são os encontros que provocamos. Qualquer coisa é motivo para nos reunirmos e fazer festa. Uma costela no fogo de chão, uma churrasqueira lotada de picanha, costelinha e outros nacos de carne, cervejeira lotada a menos de 4 graus, mesa com bacias de salada de todo tipo, polenta, pães, frutas e... muita vontade de comer e beber. Em poucos minutos, as mensagens voam pelos ares, ultrapassam as nuvens e toc toc no ouvido e no coração de um Tatto. Não importa onde



*Aos 80
anos,
Mãe
com os
irmãos
Giacomo,
Domingas,
Glória
e José*



*Mãe
e
filhos*

está, não importa a proximidade familiar, importa reunir-se. A proximidade das residências, a exemplo do sul, lá do Pardo, a fumaça numa residência denuncia churrasqueira acesa. É o suficiente para dar o alarme, hoje vai ser na casa do... e para lá se dirigem todos. Juntar 70, 80 pessoas, não precisa de muita cerimônia, de muito esforço, apenas um olhar por sobre os telhados e um clique no WhatsApp. É sempre um grande momento. Nessas horas, à medida da chegada de cada um, ficam as expectativas. Aquela desavença que a todos machuca se trans-

forma num grande abraço e muitas lágrimas, que por si só já são um pedido e uma oferta de perdão. Daí para frente é só celebrar o lindo dia que Deus nos oferece para extravasarmos todas as decepções, os desafios que a vida impõe. Mas, principalmente, é um momento para a alegria das lembranças das vitórias, principalmente nas coletivas, naquelas em que todos estiveram envolvidos. Sempre, é claro, é o momento para discutir quem trabalhou mais na roça. Esta é uma coisa que jamais será resolvida na família. O motivo é só um, ninguém tinha vontade de trabalhar na roça, era uma preguiça de dar dó. Então, qualquer coisa feita, a lembrança de uma enxadada, de uma foçada, uma lenha cortada, uma “guaxumba” arrancada, a “rampeguina” que nunca acabava, é tão traumática que surge sempre a necessidade da busca do reconhecimento. Essa briga nunca vai acabar. E não pode, senão, como podemos rir tanto? Como podemos relembrar os grandes desafios e os momentos dramáticos compartilhados e deixados para trás? Tudo é motivo de festa, tudo é celebrado como grande dom da família que, por tudo, ou por nada, quer sempre estar reunida, unida, principalmente quando as cunhadas e irmãs convidam para saborearmos suas qualidades de Chef, em seus pratos.

Foram muitos momentos em que nos reunimos para celebrar algo da família. Como costumamos brincar, uma unha encravada é motivo para os Tatto se reunirem para celebrar. Mas quando o motivo de nos reunir é festejar o aniversário de nossa mãe, aí a coisa fica séria. Ao completar 80 anos foi um destes momentos para não se esquecer mais.

MENSAGEM AOS 80 ANOS DE IGNÊS FONTANA TATTO

Caríssimos amigos e amigas.

Certamente 80 anos é uma bela caminhada, uma grande graça, uma dádiva extraordinária, uma linda experiência.

Por ter chegado até aqui, a Deus a gratidão, o Louvor e a Glória.

Como Deus é bom! Como Ele foi e é generoso!

Muito obrigada também a Nossa Senhora, nossa querida Mãe.

Não tenho dúvidas, Ela me tomou no colo muitas vezes.

Muito obrigada aos padres pela presença e pela celebração. Na minha vida, sempre tive um carinho especial pelos padres: foram muito importantes na minha caminhada, desde criança. Tê-los como amigos é uma honra. Peço a bênção de vocês.

Muito brigada ao querido amigo Dom Fernando, nosso estimado bispo. Seu carinho com nossa família é uma bênção especial na nossa vida. Obrigada por autorizar esta celebração.

Agradeço as autoridades aqui presentes.

Muito obrigada pela presença querida de meus irmãos Giácomo com sua esposa Eni, o José as irmãs Glória e Domingas. Olhar para vocês é reviver os muitos momentos de alegria que Deus nos concedeu na vida.

Agradeço à minha família pelo carinho, dedicação e amor que sempre tiveram para comigo. Meus filhos, como é bom estar com vocês!

Meu agradecimento à Vera que está comigo há 6 anos.

A todos vocês, amigos que estão aqui, obrigado pela presença, pelo carinho e amizade comigo, e com meus filhos.

Nestes 80 anos que hoje comemoro, lembro de minha juventude. Uma parte dos meus finais de semana, juntamente com minha irmã Domingas, eram dedicados à Igreja: catequese, reuniões, ensaios de cânticos. Mais tarde, a Natalina uniu-se a nós. Como foi lindo tudo isso! Lembro com alegria e saudade!

Venho de uma família que não abria mão dos valores mais sagrados: honestidade, dedicação e amor a Deus. Minha mãe nunca frequentou uma escola. Mas era muito sábia e severa na educação. Conduziu-nos na escola, na catequese, na Missa aos domingos. Nunca descuidou disso, era coisa sagrada! Com ela aprendemos a trabalhar, pois o pai tinha seu trabalho mais fora de casa.

Aos vinte anos me casei com meu querido e saudoso Jácomo. Procurei passar para os meus filhos o que aprendi com meus pais. Conforme iam crescendo, cada um foi seguindo seu caminho.

Nem por isso deixei de me preocupar. Para a mãe, os filhos são sempre crianças. Vieram os genros e noras para colorir ainda mais minha vida. São novos filhos e filhas que me presenteiam com netos e bisnetos. Pérolas preciosas, bênçãos de Deus!

Oitenta anos! Uma linda caminhada de muitas e muitas alegrias. Mas também de muita luta e sacrifícios, juntamente com meu saudoso marido. São provações que Deus nos concede, que hoje, tenho certeza, só nos fortalecem na fé.

Temos que olhar sempre para a frente, nunca olhar para trás. Temos que ter sempre esperança, que dias melhores virão. Nada, mas nada mesmo, destrói o que o amor de Deus construiu.

Hoje sou uma mulher feliz, uma mãe realizada. Vejo com alegria que meus filhos aprenderam a lição. Sabem enfrentar os infortúnios da vida com firmeza, serenidade e confiança. Já perceberam que o amor de Deus nunca falha e que a verdade e a justiça sempre vencem. Continuem assim, meus queridos, eu peço, em nome de Jesus, continuem honestos, éticos e com o olhar para os mais necessitados. Deus e Nossa Senhora não vos abandonarão.

Mas tem uma pessoa a quem quero agradecer pela força que sempre deu aos seus irmãos e irmãs e a toda a família. Nos momentos mais difíceis, sempre encontra uma solução. Obrigado, Toninho.

Estou com a consciência tranquila de ter cumprido minha missão até aqui. Estou de bem com meu Deus, comigo mesma e com todos os que me cercam. Para terminar, quero agradecer mais uma vez a Deus, e convido a todos para rezar a oração que Jesus nos ensinou.

Pai Nosso.....



84 ANOS DE AMOR

Atingir esta marca de idade, com o acúmulo de sabedoria, lucidez e espiritualidade da senhora, é motivo de rendermos graças a Deus. Sua vida tem sido uma bênção na vida de muita gente.

Cada um de nós, os filhos, certamente teremos dificuldades de agradecer tão grande dom de Deus. Quanto à senhora, dizer obrigado pela sua vida, por ser nossa mãe, por nos conduzir com tanto carinho e amor na vida. No seu rosto vemos o encanto da mulher, mãe, e amiga.

Do seu coração sentimos o transbordamento de todos os sentimentos que embelezam o ser humano. No seu olhar sempre a compaixão e a serenidade. Da sua cabeça sempre um alerta para o bem, para o cuidado e bons propósitos.

Estes ensinamentos serão sempre assimilados, em sua homenagem, em gratidão pelo seu exemplo e para perpetuar todas as suas virtudes.

Parabéns mãe, Deus olhou para a senhora mais uma vez com Seu eterno amor. Para nossa alegria e felicidade. **Antoninho Tatto**
14/03/2011.

MÃE 85 ANOS

Querida e amada Mãe

O que dizer a uma mãe que completa 85 anos com tanta candura, simpatia, serenidade e zelo apaixonada por todos nós, e pela vida? Talvez dizer que a amamos muito.

Dizer que somos felizes pelo privilégio que Deus nos concedeu de sermos parte tão importante na sua vida. Dizer que somos orgulhosos pela caminhada vitoriosa de sua vida atribulada. Falar das suas angústias vividas e superadas pela tenacidade, determinação e extrema confiança em Deus. Dizer que a senhora consegue transmitir carinho até no olhar questionador de uma traquinagem nossa. Consegue transformar a dor de um puxão de orelhas, quando erramos, numa sensação de gratidão pela lembrança recorrente de trilharmos o caminho certo. Consegue encontrar sempre em cada um de nós as virtudes, talvez esquecidas, mas recebidas do seu exemplo de vida. Consegue olhar

o panorama positivo da floresta humana, sangue do seu sangue, vida de sua vida, sem deixar de olhar a árvore preocupante. Que dizer a uma mãe que olha nos olhos e enxerga a alma? Oitenta e cinco anos!

Todo e qualquer sentimento de gratidão e alegria é pouco para externar tamanho acontecimento. Talvez uma reflexão.

A palavra ENTUSIASMO significa ter dentro de nós a força de Deus. Deus é o mais íntimo do nosso íntimo, como dizia Santo Agostinho. O que há de melhor, o que de melhor qualquer criatura deve desejar de seu criador, é fazer parte de sua mais profunda intimidade. Pois é, acho que podemos dizer que somos o mais íntimo do seu íntimo, somos o seu ENTUSIASMO, e a senhora é nosso ENTUSIASMO. Que belo presente Deus nos deu! Obrigado, Senhor! Parabéns! A senhora é 10, quer dizer, 85!
Antoninho Tatto.

MENSAGENS AOS 88 ANOS

Querida mãe.

O número 88 representa o infinito. Acima de tudo o infinito Amor de Deus por nós.

Infinita deveria ser nossa gratidão a Deus por ter-nos concedido uma mãe tão amorosa, dedicada, sensível e dadivosa. Só com muita graça de Deus compreenderemos tamanha dádiva destinada a nossa família!

Só olhando para seu passado compreenderemos o quanto sua humildade engrandeceu a sua e nossa vida. Só meditando nos passos de sua fé, veremos com nossos próprios olhos da fé, que há um Deus infinitamente misericordioso pelo qual podemos apostar tudo, pois não se deixa vencer em generosidade. O Papa Francisco diz: “Os idosos devem ter a consciência de que eles podem transmitir, de um modo privilegiado, o sentido da fé e da vida”. A senhora mãe, entendeu isso e nos ensinou. Temos a liberdade de entender e praticar. A sua missão foi realizada, a nossa é continuá-la. Que Deus nosso Senhor nos dê a graça de realizá-la.

Obrigado Deus por ter-nos dado esta mãe. Obrigado mãe por ter-nos dado este Deus. **Antoninho Tatto.**

MENSAGENS RECEBIDAS AOS 88 ANOS

Deus abençoe sua mãe pelos seus 88 anos, ela pode testemunhar a alegria desse viver pois tem uma família muito linda.
Francisco Sobrinho, missionário do Meac de Manaus.

Bom dia mano, irmão A.Tatto. Que beleza, a menina da foto, que para mim deve ter 16 anos, $(8+8=16)$, que bom, 88 anos é uma vida, uma bênção Divina. Desejo a ela, Dona Ignês, minha mãe e amiga, que os 88 anos sejam bem festejados, com pompa e circunstância. PARABÉNS MÃE, que o dia 14 de Março se repita por muitos e longos anos. Eu nesse dia estarei rezando, pedindo a Deus para que lhe conceda muitas bênçãos e muita alegria junto do MEAC e de todos os Meaquinos do Brasil, de Moçambique e de todo o Mundo. Um abraço de **Joaquim M. Mondlane e dos Dizimistas do Maputo, África.**

É com alegria que recebemos o convite para celebrar e comemorar o natalício de sua querida mãe. Em função da logística não poderemos está aí. Mas estaremos presentes em espírito e em orações, para que o Senhor a conserve com vida e saúde por muitos anos na companhia de vocês, que são filhos maravilhosos. Desejo a todos Saúde e Paz da parte de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Paz e Bem. **Carlos Pinheiro, Meac de Manaus.**

Agradecemos seu carinhoso convite. Não poderemos estar presentes, mas diga à mamãe que ela mora em nossos corações e que não faltarão orações neste dia de júbilo. Abraços, **Wagner e Célia, Meac de Assis.**

O que seria do pôr-do-Sol se não existisse eu para dizer que ele é belo? Sua mãe Ignês é linda. Diga isso para ela 88 vezes. É penitência quaresmal que deve ser feita com obediência total.
Fonseca, Meac de São José dos Campos.

Que maravilha! 88 anos!
Tenho lembranças muito gratas de tua mãe e de teu saudoso pai!

Que Deus continue conservando-a, por muitos e muitos anos, com bastante saúde, paz e muita felicidade com esta família linda que ela e teu pai formaram. Misericórdia 88! Oitenta e oito!!!!

Que bênção poder ter a mamãe do teu lado até esta idade, e saber que ela ainda muito viverá pelas misericórdias de nosso Deus! Parabéns, que ela comemore muitos e muitos anos, ainda. Agradeço o convite mas temos outro compromisso. **Cristina de O Recado Editora.**

Senhor Toninho

Não estaremos presentes fisicamente - somos dois anciãos - mas tu levarás nosso beijo para D. Ignês, desejando-lhe que viva ainda muitos anos, para nos enriquecer com seu exemplo de fé e oração. Vocês já são muitos para festejar bem vossa mãe, sogra, avó, bisavó... mulher abençoada, como garante a Bíblia: “abençoados os pais que veem os filhos dos filhos dos filhos...” Boa festa! **Manuel e Alice, de O Recado Editora.**

MENSAGEM DE 90 ANOS

Estou vivendo um momento muito especial da minha vida, comemorar 90 anos.

É um momento para agradecer a Deus e Nossa Senhora, por tudo o que me concederam neste tempo precioso. Também vivi momentos difíceis, mas sempre tive a Igreja como minha mestra à qual me dediquei sempre com muito amor. A Igreja me ensinou a confiar em Deus e Nossa Senhora.

Sempre senti uma força dentro de mim para seguir em frente, sem olhar para trás. Por isso hoje só tenho motivos para agradecer. Aos amigos, foram muitos. Sem eles, a vida teria sido mais difícil.

Agradeço a toda família, meus filhos, genros, noras, netos e bisnetos. Vocês são o meu tesouro. Obrigado a todos pelo carinho. Obrigada a todos aqui presentes, parentes e amigos, de modo especial os que vieram de longe sem medir sacrifícios.

Obrigada aos padres e autoridades, sempre meus amigos e da família. Obrigada Enio e Yolanda e filhos por mais uma vez cederem sua casa para esta festa. Agradeço ao genro Toninho e

*às filhas Oneida e Verônica por sempre cuidarem da minha saúde. Obrigada Bete por cuidar de mim durante o dia, e a você, Dalva, que fica comigo à noite. Agradeço ao meu filho mais velho, Antoninho, que ficou no lugar do pai, sempre conciliando, ajudando e encontrando o caminho certo para todos seguirem em frente. Obrigada Antoninho, você sempre foi o braço direito da mãe. A todos obrigado e que Deus nos abençoe. **Ignês Fontana Tatto***

90 anos! Que bênção, que dádiva de Deus!

Sogra querida, como é bom te ver com saúde, animada e feliz, comemorando os 90 anos como se fosse os 30. Talvez até mais animada e feliz, já que sua labuta, quando jovem, não foi fácil! Criar 10 filhos como você criou e educou, só com muito amor e sobretudo muita fé e confiança em Jesus e Maria! Sou suspeita em falar de você. Me emociono muito ao lembrar como você adotou esta baiana aqui, longe da mãe, pai e irmãos, que não tinha onde morar, me deixando morar na sua casa e me cuidando com zelo e amor! Nunca me esqueço dos lençóis de cama que me deu quando fui morar sozinha. Das suas ligações, preocupada. Você não imagina como tudo isso me fortaleceu e me fez sentir amada e acolhida. Oxalá eu pudesse retribuir tudo o que fez. Demonstrar como teu amor e como você foi importante. Agradeço a Deus pelos seus 90 anos e peço somente saúde e paz para que você continue sendo luz, sendo sal e instrumento de união entre toda nossa família! Sem a sua força, peleja, serenidade, sabedoria e amor, quem seríamos nós? Parabéns, Ignês Fontana Tatto pelos seus 90 anos de vida! Que Maria continue sendo sua Guia. **Yolanda Rocha Tatto**

Letra da Musica: “Aleluia” (Adaptação A.Tatto)

Intérprete Bruna Tatto

Bisa, eu quero cantar com amor,
o que representas para nós.
És a mais linda flor,
também a raiz que nos ensinou,
a andar no caminho do Senhor.

Aleluia, Aleluia, Aleluia, Aleluia
Aleluia, Aleluia, Aleluia, Aleluia
Quando as dificuldades vierem
Quero me sentar aos teus pés.
Mais perto eu quero estar de ti,
conhecer tua história e tua fé,
te olhar e sentir com o coração,
ouvir teus conselhos com emoção.

Aleluia, Aleluia, Aleluia, Aleluia
Quando lutas vierem me derrubar
pensando em ti eu estarei
Pois tu és o meu exemplo, oh, Bisa
E não importa onde estiver
No vale ou no monte te amarei
E pra ti eu canto a Deus glória e aleluia.

Aleluia, Aleluia, Aleluia, Aleluia
Querida, eu preciso do teu olhar
Ouvir as batidas do teu coração
Me esconder nos teus braços, oh, Bisa
Toda minha alma deseja a ti
Junto com os anjos cantarei
Tu és linda, amada, aleluia
Aleluia, Aleluia, Aleluia, Aleluia

ÚLTIMA MENSAGEM AOS 92 ANOS

Agradeço a Deus e Nossa Mãe pelos meus 92 anos. Por tudo que me concederam na vida, momentos bons, mas também momentos difíceis. Às vezes me sentia fraca e sem coragem, mas pedia a Deus e a Nossa Mãe por proteção e sentia uma força dentro de mim para seguir em frente. Obrigada pela família, pelos genros, pelas noras, netos, bisnetos e sobrinhos. Agradeço novamente ao Enio e à Yolanda por cederem sua casa para esta festa. Muito obrigada, Léia e Bete, pelo carinho que sempre tiveram comigo! A todos, que de um jeito ou de outro, me ajudam, muito obrigada! Agradeço aos padres que sempre estão nos abençoando! Agradeço ao Antoninho, meu filho mais velho, que sempre

*tem uma palavra e conselhos para dar para quem precisa!
Fico muito feliz com a nossa família e gostaria que ela continuasse sempre unida, um ajudando o outro. Se tiverem desavenças, perdoar para ser perdoado. Tenho a sensação do dever cumprido, mas se cometi alguma falha peço perdão a Deus, a Nossa Mãe e a família! Obrigada pela presença de todos! **Ignêz Fontana Tatto***

Carta de Dom José Négri



*Dom José Negri, PIME
Bispo Diocesano de Santo Amaro*

São Paulo, 15 de março de 2019

Caríssima Senhora
Ignês Fontana Tatto

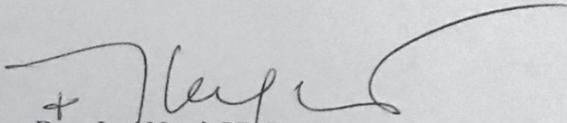
Recebi, com profunda alegria e muita felicidade o convite para participar da Cerimônia Solene, pelo seu aniversário natalício de 92 anos, a realizar-se no dia 17 de março de 2019.

Celebrar 92 anos de vida, significa para todos nós, motivo de agradecimento, louvor e júbilo. Que bom poder celebrar o dom da sua vida. Que a Santíssima Virgem esteja sempre ao vosso lado para lhe proteger, e que seu Anjo da Guarda esteja continuamente aplicado em conservar, guiar e iluminar sua caminhada.

Agradeço o convite, mas infelizmente não poderei estar presente, por compromissos assumidos anteriormente.

Receba a minha benção e o meu abraço fraterno.

Fraternalmente,


Dom José Negri, PIME
Bispo Diocesano de Santo Amaro



Av. Mascote, 1.171 – Vila Mascote – Fone/Fax: (11) 2821-8700
Cep.: 04363-001 – São Paulo - SP

Mãe!

92 anos de amor, força, dignidade, generosidade e muita sabedoria. Obrigada, Deus, por ter nos dado uma mulher tão especial como mãe! Obrigada, mãe, pelos seus ensinamentos, pelo exemplo de vida, pela paciência e pelo seu imenso amor! Parabéns pelos 92 anos de vida! Que seu maior presente seja saúde para que possamos conviver com a Sra. por muitos anos ainda. Te amo infinitamente, Ignês Fontana Tatto. **Verônica**

Mãe,

Hoje acordei com vontade de me aconchegar no seu colo, de agradecer pela sua vida, pela sua generosidade, pelo seu amor e pela sua determinação que fizeram de mim um homem melhor. A sua sabedoria trouxe a cada um de nós, eu e meus 9 irmãos, até onde estamos hoje. Foi a senhora quem nos ensinou que buscar o bem para o próximo não é diferencial, mas uma questão de caráter, de decência. Ensinou-nos que não há outro caminho senão o da justiça, o da igualdade e o da luta. Desde cedo se preocupou com a nossa educação, com nossa religiosidade e com o caminho que seguiríamos. A senhora nos encorajou a conhecer o mundo além da cidadezinha em que morávamos, a senhora decidiu que a vida poderia ser diferente para pessoas que trabalhassem com honestidade e afinco. Hoje é seu aniversário, mas somos nós que ganhamos o presente, celebrar esses 92 anos ao lado da senhora é tudo que eu poderia pedir a Deus neste momento. Te amo, minha querida mãe. **Arselino**

Sogra amada, parabéns pelos seus 92 anos!

Cada ano que passamos ao seu lado é uma dádiva dos céus. Não me canso de repetir o quanto sou grata a você por tudo que já fez por mim e minha família. Seu amor, carisma e generosidade não cabem em seu coração, transbordam e nos enchem de esperança para seguirmos na caminhada. Muito obrigada por me ensinar tanto, todos os dias! Muito obrigada por ser justa, serena e autêntica. Muito obrigada por querer viver e estar ao nosso lado, mesmo muitas vezes, com tantos sacrifícios. Muito obrigada por ser a mãe, e avó, do que eu tenho de mais precioso na vida. Tenho muito orgulho de você, pela grande mulher que é, pela sua

força, sabedoria e fé! Desculpe fazer você comer cuscuz com leite, pirão com manteiga de garrafa, fazer aviãozinho contando as 10 colheradas de comida por dia. Desculpe por ficar falando na sua orelha, e te enganar fazendo ovo misturado com a polenta, só para te deixar mais fortinha. Valeu a pena, né? Está aqui conosco, firme e forte! Eu amo você! E estarei aqui todos os dias ao seu lado, para o que der e vier! Feliz aniversário, meu bem! Deus te abençoe com saúde e paz! Que Maria te guarde e te proteja! Feliz aniversário, Ignês Fontana Tatto! **Yolanda Rocha Tatto**

Parabéns a essa mulher maravilhosa e guerreira que nos ensinou a superar as dificuldades diárias e, através do carinho, solidariedade e compreensão, o verdadeiro sentido da vida . Só tenho a agradecer pela nossa parceria nessa passagem terrestre. Te amo sogrinha. **Lucinha**

Feliz Aniversário nos seus 92 anos, sogra amada, que Deus a fortaleça todos os dias, e obrigada por ser nosso grande exemplo de fé, dignidade, humildade e coragem. Te amo, nosso presente de Deus! **Má**

Dia das mães, 12/05/19

Mãe, bom dia. Lembra?

Não era ainda, já me amava. Queria ser, aparecer, nascer. Mas tudo se fechava em escuridão terrível. Algo não ia bem, assustadoramente, não ia bem. Apoio da parteira, das amigas, todas as magias conhecidas e as promessas sugeridas, e eu insistia em não acontecer. Perdida na noite, sem entender o porquê, sua voz interior clamava por um milagre. Milagre de Santo Antônio. Mais um dele que intermediou tantos na vida. Mas ainda não era tempo, não o momento estabelecido, o marcado pelo destino ou pelo divino. Tinha que ser depois. Depois de uma madrugada de esperanças, marcada pelo medo que a experiência faz falta. Um outro dia marcado de espera, torcida, desejos e ações carregadas de boa vontade daquelas que não arredavam o pé, do pé da cama. Todas queriam ser testemunhas do nascimento daquele primo-

gênito. Mereceram ser testemunhas de algo maior, o poder da fé. Testemunharam não só o que era esperado, testemunharam o tempo mais apropriado, a hora que já estava estabelecida, a hora da Ave Maria. Sim, quando tocava o sino da capela, que unia toda a comunidade para a oração do Angelus, aquelas poucas mulheres generosas e solidárias testemunhariam, tiveram certeza, Santo Antônio intercedeu, e eu nascia. A Senhora mãe, já não chorava, não temia, nem lembrava do quanto sofreu, pois era hora da Ave Maria. Enquanto todos rezavam, em seu colo eu era depositado, e mais uma vez, agora pra sempre, seu coração batendo forte, tão forte que eu parei de chorar para senti-lo, para escutá-lo, a senhora me acolhia. Passaram tantos anos, foram tantas aventuras, tantos desafios. E agora, olhando cada minuto que passou, considerando todas as lutas, todas as tempestades, os invernos sombrios e as escuridões dos acontecimentos, a vejo prostrada, em sua saúde debilitada, esvaindo-se lentamente, como uma vela acesa, que representa e lembra a devoção convicta de que algo jamais poderá ser esquecido, mas se consome lentamente, enquanto houver um fio que alimenta a chama das lembranças vividas e da esperança que se eternizara. Sim a vejo aí, serena, calma, como naquele dia, cheia de esperança e agradecida pelo dom da vida, de que seria autora mais dez vezes, sempre com o mesmo amor, carinho e devoção, sempre com as mesmas emoções, com as batidas fortes do coração. Hoje é o nosso coração que bate forte, às vezes acelerado, mas todos com o coração feliz pelo grande dom que Deus nos concedeu: ter uma mãe tão especial. Muito especial, preservando-lhe a inteligência e a lucidez, para de tudo se lembrar, de nada se esquecer, louvar e agradecer, poder olhar para cada filho com alegria e, sorrindo, abençoar. Feliz dia das mães e... obrigado.

Antoninho Tatto

Comentário WhatsApp, Leonide

Toninho, fui o primeiro a ler! He he obrigado por nos conduzir, por trazer todos, juntar-nos aqui em São Paulo. Fui o primeiro a vir e depois você, líder nato, fez tudo! Essa oração mostra a alma humana que tem, verdadeiro salmista! Bj.

TÍTULO DE CIDADÃ PAULISTANA

No dia 14 de setembro de 2005, por iniciativa do Vereador José Ferreira Zelão, a Câmara de São Paulo lhe concede o título de Cidadã Paulistana. Mensagem do proponente Vereador Zelão.

Boa tarde. Sejam todos bem vindos à Câmara de São Paulo. É um prazer enorme estar com vocês neste dia tão lindo em que o Poder legislativo de São Paulo, por meio dos nobres Vereadores, tem a honra de homenagear Dona Ignês Fontana Tatto. Essa homenagem à senhora Dona Ignês, simboliza um novo tempo político em nosso país, quando damos mais um passo no sentido de reconhecer a força da mulher. Da mulher que cuida da educação dos filhos, que cuida do marido, da casa mas também trabalhadora, que faz dupla jornada de trabalho. Da mulher que participa da comunidade, acompanha a política, que não se cansa de lutar para melhorar a vida da família e da comunidade. Da mulher que sabe que essa luta faz mudar o país.



*Dona Ignês, não é por acaso que esta homenagem ocorre no mês em que são lembradas as lutas e conquistas das mulheres, simbolizadas pelo Dia Internacional da Mulher. É que Dona Ignês Fontana Tatto representa a força da mulher brasileira, que muitas vezes não aparece publicamente. Esta homenagem da Câmara Municipal de São Paulo, o reconhecimento da luta de milhares, milhões de mães, que fazem com seu exemplo de vida a força de nosso país. Com muita honra, senhora e senhores, apresento-vos: **Ignês Fontana Tatto***

Nascida em Guaporé – São Luiz da Casca, RS, em 14 de março de 1927, Filha de Pedro Fontana e Orelia Mezomo. Casou com Jácomo Tatto em 10 de maio de 1947 na cidade de Frederico Wesphalen, RS, no vilarejo PONTE DO PARDO, município de Frederico Wesphalen onde viveu até 1963. Inês e Jácomo tiveram 11 filhos, sendo um falecido.

Ignês, ainda jovem, ocupou-se de atividades ligadas à Igreja Católica, sendo catequista, preparando crianças e adolescentes para a Primeira Comunhão e Crisma na Capela São Paulo, em São Paulo, RS, e continuando estas atividades quando casada na capela São Francisco do Pardo, onde mais tarde, assumiria todas as atividades que envolviam a vida Pastoral da Capela daquele vilarejo, Ponte do Pardo. Desde a catequese, passando para a organização de um coral e demais envolvimento da vida de uma comunidade que o padre visitava uma vez por mês. Era ela também que acolhia o padre, preparando as refeições e cuidando de todas as roupas próprias para as liturgias, bem como dos utensílios sagrados.

Este comprometimento com a Igreja vivido e testemunhado em casa foi, com certeza, a raiz de todo envolvimento dos filhos. Em



*Mons. Vítor com catequistas e catequizandos.
Ignês a 2ª à esquerda do Monsenhor*

casa ensinava o catecismo para os filhos. Entendendo sempre serem os pais os principais catequistas. Mas tinha consciência de que a vida comunitária é indispensável para o crescimento espiritual sadio e comprometido. “É na comunidade que se desenvolve o verdadeiro espírito de participação e consciência solidária. É na comunidade que a fé deve ser vivida e testemunhada”, costuma dizer. Quando os filhos iam para as aulas de catequese, já sabiam tudo, pois durante a semana tinham aprendido em casa. Isso fazia com que se destacassem entre as demais crianças, chamando atenção até do padre quando fazia suas verificações de aprendizados. Assim Antoninho, o filho mais velho, apenas com cinco anos, se tornou o coroinha do padre. Ser coroinha naquele tempo era coisa séria, dava status, pois a missa era em Latim. Antoninho aprendeu a “responder a missa em latim”. Como nem todas as capelas do interior tinham pessoas preparadas para “responder a missa”, Antoninho acompanhava o padre, Mons. Vitor Batistella, que a cavalo visitava as comunidades para celebrar a Santa Missa, batizar, casar, etc etc. Naturalmente que a presença de uma criança, exercendo tão importante tarefa, era motivo de curiosidade e admiração. Monsenhor Vitor Batistella tinha pela família Tatto um carinho muito especial e uma grande amizade e admiração pelo Patriarca da família João Tatto com o qual partilhava toda vida da Paróquia sendo conselheiros um do outro e muitas vezes, determinando os rumos da vida política do município, sem envolvimento partidários. Eram duas lideranças inconfundíveis e até hoje lembradas com reverência na região. Pois bem, ambos, Mons. Vitor e João Tatto tinham a Ignês Fontana Tatto como a grande colaboradora, confidente e fiel defensora dos mais puros e essenciais princípios que devem nortear a vida de uma pessoa.

Todo envolvimento na vida da comunidade fazia com que Ignês se desdobrasse nas tarefas domésticas que eram muitas. Casada, permaneceu na casa do sogro que tinha muitas atividades. Loja com tudo o que era necessário para as famílias, moinho, serraria, ferraria, marcenaria, muitas roças, envolvendo centenas de pessoas que eram atendidas e alimentadas diariamente, vindas de um raio de 150 km, sempre atendidas pelas noras de João

Tatto. Ignês se destacaria também nos cuidados da administração, além de ter que cuidar da própria família que a cada ano aumentava com o nascimento de mais um filho.

Em 1963 a família se mudaria para o Patrimônio da Penha – no Município de Corbélia, no Paraná. A vida na roça era árdua. Chegando no meio do mato, iniciando os primeiros preparativos para a lavoura. Foram tempos traumáticos. Em pouco tempo acabava a comida trazida com a mudança. Graças à família de Jandira e Juvenal Bedolim, a fome não foi maior. Jácomo e os filhos precisavam trabalhar como boias-frias para trazer algum alimento para casa e conseguirem iniciar a vida. Naturalmente que os afazeres da casa e o cuidado dos animais, vaca, galinhas, uma junta de bois, tudo era tarefa que, incansavelmente, Ignês assumiu. Mulher de fé, jamais desanimou e viu a providência de Deus se manifestar muitíssimas vezes na vida da família. Leonide que já no Rio Grande do Sul manifestara desejo de estudar, agora foi para um seminário. Logo seria a vez de Antoninho. Iniciando na Penha no Paraná, seguiram para Araraquara-SP. Um ano depois, já em 1967, Antoninho deixa Araraquara e vem para São Paulo, Capital, sempre na Congregação do Verbo Divino, onde teve oportunidade de estudar. Em 1970, deixando o seminário, não volta para casa, pois a vida estava cada vez mais complicada. A pobreza era grande e os resultados dos trabalhos duros da roça eram insignificantes. A família sofria muito. Se não bastasse a pobreza, outros problemas de doenças atingiram principalmente o pai, obrigando a mãe, Dona Ignês, sempre ela, a dar conta do recado e, pacientemente, aguentar os reveses da vida. A visita dos filhos Antoninho e Leonide, por ocasião das férias do seminário, eram um bálsamo para Ignês e os filhos. Mas com a saída do Antoninho do seminário estas se tornaram mais escassas, trazendo para Ignês muitas preocupações com o futuro dos filhos. Agora era o Alceu, o Arselino que iam para o Seminário. Oneida para um convento. Mesmo assim o problema era grave pois, para pagar o seminário, obrigava a mãe a lavar a roupa de 50 seminaristas e de um time de futebol. Haja garra em uma só mulher! Mas a fé não esmorecia. Confiante sempre, orientava e protegia os filhos que eram constantemente escorraçados e humilhados.

Quanta vergonha porque não tinham calçados para frequentar a escola. Pé no chão, roupas remendadas, lá iam os filhos para a escola das irmãs, sempre alvos de chacotas e gozações.

Todas estas situações não derrubavam os valores e princípios que sempre nortearam a vida da família. Jácomo e Ignês foram sempre, reconhecidamente, tanto no sul como no Paraná, pessoas muito sérias, justas, católicos praticantes, pessoas muito do bem. Pe. Agostinho Forgerd muitas vezes dizia para os filhos no seminário: “O Senhor Jácomo é um homem admirável, muito justo e a mãe de vocês é de muita santidade”.

Em São Paulo, Antoninho iniciava com o amigo, Iracélio Perez, colega de seminário, um escritório de contabilidade. As cartas que chegavam da mãe eram só tristeza e sofrimento. Pedia socorro constantemente, mas Antoninho não tinha com o que ajudar, mal ganhava para estudar, morar em república, e comer o que era possível, quando era possível. São Paulo é a terra da prosperidade para quem não tem medo da luta. Esta era a constatação de Antoninho. Começou a trazer os irmãos, deixando os mais novos com o pai e a mãe. Os irmãos trazidos por Antoninho tinham que se virar, iniciando o trabalho como office boy no escritório ou em clientes e amigos.

Foi assim que Arselino iniciou sua vida profissional, destacando-se pela dedicação, sendo reconhecido pelos patrões, tendo oportunidades que agarrou com unhas e dentes. Alceu destaca-se na área de RH, tornando-se um ótimo profissional, sendo mais tarde convidado a ser sócio do escritório. Leonide destacava-se como funcionário padrão num Laboratório importante de São Paulo. Oneida incansável, com a garra da mãe, trabalhava em casa de famílias, cozinhando, lavando roupa, limpando as casas. Em casa, Verônica aguentava o tranco sem poder viver sua vida de adolescente e jovem como tantas garotas. Enio, Nilton, Jilmar e o caçula Jair, sofriam os últimos momentos daquela vida sem perspectivas. Mas eram bons de bola. Até nisso eram perseguidos. Enio, bom de bola, indo em caravana para mais um jogo, sofre atentado a tiros e quase morre. O hospital só libera depois que, de São Paulo, recebe a visita dos irmãos que deixam um cheque

pré datado para as despesas. Ao ser compensado o cheque, Enio teve alta. Não dava mais para aguentar! A mãe escreve cartas pedindo para os filhos ajudarem, pois a cada dia os problemas se agravavam e corriam perigo de perder “o último tesouro da família”, o pedaço de terra onde moravam. Foram anos de muita luta até que Antoninho, Leonide, Oneida, Arselino e Alceu conseguiram trazer os pais e os demais filhos para morarem definitivamente em São Paulo, “mãe terra de São Paulo”.

Chegando a São Paulo, a vida de Dona Ignês mudou completamente. Agora era só dona de casa, cuidados da casa, roupa, alimento do marido e dos filhos. Em cinco anos todos estavam encaminhados, cada um em seu emprego, estudando e, o melhor de tudo, envolvidos nos trabalhos comunitários como sempre foi a vida de Dona Ignês. Antoninho como missionário leigo, com a esposa também de nome Inês, participava numa Comunidade Eclesial de Base do Jardim das Imbuías onde o Leonide era seu braço direito. Logo também se envolveram Arselino, Verônica e Enio. Antoninho começou a ser chamado para pregar em outras comunidades, iniciando um trabalho missionário que dura até hoje. Escreve um livro baseado em sua experiência pessoal de fé que se torna, em pouco tempo, referência dentro da Igreja Católica.

A Família Tatto começa a se destacar na periferia, no trabalho junto às Comunidades Eclesiais de Base. Naqueles tempos sofridos da Ditadura Militar e de muita perseguição, os Tatto seguem sua trajetória envolvidos, cada dia mais, junto a pessoas como eles, pobres e sofridos. Orientados por padres e de modo especial incentivados pelo padre Pegoraro e por Dom Paulo Evaristo, Cardeal Arns, Leonide aceita a orientação da comunidade e se candidata à vida política. Antoninho perde seu braço direito nos trabalhos da Igreja. Arselino assume o lugar do Leonide e logo se destaca como uma das principais lideranças na comunidade. Arselino aceita ser candidato a vereador e é eleito. A família sofre as consequências por isso, sendo marginalizada na comunidade pela “fama dos políticos” e pelo envolvimento no Partido dos Trabalhadores que iniciava sua trajetória. Com a morte do pai, a mãe Dona Ignês segura as pontas mais uma vez. Mas não desiste,

sempre orientado os filhos e recomendando que, embora “falem mal de vocês, continuem ajudando a todo mundo e sendo sempre corretos em tudo, como foi o pai de vocês”. Esta recomendação foi o pilar profundo cuja raiz vem desde os tempos que ficaram para trás na pequena capela de São Francisco do Pardo.

Antoninho escreve outros livros, hoje são 14 publicações, com mais de quatro milhões e quinhentos mil exemplares vendidos, sendo hoje convidado a pregar em todo o Brasil, mais de seis mil cidades visitadas, nos Estados Unidos e em outros países da América Latina, e na África, Moçambique e Guiné Bissau. Antoninho assimilou o exemplo dos pais que, na pobreza, sempre souberam partilhar. Certa vez o padre, aquele amigo da família, fez a coleta para a festa do padroeiro. Feita a lista do que a família deveria dar de contribuição, entregou para o sr. Jácomo. Quando o padre foi embora, havia tristeza na família de Dona Ignês. Nada daquilo que o padre relacionou eles tinham para oferecer. Jácomo fez um empréstimo bancário, hipotecando a terra que tinham para comprar aquelas coisas. A pobreza era tanta que, ao retornar o padre, no ano seguinte, para nova coleta, a família não tinha ainda pago a dívida anterior, correndo o risco de perder a terra. De uma família muito rica, do João Tatto, pai do Jácomo, agora estavam nesta situação. Bem, esta é uma outra longa história, da qual faz parte uma imensa maioria do povo brasileiro, sempre esquecido e renegado pelos seus governantes.

Mas voltando ao caso, este fato revoltou Antoninho que, na época, tinha por volta de doze anos de idade, não entende a atitude do padre, homem santo e estimado por todos e, muito menos dos pais, submissos àquela situação. Carregou esta revolta e colocou-se radicalmente contra ajuda de qualquer forma para a Igreja até quando viveu sua experiência de fé mais marcante, reconhecendo ser o dízimo verdadeiramente criador do espírito comunitário, canal extraordinário de graças e fonte de alegria. Apesar de suas convicções, agora bem diferentes das que antes tinha, Antoninho ainda ousa questionar a mãe sobre a atitude submissa dos pais naquela época. “Por que vocês não disseram para o padre que não tinham aquelas coisas, que eram pobres e não

podiam contribuir”? A resposta foi simples e direta de dona Ignês: “Por quê? Você não gosta da Catedral que nós construímos?” “Sim gosto, mas não precisavam se sacrificar tanto, uma vez que éramos tão pobres!” Antoninho ainda argumenta, “eu percebi a senhora chorando naquele dia e o pai estava triste. Então não era bem assim, vocês não concordavam com aquilo, mas se submetiam. Por quê?” E mais uma vez dona Ignês responde com simplicidade. “Aquele não foi a única vez que teu pai e eu sofremos por causa disto, mas não por termos que contribuir com a Igreja, mas sim por não podermos contribuir com mais para a construção de nossa Catedral e para ajudar o Monsenhor Vitor Batistella a evangelizar”. Hoje Antoninho é que afirma: “Aquele comportamento dos nossos pais é responsável por tudo o que hoje acontece na nossa família. O exemplo dos pais norteia nossa família. Hoje temos convicção de que tudo o que fazemos para nós mesmos, acaba com a nossa morte, o que fazemos para os outros, se eterniza.

Dona Ignês é o fio condutor de toda esta trajetória que tem nos filhos, hoje vereador, deputado, secretários, empresários, missionários, ambientalistas, políticos ou não, a continuidade de sua história. De tudo ela participa, em tudo ela interfere. Continua orientando e questionando muito, e sempre repetindo: “Deixem que falem, desde que vocês tenham a consciência tranquila, vão em frente”.



Mensagem da homenageada

Senhor Presidente, amigas e amigos.

Todos sabem que não sou mulher de discursos, de muitas palavras. Perdoem-me, portanto, a informalidade.

Em primeiro lugar, agradeço ao Vereador José Ferreira Zelão, pela iniciativa de me conceder este título tão importante, de “Cidadã Paulistana”. Agradeço a todos os vereadores que concordaram com a ideia, aprovando a indicação. Agradeço às autoridades e a cada um que está aqui. Para mim e meu saudoso marido Jácomo Tatto, não foi fácil deixar o Paraná, depois de ter deixado para trás o Rio Grande do Sul. Viemos para São Paulo, pois dos 10 filhos, 8 já estavam aqui. No Paraná, terminado o ginásio, nossos filhos não tinham como continuar os estudos. A pobreza não permitia. São Paulo foi a terra escolhida. Graças a Deus. Fomos muito criticados por deixar os filhos virem para São Paulo. Diziam: “Agora que os filhos podem trabalhar na lavoura e ajudar os pais, vão embora”. Sofremos muito com isso. Mas não queríamos que eles tivessem uma vida tão sofrida como a nossa. Nosso consolo, era que eles estavam todos juntos e unidos aqui em São Paulo. Hoje sou uma mãe realizada. O sofrimento valeu a pena. Meus filhos continuam juntos e unidos. Cada um deles demonstra gratidão por São Paulo, dedicando suas vidas em benefício do próximo. Se isso não acontecesse, não teria valido a pena. Acompanho sempre as notícias nos jornais. Fico triste quando coisas desagradáveis acontecem. Peço a Deus todos os dias para que os ilumine. Que o trabalho que eles fazem seja bom para eles, para São Paulo e para o Brasil.

*Eles sabem qual é a filosofia de nossa família: “O que fazemos para nós mesmos, acaba com a nossa morte. Mas o que fazemos para os outros se eterniza”. Mas esta não é minha história, não é a história de nossa família. Somos apenas uma das tantas famílias que São Paulo acolheu e acolhe com amor. Esta é a história de muitas famílias, que para aqui vieram de muitas partes. Por isso ofereço este título a todas as mães migrantes, que sofreram ou ainda sofrem, por seus filhos. Em nome de todas, agradeço do fundo do meu coração. Muito obrigada. **Ignês Fontana Tatto***

Mensagem do Deputado Estadual Enio Tatto

“Nobre vereador Zelão, muito obrigado por esta homenagem. Você não sabe o tanto que a gente se sente satisfeito e orgulhoso por esta homenagem, que só poderia partir de alguém que tem a mesma origem da nossa família e que veio brigar nesta grande cidade, que o recebeu tão bem e hoje é um dos representantes da população neste Parlamento.

Falar desta homenagem para a nossa mãe é muito difícil, talvez nos emocionemos. Todos vocês, com certeza, teriam o mesmo entusiasmo em falar da mãe de vocês. Só quero dizer algumas coisas que nossa mãe, essa guerreira que está recebendo esta homenagem hoje, fez para criar dez filhos. Tínhamos uma pequena propriedade, uma junta de bois, uma vaca de leite e algumas galinhas no terreiro, e foi justamente com isso que ela conseguiu criar os filhos, com muita dificuldade. A vaca de leite ajudava no sustento nosso; com alguns litros de leite que sobravam, ela fazia algumas peças de queijo. As galinhas no terreiro também ajudavam no nosso sustento; os ovos que sobravam ela recolhia todos os dias para vender. E a junta de bois era o único meio de a gente trabalhar na roça e conseguir o sustento, numa monocultura daquela época. A coisa mais importante que ela deu aos dez filhos foram os estudos, justamente fruto desses ovos que ela recolhia pelo terreiro, dos queijos que fazia e do leite que ela vendia. Era dali que saía o sustento nosso, o pouco dinheiro para comprar os tênis, os chinelos, os shorts, o material escolar. Naquela época não havia o Programa de Renda Mínima, que hoje tem a cidade de São Paulo, do Presidente Lula, que atende as famílias carentes e que fez um bem enorme, dando um complemento para aquelas pessoas. Essa guerreira segurou as pontas e foi a sua força de vontade que, com certeza, fez com que muitos de nós, seus filhos, nascêssemos um dia ou dois antes de ela estar na roça com uma enxada, com um arado, trabalhando. Por isso é uma mulher guerreira. Essa é a força dessa mulher. Lembro esses fatos aos senhores porque, se hoje a gente ocupa cargos públicos, se hoje a gente defende a popu-

lação, principalmente a mais carente, é graças a essa educação, a essa força de vontade, a essa luta que ela nos ensinou. Isso é a coisa mais importante da vida de toda a nossa família. Esse é o exemplo que a gente carrega para sempre, e que nós queremos transmitir para nossos filhos, para nossos netos e para todas as gerações. E o trabalho nosso no dia a dia é baseado justamente nessa luta, nessa força de vontade que ela transmitiu para nós. Parabéns, mãe! Obrigado por tudo o que a senhora tem feito para nós. Só posso prometer que vamos tentar carregar por toda a vida o exemplo da senhora e o exemplo do nosso pai, que não está presente hoje, e passá-lo para as gerações futuras”.

O Presidente da Câmara Municipal, Arselino Tatto: Quero agradecer a todos que aqui compareceram, de modo especial ao vereador Agnaldo Timóteo com sua bela e emocionante mensagem à nossa mãe, cantando para ela esta belíssima canção Mamãe. Temos um irmão, o primogênito, que depois que nosso querido pai se foi, assumiu um papel fundamental na nossa família, o de nosso orientador espiritual. Gostaria que o Antoninho Tatto fizesse o seu pronunciamento, encerrando esta homenagem. Por gentileza, Antoninho, queira ocupar a tribuna.

Antoninho Tatto: “Para isso eu não estava preparado, mas falar da nossa mãe não é difícil, porque conhecemos quase tudo dela. Digo quase tudo, porque mãe – mulher – sempre nos surpreende



na sua capacidade de amar. A mãe, já foi dito aqui hoje, significou tudo isso nas nossas vidas. Não precisa dizer mais nada a respeito dela. Uma das coisas mais importantes que ela colocou no nosso coração, que nos deu fundamentos sólidos e razão para a luta, para o destemor, e para tudo de bom que algum dia alguém da família fez, foi o amor e o temor a Deus. Isso ela ensinou para a gente desde os primeiras palavras. Foi nossa primeira catequista e professora. Mãe, a senhora pode ter certeza de que nenhum dos seus filhos vai esquecer: Santo Anjo do Senhor, a oração do Anjo da Guarda, e como nos ajudou! No dia a dia, vamos descobrindo a importância da sua proteção na nossa vida. Há, se não fosse ela... Mãe, a senhora é muito bonita, a senhora é muito grande. A senhora representa as muitas mães sofredoras que lutam pelo bem dos seus filhos, e a luta não foi vã. É pena, é lamentável, Deus não permitiu que seu companheiro estivesse aqui, mas tenho certeza de que hoje ele está aplaudindo a namorada, a noiva, a esposa e está feliz por perceber a sua grandiosidade. A senhora assumiu o papel dele. Obrigado. Deus a abençoe, e continue sendo esse testemunho para todos nós. Muito obrigado”.

TUDO PASSA

Após a comemoração dos 92 anos tivemos ainda a graça de conviver com nossa mãe de forma muito intensa. Mas era notório seu enfraquecimento físico. Sua mente continuava aguçada, sempre alerta e atuante. Foi um período de despedidas pois não deixava passar uma oportunidade sem as devidas recomendações a cada um dos filhos que a visitava. Imagino que tenha, a cada um, recomendado algo especial e necessário para a boa convivência após sua partida. Certamente cada um guarda bem, com suas reservas, cada conselho, cada palavra como herança única, pessoal de um dos maiores tesouros, palavra de mãe. Guardarei para sempre no meu coração as recomendações, os cuidados que me sugeriu a ter, os nomes de pessoas que pedia de modo especial para serem cuidadas, para que tivéssemos paciência e caridade. Ficam marcados em mim e Fernanda os momentos em que levávamos a comunhão aos domingos de manhã, após ela

ter assistido a missa pela Rede Vida e TV Aparecida. Ela aguardava aquele momento da comunhão com muita ansiedade. Sempre comentava o sermão dos padres e tinha um prazer especial em ouvir Dom Brande de Aparecida. Diariamente assistia a missa diretamente do Santuário da Vida, da Rede Vida, acompanhava Pe. Robson. Não abria mão do programa favorito, Inezita Barroso e Sr. Brasil com Rolando Boldrim. Aqueles momentos foram memoráveis. Ela aproveitava para me contar coisas que buscava lá no fundo de suas lembranças. Algumas serviram para encontrar motivação para este livro, pois não podiam ficar esquecidas na nossa história sem prejuízo daquilo que é a essência de uma vida, de uma família. Uma família sem memória perde seus valores e não oferece base para a construção de novas e necessárias histórias que valham a pena.

Nos últimos dias, já bastante debilitada, já não lhe interessavam os alimentos de que sempre gostou. Forçada e pelo carinho das pessoas que faziam de tudo para que se alimentasse, experimentava uma coisa ou outra, pouca coisa, desde que seu cálice de vinho docinho estivesse junto. Oneida, Verônica, Yolanda, Beth Rocha, quanto esforço para mantê-la alimentada. Ela sabia reconhecer e agradecer.

Aguardava a visita do sobrinho Jair com a esposa Dilce, pelos quais tinha um grande carinho. Estiveram presentes e solidários nos últimos três dias.

Nos últimos momentos de lucidez naquele entardecer da vida queria saber notícias de muita gente: Nica, Nei, Acelino e tantas pessoas queridas.

Mas há o curso natural das coisas, há para tudo seu tempo e o tempo do apagar das memórias chegou também para ela. Seus últimos dias, já sem dar sinais exteriores de que estava consciente, percebia-se que o fim estava próximo. Em sua agonia, houve como que um mutirão de providências para evitar seu sofrimento. Foram muitas as manifestações de carinho e cuidados de todos, filhos, netos, bisnetos, cada um querendo fazer algo para prolongar aquela presença tão necessária. Já não são os cuidados médicos os mais necessários nestas horas, e sim os cuidados de que só o coração é capaz. E nesta empreitada assis-

timos a ações marcantes. Como não lembrar e agradecer o carinho e providências do Dr. Salah Osman, nosso querido amigo e irmão de nossa amada cunhada Adli. Não mediu esforços para dar à mãe qualidade de vida nos seus últimos instantes de vida, movimentando toda sua estrutura hospitalar, enfermeiras, médicos, unidade móvel, e sua presença, para todo tipo de exames necessários. Tudo isso, sem nenhum custo, pelo simples prazer de amar, pelo carinho que sempre demonstrou por nossa mãe. Acompanhou a mãe nos últimos instantes, deixando todas as condições e orientações necessárias para quem estivesse com ela durante aquelas noites intermináveis, cheias de incógnitas e medos. Não podemos esquecer das providências e atenções carinhosas de todos os netos e netas. Nas últimas horas, seguindo as recomendações do Dr. Salah, o neto Lenin se entregou completamente aos cuidados da avó, sendo na madrugada do dia 3 de junho de 2019 a testemunha do último suspiro. Encerrava-se, nesta hora, um capítulo importante da jornada da família Tatto na história.

MENSAGEM DE DOM FERNANDO ANTÔNIO FIGUEIREDO

- Missa de corpo presente de Ignês Fontana Tatto -

Aqui estamos rezando por nossa irmã Ignês. A morte e a tristeza, sem dúvidas. O contato físico e a presença da outra pessoa que ficava sempre junto a nós, que conhecemos, que amamos, sentimos, sentimos a ausência. Mas como cristãos, jamais o desespero. Porque a morte não é o desfecho final da vida. É uma passagem, passagem para a eternidade de Deus. Passagem para uma vida, e uma vida muito mais plena. Essa vida que todos nós desejamos e, presente já no nosso coração. Esta paz, quem não a tem? Esta serenidade, quem não a deseja? Todos, todos, todos nós. E portanto nós diríamos, passando desta para a vida eterna, a vida não é tirada, a vida é transformada. Uma vida nova, uma vida em Deus. Mas essa vida nova, essa vida em Deus tem seu início aqui, já entre nós. E com isso nós podemos dizer, com a morte, Ignês está diante de Deus na sua identidade. Revestida, não no corpo glorioso. Só no final dos tempos. Mas revestida do corpo transfigurado. O corpo de Cristo transfigurado. Um novo

corpo, portanto, uma nova realidade. Esse novo corpo espiritual foi sendo gerado na sua vida através dos seus atos de bondade, de carinho, de ternura. Não só para com seus filhos, seus netos e parentes, mas sempre ela ali acolhedora, com aquele sorriso que realmente transmitia carinho, afeto e amor. Assim foi a Ignês, assim foi a Ignês! E por isso, este corpo transfigurado, gerado, gestado diríamos, ao longo de sua vida, na sua morte desabrocha. E, portanto, nesta identidade, ela, ela mesma, aí está em Deus, sem dúvida, sem dúvida diante do Senhor olhando por todos, por vocês filhos. Olhando por vocês netos, bisnetos, parentes. E nós aqui olhamos para ela, ela aqui, sem dúvida rezamos por ela, pedimos por ela, e ela intercede por nós. A fé nos diz que um dia lá estaremos todos reunidos nessa comunhão em Deus. Como nos diz São Paulo na sua epistola, uma nova realidade, um mundo novo. Um mundo do amor, da misericórdia. Não esqueçamos disso, jamais. Está escrito no coração de cada um de nós, a bondade de Deus, que criou e viu que tudo era bom. A marca está aí presente, correspondamos ali, estaremos nós também ali gerando este corpo transfigurado, este corpo espiritual que Ignês recebeu. O corpo glorioso, corpo transfigurado desde já, que Ignês recebeu. Jamais esquecerá os que passaram na sua vida. E todos nós temos ali uma marcazinha, um sinal. E tudo isso preservado no seu amor, no seu carinho. E tudo isso levado à eternidade de Deus e apresentado ao Pai, pela intercessão da Mãe, derramando bênçãos e graças em nossa vida. Por isso dizemos, Ignês obrigado, muito obrigado pela sua vida, muito obrigado pela sua dedicação, muito obrigado pela sua família, muito obrigado pelo carinho que teve para conosco. Rezamos por você, você intercede por nós. União que não desaparecerá jamais. Porque esta união se estabeleceu em Deus e em Deus nada existe a não ser eterno. Portanto, esta amizade, este amor, esta união, se eternizam em Deus. Obrigado.

O ÚLTIMO OLHAR

Ao ser depositada em sua derradeira morada, a presença daquela multidão, familiares, amigos e muitas autoridades, exigia de nós uma palavra de agradecimento. Olhando para aquele caixão que

baixava lentamente, olhei para todos os lados, vi meus irmãos que olhavam para mim. Entendi o recado e disse: Agradecemos a presença de todos neste momento da família Tatto. Creiam, não estamos tristes, estamos com saudade. Não deste corpo, que foi o instrumento de comunicação que Deus usou para que nós conhecêssemos nossa mãe, que pudéssemos amá-la e sermos por ela amados. Não teria sentido sentir saudade deste corpo, pois aqui está. Não é isso que importa e sim sua alma que continua viva e para sempre. Essa é nossa fé, essa é a fé que ela nos legou com a graça de Deus. Sabemos que vive, e onde está não haverá mais sofrimento, só alegrias. É desta Ignês que sentimos saudade, do seu amor, da sua generosidade, do seu carinho, seus conselhos, suas carícias, suas lutas sem nunca murmurar, enfim, seu grande exemplo. A todas as manifestações de carinho, nosso agradecimento.

Yolanda Rocha Tatto

Dona Ignês amava viajar, visitar parentes, amigos e conhecer lugares. Mesmo com a limitação física após o acidente, bastava o mínimo de encorajamento para que ela fizesse as malas. Foi





assim que conheceu Petrolina-PE comigo, e andou de chawlana sobre o Rio São Francisco.

Em 2018, após uma visita aos parentes na Penha e Corbélia-PR, topou seguir de carro para rever Foz de Iguaçu e as Cataratas. Foi lindo!

Em novembro de 2012, nos seus 85 anos, após alta de uma de suas internações, decidimos levá-la para realizar dois sonhos de sua vida: Ir a Roma e a Fátima. Foram: Enio, eu, Dona Ivete, Oneida, Karlla, Carmen e Carlos para Roma. Em Fátima,

juntaram-se ao grupo: Verônica, Sérgio e Vanessa. Ninguém acreditava que seria possível fazer uma viagem tão tranquila e tão emocionante.

Em Roma, andamos por tudo, praça São Pedro, Coliseu, Fontana de Trevi, Museu do Vaticano, os túmulos dos papas, rezou junto ao túmulo de São João Paulo II.

Em Fátima, a emoção foi maior. Nossa Senhora de Fátima é sua Santa de devoção. Estar presente onde tudo aconteceu foi indescritível. Tudo chamava a atenção, de tudo pedia explicações, tudo se transformava em oração. Visitamos o bairro e as casas onde moravam Lúcia, Francisco e Jacinta, os três pastorinhos, guardiões dos segredos de Fátima. Estar ali, representava também um milagre. Durante toda a longa viagem, nenhum sintoma de quaisquer doenças existentes. Nenhum desconforto, nenhuma reclamação. Ninguém se queixou de cansaço. Andávamos o dia todo, e quando chegávamos aos hotéis, ainda havia fôlego para lembrar das histórias vividas durante o dia, com direito a tacinha de vinho e cervejinha geladinha. “Bem pouquinho, o médico liberou”! Foram dias de emoção, gratidão e oração. Foram dias felizes e alegres.

Sua última viagem, em dezembro de 2018, também foi a seu pedido. No Natal de 2017, falou: “Se no Natal de 2018 eu estiver viva, quero passar em Ubatuba, na casa do Enio e Yolanda. E assim foi feito. Lembrando na volta de Ubatuba, só eu, ela e minha mãe Ivete no carro, 240 km de conversas. Paramos no restaurante “A Comadre” que ela amava, onde tem fogões a lenha. Ela não conseguiu descer do carro. Fiz o prato dela e, almoçamos as três no carro, no estacionamento do restaurante. Rimos muito porque ela falou: “Quem disse que eu não ia conseguir almoçar fora?”

MENSAGENS À FAMÍLIA

Daiane Cristina Casarotto Poser

No dia em que sepultamos a mãe, fomos direto do cemitério para sua casa. Lá, sentamos na varanda cercados por suas plantas e tomamos chimarrão. Lembramos de muitos momentos, rimos. E assim ela nos manteve unidos. Não posso me colocar no lugar de nenhum de vocês, primo, mas imagino o que estão sentindo. A tia Ignês, assim como a mãe e a tia Minga, foram mulheres admiráveis. Fortes, amorosas e corajosas. A ausência física causa saudade, mas a essência delas está em nós, em nossos filhos, netos e bisnetos. E jamais se perderá. Elas partiram serenamente, mesmo tendo sofrido, porque elas se prepararam espiritualmente a vida toda. Elas fizeram o suficiente. Foram exemplo de conduta e amorosidade. Foram para outro plano para descansar plenamente. Serenas. Sábias. Inesquecíveis. Intensamente amadas. Deus sempre as conduziu. E Ele nos fortalece. Beijo no coração de cada um de vocês, família Tatto.

Val Fontana

Antoninho, tenho uma lembrança muito viva de um momento que mostra como a tia sempre foi agregadora e generosa. Eu estava passando férias na casa dela, na Penha, e o tio chegou da Penha e trouxe uma carta tua. Ele não abriu a carta, ela não abriu a carta. Depois do jantar, com todos sentados ao redor da mesa, ela calmamente abriu tua carta e leu para a família toda ouvir. Jilmar, Nilto e Jair eram bem pequenos, mas a atitude dela me

marcou para sempre. Não teve ansiedade, não teve curiosidade. A carta, simplesmente, ficou esperando o momento da família toda reunida para que todos juntos ouvissem notícias tuas e dos outros irmãos que estavam longe.

Michel Franco

Vida eterna... Nosso grande objetivo. Você, Antoninho, é um homem de fé. Sempre! Nas poucas conversas que tivemos você plantou uma semente em minha vida. Hoje eu sou um homem 100% comprometido em crer na vida eterna.

Vânia Sponchiado

Toninho, tenho certeza de que nossas mães partiram, com o coração apertado por nos deixar, mas com a leveza e serenidade do dever cumprido. Tia Inês é um anjo que irá continuar iluminando a todos a quem amou. Você, que sempre foi o braço direito dela, que acolheu e encaminhou as nossas famílias, será o principal herdeiro do seu legado, será o ponto de apoio, união e equilíbrio, para essa grande família! Permaneçamos no cuidado e amor, uns pelos outros. Beijos.

Afonso Legorio

É isso Antoninho, você, como um servo de Deus, entendeu muito bem o que sua mãe soube transmitir para todos vocês, você em especial, de uma vida dedicada a servir a Deus. Na teologia e gente estuda uma matéria chamada escatologia, a vida futura, ou seja o outro lado da vida após essa passagem, e sua mãe viveu bem essa passagem aqui, se preparando para a vida futura com Deus. Para uma pessoa saber compreender isso hoje, é muito difícil. Na vida de oração sua mãe concretizou uma realidade que todos vocês testemunharam: como ela se preparou espiritualmente para este momento de passagem para o encontro com o Pai. Ela deve ter compreendido e lido as cartas do Apóstolo Paulo: se ela não leu, mas viveu o pleno evangelho de Jesus Cristo, compreendeu o plano salvífico de Deus e a obediência de Nossa Senhora. Enfim, temos mais uma grande intercessora no Céu intercedendo por todos nós. Eu sei que no coração de todos vocês vai estar sempre viva em tudo o que ela fez por todos vocês. Força, meu

amigo, sua mãe agora está na glória. Continue com sua dedicação a servir a Deus, porque é Nele que venceremos todos obstáculos, inclusive de um dia estar no Céu. Saudade da genitora, tristeza jamais. Deus abençoe todos vocês e conforte o coração de cada um de vocês.

Fátima Tatto

Fiquem bem, queridos primos, continuamos em oração, e que Deus conforte seus corações pela perda de uma santa mãe amorosa e educadora da paz para a família de bem, como vocês são. Vocês são o nosso exemplo a seguir. Ao Antoninho, nosso primo, e a nosso pai, devemos gratidão pelos conselhos que sempre nos deram.

Ilene Tatto

Mulher exemplo de oração, de amor dedicação. Acolhedora. Ensinou e educou uma grande família que é exemplo e orgulho na família Tatto. Agora é só seguir seu exemplo de mulher guerreira e de bem. Vai fazer falta. Descanse em paz, tia querida.

Loraine Tatto

Nossa querida tia Ignês Fontana Tatto foi para perto de Deus e nos deixou um grande exemplo de vida. Ela nos contagiou com sua afetividade, seu amor pela vida e pelas pessoas, seu otimismo, sua força em conduzir sua linda família, sua fé e sua conduta sempre correta e digna. Seus exemplos permanecerão para sempre na família Tatto. Nossos profundos sentimentos. Luiz, Loraine, Rafael e Rafaela.

Fátima Tatto

Que belo e forte depoimento de amor do Dom Fernando para a tia Ignês. Tudo que ele falou é verdade. Ela foi uma Santa aqui na terra e será no céu também. Sempre dando o seu testemunho de oração, coragem animadora, e uma líder guerreira que semeou tanto amor, esperança não só para sua família, mas para nós sobrinhos. Quanta força e conselhos ela nos passava quando conversava conosco em suas visitas a nossa casa. O pai e a mãe tinham grande estima pela tia e o tio e toda a sua família. Sabemos que vocês fo-

ram a família Tatto que mais nos aproximava e nos valorizava. Antoninho, nós, aqui no Pardo, muito sofremos com as demais famílias dos irmãos do meu pai. Tudo por ele sofrer da triste doença do alcoolismo. Nós sempre fomos desprezados e olhados com olhos de diferenças, que nos afundavam cada vez mais. Mas o testemunho de fé que nossos pais nos passaram serviu para nossa superação. Estudamos, fomos superando as dificuldades e sempre primamos pelo respeito e a solidariedade. Sabemos que temos histórias em comum, conforme a Neida me falou. Primo, nós o estimamos como nosso pai pelos conselhos com que sempre nos orientou colaborando em nossa superação. Obrigada por tudo. A tia, junto de Deus, está intercedendo por nós aqui na terra. Como meus pais estão no céu, intercedendo também por nós. Fique bem. Força, e nossa estima e admiração. Abraço fraterno.

Luiz Gonzaga Jesus

Meus queridos cunhados, Antoninho e Alceu, não perdemos nossas mães... elas ganharam o Céu... Dona Ignês vai deixar saudades, seu sorriso inconfundível e seu bom humor são marcas que não se apagam... Com certeza está nos braços da mãezinha, rodeada por nossos entes queridos. Minhas orações e um beijo no coração, queridos!

Fradão

Que os anjos a recebam.... e os santos a acolham... louvemos e glorifiquemos ao Senhor por tudo o que ela viveu... fez e ensinou... Foi receber o prêmio... a coroa dos justos... a herança... Viva Jesus!

Floriano Lins (Foi membro do Meac por muitos anos)

Há perdas que estão além de nossas leituras sobre vida e sobre morte. Uma mãe que adotei, e que agora nos será protetora no regaço eterno. Nos encontraremos, com certeza!!! Força e paz a todos, na certeza de que a luz de Dona Ignês continuará brilhando através de vocês.

Wagner Pedro Menezes (Missionário do Meac)

Seu coração de filho ainda está sensível à dor da perda, mas o Espírito CONSOLADOR há de lhe ungir com o bálsamo de seu

grande amor, em especial quando seu sopro aliviador encontra eco na disponibilidade de um coração missionário; como o seu.

Missa de 7º dia, MENSAGEM DE PE. ANTHONY

Hoje celebramos o 7º dia de falecimento de Ignês Fontana Tatto que viveu 92 nos. Há poucos dias a fui visitar, estava acamada, ela fez um grande esforço para sentar a fim de receber a Santa Comunhão. Fiquei impressionado. Uma mulher que, quando ficou viúva, lutou bravamente como pai e mãe para cuidar dos filhos que estão aqui. Que Deus abençoe cada um, netos, bisnetos. Ela se dizia realizada. Até agradeceu imensamente pelo programa na Rede Vida, pela catequese, o que ela assistia, além de duas a três missas. Com certeza está no céu orando por todos nós. Como Jesus disse claramente, “quem crer em mim viverá”. Quando ela esteve aqui nas missas, usando muletas, participando do dia das mães, ela usou a palavra para animar as outras mães mostrando o trabalho que ela tinha feito, a luta, a coragem, sua confiança em Deus e Nossa Senhora como está escrito na lembrança.

Após a Missa de 7º dia, a família reunida recebe o apoio e carinho do Pe. Anthony.

Antoninho acolhe a todos.

Quero agradecer a presença de todos aqui, de modo especial, a Yolanda e o Enio que nos recebem desta maneira, mesa farta, preparada sempre com carinho, com amor. Nada mais gratificante para quem está no céu olhando para nós. Com certeza, muito feliz por este tipo de homenagem. Queria agradecer, de modo muito especial, a este homem, o Pe. Anthony. Quantas vezes ele veio trazer a unção dos enfermos para a mãe! Quantas vezes veio rezar com a mãe. Vocês viram o carinho do Pe. Anthony hoje, a homenagem bonita que ele prestou à nossa mãe. Durante a homilia, num conjunto harmonioso com o Evangelho, com o acontecimento do dia de hoje, Pentecostes, ele envolveu a história da mãe. Por quê? Porque é algo real, algo natural. Vocês perceberam que não é nada forçado. Nós que conhecemos o Pe.

Anthony e conhecemos a mãe, sabemos como é algo natural. Ele nos lembrou algumas coisas muito bonitas da mãe. Primeiro lugar, por que uma pessoa recebe a Unção dos enfermos? Normalmente as pessoas, erradamente, chamam o padre quando uma pessoa está morrendo. Aí temos os preconceitos. Dentro da nossa família tem isso. Esse preconceito, “não chama o padre senão vai morrer”. Temos que entender, de uma vez por todas, o que significa o sacramento da vida. Não se fala mais Extrema Unção, como alguém falou, é Unção dos Enfermos. São ministrados os Santos Óleos. É um sacramento, como Dom Fernando falou. No último dia, depois que ministrou os Santos Óleos, disse olhando para a mãe: “Senhor, que este sacramento, se não for para restaurar, que seja para que se manifeste a Vossa Misericórdia”. Este é o sentido do sacramento!

E a mãe, que recebeu este sacramento, tantas vezes, começou pelo sr. José Eduardo que, embora com saúde debilitada, percorria à pé mais de três quilômetros para levar a comunhão, Pe. Anthony e também por Dom Fernando, quando estava lúcida, e quando não estava mais lúcida, teve o mesmo efeito pela pré disposição de sua alma. Todos os domingos, quando eu e Fernanda trazíamos a comunhão para ela, como nos lembrou Pe. Anthony, ela se colo-



Dom Fernando ministra os Santos Óleos

cava da melhor maneira possível, com a maior devoção respondia às orações e fazia sua comunhão com uma interiorização incrível. Era gratificante ver como ela se compenetrava, como ficava. Então, muito obrigado, Pe. Anthony, pelas suas palavras, obrigado a vocês por tudo isso. E esta lembrança, seja sempre a lembrança de uma mãe sempre sorrindo, uma mãe que, com certeza, acabou com todo sofrimento.

Agora desejamos ouvir o Pe. Anthony. “Por tudo o que ela viveu, não deve haver tristeza: saudade sim, por tudo o que representou; para cada um, filhos, familiares, netos, bisnetos, todos aqueles que conviveram com ela. Sempre, desde que a conheci, ela nunca reclamou! Sempre sorrindo, fazendo e aceitando a vontade de Deus. Batalhando bastante, tentou ao máximo viver na alegria, muito mais na alegria dos filhos do que dela. Uma mulher livre



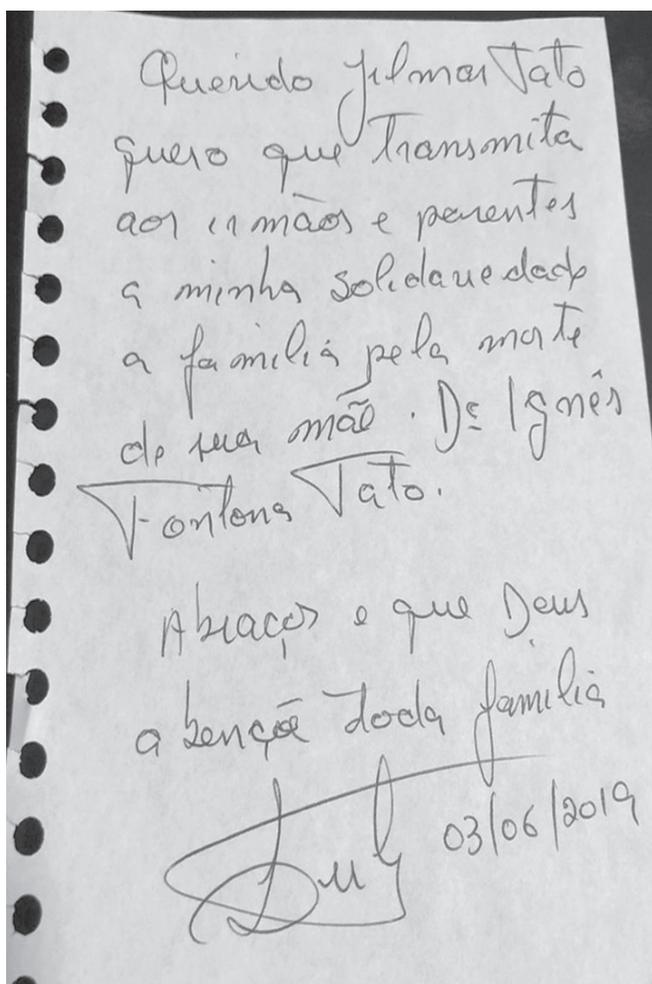
para amar a Deus. Não estava preocupada com nada, aí mostrou o desprendimento, o abandono e a confiança em Deus. Uma vez viúva, me disse, que fez o papel do pai e de mãe. Sempre disse que Antoninho, como filho mais velho, ajudou muito a reestruturar a família e que foi melhor depois que a família veio para São Paulo. A luta continuou e Deus abençoou a cada um até chegar ao pon-

to de se estabelecerem na vida. A fonte, a origem principal foi a misericórdia de Deus. Nunca podemos desligar da intimidade com Deus. E esses laços familiares são uma história, a vida dela, a serenidade. Como vimos, ela estava como que dormindo. É isso que faz a intimidade com Deus, a vida em Deus. Isso agora cada um deve viver o exemplo dela. Não é para lamentar porque Deus a levou, pois um dia todos nós vamos voltar para a casa do Pai. E como São Paulo diz: combati o bom combate, guardei a fé... Então, quando uma pessoa morre, não é o fim, não acaba, mas é uma nova etapa, é transformada. Dona Ignês viveu uma vida em perfeita comunhão com Deus. Então, o que devemos fazer é orar por ela, e ela está intercedendo por nós. Quando eu trabalhei com Madre Teresa de Calcutá, eu sabia que ela era santa por aquilo que ela fazia, o que ela transmitia para as pessoas. Assim nós conhecemos as pessoas, por aquilo que fazem. Ela morreu em paz, por isso não devem ter tristeza, saudade sim por tudo o que ela fez por cada um”.

HOMENAGEM NA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Presidência dos Srs. Eduardo Tuma e Ricardo Nunes. Secretaria do Sr. Reis. Tem a palavra, pela ordem, o nobre Vereador Arselino Tatto. Antes, transmito as condolências desta Presidência e dos Srs. Vereadores em função do falecimento de sua mãe, Sra. Ignês Fontana Tatto.

O SR. ARSELINO TATTO (PT) - (Pela ordem) - Sr. Presidente, Sras. e Srs. Vereadores, quero agradecer a gentileza de V.Exa. em me conceder a palavra. Em nome de Jair Tatto, meu irmão, quero agradecer todo o carinho, os telefonemas, os e-mails, as palavras de apoio pela passagem de nossa mãe, no dia de ontem. Ela deixou dez filhos; 27 netos e 24 bisnetos e muitos amigos, graças a Deus, não só da Igreja, mas dos movimentos populares e sindical e dentro do Partido. Ela era filiada ao PT desde janeiro de 1984. Quero agradecer a todos os Srs. Vereadores desta Casa pelas condolências. Vários encaminharam coroas de flores, telefonemas e muitos fizeram oração. Agradeço também a presença lá dos Deputados Padilha, Campos Machado, Freitas, do PSL; Mentor,



Bilhete do Lula

Devanir, Luiz Marinho, Presidente Estadual do nosso Partido; Paulo Fiorilo, Deputado e também nosso Presidente. Agradeço os telefonemas de toda a Bancada do PT; do ex-Prefeito Gilberto Kassab; do atual Prefeito, Bruno Covas. Agradeço a coroa de flores e o bilhete do Lula, de quem minha mãe gostava muito; do Secretário Cury; do Annenberg; as presenças dos Vereadores José Police Neto, Alfredinho, Alessandro Guedes, Reis, Senival, Suplicy; Andrea Matarazzo, que na Rádio Capital fez uma menção em relação à família. Alguns Srs. Vereadores se dirigiam para o

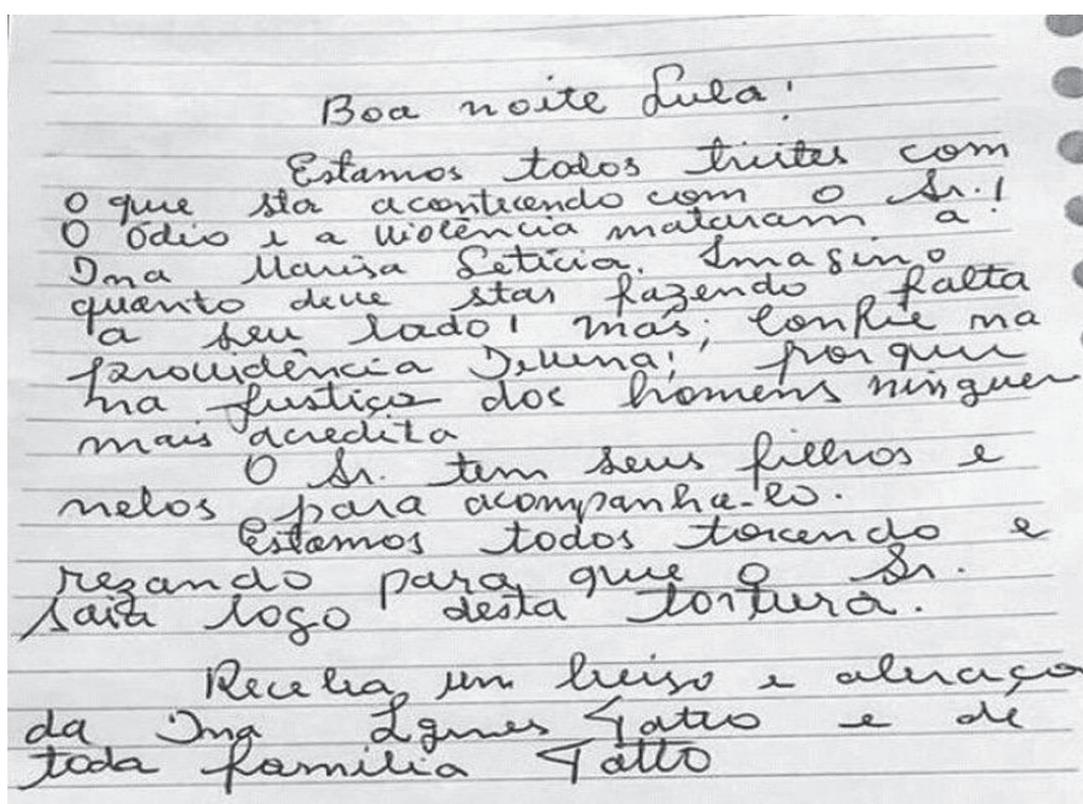
enterro hoje, pois não sabiam que foi ontem; foi muito rápido e nós não tivemos como prorrogar.

Eu vou falar a todos o seguinte: eu não estou triste. Eu estou só com saudade, porque minha mãe era uma mulher de Deus, uma mulher que nos ensinou a frequentar a Igreja. Somos católicos praticantes desde cedo. E quando saía alguma matéria ruim no jornal em relação à nossa atuação política, ela era a primeira a puxar a nossa orelha. E ela tinha uma mania de toda a manhã ler a Folha de S.Paulo. Não sei porque, mas ela lia, e ela fazia as críticas. Então, foi uma militante e eu sei que ela está no céu com o meu pai, Jácomo Tatto. Isso é o que interessa. Mas o que me deixa muito feliz é o seguinte: aqui, nesta Casa, apesar das diferenças políticas que temos, todos expressaram carinho, gratidão, sentimento de apoio. É isso que interessa. O Deputado Kim Kataguiri me telefonou. O Vereador Fernando Holiday mandou

mensagem para o Jair. Obrigado ao vereador Police Neto pelo requerimento de inscrição em ata de Voto de Pesar, assinado por todos os vereadores desta casa. Agradecemos o Voto de Pesar do vereador George Hato. Nestes momentos é que sabemos que todos nós somos iguais. Ninguém é melhor que ninguém. Isso é o que interessa. Temos um Deus. Aqueles que não acreditam em Deus, nós respeitamos, mas o importante é que é isso o que nos dignifica, é isso o que nos deixa bem. Eu estou muito bem por dentro, e eu sei que o Jair, os meus filhos, os meus netos e meus irmãos todos também estão bem. Sr. Presidente, muito obrigado por V.Exa. ter feito essa gentileza. Muito obrigado a todos e fiquem com Deus. E a luta continua.

O SR. PRESIDENTE (Eduardo Tuma - PSDB) - Vamos proceder a um minuto de silêncio, em homenagem póstuma à Dona Ignês Fontana Tatto.

A mãe tinha muito carinho pelo Lula. Ficou muito triste quando foi preso. Dizia: “Muitos que fizeram pouco para os mais pobres e aprontaram muito, estão soltos. Ele que salvou tantas vidas está preso. Por que o Lula está preso depois de tantas coisas que fez e tantas vidas que salvou da miséria?”.



Boa noite Lula!

Estamos todos tristes com o que sta acontecendo com o Sr. O odio e a violencia mataram a Dona Maria Letícia. Imagino quanto deve estar fazendo falta a seu lado, mas, confie na ferocidade de Jurema, porque na justiça dos homens ninguém mais acredita.

O Sr. tem seus filhos e netos para acompanhá-lo. Estamos todos torcendo e rezando para que o Sr. saia logo desta tortura.

Receba um beijo e abraço da Dona Ignês Tatto e de toda família Tatto

JÁCOMO TATTO

Na vida temos tendências que, muitas vezes, distorcem uma realidade que é maior e mais importante. Se colocarmos nosso dedo em frente a nosso olho, não vamos conseguir enxergar bem o dedo e o que está à nossa frente. À medida que afastamos o dedo do olho, vamos tendo uma melhor visão dele. Mais ainda, começaremos a enxergar bem muitas coisas, antes e depois do dedo. Quanto mais distanciamos nosso dedo do olho, mais nitidez teremos de tudo. Muitas vezes precisamos afastar um pouco da nossa vida aquilo que temos como problema e empecilho de felicidade. Este foi um grande problema do nosso relacionamento com o pai. Desde pequenos fomos acostumados a ver o problema dele, o alcoolismo, muito próximo. E por causa deste problema, uma doença que não tem cura, não olhávamos em nosso pai a riqueza interior deste homem. Toda sabedoria, que tinha muita, toda sua luta para formar uma família, a dedicação que sempre devotou cuidando das coisas do nosso avô, a busca da realização dos sonhos sonhados quando jovem junto à eterna namorada Ignês, a fama de homem bom, honesto, correto, amigo e solidário, tudo isso não era observado ou percebido. Fomos enganados pelas aparências e pelas observações que faziam de nosso pai por ignorância, muitas vezes, por inveja tantas outras e, principalmente, pelo mau caráter dos malvados. Os que só espalham lixo e convivem com ratos, jamais descobrirão o perfume das flores e a beleza dos que cultivam jardins.

OPORTUNIDADE DE ESCOLHA

Cada ser humano é dotado de dons, talentos, vontade e o livre arbítrio, para fazer escolhas. Nestas escolhas residem os fracassos ou a superação e a redenção. O meio ambiente é munição farta para detonar ou enaltecer quem quer que seja. É preciso discernimento para enxergar as possibilidades de afastamento daquilo que é pernicioso, que destrói. Discernimento é dom de Deus. Quem o busca e está aberto para recebê-lo tem armas fortes para vencer o mal. Deus nos deu a possibilidade de ver, em nosso pai, as riquezas que tinha escondidas e só se revelaram quando

foi amado. Estando em São Paulo, com a convivência em ambiente novo, com os ânimos renovados pela presença de toda família reunida depois de tantos anos, pela oportunidade de trabalho e do reconhecimento dos seus talentos, tornou-se um homem novo. Marido bom como nunca tivera sido. Romântico? Não o vimos demonstrar. Nunca o vimos dar para nossa mãe uma flor. Mas em toda vida, vimos sempre, em todos os lugares, milhares de flores que cultivava, as rosas suas preferidas, certamente para encantar os olhos e o coração do seu amor. Como era bonito olhar para seu jardim! Como cuidava dele e como fazia de suas flores atos de louvores. Gostava de colher muitas das melhores e mais bonitas rosas e levar para a igreja para enfeitar os altares. Certa vez, na Penha, no Paraná, a paróquia recebia um padre que veio fazer uma série de pregações, um missionário. Certo dia, exemplificando nossa vida cristã, pegou uma rosa muito bonita nas mãos, tirou algumas pétalas e jogou para o alto. “Estas pétalas tiradas da rosa, jogadas fora, simbolizam nossas negligências nas coisas sagradas de Deus. São virtudes que logo murcham e desaparecem”. Tirou mais pétalas e continuou jogando fora com desprezo, simbolizando nosso afastamento dos valores essenciais que empobrecem ainda mais a rosa. No fim tirou todas as pétalas amassou nas mãos, simbolizando que seremos presas fáceis daqueles que não nos amam.

O resultado é apenas uma lembrança triste e feia, um caule sem graça daquilo que um dia foi uma linda e encantadora rosa. Olhou para o público que acompanhava atento sua pregação e, por fim, olhou para aquela que era uma rosa, e pediu desculpa por ter estragado tão linda flor, e agradeceu a quem a tinha cultivado. Nosso pai, no meio daquela multidão, certamente, sentiu o coração vibrar de entusiasmo, pois ele era o agricultor zeloso daquelas flores. Mas ninguém sabia, a não ser o padre e a zeladora da igreja. Conheciam o Jacó alcoólatra, não conheciam seu coração, seus talentos, seus dons e seu amor. Este segundo Jacó, é que nós, os filhos, descobrimos quando chegou a São Paulo. Foi com este pai amoroso, virtuoso e bom que convivemos nos poucos anos que pudemos partilhar da sua e nossa nova vida. Faleceu em 4 de abril de 1985, vítima de um carcinoma maligno que o fez sofrer

muito, mas que suportou sem murmurar, paciente e conformado deixando-nos um grande vazio, uma tremenda saudade.

O QUE IMPORTA NA VIDA

De tudo na vida podemos extrair essências, coisas boas. Como não lembrar com carinho e gratidão das pessoas que mais cuidaram do pai doente? A mãe e o Jair foram os que aguentaram barra maior. Só não foi pior pelo carinho e amor das noras, Graça, então esposa do Leonide, que o acompanhava muitas vezes para a radioterapia e depois quimioterapia, e a Izabel então, esposa do Arselino, ajudando nos cuidados em casa e fazendo curativos. O pai tinha carinho muito especial pelas noras e elas por ele. Gratidão ao nosso primo Orestes que acompanhou o último suspiro, momento sofrido de nosso pai. Uma pessoa a que devemos muito nos cuidados do pai foi nosso amigo e saudoso Sr. Luiz da farmácia. Não media esforços, muitas vezes de madrugada, para cuidar do pai.

Depois do falecimento do pai, ficaram as lembranças, as boas lembranças de sua jornada. É isso que importa, a essência, nunca as aparências. Quantas vezes Leonide e eu conversamos sobre o caráter do pai, das coisas simples que nos ensinava, na base da bronca, mas eram ensinamentos importantes para não serem discutidos e sim observados. Como certa vez, quando estávamos brincando perto da nossa casa, que tinha na frente uma área muito grande, como pátio da nossa casa, da casa do nosso avô e da ferraria. Pois bem, neste lugar nosso pai estava atravessando, indo de uma casa para outra quando ouvimos tropel de cavalos. Olhamos e, apavorados, assistimos pai e filho surrando nosso pai com “suiteiras”, um cabo de madeira com um pedaço de couro de aproximadamente um metro amarrado na ponta. Com isso batiam no nosso pai que tentava escapar. Mas os cavalos o cercavam e continuavam batendo impiedosamente. Depois, às gargalhadas, foram embora correndo com os cavalos. Nosso pai, lentamente, foi se dirigindo para nossa casa; estava muito machucado. À noite, muito revoltados, Leonide e eu comentamos à mesa e, com raiva, citamos os nomes dos agressores xingando-

os. Nosso pai disse: “Nada disso, são da família, merecem respeito.” Ensinou-nos uma grande lição, a verdade sempre vencerá. Mas isso só descobrimos mais tarde quando os agressores reconheceram que foram injustos e cruéis.

Ao completar 126 anos da vinda do nosso bisavô Martino, com seus filhos Vitorio, José e nosso avô João, nosso pai foi homenageado, com uma placa comemorativa, dando seu nome ao Estádio de futebol do Pardo.

HOMENAGEM A JÁCOMO TATTO

Abertura com Antoninho

Agradecemos a honra da presença de todos, do Mons. Leonir, do Prefeito José Panasso. Mãe, agora é só alegrias. As lágrimas são naturais, são normais, mas é para regar seu coração. Um coração grande, que precisou de mais espaço, no Paraná e depois São Paulo. A senhora saiu daqui, naquele dia, chorando. Como lembramos, como foi um momento angustiante e triste. Hoje a senhora pode deixar tudo isso para trás, pois a senhora foi regando esta terra daqui até o Paraná e depois São Paulo com

sua generosidade. Criou dez filhos que hoje estão aqui para homenageá-la de modo muito especial, com muita honra, muita alegria pela presença de todos eles e principalmente pelo trabalho que todos eles desempenham, pela unidade e pela família que cada um está construindo a exemplo da família que a senhora construiu. Então, hoje, como disse na igreja, o teu namorado, o noivo e eterno marido Jácomo



Tatto está sendo homenageado com seu nome aqui, “Estádio Jácomo Tatto”. Muito obrigado, mãe, por tudo o que a senhora fez para a gente; que Deus continue abençoando e que lá no céu o pai esteja nos olhando agora feliz da vida. Por que eu digo no céu? Porque eu tenho certeza, pelo exemplo que ele foi, pelo homem justo e por tudo aquilo que ele transmitiu para nós, eu tenho certeza que é um homem salvo. Um homem de fé que transmitiu tudo isso para nós. Somos muito orgulhosos de ser filhos de Jácomo Tatto, netos de João Tatto.

Palavras do Jilmar

Eu tive o privilégio de visitar, com minha esposa Adli, a cidade de Feltre que fica no Norte da Itália, Província de Beluno. Foi de lá, mais propriamente de Lasen, que veio nosso bisavô Martino com três filhos. Ainda hoje residem Tatto por lá. Uma região muito bonita, e, por incrível que pareça, muito parecida com esta região aqui do Pardo, região montanhosa, com produção de uvas. Esta saga da família Tatto, que veio para o Brasil, faz parte dos imigrantes que formaram o Brasil. No dizer de Darci Ribeiro, o Brasil é uma nova Roma. Mas uma Roma tropical. Portanto, ela é sofrida mas ao mesmo tempo alegre porque sua formação é de Italianos, Poloneses, Africanos, Japoneses, Portugueses e tantos outros povos. Este caldeirão de culturas fez o povo brasileiro. Talvez por isso hoje o Brasil é exemplo para o mundo de como se devem enfrentar as crises. O Brasil hoje está crescendo, gerando empregos, distribuindo renda. Por isso, de nossa parte, vamos continuar a trabalhar. Podem contar conosco em Brasília. A dificuldade de colocar uma lembrança de Frederico Wesphalen na sala do prefeito, é que depois vem o prefeito de Vista Alegre, de Palmitinho, de Caiçara e ficam chateados. Risadas... Mas não tem problema, esta réplica da Catedral de Frederico Wesphalen vamos colocá-la na sala como nossa homenagem. Tem aqui o nosso primo Elton Tatto que não sai de lá, do gabinete em Brasília. Risadas...

Mãe, parabéns. A senhora e o pai conseguiram criar dez filhos. Eu e a Adli temos dois filhos, o César e a Fernanda. É difícil criar dois. Vocês criaram dez, que estamos hoje aqui para homenagear nosso pai Jácomo Tatto que trabalhou aqui, e fez com que seus

filhos estudassem aqui e depois no Paraná. Eu nasci no Paraná e também o Jair, o irmão mais novo, e depois em São Paulo, naquela selva de pedra. Com trabalho, honestidade, com amor e oração a gente consegue viver alegremente. Às vezes com tristezas. Mas estas tristezas servem para nos fortalecer, para enfrentamos as dificuldades da vida. Isso é que é bonito. E não tem coisa melhor no mundo, um dia como hoje, ensolarado, para festejar a vida, festejar a alegria. Não tem coisa melhor que a alegria. Viva o povo brasileiro, viva os Tatto, viva Frederico Wesphalen, viva o Pardo. Palmas...

Palavras do Enio

Bom dia a todos aqui presentes, aos ouvintes da rádio Luz e Alegria. É um momento de muita alegria. Estamos aqui, depois de quarenta e três anos. Eu tinha apenas três anos. Quero falar para vocês desta grande festa, desta homenagem ao pai e à mãe, de toda a família, porque aqui começou tudo. Eu diria que tem três pilares disto tudo. Primeiro, como foi colocado, o pai e a mãe. O pai, homem trabalhador, justo. A recordação mais importante, mais bonita que tenho dele, além do trabalho, é que esse homem nunca enganou ninguém. Antoninho sempre usa a palavra justo. É a palavra mais adequada para simbolizar o pai. A mãe, essa guerreira que teve a preocupação o tempo todo com os filhos, com a família. Aquela mulher que pegava dúzias de ovos, galinha, queijo e salame e ia vender para comprar comida muitas vezes, mas, principalmente, para comprar material escolar, para colocar a gente na escola, para não deixar a gente sem estudar. Isto serve de lição para todos nós e para toda esta garotada que esta aqui. Estudem, se preparem para a vida. Só assim a gente consegue vencer. Outra coisa, além do pai e da mãe, a gente tem o Toninho. Como é bom na família ter uma pessoa como o Toninho. Todos os irmãos são maravilhosos. Mas este daqui, colocou a gente no bom caminho. Tudo o que a gente tem hoje, toda a formação que a gente tem hoje e esta homenagem, eu diria Antoninho, você é o cara. Você nos ajudou e continua nos ajudando. Na maioria das vezes, quando a gente está bem, quando está alegre, momentos de felicidade, de conquistas, a gente não procura o Toninho. Mas o Toninho a gente procura nos momentos

difíceis, nas dificuldades. Isto serve para todos nós irmãos, com certeza. Na hora em que as coisas estão complicadas, na hora dos nossos problemas, a gente procura sempre o Toninho. Toninho é nosso pai que hoje todos nós recordamos. E, depois, dessa estrutura, baseados nessa família, do pai, da mãe, do irmão mais velho, a nossa luta no Paraná, como pequenos agricultores e depois a ida para São Paulo, com toda luta e sofrimento, a gente também ficou do lado daqueles que precisavam de São Paulo. Mesmo porque a gente morava numa região onde não tinha luz, asfalto, água encanada e ônibus. Aí começaram nossos trabalhos sociais conforme a formação que sempre tivemos dentro da Igreja Católica. Trabalhando com o povo, organizando o povo, pensamos em dar um salto de qualidade quando surgiu a proposta do nosso querido Presidente Lula de criar o partido dos trabalhadores. Aí foi um momento muito importante da nossa família em São Paulo. Aí eu diria, o Leonide foi o grande percursor disso. Juntamente com o Arselino, começaram a militar no partido dos trabalhadores, aí entramos também e ajudamos a fundar. Aí juntamos os dois trabalhos. O trabalho cristão, com a fé que nos alimenta, aquilo que a gente aprendeu com a Bíblia, com os ensinamentos de Jesus Cristo, e o trabalho social.

Hoje sou Deputado Estadual no terceiro mandato, o Arselino já está no sexto mandato como vereador que mais apresentou e aprovou leis no município de São Paulo. E temos a alegria do Jilmar como Deputado Federal, escolhido na bancada do PT com mais de 80 deputados, como líder do partido em todo o Brasil. Isso é um pouquinho de história. Eu diria que esta história vem do berço, vem daqui. A gente está em São Paulo, estivemos no Paraná, mas a gente nunca esquece deste cantinho daqui, onde a gente nasceu. A gente não esquece do Rio Grande do Sul, de Frederico Wesphalen e do Pardo. Portanto, prefeito, Mons. Leonir e todos vocês amigos, é uma grande alegria da gente estar presente aqui hoje. Só queria chamar a Yolanda aqui, esta morena bonita, a Karlla, a Carmem e o Carlos para que todos conheçam nossa família. Não adianta a gente falar da família que é a coisa mais importante se não apresenta o que temos de mais saudável. Bom dia a todos, obrigado por esta homenagem, e boa festa a todos. Um beijo no coração de vocês.

Palavras de Ignês Fontana Tatto

Bom dia a todos. Em primeiro lugar quero agradecer a Deus por eu estar aqui. Agradecer ao padre por nos abençoar. Agradecer a toda a família, a todos os que organizaram este encontro, os parentes que vieram de longe, os amigos daqui. Foi uma emoção muito grande encontrar a todos. E que Deus nos proteja ao voltar para São Paulo, todos com saúde. E obrigado meu Deus por tudo o que houve aqui no Pardo onde vivi metade de minha vida, depois no Paraná que foi um lugar abençoado e São Paulo também. Obrigado, Senhor, e que Nossa Senhora nos proteja.



Palavras do Monsenhor Leonir

Penso que todos estão aqui na grande expectativa de ver os atletas de São Paulo jogar com nossos daqui de Frederico. Não vou me alongar muito, pois vocês falaram tão bonito. Só queria pedir a proteção de Deus para esta comunidade e para vocês que fazem um trabalho muito bonito em São Paulo. A gente é sabedor disso. E também, em nome da mãe de vocês, dizer da nossa alegria, como padre, termos tido uma caminhada com um filho da senhora, que é um grande missionário. Não só de São Paulo, mas nos quatro cantos do país. Um homem que levou a fé, a esperança a muitas e muitas famílias que estavam desanimadas e sem esperança. E a nossa paróquia da cidade de Fre-

derico foi agraciada com seu trabalho missionário. Nós agradecemos a Deus, em primeiro lugar, por ter colocado a senhora neste mundo e ter dado à luz a dez filhos que são a sua alegria, a nossa alegria e alegria de todos. Por isso o Senhor esteja convosco. Desça sobre todos os presentes, todos que estão em casa acompanhando pela rádio Luz e Alegria, sobre esta quadra de esportes que serve para o lazer, e que tem muito a contribuição desta família, a bênção de Deus todo poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo. Amém.

Homenagem a Jácomo Tatto em São Paulo

Por diversas vezes surgiram iniciativas para homenagear nosso pai Jácomo. É impressionante como seu pouco tempo em vida, em São Paulo, chamou a atenção das pessoas, principalmente as mais simples, que o conheceram e gozaram de um pouco da sua intimidade. Como a comunidade dos moradores do Jardim das Imbuias que aprovaram uma ata desejando solicitar da Prefeitura de São Paulo o nome da Rua a que pertence a sede para Rua Jácomo Tatto.

“Nós, abaixo assinados, moradores da Rua Afonso de Albuquerque, e a Sociedade de Amigos Jardim das Imbuias e Adjacências, solicitamos a mudança do nome da rua acima citada, para JÁCOMO TATTO. Seria o mínimo que poderíamos fazer para homenagear um colaborador incansável de nosso bairro”. (*Seguem 82 assinaturas*)

Em 2018, por iniciativa do filho Arselino, então vereador da cidade de São Paulo, foi inaugurado um CEI, Centro de Ensino Integrado, para mais de 1.200 crianças na Av. Paraventi - Jardim São Paulo, levando o nome de “CEI Jácomo Tatto”.

Lá estivemos, representando a família com a presença de nossa mãe. Nem todos os irmãos puderam estar presentes, como o próprio Arselino, por ser ano de eleição. Obedecendo o que estabelece a lei, em ano de eleição candidatos não podem participar de atos públicos como este. Mas no céu certamente Jácomo estava olhando com alegria e agradecido para todos os filhos e feliz por

aquele aparelho de ensino, uma das suas paixões na vida como professor que foi. Parabéns pai.

INÊS JESUS E ANTONINHO TATTO

O começo de uma vida a dois traz revelações. Inês descobriu um marido que não era nada daquilo que viu durante o namoro e noivado. Os carinhos, a dedicação, educação, respeito e palavras bonitas e encantadoras, as atitudes românticas, não voltariam a acontecer. Nem tão pouco os bilhetinhos apaixonados. Começa a revelação de um marido machista, mandão, desbocado, que não admitia ser contrariado e muito menos desobedecido. Todas aquelas atitudes que eu detestava em meu pai, quando estava embriagado, contra minha mãe, eu agora repetia, sem embriaguez, por pura ignorância e mau caráter. Eu não precisava ter motivo para arranjar uma briga em casa, apavorando a todos. No começo apenas Inês e a Nêche, mais tarde também os filhos. Qualquer coisa que acontecesse no trabalho, na faculdade, no trânsito ou mesmo que não acontecesse nada, me levava a buscar culpados dentre os que nem sabiam o que estava acontecendo, os de casa que, calados, ouviam e, apavorados, assumiam toda e qualquer imposição. O que mais me deixava nervoso e revoltado era o fato



da Inês nunca retrucar, nunca se impor, nunca responder a meus ataques e xingamentos. Muito pelo contrário, sempre procurava me tratar ainda com mais carinho. Não era medo não, era o modo de ser dela, carinhosa sempre e em qualquer circunstância. Diante das minhas imposições, sempre me dava razão, sempre dizia, você tem razão. Certa vez, ela sugeriu que fôssemos para a praia, pois fazia muito tempo que não íamos com as crianças. Eu imediatamente disse que não, que deveríamos fazer uma visita ao Parque do Ibirapuera. Ela respondeu: “Sim, vai ser bom para as crianças e para nós”. E lá fomos nós passar um belo dia de passeio no Ibirapuera. Claro, eu sempre emburrado, cara feia. Passado um tempo, ela sugeriu mais uma vez que retornássemos ao Parque do Ibirapuera. Eu disse que não, que deveríamos ir à praia. E ela, mais uma vez, me disse: “Sim, você tem razão, na praia é melhor, as crianças precisam e faz bem tomar banho de mar, o sal, aquele ambiente, aquele ar seria realmente bom para todos nós”. O mais incrível é que ela encontrava argumentos para concordar comigo. “Sim, Antoninho, você tem razão, você está certo, seja como você achar melhor, concordo com você”. Sempre ela me dava razão. Eu tinha consciência de que não tinha razão, que não estava agindo de forma normal, correta. Mas a arrogância, aliada à prepotência, a vaidade e orgulho eram fortes aliados para transformar-me numa pessoa amarga dentro de casa. Foram muitos os episódios tristes que protagonizei em casa, e muitas vezes até em público, diante de pessoas que nem nos conheciam, causando muita vergonha e constrangimento para a Inês. Certo dia, um sábado à tarde, retornando de uma partida de futebol, talvez naquele dia tenha tomado umas caneladas a mais, cheguei a casa e logo arranjei uma briga, xingando todo mundo e ameaçando a Inês, como fazia na maioria das vezes. Ela, sem entender a minha atitude, como sempre permaneceu calada, sentada no sofá da sala, cuidando de umas roupas das crianças que estava consertando. Como ela não reagiu às minhas provocações, ameacei agredi-la. Ela, assustada, disse: “Tudo bem, não se preocupe, está tudo certo, você tem razão”. Um pouco envergonhado, muito pouco, como sempre ficava quando eu tinha estas atitudes, me afastei. Fiquei um tempo numa sala onde tinha montado um pequeno escritório, com minha biblioteca e coisas de esti-

mação e onde fazia meus escritos, principalmente preparando os trabalhos da Igreja. É isso mesmo, eu trabalhava na Igreja, viajava fazendo pregações, era missionário. Fora de casa, com as outras pessoas, “bela viola, por dentro pão bolorento”. Depois de algum tempo voltei para a sala. Inês continuava com seus cuidados, calada, serena, tranquila. Me aproximei meio sem jeito e disse: “Olha Inês, desculpa (deve ter sido a primeira vez que eu pedi perdão na vida) aquilo tudo que te falei. Sabe? Às vezes eu penso que sou um idiota”. Ela me olhou com muito carinho e disse: “Sim, você tem razão”. E continuou sua tarefa em silêncio. Aquele foi o momento da graça. Percebi que, toda vez que a Inês dizia que eu tinha razão, não significava que a tinha. E agora ela tinha razão de dizer que eu tinha razão, pois me reconhecia como perfeito idiota que era.

Travei uma guerra interior, relembro tantos momentos de perturbação dentro de casa, por nada. Calado, mas muito envergonhado, buscava dentro de mim o porquê de tal comportamento durante tanto tempo. Nada justificava. Embora tentasse mudar e, silenciosamente, a Inês me ajudava muito, compreendendo e sempre me apoiando nas dificuldades que tínhamos no dia a dia, a falta de dinheiro em casa para muitas coisas de que precisávamos, as dificuldades no escritório onde trabalhávamos, pois todo início é difícil, eu tinha minhas recaídas. Um dia estávamos no quarto e comecei a xingar a Inês, falando muitos palavrões e culpando-a por muitas coisas que não davam certo, ou que eu achava que não estavam dando certo, em nossa vida. Ela, como sempre, silenciosamente, me olhava e ouvia. Depois de ter falado todas as besteiras e, talvez, esgotado o repertório das idiotices, virei para ela e perguntei. Por que estamos brigando? Ela, levantando os ombros, e com as duas mãos espalmadas para cima, disse: Não sei! Foi quando me dei conta e disse: Olha, Inês, o diabo está se metendo entre nós. Vamos fazer o seguinte, vamos rezar um Pai Nosso e depois continuamos a briga. Ela veio ao meu encontro, nos abraçamos e começamos a rezar o Pai Nosso e, à medida que a oração avançava, fomos diminuindo o ritmo, rezando bem devagar, para durar mais. Quando terminamos de rezar, permanecemos abraçados por um bom tempo. O resto do

dia foi maravilhoso. Daquele dia em diante, toda a vez que eu começava com minhas bobagens, olhava para a Inês e, lá estava ela olhando-me, esperando para um abraço e a oração do Pai Nosso. Passado muito tempo, contei este fato numa reunião do nosso grupo missionário. Um dos missionários estava noivo, e eles brigavam muito. Ele me disse naquele dia: “Antoninho, o que você está fazendo com a Inês é muito bonito. Vou propor para minha noiva de rezarmos um Pai Nosso cada vez que a gente começar a brigar”. Depois ele me contou que, só naquele dia, rezaram cinco Pais Nossos. Casaram, tiveram filhos, constituíram uma família muito linda.

Nesta época estávamos envolvidos em atividades pastorais na comunidade Nossa Senhora Aparecida, uma comunidade pequena, muito pobre, que tinha suas reuniões e celebrações num barraco pequeno. Cabiam no máximo 25 pessoas. Minha sogra, Maria Antônia Leonel, era uma das fundadoras e sempre me convidava a participar. Eu sempre me esquivava. Um dia resolvi participar de uma reunião de conselho. Conselho, palavra bonita, imponente, indica importância, comando. Pensei comigo, vou ver como é a tal da reunião de “Conselho”. Chegando ao local, percebi que era minha sogra, um senhor, também fundador, o Agostinho, o Padre Davi (Omi) e Ir. Cecília. A decepção foi grande e imediata. Só pensava em sair, ir embora, cuidar da minha vida e não perder tempo com coisas tão insignificantes. Houve leitura do Evangelho que seria do domingo. Depois, cada pessoa do “Conselho” dizia o que sentia, o que entendia e tinha absorvido daquela mensagem. Falaram todos. Propositadamente ou não, ninguém me interpelou. Só quando todos tinham falado, o padre Davi olhou para mim e disse: “E você, o que acha de tudo isso?” Bem revoltado eu disse: “Não acho nada, acho que é tudo bobagem o que vocês falaram, dessa maneira não vão criar comunidade nunca”. “E como você acha que deveria ser” - perguntou a Ir. Cecília. E eu tive uma grande oportunidade de calar e acabar aí com toda a história. Mas não, desatei a falar muita coisa, muita bobagem, apresentando muitas propostas, ideias que nunca tinham passado pela minha cabeça e, de forma desrespeitosa, deixava claro que cada pessoa que lá estava era incompetente, e não conseguiriam

êxitos na formação de comunidade. O Pe. Davi que admirado ouvia tudo, talvez assustado com minha falta de educação, tomou a palavra e disse: “Este é nosso problema, não sabemos como continuar, temos dificuldades de entender e programar as ações necessárias. Você não poderia vir amanhã, na missa, e passar todas estas ideias para toda a comunidade? O silêncio foi profundo, todos queriam a resposta. Eu, “esperto” que só, disse que sim. Logo imaginei aquela multidão, todos prontos para me ouvir, para beberem de toda minha “sabedoria”.

O orgulho e a vaidade são os piores conselheiros de todo bobalhão. No dia seguinte lá estava eu, Inês, minha sogra, meu cunhado Luiz, o padre, a Irmã Cecília, seu Agostinho e, talvez, mais umas quinze pessoas. O padre me apresentou e todos ficaram atentos às minhas propostas. Como é possível que o padre e a irmã, e mesmo minha sogra, tenham aguentado ouvir tudo o que disse? Mas ouviram e, como que combinado, me aplaudiram seguidos por toda aquela multidão de mais quinze pessoas. O melhor estava por vir: no final daquela missa haveria eleição do novo Conselho e eu passei a ser o Presidente daquela comunidade. Eita, agora sim, eu era importante: Presidente de comunidade! Eu tinha um



Galaxie, aquele carrão enorme, preto. Quando chegava à favela, ops, na comunidade, bem, era na favela, arrasava. Chamava atenção, pensavam que era um magnata, um rico. Começaram aparecer muitos curiosos na igreja, ou melhor, no barraco, para ver o dono do carrão. E lá estava eu presidindo a celebração, como “ani-

Barraco da Comunidade N.Sra. Aparecida

mador da comunidade”. Foram tempos importantes, muitos jovens foram atraídos por um motivo ou outro e, por sua vez, os jovens passaram a convencer os pais a participar. Formamos um grupo de jovens, MAC, Mocidade Ativa Cristã. Os pais desejavam ter também seus momentos, seus encontros, formamos o Macão. As crianças começaram a participar da catequese e também diziam que precisavam fazer encontros iguais aos dos jovens e dos pais. Formamos o Maquinho. O espaço não era adequado e suficiente para tanta gente, mesmo em grupos separados. Precisávamos de um lugar maior. Enquanto isso, passamos a fazer encontros nas casas, principalmente do Zé e da Maria. A casa tinha uma pequena edícula no fundo do terreno e nos emprestavam. Quanta coisa boa aconteceu naquela pequena sala. Para caber mais gente, formamos tipo de arquibancada, e umas vinte pessoas ficam acomodadas, entulhadas, mas todos faziam questão de participar das reuniões. A comunidade recebeu a doação de um terreno, bem em frente do nosso barraco/igreja. Começamos a fazer campanha para iniciar a construção de um salão. Organizamos quermesses. O que conseguíamos de resultado dava para comprar dois, três sacos de cimento. Como iniciar uma obra assim? Mas iniciamos, cada um dando o que podia. Nossa receita em casa era muito apertada, pagamento de aluguel, alimentação, faculdade e pouca coisa sobrava. Dava para comprar umas barras de ferro, umas tábuas. Fazíamos coleta nas casas. Qualquer tábua, uma lata vazia, um pontalete, tudo era precioso. Foi só iniciar os alicerces que todo mundo ficou animado. Cada um fazia promoções próprias, tudo para comprar material para a construção do centro comunitário. Foi um período bem difícil, mas muito interessante. Chegamos a um ponto de termos doações de materiais, tipo um caminhão de pedra, um caminhão de areia, verdadeiros milagres para nós.

Certa vez fui fazer palestras em Campinas, na Igreja do Taquaral. Estava lá um padre que sofreu torturas no tempo da ditadura, praticamente cego pelas fortes luzes que colocavam diante dos olhos para que confessasse o que não tinha para confessar. Este padre, que usava uma lupa enorme para conseguir celebrar a missa, na noite do domingo, ao terminar a última missa, me sur-

preendeu. Disse que tinha sido para ele uma experiência maravilhosa naquele dia. E diante das pregações, dos fatos relatados e da realidade desta nova comunidade que nascia, ele queria consultar aquela paróquia, seu povo, para ver se podia oferecer todo valor das coletas daquele dia para nosso projeto. Todos aplaudiram fortemente a ideia. O padre mandou trazer as ofertas, tudo estava num saco plástico, um pacotão, e me entregou. Com aquela oferta compramos muito cimento, muita areia e pedra e os ferros que faltavam.



O barraco era pequeno, Pe. Davi atendia confissões dentro de uma Kombi velha



Batizado da Kátia no barraco (Padre Davi)

Agora sim, era tempo de ir em frente com nossa construção. Durante o dia, meu pai Jácomo e seu grande amigo e nosso querido amigo até hoje, o Sebastião, que é um excelente mestre de obras, preparavam as colunas e as vigas. Sebastião foi a pessoa mais importante durante todo tempo de nossa atuação naquela comunidade, o maior doador, do tempo, dos talentos. Nunca cobrou, sempre foi doação pessoal. A comunidade deve a este homem muito por tudo que fez. Quando eu chegava da faculdade, 23:30h, às vezes meia-noite, passava com o Gálaxie nas casas e recolhia os jovens do Mac, para fazer concreto e encher estas colunas ou vigas. Foi assim que nasceu o primeiro salão, para aproximadamente 200 pessoas, daquela que é hoje a Paróquia Nossa Senhora Aparecida e São Paulo Apóstolo. É claro que, na vida, tudo tem suas conseqüências. O tempo de convivência em casa, que já não era bom, foi ficando mais escasso. Curiosamente Inês e eu estávamos bem, muita coisa tinha mudado no meu comportamento, talvez por isso também Inês não se importava. Nosso trabalho missionário pelo Meac passou a ser muito intenso, quase todos os finais de semana tinha viagens pelo Brasil. Algumas vezes Inês e as crianças me acompanhavam, mas na maioria das vezes ficavam em casa. Não era nada fácil para mim este distanciamento contínuo, mas muito pior era para a Inês. Mas tudo suportava pela missão.

HORA DA DECISÃO

Estando por dez dias pregando no Paraná, percorri a região em vários colégios pregando para os alunos durante o dia, e à noite nas comunidades para o povo em geral. Programação organizada pelo querido Tio Valselino Fontana. No domingo à noite, após a última palestra na Igreja de Corbéia, muito cansado, sentei sobre uma mesa, olhando para aquela multidão de jovens presentes com seus pais, pois era final de um dia de encontro, todos alegres, felizes, muitos choravam abraçando seus pais. Meu pensamento estava longe, a mais de mil quilômetros. Saudade da Inês e dos filhos, sentia a falta deles. Eles também deveriam estar sentido a minha falta, pensei. Tomei uma decisão, vou parar com estas viagens, não é justo deixar a família desta maneira. Volto para casa

e esta terá sido minha última viagem. Meu tio Valselino veio ao meu encontro e me entregou um bilhete. Disse: “Foi a Inês que mandou”. Estava escrito, “Não se preocupe conosco, estamos bem, estamos com Jesus. Existe companhia melhor? Te amamos, Inês, Kátia, Léo e Cristiane”. Tínhamos três filhos nesta época. Aquele foi um momento mágico! Ter uma resposta direta, certa, necessária naquele momento de decisão importante sobre o futuro de nossa missão. Como muitíssimas vezes, terminado o trabalho, tomávamos o caminho de volta, viajando a noite toda para estarmos no trabalho no dia seguinte. Naquela noite meus pensamentos estavam naquelas pessoas todas com as quais tive contato naqueles dez dias. Mas estavam presentes também os de casa. Sem dúvida nenhuma, a presença e convivência dos pais é fundamental na educação e formação do caráter dos filhos. Chegando a casa, à noite, contei para Inês como recebi o bilhete e no que eu estava pensando, de deixar a missão para me dedicar à família. Ela me disse: “Nada disso, nem pense nisso. Deixar a missão por nossa causa não, seria destruir a missão de todos nós”. Ela tinha plena consciência do seu dever missionário, mesmo que fosse só ficando em casa cuidando dos filhos, cuidando do escritório, e estando comigo na missão quando era possível. A presença da Inês nas minhas pregações era algo inexplicável. Eu sentia segurança, entusiasmo e vigor. Trabalhos que demandavam o dia inteiro, tudo era fácil, gratificante quando ela estava presente. Sempre silenciosa, no seu canto contemplando como se estivesse ouvindo uma pregação minha pela primeira vez. Quando tudo terminava, o último ato meu era chamar a Inês para nossa despedida. Para muitos era uma surpresa, não tinham dado conta que minha esposa estava presente, mas tinham presente todos os testemunhos que eu contava envolvendo a figura da Inês. Nessa hora eu dizia: Agora quem vai falar é a Inês. Ela era muito tímida, não gostava de falar, ou, como dizia, seu dom não era falar e sim rezar. É o que fazia todo tempo enquanto, extasiada, me ouvia pregar. Sim extasiada, pois seus pensamentos estavam elevados em Deus, numa ininterrupta intercessão. Falava um minuto, era suficiente para arrancar os maiores aplausos das plateias. Suas palavras simples, poucas palavras, iam direto no coração de muitas pessoas que testemunhavam “o que você dis-

se foi para mim, eu precisava”, “o que você falou respondeu aos meus questionamentos que há muito me fazem sofrer”, “suas palavras daqui pra frente darão sentido para minha vida”, e tantas outras frases bonitas que ouvíamos. As pessoas me ouviam o dia inteiro, mas o que respondia no coração das pessoas era aquele minuto com a Inês.

Estando em Ilhéus, Paróquia São João Batista, com o grande amigo Pe. Otoniel, durante três dias, com grande movimentação com as lideranças e todo povo, no domingo à noite, no final da missa, o Pe. Otoniel disse: “Durante três dias nós ouvimos o Antoninho. Nesses três dias a Inês nos acompanhou em silêncio, não nos dirigiu a palavra, mas a observei muito e me cativou. Também estou sabendo que impressionou a muitos com as conversas, poucas conversas, particulares. Agora queremos ouvir sua mensagem”. Ouvi dela, naquele dia, o maior elogio de minha vida, nunca mais esqueci, jamais vou esquecer. Ela disse: “Eu não tenho o dom da palavra como o Antoninho. Então eu rezo por ele. Tenho certeza que a oração tudo pode, tudo alcança. Depois destes três dias, a única coisa que posso dizer é, entreguem-se e, Deus cuida de tudo”. Foi muito aplaudida e assediada após a missa. Assim eram suas mensagens, nunca falou mais de um minuto, mas sempre suas palavras calaram profundamente. Tinha uma aura natural, uma mística que cativava. Retornei a Ilhéus, na mesma paróquia, muitos anos mais tarde. Foi impressionante a quantidade de pessoas que vieram me perguntar da Inês, principalmente mulheres que tinham tido contato com ela. Nosso trabalho missionário continuou sempre com muita intensidade e, em nenhum momento, entrou a questão de pararmos pelos problemas enfrentados em casa. Sim, tivemos problemas, e sérios, como consequência de tudo. Do meu jeito de ser, das minhas ausências.

Estando por 32 dias pregando nos Estados Unidos, Inês enfrentou uma barra pesada. Quando ligava para casa ninguém revelava preocupação, esconderam tudo para que eu não ficasse preocupado e prejudicasse a missão. Eu sentia que algo não estava bem. Liguei para casa e falei com a Inês, a tudo que eu perguntava respondia sim. Quis falar com a Nêche e, na conversa, me disse, “não se preocupe, aqui a gente resolve, mas venha logo”. Foi o

sinal, algo não ia bem. Nosso filho Léo foi perseguido por assaltantes e, na tentativa de escapar, bateu em alta velocidade em cinco carros, próximo a uma delegacia, sendo um dos carros de um policial. Chegando a casa, depois de alguns dias, percebi o estrago. Diante da pressão, Inês desenvolveu Síndrome do Pânico e uma profunda depressão. Tivemos um período bem complicado até o controle total, graças ao saudoso Pe. Jorge Makul que nos encaminhou a um psiquiatra que resolveu por completo este problema. Outra questão ligada às minhas ausências por causa da missão foi quando houve, numa assembleia do Meac, uma reunião das mulheres. Deveriam refletir e apresentar os desafios que a missão impõe na família. Certamente muitas coisas foram faladas.

Mas o resultado final viria das palavras da Kátia, nossa filha mais velha. Minhas constantes ausências eram muito sentidas. Ela declarou. “É claro que a missão é uma coisa importante, não queremos parar com isso, mas nós sentimos a falta do pai, percebemos que muitas vezes, se ele estivesse presente, seria mais fácil, teríamos menos medo e nossa mãe sofreria menos com nossos problemas”. Todas as mulheres presentes, missionárias do Meac, confirmaram que o que a Kátia falou era sentimento geral. Mas a Kátia também disse: “Não sei como teria sido se o pai estivesse sempre conosco. Uma coisa é certa, se fosse preciso viver tudo novamente, passar por tudo que passamos, por causa da missão, pelo trabalho que meu pai faz, certamente aceitaríamos porque, quando vamos com ele, percebemos como é bom para as pessoas, como elas gostam e precisam deste trabalho. Mas acho que dá para conviver com a família e a missão, talvez com um pouco de equilíbrio, com melhor programação”. Foi para nós um momento muito precioso e preocupante. Era necessária uma reformulação, era preciso criar em casa melhor qualidade da presença.

Uma família completa sempre tem a preciosidade dos filhos. Inês e eu tivemos quatro. Foram bênçãos especiais que recebemos em cada um. Cada um com suas características, seu perfil próprio, seu jeito de ser, suas personalidades reveladoras de alegrias, esperanças e também de problemas.

KÁTIA

Sempre a mais atenta a tudo, a mais preocupada, mais organizada e extremamente humana e solidária. Pessoa correta, agindo sempre com justiça e sinceridade. Nada passa despercebido e nada escapa de sua atenção e de sua ação, seja para apoiar ou para francamente se opor, expondo seu ponto de vista com sinceridade. Sempre foi decidida, sabendo o que queria. Muito firme e responsável em tudo. Delicadeza em pessoa, carinhosa, muito esmerada. Pessoa de fé, que leva a sério as coisas sagradas, com princípios morais e cristãos bem definidos. Não negocia quando se trata de expor e defender o que é essencial na vida cristã. Nas nossas viagens missionárias sempre foi a que mais se expunha, cantando, declamando, lendo textos. Por isso sua intimidade com a missão do Meac e sua cumplicidade. Em todas as circunstâncias tem se mostrado amiga, conselheira e, principalmente, presente. Um diamante precioso lapidado desde o ventre da mãe. Um grande orgulho para minha vida missionária, pois desde muito pequena mostrava-se muito interessada na catequese. Queria sempre aprender a lição em casa, antes de ir para a igreja onde sempre se destacava pelos conhecimentos. A consequência disso foi tornar-se catequista logo que fez a primeira comunhão. A Kátia, posso dizer, que retrata bem “ensinar o que sabe, praticar o que ensina e... perguntar o que não sabe”.

Obrigado, filha amada, pela carta que me enviou. Esta fica só para nosso coração, eternamente no nosso coração. Obrigado pelo papo, compreensão, conselhos e sua bênção na colheita das amoras. Lembra? Claro que jamais esquecerá aquele momento. Não tem um problema sequer que possa escrever sobre esta filha querida. Só alegrias, gratidão. De quebra nos deu a Bianca e o Gabriel que são nosso orgulho. Bianca, BIBI TATTO, fazendo um sucesso estrondoso sendo seguida já por mais de sete milhões de pessoas no mundo todo. Um grande talento, menina linda, simpática, carinhosa, muito solidária e responsável. O Gabriel, o GABI TATTO, também envolvido no mundo das comunicações com muitos seguidores e despertando para a música, seu maior e promissor talento. Certamente a influência dos pais, Kátia e

Fábio, suas preocupações, cuidados e zelo por tudo o que os filhos fazem, faz a diferença.

UM OLHAR DIFERENTE

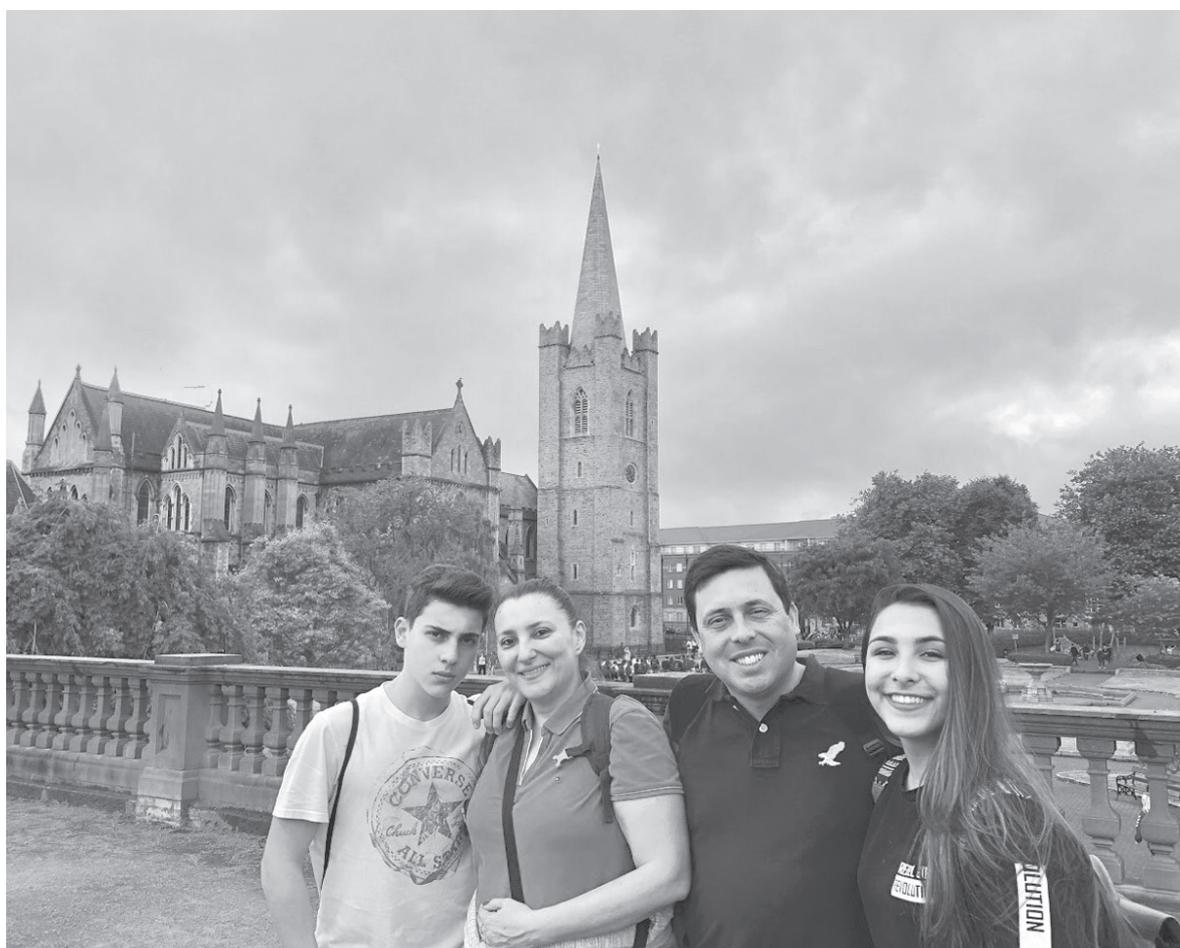
Certa vez Inês e eu fomos chamados à cidade de Assis, SP. Um casal, de missionários do Meac, o Wagner e a Célia, estavam enfrentando problemas de relacionamento e queriam conversar com a gente. Lá fomos nós e, claro, os filhos. Era um final de semana. Para aproveitar a viagem, o casal, como missionários, marcaram palestras no domingo em Florínia. Conversamos muito no sábado. A situação não estava boa, havia de ambos os lados reservas, dúvidas, resistências, mágoas, mas havia busca no coração dos dois. No domingo nossa conversa deveria continuar. Para dar oportunidade ao casal de se expressar, resolvemos ir com dois carros, Wagner iria com a Inês e a Célia viria comigo, e também nos acompanhou a Kátia. Assim começou novo papo no carro, Célia contando fatos, dando explicações e mostrando seu lado da história. Uma coisa começou a me chamar a atenção, e chamou atenção da Kátia, que nós pensávamos que estivesse entretida com alguma coisa e não prestasse atenção na conversa. Engano nosso, estava atendida! A certa altura Célia começou a chorar e a dizer: – “Como eu gostaria que meu casamento fosse como o teu e da Inês, um casal unido, compreensivo, que se ama, e sem brigas, um colabora com o outro. E não do nosso jeito, com tantos problemas e intrigas”. No banco de trás a Kátia disse: “Que nada, tia, não é isso não, esses dias a mãe tacou um chinelo no pai”. Célia virou para trás, abraçou a Kátia e chorou muito. Depois disse, “Eu sempre achei que só nós é que temos problemas. Se vocês também têm problemas e, apesar disso, conseguem viver em paz, eu e o Wagner também vamos conseguir”. Este casal continua, depois de décadas, junto, unido, com uma bela família, cercados de netos, e missionários exemplares. Bem, essa é a Kátia, até hoje. Não perde oportunidade para interferir onde sabe que pode ajudar. Com sua vida exemplar, tem moral e sabedoria para corrigir, aconselhar, quem quer que seja, mesmo seu pai.

AO COMPLETAR 71 ANOS

“Pai sei que seu coração deve estar apertadinho neste dia. Mas este é o dia que Deus escolheu para nos presentear com sua vida. Seu testemunho, suas lições nunca serão esquecidas. Seu exemplo de fé inabalável me dá a certeza do amor de Deus por nós. Um amor que, mesmo quando pensamos que nos abandona, é quando mais está presente.

Ele sempre sabe o que faz, mesmo quando não é a nossa vontade, mas é o melhor para nós. Isso você sempre nos ensinou e de certa forma nos traz tranquilidade ao coração por saber que tem alguém cuidando de nós sempre.

Peço a Deus que te abençoe e que Nossa Senhora esteja sempre ao teu lado, te amparando nas tuas angústias. Muita saúde pra aproveitar o que a vida tem de melhor para te oferecer. Te amo imensamente. Kátia.”



LEONARDO

É o filho que não podia faltar em nossa casa, o cara que se encaixa perfeitamente em toda e qualquer situação. Sempre nos trouxe muitas alegrias, apesar dos carros arreventados, dos motores fundidos. Pessoa totalmente desprendida, até demais. Onde ele está, há sempre alegria, próprio das pessoas que se doam e procuram transmitir leveza na vida dos outros, com intenção de ajudá-los a vencer as dificuldades. Seu dom maior, a solidariedade e a verdade. Não há mentira nele, não há fingimento, é até meio bobo nisso. É fiel, correto, amigo sincero. Meio esquecido às vezes, como o bilhete que escreveu por ocasião do aniversário do nosso casamento: “Pai e Mãe. Desculpem por ter esquecido desse dia tão importante, porque hoje em dia é difícil um casal ficar tanto tempo junto, passando por tantas dificuldades. Eu me orgulho dos pais que tenho. Amo vocês, apesar de provar o contrário, mas tudo vai mudar, tá? Um beijo, Léo”. Meio sem jeito, se apresentava com a Kátia, quando em missão, cantando alguma musiquinha. Para ele era muito importante aquele momento, ficava ansioso, na expectativa para se apresentar, coisa de artista. Artista tem seus altos e baixos, às vezes passa dos limites. Muitas vezes precisamos tomar atitudes mais enérgicas, pois as palavras não eram suficiente para mudança de postura e comportamento. A varinha e o cinto foram, em muitas situações, os melhores conselheiros. Mas isso nos quebrava. Acabava com nosso dia este tipo de correção. Inês e eu ficávamos muito mal toda vez que tínhamos que corrigir desta forma um dos filhos. Resolvemos mudar, conversar mais, buscar outras formas de corrigir. O que funcionou muito bem foi a “correção minuto”. Em um minuto dizer o quanto amamos nossos filhos, o quanto são importantes para nós e o orgulho que temos deles. Mas finalizar dizendo que o que fizeram não foi bonito, foi ruim, triste e magoou nosso coração. Completar com um abraço apertado e um beijo. Isso funcionou muito bem por um tempo. Um dia precisei exercitar a correção minuto com o Léo e o Daniel. Quando terminei a sessão, após o abraço, eles estavam chorando. O Léo disse: Pai, da próxima vez, use a vara, dói menos. Tudo isso passou e hoje, olhando para o passado, vejo a preciosidade que são, em que se tornaram, cada um com suas famílias. Léo é o tipo meio desligado, mas

quando se toca tenta remediar. Às vezes consegue. Como isso: “Mãe, estas rosas são para você não pensar que esqueci da senhora no seu dia. Nunca vou te esquecer, porque amo muito, a você e ao pai. Este bilhete não é igual aos outros, em que eu pedia desculpa, e depois fazia o mesmo. Também não é para te impressionar. Tudo o que eu escrevi não é nada perto do que eu fiz a você. Eu também sofri muito, e não quero passar por isso. E nem fazer vocês sofrerem mais. Amo muito vocês. Neste mês em que o pai vai viajar, você mente ao dizer que sabe o que vai acontecer porque serei o filho que vocês sempre sonharam em ter, “o Léo”. Se orgulharão de mim, eu prometo. Eu agradeço a Deus por ter vocês como meus pais, e ter esta família que me ajudou a pôr a cabeça no lugar e por me amar muito. Não vou ser mais motivo de nenhuma lágrima derramada sua, a não ser que você esteja tão feliz com seu filho e comece a chorar. Amo vocês todos demais da conta. Leonardo Tatto”. Outro bilhete revela o Léo sincero, que reconhece as pisadas de bola. Como este:

“Estou escrevendo porque não tenho caráter o bastante para falar na cara que hoje no terço pedi a Deus que me ajude a obedecer e a respeitar os mais velhos dessa casa. E também peço desculpa pelas malcriações que eu fiz com todos e, a partir de hoje, Deus vai me ajudar a cumprir isso, porque Deus sabe o quanto eu amo vocês. Desculpem por tudo, amo vocês, Leonardo Tatto”. O melhor de todos os bilhetes foi o pedido que fez, que eu trouxesse dos Estados Unidos, para onde fui em missão. “Relação Léo. Uns Patins on line (sei lá o que quis dizer com isso). PRIORIDADE (desenho de um Patim). Um taco de Beisebol, uma bola Wilson, autografada pelo melhor jogador, uma camiseta muito louca, GRANDE. Te amo pai. Obs: Prometo me comportar em sua ausência, papai, pode deixar comigo. Que Deus os ajude nesse trabalho, que cada vez cresce mais. Que Ele continue dando forças para vocês. Missionários leigos, que Deus os proteja. Um beijão, Léo”. Esse é o Léo!!!!

Houve, desde então, uma longa e lenta jornada de conquistas e esperanças. Talvez nossas expectativas de pais estejam muito acima das facilidades e oportunidades que damos aos filhos. Por isso

muitas vezes nos decepcionamos e minimizamos as conquistas dos nossos filhos, os esforços para atingirem planos ideais para sí e para os expectadores de todas as horas. Mas todos estamos vivendo uma experiência de vida única, só nossa, individual. Não existe manual, apenas páginas em branco sendo preenchidas a cada dia. Às vezes são escritas com lágrimas da dor ou da alegria, outras com sangue, sempre dolorosas. O resultado final é o que importa. Podemos dizer que valeu cada página escrita por aquilo que este filho se tornou. Casado com Jordana Bernuci Tatto, companheira desde os primeiros momentos, solidária e cúmplice em todas as batalhas, oferecendo sempre apoio, conselho, amparo e entusiasmo necessário para as necessárias transformações. A cada conquista uma bonita e grande celebração, coisa que o Léo sabe muito bem como fazer. Buscam no casamento o complemento ideal, a cota necessária para a realização maior, os filhos. Muita angústia, muitas incertezas, muitas buscas para alcançar o grande dom da maternidade e da paternidade. Sem esmorecer, renovando sempre as esperanças, se não naturalmente, com a ajuda da ciência e na confiança inabalável em Deus.

Enfim, a grande notícia, a conquista do sonho, a realização de uma grande vontade, a gravidez dupla. Maravilha de Deus, nasce Mateus e Lucas para alegria dos pais, avós e de todos os que hoje convivem com eles. Desesperar, nunca! Confiar, sempre! Fazer por merecer, eis o caminho. Solidariedade é seu maior dom. Estando em Parintins, no final do encontro diocesano, fui surpreendido. Uma moça ocupa a tribuna e começa contar uma história. “Ainda criança precisei sair do Amazonas e ir a São Paulo para tratamento do coração. Necessitava doação de vinte litros de sangue. A família só tinha conseguido quatro litros. Estava desesperada. Um padre amigo da família lembrou aos meus pais do missionário Antoninho Tatto e sugeriu procurá-lo. Eles encarregaram o filho Léo que providenciou tudo que eu precisava. Fui operada e hoje estou cursando a faculdade em Manaus. Fiz questão de vir aqui e agradecer tudo o que o Léo fez por mim. Que Deus o abençoe e a todos vocês”.



CRISTIANE

A Kika é meiguice pura. Menina sempre muito introvertida, silenciosa, com dificuldade de expressar sentimentos, de manifestar o amor e o carinho que sente. Possivelmente a doença que sofreu desde que nasceu tenha influenciado. O problema foi grave com ela e sofremos muito. Mas tudo isso que vivemos foi a maior experiência de nossa fé quando, desenganada pelos médicos, milagrosamente ficou curada. De forma maravilhosa Deus concedeu à Kika graças especiais, como a filha Bruna, nossa primeira neta, concedendo-nos mais um milagre na nossa vida, pois viveu apesar de os médicos terem declarado sua morte, como está tudo revelado no livro “O Milagre Aconteceu”. Bruna tem um grande talento, da música. Em 2014 participou do “The Voice Brasil”, os quatro jurados viraram suas cadeiras reconhecendo seu talento. A Kika poucas vezes deixa escapar algumas palavras que revelam o turbilhão interior. Quando não pode mais conter o que o coração quer expressar, escreve. Como este texto que me entregou.

14/08/2000, 22h.

Feliz dia dos pais

É, a data já passou, mas não esqueci, viu? Antes tarde do que nunca, não é mesmo?

Sabe, rezo todas as noites para que cada dia Deus te dê mais saúde, para eu poder ficar mais tempo ao teu lado, aprendendo a ser uma empresária de verdade, como você!

Desde que éramos pequenos, você sempre viajou, passou muito pouco tempo com nós quatro. Mas o pouco tempo que estivemos juntos, eu nunca me esqueci. Quando nos levava e ia buscar ao colégio, quando chegava tarde do trabalho, cansado, mesmo assim me ajudava a fazer redação. Lembra? Você não faz ideia do quanto você é maravilhoso! Ainda tenho muito para aprender, por isso, perdoe-me se algumas vezes não faço as coisas da forma correta.

Eu entendo perfeitamente agora, quando você diz para estar mais presente na vida da Bruna. Ela precisa muito de mim, mas às vezes fico perdida e não sei como lidar com algumas situações. Tenho medo de que seja tarde! Tudo aconteceu tão rápido. Amadureci muito rápido. Mas há muitas coisas ainda para eu compreender. Não sei se com o tempo eu vou acabar vendo. Às vezes tenho vontade de sumir. Acho que não vou aguentar. Aí eu paro e penso: por que você não vai aguentar se já esteve em situações piores que aquelas por que está passando agora? Aí me acalmo. Lembro que tenho um pai e uma mãe que, com certeza, jamais irão me abandonar, em qualquer situação difícil.

Mas acho que está faltando uma coisa entre nós, o diálogo. Nós só conversamos sobre trabalho. Principalmente eu, me sinto travada quando sinto alguma coisa que gostaria de dizer, por algum motivo não consigo dizer. Mas por enquanto encontrei uma forma que já me alivia muito por dentro, escrevendo. Me sinto muito melhor expondo aqui, neste simples papel, o que sinto, o que queria te dizer e que, com certeza, se tivesse que falar, eu não ia conseguir.

Quando você viaja, além da saudade, sinto que fico desprotegida enquanto você não volta. Aí você chega, respiro fundo e agradeço a Deus por ter voltado bem e por estar naquele momento ali comigo. Pai, eu te amo demais, mas tem muita coisa que me chateia, uma delas é não conseguir pôr tudo isso que sinto para fora. É não conseguir demonstrar o meu amor por você como gostaria. Até mesmo o amor pelos meus irmãos e, principalmente, o amor

que tenho pela minha mãe. Acho que ela sente muito a falta disso. Acho que todos nós temos que passar mais tempo juntos, entende? Fazer coisas diferentes. Nossas vidas já viraram rotina e, deve ser só por isso, que não só eu, como os meninos somos assim, afastados de vocês. Eu preciso de você no meu caminho, além de Deus, para me guiar. Adoraria se respondesse a esta carta. Eu te amo, Kika”.

Não tenho a resposta que dei, certamente respondi, pois sempre foi minha forma de comunicar o que sinto, de expressar meus sentimentos mais profundos. Tem uma coisa com a qual sempre lutei muito na vida, é a vergonha de manifestar carinho, dizer eu te amo. Como é difícil viver assim! Quando consegui expressar meus melhores sentimentos foi com meus bilhetinhos, minhas cartas, alguns cartões em datas especiais. Kika foi também, como a Inês, muito reservada. Como este bilhete: “Parabéns pelo dia das mães. Continue sempre assim, quero dizer, continue sempre mãe. Ass. Cristiane J. Tatto”.

Enfrentamos vários problemas com a Kika; também por isso, e de modo especial, em tudo que passou na doença quando criança. De alguma forma sempre foi uma preocupação maior para nós. As conseqüências, ou talvez sequelas do problema poderiam se manifestar. Quando engravidou, recebemos a notícia de má formação do cérebro, “hidrocefalia”. Os médicos sugeriram, e até pressionaram, para que abortasse alegando perigo de vida e amparo das leis. Em nenhum momento aceitou essa possibilidade, enfrentou toda gravidez com muita coragem, correndo todos os riscos. Nossa alegria foi grande ao dar a luz ao Rafael, perfeito em tudo, com exceção do cérebro, tinha apenas um centímetro. Rafael, recebeu um nome, foi batizado e amado intensamente nos seus poucos dias de vida. Kika não abortou! Quis ser mãe! Abençoada filha!

Graças a Deus nesta vida tudo passa. O bom é que, o bom é o que fica, os melhores momentos, a seqüência da vida com suas oportunidades para o aconchego, para o carinho, para a descoberta dos corações. Kika e Edson completam com o Matias nossa família que, a cada dia, reconhecemos mais abençoada e feliz.



DANIEL

Daniel, o caçula, é para nós a manifestação mais clara de que Deus não tem limites para nos amar. Nas nossas viagens missionárias sempre o mais entusiasmado. Quando não ia comigo, fazia-se presente, sempre, com um bilhete como este que encontrei em Brasília dia 14/9/94: “Pai, me desculpa estar escrevendo em cima da hora. Mas eu tenho a lhe dizer que ensine a todos a Palavra de Deus como um dia me ensinou. Espero que descansa bastante, pois aqui em São Paulo tem uma família que te ama demais! Volte logo, pois ficaremos com muita saudade, e não esqueça de ligar. Ass: Daniel Jesus Tatto, sua réplica perfeita”.

Outro bilhete com detalhes significativos que recebi do Daniel foi este: “É missionário do Senhor, meu missionário, homem que não consigo deixar longe dos meus pensamentos. Vai levar a todo o povo a boa nova, aliança com Deus, a aliança que nos leva a pensarmos nos irmãos que fortalecem a caminhada. Traz o calor desse Sul que acolhe todos, deixa o peito com a certeza de que o coração não esquece do afeto, do carinho e manda um abraço aos sacerdotes e um obrigado especial por terem essa perseverança na ordem. Um beijo! Que Nossa Senhora de Guadalupe esteja contigo e a Santa Paulina te abençoe. Volte rapidinho. Te

amo, Daniel”. A recomendação sobre os padres foi interessante, mostra o respeito que sempre tivemos, a veneração que sempre dedicamos aos padres e a forma carinhosa com que sempre nos referimos a eles em casa. Isso é coisa que vem desde nosso avô. Mas o Daniel, sem querer ou querendo, fazia suas chantagens. “Pai, faça uma ótima viagem. Que Deus lhe acompanhe. Pai eu sou o seu menor filho e também o segundo mais sentimento, e irei chorar muito, volte logo, nós te amamos, cuide-se bem. (Pai, por favor me traga uma bola de futebol americano marca SPALDING e uns patins, igual aos do Léo). Ass. O pequeno garoto que te ama, Daniel Jesus Tatto”. Para a Inês escreveu “De: Daniel para Inês. Feliz dia das mães, (corações desenhados). Te amo, mamãe, apesar de nossas brigas eu te amo”.

Quando chegava às paróquias, ao desfazer a mala, sempre encontrava um bilhete da Inês e do Daniel. Kátia, Léo e Kika às vezes também mandavam. Guardo dezenas destes bilhetes. Embora já amarelados, conseguem atualizar na minha mente, ainda hoje, aqueles momentos preciosos. Estes bilhetes muitas vezes me faziam chorar de saudade, de vontade de estar com eles. Mas as palavras deles me davam força e me faziam compreender que a beleza da oferta está na qualidade dela, no que ela exige de sacrifício, do que significa para nossa vida e das exigências que impõe. Tudo isso influencia na educação dos filhos. Mas todos sabemos que o meio ambiente, a sociedade na qual vivemos exerce fortes influências nas famílias atingindo seus membros para o bem ou para o mal. Sempre procuramos preservar nossos filhos dos descaminhos, orientando e tomando todos os cuidados, mas respeitando sempre o direito à liberdade, a busca dos sonhos, viver sua realidade. À medida que o tempo passa, o adolescente e o jovem querem encontrar seus próprios caminhos, seguir seus rumos. Nem sempre dá certo, nem sempre funciona da melhor forma. Quando os conselhos e cuidados dos pais não servem mais, as ideias são ultrapassadas ou não despertam interesse, buscam outras fontes de inspiração, que por via de regra não têm o mesmo cuidado, o mesmo amor. O resultado fatalmente não é o melhor. Os amigos, os sábios dos

novos tempos, as facilidades oferecidas fazem dos nossos filhos presas fáceis. O envolvimento com as drogas foi desastroso para nós. Foram alguns anos de muita preocupação e medo. A cada dia víamos a destruição que se acentuava, a degradação humana e o desinteresse por qualquer ideal. Para uma família missionária, onde buscar explicações, em que se apoiar para entender tal situação? Depois de muito tempo, buscando de todas as formas encontrar soluções, sem êxito, era preciso buscar ajuda. Entra em cena o Fradão, mais uma vez, na nossa vida. Com sua simplicidade e espiritualidade, conhecendo nossos filhos, acompanhando de perto nossa vida, produziu com nossos filhos um vídeo “ParaNóia”, sobre o problema das drogas e suas destruições. Com muita calma nos orientou. Foi muito claro em nos dizer que deveríamos ter esperança, mas sem sermos bobos e inocentes úteis. O drogado, o alcoólatra é por natureza um mentiroso e sem vergonha na cara, e o pior, perdeu a autoestima. O dependente, seja do que for, é um doente que não se dá mais conta do estrago que fez da sua vida e da vida de sua família. Está tão envolvido no seu mundo que os valores essenciais da vida não fazem o menor sentido, por isso não importa o que está acontecendo ao seu redor, qual a impressão que passa, o que pensam dele, se tem alguém sofrendo por isso. Família, trabalho, estudo, tudo bobagem!

Diante disso, estabelecemos, Inês e eu, um prazo, prazo curto, três dias. Faríamos todo possível para suportar, orientar, tentar, tentar e tentar. Não adiantou nada, o demônio acelerou os fatos, intensificou sua fúria sobre nós para nos tirar do sério. Intensificamos nossas orações, reconhecemos nossa fraqueza e fragilidade. É nessa hora que deixamos de lado nossa vaidade, nosso orgulho, e pedimos socorro. Na fraqueza e reconhecimento sincero dela, vem a fortaleza, a resposta, a inspiração. No auge do desespero chamamos o Daniel na sala, pedimos que sentasse e nos ouvisse só um pouquinho, depois poderia fazer o que quisesse na vida e teria nosso apoio. Eu comecei a falar, Inês rezava, sei que rezava, porque o silêncio dela sempre era frutuoso. Disse a Daniel: “Nós te amamos muito, e sempre vamos te amar. Então, a partir deste momento, vamos fazer três propostas para você; você

escolhe, e conte conosco em qualquer uma que escolher. Primeira proposta é que, amanhã, você vai levantar cedo, vai e volta conosco para o trabalho; acabou dinheiro na tua mão, acabaram baladas, acabaram drogas. A segunda proposta é esta: você se internar na CCEV, lá, com o Fradão. Você sabe como funciona: vai ficar três meses sem nenhum contato conosco, e depois mais seis meses para se livrar de tudo isso. Terceira proposta é esta: Nós vamos te entregar para o diabo. Dane-se. Toma todas as drogas que quiseres, bebe toda cachaça que puderes, fuma toda maconha que conseguires e continua indo atrás de todos os tipos de droga que existem, e vai fundo. Faça da vida o que quiser até que puder. E se um dia os traficantes te deixarem vivo, e você estiver no fundo do poço, se ainda tiver condições e coragem de olhar para cima e estender a mão, saiba que estaremos lá para pegá-la, e te oferecendo, novamente, as duas propostas anteriores.

Levantei, saí da sala e fui para o quarto arrebitado por dentro. Não percebi nenhum movimento ou fala na sala. Alguns minutos depois Inês veio ao meu encontro e, abraçados, rezamos o Pai Nosso e fomos dormir. No dia seguinte, quando me dirigi para a capela para minhas orações da manhã, percebi algo ao passar pela porta da sala; mas não verifiquei o que era. Inês chegou à capela, rezamos e, ao sair, ela me disse: “O Dani está na sala”. Tomamos café e fomos para o carro. Ele veio e entrou no carro. Até hoje, pela graça de Deus, não se envolveu mais com droga, até do cigarro se livrou. Tem uma família linda, casado com a Juliana, com duas preciosidades, o Miguel e o Lorenzo. Quero dizer que não é fácil falar disso, escrever sobre isso, expor desta forma. Mas é para que ninguém, ninguém mesmo, duvide do amor de Deus.

Neste episódio do Daniel, no trato deste grande drama, não posso deixar de reconhecer e manifestar minha gratidão ao grande companheiro Epifânio. Como ex-policial, com sua experiência, nos aconselhou e ajudou muitas vezes no auge das crises, quando estávamos sem saber o que fazer. Não fosse sua interferência, suas orientações e seus cuidados e conversas com o Daniel,

teríamos feito coisas de que poderíamos nos arrepender muito. Epifânio nos atendia em qualquer dia, a qualquer hora. Terá sempre nossa admiração e nossa gratidão.



UM NOVO MOMENTO

Graças ao bom Deus, passamos a ter uma vida mais equilibrada, mais tranquila, sem muitos sobressaltos. Nosso escritório tinha evoluído, mas diante de tantos desmandos dos governos e tantas corrupções, as empresas sempre sofreram muito, refletindo diretamente no nosso trabalho de contabilidade. Mas sempre fomos acompanhados pelas graças de Deus, encontrando sempre soluções para ir em frente, sem medo, apostando sempre no amanhã, com renovadas esperanças. Em 2006 o Fábio Marques, nosso genro casado com a Kátia, que tinha trabalhado inicialmente como digitador em 1988, iniciado neste trabalho orientado e treinado pela Inês, juntamente com o primo, nosso querido e saudoso amigo Carlinhos. Agora Fábio retornava, depois de uma belíssima experiência empresarial com os queridos primos César Sponchiado e Emerson Sponchiado. Retornava cheio de ideias, conhecimentos, muita formação catedrática e disposição para

transformar tecnologicamente nosso escritório de contabilidade, aliando seus conhecimentos com a experiência e conhecimentos profissionais de uma das pessoas mais competentes, queridas e importantes na nossa nova fase de empresários da contabilidade, o Juarez Sponchiado. Contando ainda com outras pessoas de valor inestimável pela competência, carinho e cumplicidade em todos os momentos, as queridas primas Aparecida, Mari e Adriana Sponchiado. Completando ainda o time dos melhores profissionais, as melhores cabeças desta equipe extraordinária, a Silvia Schuartz, Nonato Santa Rita e a Shirley Melo e mais um extraordinário grupo de 50 colaboradores.

Quanta gratidão e quanto carinho sinto por esta equipe! Foi quando pudemos respirar um pouco mais, possibilitando que Inês pudesse se retirar do escritório, aposentando-se e para cuidar

FELIZ 2008!

É nosso desejo,
melhorias contínuas,
busca da qualidade,
fidelidade nas parcerias,
cooperação,
respeito,
amizade,
vontade de superação.

Pelo que já conquistamos,
pelo empenho nos novos desafios,
pelos compromissos assumidos,
pelo mútuo carinho que nos une,
desejamos a todos

Feliz Natal
Prosperidade no Ano Novo

BALAN-SET
serviços contábeis

Ó futuro pertence aqueles que acreditam nos sonhos, promovem a paz e constroem a justiça!

Feliz Natal e Próspero Ano Novo!

*com carinho e respeito
para todos os colaboradores
do Balan-Set
em especial para Inês
que sempre foi uma grande
profissional e pessoa
que nos deixou um legado
de conhecimento e amizade
que será sempre lembrado
com carinho
12/10/07*



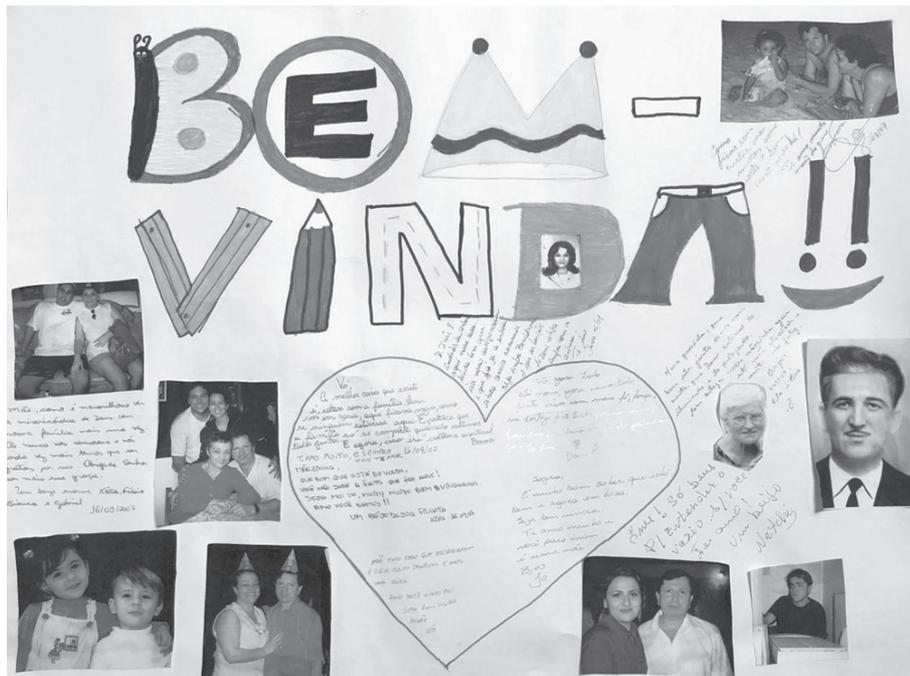
melhor dos nossos netos, mas também para cuidar da saúde, e ter um pouco de tranquilidade e qualidade de vida. Era final de 2007. Como sempre, encaminhamos a todos os clientes e amigos nossa mensagem de Natal. Nesta mensagem, escrevi: *“Inês, talvez este final de ano seja muito significativo para o sucesso da Balan-set no futuro. Mas os anos se passaram, 36 já! A tua presença na Balan-set significou amor, paciência, dedicação, serenidade e meiguice. Como tem sido bom na Balan-set com você!”*

NOVOS E DOLOROSOS DESAFIOS

Não foi muito isso que aconteceu. Alguma coisa não estava bem, vez ou outra apareciam algumas indisposições. Alguns exames indicaram alterações no organismo da Inês. Exames mais detalhados deram conta de um grande tumor no intestino com diâmetro de mais de cinco centímetros. Silenciosamente foi se instalando, provocando metástase em vários órgãos. Começou uma etapa de muito sofrimento. A notícia de um câncer maligno no intestino foi uma bomba para nós. As imagens mais terríveis começaram a passar na nossa mente. Mas lutar era preciso e, para nós, não era nenhuma novidade. Só que agora envolvia a vida da pessoa mais importante da nossa família, dela, da Inês. Sem murmuração, sem revolta, com muita resignação e paciência, começou a submeter-se a tudo o que foi necessário, segundo as orientações médicas para reverter a situação. Quando nos comunicaram que se tratava de um câncer maligno, fomos orientados a buscar tratamento de radioterapia. Fomos a um hospital, um dos melhores de São Paulo, e pudemos constatar o quanto de sofrimento passa por lá. Pessoas totalmente destruídas, desalentadas, buscando agarrar-se desesperadamente às esperanças que a medicina oferece. Aí começou uma caminhada árdua, também para nós. É muito difícil saber por onde ir, o que fazer, que alternativas escolher, pois muita coisa desconhecida começou a aparecer. Até que um dia fomos encaminhados para falar com o famoso Dr. Antônio Macedo, do hospital Albert Einstein. Aconteceu algo muito interessante quando chegamos ao consultório. Quando Inês viu Dr.

Antônio Macedo que veio nos receber na porta, quando ele se afastou entrando para o consultório, Inês virou para mim e disse: Este sim, vamos fazer tudo o que ele orientar. E assim foi. Devido ao grande volume do tumor, Dr. Macedo explicou que eram necessárias sessões de radioterapia para diminuir o volume, e depois sim, partir para cirurgia. Começava aí uma longa e dolorosa caminhada rumo ao desconhecido. Antes de iniciar o tratamento, sem saber onde seria, em que hospital, fomos encaminhados para conversar com uma pessoa que faria a última avaliação. Conhecemos o inferno! Um ambiente tenebroso, sombrio, negativo. Uma multidão de seres humanos destruídos, tristes, olhares de muito sofrimento. Falamos com o médico que nos indicaram. Foi triste, lamentável. Olhou os exames e sarcasticamente, em tom de brincadeira, virou para uma colega e comentou, “É, esse tipo de câncer tem 29% de chance de cura”. “Não, respondeu a colega também debochada, é 30%”. Seria este o fim? Deveríamos passar por isso? Uma angústia profunda tomou conta de mim, não podia acreditar que meu amor teria esta sorte, depois de tudo que tinha feito e vivido. Que aposentadoria é essa? Inês manteve-se serena, não fez nenhuma observação, acreditava e se submetia confiante. Começou o tratamento, não naquele lugar, em outras unidades graças a um Anjo que inspirou o Enio em comentar, em conversa informal, com o superintendente do Hospital das Clínicas, Dr. José Manuel, que possibilitou a Inês ser logo atendida em ambientes mais humanos.

Cada dia, a cada visita para as sessões, encontrávamos sempre as mesmas pessoas, que já estavam se tratando. Era visível constatar a degradação do organismo destas pessoas a cada semana. Inês e eu conversávamos sobre isso, ela observava cada pessoa, e sentia muita compaixão. Por exemplo, um dia me disse: “Nós achamos que fazemos sacrifício vir aqui para o tratamento. Eu tenho você que me traz de carro. Olha estas pessoas que acabaram de chegar, vieram de ônibus, a que horas devem ter saído de casa?” Me impressionava ver a Inês com este tipo de preocupação sabendo tudo o que se passava com ela. Assim foi que Inês enfrentou longa jornada de dor.



Houve muitas internações, idas e vindas, sempre carregadas de preocupações e muita confiança. Cada alta do hospital era celebrada intensamente.

Mas chegou o dia da cirurgia. Tudo podia acontecer. E lá estávamos nós, eu e minha cunhada Graça que, carinhosamente, permaneceu comigo o tempo todo, me cercando de carinho, me apoiando e torcendo muito pela Inês. Depois de algumas horas, Dr. Macedo veio nos dar a notícia de que tudo tinha corrido bem, que não houve necessidade de fazer colostomia. Foi uma grande notícia. Continuamos com todos os procedimentos, mas o estrago já estava feito, tinha se espalhado no fígado e pulmão. Foram meses de tratamento de quimioterapia, de muita dor. Inês sofria muito, mas em nenhum momento se queixava, sempre dizia, sorrindo, que estava bem, a quem perguntasse.

Agora era esperar a evolução dos fatos. Nasceu em nós uma grande expectativa, muita esperança de que, com o tratamento de quimioterapia, tudo ficaria bem. Infelizmente a doença evoluiu sendo necessárias novas intervenções cirúrgicas e até colostomia que causou muito constrangimento e grandes dificuldades. Mesmo assim a Inês mostrava-se uma pessoa alegre, sempre participando de todos os eventos da família, com serenidade. Estando conosco no último Natal na casa da praia, brincou como nunca. Para mim foram três momentos marcantes da Inês naquela casa, que hoje é o “Recanto Vovó Inês”.



Casa do Guarujá, como Inês queria

Primeiro quando o corretor nos apresentou a casa e ela disse, “é esta ou nenhuma”. Segunda vez foi no dia da inauguração, quando brindamos com um espumante barato na presença da minha mãe, e Inês disse: “Estou muito feliz por mais este acontecimento em nossa vida”. Fazia parte de “nosso projeto”. A terceira vez foi no natal, quando se mostrou muito alegre e de tudo participou ativamente, de modo especial nas brincadeiras com os netos. Depois disso começou um período crucial, doloroso para todos nós que a acompanhávamos, e não posso nem imaginar o quanto ela estava sofrendo. No último dia em que ficamos na praia, no fim da tarde, quando o sol estava se pondo, fomos, eu e ela, de dedinhos dados, até a beira da água. Ficamos um tempo grande em silêncio, olhando para o mar, para o horizonte. Quantas imagens na minha mente, quantos pensamentos vieram naqueles momentos! Quantas lembranças e incógnitas no que viria. Nosso ato final naquele paraíso, só nosso naquele momento, beleza e presente de Deus depois de trinta e oito anos, nos abraçamos, rezamos um Pai Nosso... e, retornamos para casa. Foi a última noite de convivência plena com toda a família. No dia seguinte Inês não estava nada bem, e começava a ter febre e dores intensas. Viemos imediatamente para São Paulo, eu dirigia, ela deitada no banco de trás, gemendo a cada instante e, principalmente, com os solavancos do carro. Que

agonia aquela, teu grande amor sofrendo como nunca e você não poder fazer nada. Ainda com a preocupação do trânsito parado em muitos trechos, o que nos custou um atraso de mais de uma hora para chegar a casa e depois seguir para o hospital. Alguns dias de tratamento intensivo e, mais uma vez, acendem-se as esperanças a cada alta do hospital. Mas seria para poucos dias esta alegria de todos nós. O hospital passou a ser a nossa morada constante. Cada vez as notícias que os médicos me davam eram mais desalentadoras, pois diziam “tudo está tomado”. Eu não queria muitos detalhes, mas sabia que o fim estava próximo. Cada noite, um de nós da família ficava com ela. Nossa colaboradora Dalva passou muitas noites e dias com ela, nos ajudando muito. Netche, como sempre, nos apoiando incondicionalmente cuidando de todos nós e da casa.

OS PROJETOS DA VIDA

Certo dia estava no quarto do hospital; Inês dormia sob efeito de sedativos. Olhei pela janela, vi ao longe dois prédios grandes quase prontos. Lembrei que, quando Inês começou o tratamento, aqueles dois prédios estavam em construção, apenas um ou dois andares do esqueleto aparecendo. Agora prontos para serem habitados e fazer a alegria de seus donos. Naquele momento imaginei que o dono daquele empreendimento estivesse no leito de morte, naquele quarto onde eu agora estava com a Inês. Imaginei este dono morrendo no exato momento em que estava prestes a realizar seu sonho, aquelas construções. Me dei conta, então, de que nesta hora tudo é relativo, tudo passa a ter um valor tão insignificante. Mas, ao mesmo tempo, me veio à mente a realização de algo, sem importar o usufruto disso. Sempre haverá os que disso usufruirão com alegria, e tudo terá valido a pena. É uma árvore frutífera que você planta sem se importar se um dia comerá do seu fruto. Como meu avô fez tantas vezes. É o prazer de plantar. Foi quando voltei meu olhar para o leito e vi que Inês estava me observando. Ela me disse: “Está tudo bem, não se preocupe”. Sim, confirmei eu com a cabeça. Inês e eu tínhamos um projeto, um sonho de realização, para isso trabalhamos tanto na vida.

Para isso sempre levamos uma vida de muita simplicidade. Agora eu queria dar uma notícia para a Inês, mas não sabia como, não tinha certeza se devia. Aquela reflexão, olhando para os prédios prontos, o olhar da Inês me dizendo que estava tudo bem, talvez fosse a hora. Peguei na mão, acariciei seu rosto, como tantas vezes tinha feito. Ela me olhava com aquele olhar angelical que me transmitia coragem. Disse, Inês, hoje nós conseguimos atingir o projeto... Ela sorriu levemente e disse: “Que bom”. Não falamos mais nada sobre isso, não era necessário, o importante era termos conseguido. Naquela noite um dos filhos ficou com Inês. Passei o dia seguinte no escritório trabalhando, mas minha mente continuava naquele quarto do Hospital São Luiz. Telefonei algumas vezes. À noite Daniel deveria ficar com ela, mas no último momento disse que eu mesmo iria. Por volta das 20h chegou o Daniel, a Juliana e nosso neto Miguel. Inês demonstrou que estava muito contente com aquela visita, tirou a última foto com Miguel.

Depois mergulhamos na noite tenebrosa, noite sem fim. Inês tinha dificuldade de respirar, a cada instante me chamava para socorrê-la. Abraçava-me a ela, segurando-a sentada, forçando seu tronco para cima, tentando ajudar na respiração. Nada a acalmou naquela noite, apesar de todo bom atendimento das enfermeiras. Quando o médico passou para vê-la, chamou-me no corredor e disse que não havia mais nada a ser feito, e que, daquele momento em diante, Inês teria a cada instante mais dificuldades para respirar, era a agonia. Dei o alerta geral avisando a família. Por volta das 14h estávamos todos reunidos, filhos, netos, irmãos, cunhados, cunhadas, genros. Chegou o Pe. Anthony que a tinha visitado muitas vezes. Ministrou-lhe a Unção dos Enfermos e, com ele, rezamos o Rosário. Enfermeiras, pessoas da limpeza do hospital juntaram-se a nós. Uma mulher, muito simples, que fazia naquele dia a limpeza do corredor disse: “Esta pessoa é muito especial, não sei porque, mas é muito especial”. Às 17h minha mãe estava no quarto acompanhando estes momentos finais da Inês. Disse-lhe: Preciso ir para casa, vou tomar um banho, fazer a barba e retorno. Queria estar com a Inês, mas já não tinha forças. Precisava me refazer do cansaço. Chegando a casa, chorei muito olhando para nossa casa, para tantos detalhes, delicadezas da Inês. Procurei

agilizar tudo para retornar ao hospital. Estava voltando, ouvia um CD que gravei sobre família.

Estava naquela parte onde conto do encontro de Corbélia, quando resolvi desistir da missão para estar com a Inês e os filhos. Quando recebi o bilhete da Inês que dizia: – “Não se preocupe conosco, estamos bem, estamos com Jesus. Existe companhia melhor?” Toca o telefone, era o Léo que me disse que Inês tinha acabado de dar o último suspiro. Minha mãe e o Léo estavam com ela. Abriu os olhos e suspirou fundo, pela última vez. Procurei diminuir a velocidade, dirigindo com cuidado, pois não tinha plena consciência dos meus atos, também precisava de tempo para processar um acontecimento que, embora esperado, evidente, quando chega é inconcebível. Uma sensação estranha, uma ausência inexplicável, um vazio enorme... Ao mesmo tempo, serenidade, paz, resposta interior, gratidão. Não chorei mais, não conseguia, ou não precisava. Não podia entender. Só fui entender anos depois, quando um dia estava procurando algo em casa e encontrei uma folha de caderno manuscrita, letra da Inês. Dizia:

“Pense em mim.

Se você me ama, não chore.

Se você conhecesse o mistério insondável do céu onde me encontro...

Se você pudesse ver e sentir o que eu sinto e vejo nesses horizontes sem fim e nesta luz que tudo alcança e penetra, você jamais choraria por mim.

Em confronto com esta nova vida, as coisas do tempo passado, são pequenas e insignificantes.

Conservo ainda todo o meu afeto por você e uma ternura que jamais lhe pude, em verdade, revelar.

Amamo-nos ternamente em vida, mas tudo era então muito fugaz e limitado.

Vivo na serena expectativa de sua chegada, um dia... entre nós. Pense em mim assim: nas suas lutas, pensar nesta maravilhosa morada onde não existe a morte e onde, juntos, viveremos no enlevo mais puro e mais intenso, junto à fonte inesgotável da alegria e do amor. Se você verdadeiramente me ama, não chore mais por mim. “Eu estou em paz”. Inês

Inês, durante toda a vida, desde que começou a trabalhar com o primeiro computador, tinha o capricho de escolher textos bonitos, importantes para o crescimento espiritual das pessoas. Ela imprimia muitos folhetos e distribuía. O que hoje muita gente faz pela mídia, ela fazia já naquele tempo, era sua maneira de evangelizar, de construir um mundo melhor. Esta carta foi mais um destes gestos sublimes.

Quando cheguei ao quarto olhei para Inês, acariciei levemente seu rosto. Ela era toda serenidade. Olhei para a mãe e o Léo, que choravam copiosamente. Disse para eles: Não devemos ficar tristes, quem conviveu com uma pessoa tão extraordinária como foi Inês, quem pôde participar de uma vida com ela, só temos que agradecer tão grande privilégio. A mãe e o Léo pararam de chorar. Assim ficamos nós por um bom tempo, em silêncio, contemplando aquele rosto que tanto nos alegrou e, agora, sereno, repousava para nunca mais sofrer.

Nos preparamos para a última despedida, aquele último olhar cuja imagem permanecerá para sempre na nossa memória. Missa de corpo presente sendo Fradão o celebrante. Mais uma vez o Fradão participando de forma especial, extraordinária, na nossa vida. Dirigiu-nos uma mensagem de muita esperança. Lembrou-nos que cemitério é lugar de sementeira. E naquele dia uma nova e boa semente seria depositada. E sem a morte, não há semente que dê frutos. Enalteceu a vida, as virtudes, o zelo e carinho da Inês. “Agora Inês está colhendo os frutos do seu plantio, da sua história. Está recebendo a coroa do bom combate. Está na ternura de Deus como prêmio de sua fidelidade. Pela vida que viveu, pelo exemplo que foi, nós podemos dizer, Santa Inês, rogai por nós”

Chegou Dom Fernando, alguém me disse. Levantei os olhos e lá estava Dom Fernando diante da Inês, em silêncio, compenetrado, rezando. Olhou para nós, olhar de pai, de irmão, de amigo. E nos brindou com sua mensagem.

Disse ele: “A morte, como compreendê-la, a não ser na dimensão da fé. Aqui está ela, a Inês, serena como foi em vida. Aí estava ela

sempre serena, carinhosa, atenciosa, mulher dadivosa. Quantas e quantas vezes estivemos juntos, em sua casa, nas refeições, nos encontros e em tantas oportunidades. Inês sempre solícita, amorosa. Viveu uma vida de fé, fé em Deus. Por isso agora podemos dizer que está na Glória, com Deus, para sempre. Por isso hoje, sentimos saudade sim, mas jamais o desespero, jamais a tristeza. Nós rezamos por você, Inês. Você, interceda por nós”. Foi um momento muito bom ouvir estas palavras de Dom Fernando. Foram palavras que refletiram o carinho que sempre teve por nós. O carinho de todas as vezes que visitou a Inês, ministrando-lhe os Santos Óleos.

E AGORA JOSÉ?

Agora começa um novo momento na minha vida. Chegar a casa sem encontrar o bem mais precioso dela. Aquela primeira noite foi de serenidade, de repouso. A sequência dos dias e noites que foram passando, e a cada dia um novo olhar, uma nova constatação da realidade, novo sentimento sobre tudo o que passou. Não me saíam da cabeça tantas e tantas situações, cada momento antes durante e depois do início da doença de minha amada. Domingo de manhã, após a missa, em casa só, naquela imensidão... Soava nos meus ouvidos o barulho da cachoeira, olhava ao redor e via tantas e belas flores que ornaram os caminhos e a vida do meu amor por tantos anos. Só saudade, só lembranças, só carinho e amor, e muita gratidão ao Deus da vida por tudo isso. Me veio à lembrança o momento em que Inês conheceu o Dr. Macedo e disse “é ele ou ninguém...”. Senti uma profunda gratidão por ele e entendi o porquê desta escolha da Inês por uma pessoa que acabava de conhecer. Resolvi escrever para ele uma carta de agradecimento.

Veio-me à mente a figura incrível de uma grande colaboradora em nossa casa. No dia em que chegou, já veio cheia de confiança, sabia a que vinha, sabia do que sabia. Mulher experiente na vida, de muita dedicação em tudo, sabia o que precisava fazer, como fazer. Em nenhum momento tivemos relação de empregada e patrões, ela não admitiria esta relação e, desde o primeiro instante,

se impôs, “não seu Toninho, não é assim não, tem que ser assim... e não adiantava teimar, no fim sempre tinha razão, e isso foi muito bom para nós. Com seu jeito de mãezona e sempre decidida, parecia adivinhar nossos pensamentos. Como isso foi importante na doença da Inês, enquanto esteve conosco! Que anjo bom que foi! Impressionou a todos os missionários do Meac por ocasião de nossas assembleias, a todos cativando com seu jeito bom de ser e pela atenção que dava a todos. Mas um dia precisou seguir seu caminho, cuidar de sua vida, zelar pelos seus, fazer por eles o que sempre fez para os outros e de modo especial para nós. Quanta gratidão e carinho a Inês tinha por esta mulher. Como ela facilitou minha vida por um bom tempo, ajudando a Netche nos cuidados de tudo o que necessitávamos em nossa casa, nos mínimos detalhes. Apanhei então, nesse dia de lembranças, para renovar minha gratidão a Deus, uma carta entregue para nossa querida Dona Nilva.

DONA NILVA

São Paulo, 06 de Fevereiro de 2008

Querida Dona Nilva!

Hoje é um dia muito especial para nós, quando a senhora deixa nossa casa. Especial porque tudo é especial em sua vida ,em nossa vida. Até a despedida dolorosa passa a ser especial porque marcada de muitas saudades e lembranças.

Esta data, o dia de hoje, quarta feira de cinzas, com certeza, não será esquecida. Jamais vamos esquecer tudo o que se passou entre nós, desde que a senhora iniciou a trabalhar conosco, há nove anos.

Dizem que ninguém é insubstituível. Mas nós sabemos que ninguém vai se igualar à senhora, Dona Nilva! Seu carinho e dedicação em tudo, até nas mínimas coisas.

Não vamos esquecer o seu carinho e dedicação, principalmente nos momentos tristes como da doença da Bruna e da morte do Rafael, num dia como hoje, que entregamos para Deus aquele anjo. Foram momentos duros, sofridos, e a senhora estava conosco, sofrendo junto.

Neste momento do nosso “pequeno calvário”, nos cuidados com a Inês, a senhora se mostrou o verdadeiro Cirineu que ajudou Jesus a carregar a cruz. Sem a senhora teria sido muito mais difícil, principalmente para a Nêche, e para nós todos.

Mesmo quando era incompreendida, a senhora soube amar e perdoar. A senhora foi amiga nas horas difíceis, alegrou-se conosco nos momentos bons, e foi conselheira sábia em todas os momentos. Silenciosamente foi marcando nossas vidas.

Nós lhe oferecemos tão pouco! E tudo aceitou com alegria e gratidão. Próprio das grandes almas, dos grandes seres humanos. Queremos aprender com tudo isso que nos ensinou. Estamos certos, ninguém poderá preencher esta lacuna com sua ausência.

E não poderia ser diferente, pois Deus não se repete na sua criação. Cada pessoa é diferente e especial para Deus. Mas com a senhora Ele caprichou, fez da senhora um anjo, e a colocou ao nosso lado. Mas a tarefa dos anjos um dia acaba, quando completam o que deviam fazer. E a senhora fez tudo bem feito.

Queremos agradecer por tudo isso e desejar que seja muito feliz, como nos fez felizes durante todo este tempo.

Que Deus a abençoe sempre.

Com muito carinho e gratidão, seus amigos da Família Tatto e em especial: Inês Jesus Tatto, Antoninho Tatto, Kátia Jesus Tatto Marques, Fábio Marques, Leonardo Jesus Tatto, Jordana Bernucci Tatto, Cristiane Jesus Tatto, Daniel Jesus Tatto, Inês Fontana Sponchiado, Bruna Tatto Raimundo, Bianca Tatto Marques, Gabriel Tatto Marques e Ignês Fontana Tatto.

SOLIDÃO E MAIS LEMBRANÇAS

Lembrei da Inês, de como tudo começou, como a conheci, como iniciamos o namoro, de como fui aceito na família dela. Recordei e busquei uma carta enviada ao Luiz, irmão mais velho:

Viva Deus Uno e Trino em nossos corações.

São Paulo, 23 de setembro de 1970.

Estimado amigo Luiz!

Desejo que, ao receber esta cartinha, estejas gozando de plena felicidade entre teus colegas e superiores. Que todas as tuas aspirações estejam a caminho da realização plena.

Luiz, deveria ter escrito a você muito antes para participar-lhe de um acontecimento que me deixou muito feliz. Não o fiz antes por uma série de motivos, os quais não necessitam de explicações. Peço, pois, que me perdoes. A coisa é simples, mas encerra algo de muita importância porque não se trata de uma mera ilusão ou de um acontecimento formal como outro qualquer. É algo que me deixa muito preocupado e, às vezes, me faz temer. Preocupado porque não sei até que ponto sou eu digno de tanta alegria. Medo tenho que isso um dia acabe. Não vou mais dar rodeio, entrarei no caso e peço tua compreensão. Estou namorando Inês, tua irmã. Aconteceu no dia 12 deste mês o fato de começarmos o namoro oficial. De quando gosto da Inês, nem eu sei certo, mas acho que foi desde a primeira vez que a vi. Estamos muito felizes por isso tudo. Parece que na tua família reina um clima de alegria pelo acontecimento. Se isso você pudesse me certificar, ficaria muito feliz. Ainda hoje me encontrei com tua mãe e com a Inês. Tudo vai bem, pelo menos é o que percebo. Como sete dias são longos demais para quem ama muito, marcamos um encontro na quarta feira e, foi o que aconteceu hoje. E daí, vai concordar ou não? Você, como chefe da família, precisa definir as coisas e eis aí um caso para você ir experimentando. Esses gaviões!!! Conversaremos mais sobre isso quando vieres de férias, ok? Até lá espero que sobre uma folguinha para escrever uma cartinha. Olha, só aceito carta em nome coletivo isto é, Antoninho e Inês. Tem mais, já somos noivos! É, a coisa aqui está quente! Eis o motivo porque não posso receber carta em meu nome só. Minha vida já não me pertence, portanto...

Escuta, quando você vai ter férias? Escreva-nos com antecedência (você reparou o pronome?) Particularmente preciso conversar contigo e por isso mesmo quero que seja antes de eu ir de férias para a Penha. Marcarei uma data que seja depois de nosso encontro. Ok. Escuta, vamos quebrar esse galho, não? Até breve. Teu... Antoninho Tatto.

Não encontrei a resposta dada pelo Luiz, mas encontrei algo precioso, minha resposta e uma que se refere a ela. Uma carta da Inês enviada ao Luiz.

Minha resposta:

São Paulo, 22 de outubro de 1970.

Caro Luiz!

Ainda contagiado pela alegria que produziu tua carta, tento respondê-la visando dar-lhe um toque de agradecimento pelas considerações a que fizestes alusão. Fiquei esperando esta carta a cada momento, pois soubera por uma que mandastes à Inês que havias remetido no dia 2 de outubro. Só hoje é que chegou às minhas mãos e já telefonei para tua mãe dizendo que havia recebido a carta e mais tarde a Inês passará aqui no escritório para retirá-la. Pois bem, não posso ocultar o orgulho de ter recebido uma carta de tal teor. Para mim é mais uma voz que diz “avante”. Cada palavra tua representa a expressão máxima de minha alegria e o maior sentimento de afetividade sublimada. Sim, representas a autoridade paternal da Inês por quem alimento os mais altos sentimentos. Completa-se agora minha alegria, porque concluí que é realidade a euforia de tua família por ter eu penetrado como pretendente de uma participação, de uma integração na mesma. Se o galho está quebrado com uma condição que nos amamos realmente, jamais existiu esse galho. Não quero tecer particularidades de nosso namoro, pois prefiro, e acho que será o pensamento da Inês também, que você tire tuas conclusões quando vier de férias. Uma coisa afirmo-lhe: somos felizes...

... Sem outro particular, quero agradecer-lhe mais uma vez por todo o apoio e, mais, pela simpatia de tua carta no nosso namoro que toma corpo cada dia mais.

Subscrevo-me com alta estima e consideração.

Teu amigo, Antoninho.

Carta da Inês ao Luiz:

São Paulo, 4 de novembro de 1970

Alô mano!

Tudo ok. Bem, o que tenho a te falar é pouco, vou ser rápida.

Li a carta que você mandou ao Toninho, simplesmente adorei, sinceramente fiquei contentíssima.

Você pergunta se eu realmente amo o Toninho? O que eu sinto por ele é tão maravilhoso que nem posso explicar, e acho que ele será seu cunhado mesmo. Gostou, hein!....

O Toninho te respondeu e disse que eu vou trabalhar com ele, não? Pois é, pretendo estudar à noite e trabalhar de dia o ano que vem, se Deus quiser. Esta semana vou começar a fazer datilografia porque ele talvez precise de mim logo. Tudo aqui está ok.... Inês.

Fiquei lembrando tantos momentos de graça como aquele quando comemoramos 25 anos de casados, nossas Bodas de Prata celebradas com grande alegria com a presença de toda família e de todos nossos queridos irmãos missionários do Meac. Que momento aquele! Meu Deus, quanta saudade! Quanta gratidão! Tudo registrado em vídeo pelos amigos Seixas, Sandra, Pini e o meu querido irmão e companheiro de centenas de viagens pelo Brasil em pregações, que a todos encantava com sua voz e seu violão, valorizando sobremaneira minhas palestras, o especial amigo e irmão Sérgio Cinci. Tudo registrado para a história, a grande honra da presença de nosso confessor e diretor espiritual Fradão e o diretor espiritual do Meac Mons. Valdemar Conceição e nosso bispo Dom Fernando numa belíssima celebração, quando Dom Fernando nos brindou com sua mensagem:

DOM FERNANDO NAS BODAS DE PRATA

“Nossa satisfação é grande de estarmos aqui. Já no ano passado, quando aqui viemos, este compromisso foi assumido. No dia de hoje, nestas bodas, estamos aqui celebrando esta missa e, portanto, pedindo as graças e bênçãos de Deus para este casal, sua família, amigos, todos nós que aqui nos encontramos. Logo que cheguei na diocese, uma das primeiras figuras que encontrei foi o Toninho. Começamos a trabalhar e a Inês, esta zelosa esposa e carinhosa mãe que também sempre estava aí com sua oração nos acompanhando, e presente, foi sempre um grande estímulo para todo este trabalho, o quanto foi realizado e como tudo se manifestou na graça de Deus para testemunho de uma vida mergulhada no amor de Deus. Por isso tudo cresceu e como se desenvolveu! Foi realmente esta presença de igreja, presença missionária da ação benevolente deste Deus, aqui na Diocese

de Santo Amaro, e podemos dizer que foi se espalhando para além das nossas fronteiras nacionais. É a graça de Deus, são bênçãos do alto. Sabemos bem que, quando não é de Deus, vem a preocupação, não cresce e logo morre. Quando é de Deus, vai se desenvolvendo. Vêm os problemas de vez em quando, a gente tem que ver para onde vai, mas pede para que Deus ilumine os caminhos para que sejam de acordo com o Seus desígnios. Por isso hoje, nós vemos esta árvore frondosa que cresceu, se desenvolveu, cujos ramos se espalham por toda parte. Por isso tudo, nós queremos elevar a Deus nossa Ação de Graças.

Sabemos, como vimos na leitura, que o matrimônio, abençoado por Deus, querido por Deus lá no primeiro milagre de Jesus também



numas bodas, lá estava nas bodas de Canã. Lá estava Jesus abençoando aquilo que constitui o fundamento de toda esta realidade que vimos no Evangelho, que é o amor. A base do matrimônio é o amor! Amor entre os esposos, amor que se expressa nos filhos. E os filhos, a proclamação deste amor presente na família manifestada em cada gesto, em cada expressão. Nós vemos na Bíblia que este matrimônio é sinal no Antigo Testamento da aliança de Deus conosco. Nós vemos no Novo Testamento esta mesma aliança selada e manifestada e proclamada pelo matrimônio, mas mais ainda, é a própria comunhão de Jesus, o filho de Deus com a sua Igreja que está presente e significada no matrimônio. Por isso ele é abençoado quando vivido nesta dimensão da fé. Por isso nós hoje, a nossa alegria justamente por que nós vimos isso ao longo destes dez anos que aqui estou, vimos esta presença de amor deste casal, como expressão desse amor de Deus para conosco. Então, este amor é abençoado, esta família é abençoada. E se nós estamos nestas bodas, é porque jubileu e bodas têm um significado muito grande para nós cristãos. É um momento, diríamos, privilegiado. Por quê? Porque Deus, naquele instante, Ele dá uma bênção também especial. Ele derrama suas graças. Sabemos que todo jubileu, todas as bodas têm sempre esta dimensão de uma ação de Deus. Como que uma intervenção na vida daquelas pessoas para que elas sejam purificadas, acrisoladas, para que elas possam crescer mais e se solidificar num relacionamento entre elas, no serviço, na disponibilidade em relação à comunidade, em relação aos irmãos e às irmãs. Portanto, repito, é momento privilegiado da graça de Deus. De modo particular, para este casal. Por isso as bodas são as mãos do próprio Deus estendidas sobre esta família, sobre vocês. Mãos amorosas, mãos poderosas que derramam esta graça que acrisola e purifica. Quando nós olhamos então os vinte e cinco anos que passaram, vamos ver que nessa mão misericordiosa, tudo, tudo é queimado pelo amor de Deus. E aí emerge uma nova força, uma nova realidade não só como um desejo, mas como um vigor no interior de nossa vida para muitos e muitos outros anos. Este é o significado das bodas. Nós olhamos e vemos o quanto fizemos e o quanto poderíamos fazer. Quem de nós não tem um pequeno deslize, uma palavra dura, uma pa-

lavra mais amarga. Mas tudo, tudo pela graça de Deus, por essa mão poderosa, está sendo queimado. Quando digo queimado, digo, purificado! Porque é o poder purificador de Deus. E aí a gente renasce, nasce de novo para uma realidade outra, cheia de esperança, de alegria e cheia de confiança. Nós nos sentimos então, o quê? Revigorados, porque tudo aquilo que passou, todos aqueles momentos, foram momentos em que nos sentimos mais fortes, fortalecidos pela graça porque crescemos segundo Deus. São vinte e cinco anos abençoados. Nós todos que aqui estamos reconhecemos e, por isso, nos nossos lábios, na nossa mente é como uma festa, é como um paina dessa ter-nura, desse carinho de Deus em nossa própria vida e que se eleva com este casal para dizer ao próprio Deus, ao mesmo Deus, obrigado Senhor! Muito obrigado porque nós os conhecemos, obrigado porque eles aqui estão, obrigado pela vida que tiveram e que esta mão continue abençoando prodigamente o casal e toda esta família. Obrigado, Senhor, e que Deus os abençoe!”

MENSAGENS DE BODAS DE PRATA

“Inês e Antoninho Tatto

... também, não foi há tanto tempo assim; mas 25 anos são uma grande vitória, uma vida! Parabéns! O amor de vocês é uma bênção não só para sua família, mas para todos nós. Deus os abençoe e conserve! Silvia e Eddie, (família Noel Morgan) 22/12/98”

“Que a estrela do Natal ilumine o caminho de vocês eternamente. São os votos de Fátima e família 22/12/98”.

“Antoninho e Inês

É muito bom saber que em plena véspera da passagem do milênio, em um mundo cheio de egoísmo, ódio, indiferenças, racismo e inveja existam pessoas como vocês, pessoas com que sabemos poder contar nos momentos de alegria e de tristeza. Acreditamos que é de pessoas como vocês que o mundo precisa. Felicidades, amamos vocês. Beijos, Lucinha, Nilto, Júlia e Lígia, 22/12/98”.

“Queridos Inês e Antoninho

Desejamos que este Amor seja sempre iluminado por Deus, hoje e por toda a vida. Amamos muito vocês” Beijos, Luiz Seixas e Sandra, 22/12/98”.

“Toninho e Inês

Até parece que foi ontem... Mas hoje faz 25 anos de muitas batalhas e vitórias. Que o amor que vos uniu há 25 anos perdure pela eternidade. Vocês são a referência para nós... Que Deus continue abençoando e iluminando esta linda união.

Segue assinatura de todos os colegas da Balan-Set, 22/12/98”.

“Toninho e Inês

Os meus cumprimentos por esta data tão linda. Eu te admiro muito. Fiquei te conhecendo numa novena de Natal na favela do Jardim das Imbuías, na casa da minha cunhada. Gostei muito da tua pregação na novena. Depois eu vi você pregando na Comunidade São Paulo Apóstolo, eu adorei. Para minha surpresa não sabia que ia ganhar um presente, o seu irmão como meu genro. Ganhei um livro sobre sua infância. O meu abraço de parabéns para vocês, sua amiga que os admira muito. Abraços, Terezinha P. Ferreira, 22/12/98”.

“Inês, depois de 25 anos de casados, veja se você se toca e troca de “gaúcho”. Felicidades, família Belchior, 22/12/98”.

“Antoninho e Inês

Que Deus proteja esse amor para sempre. Vocês são nosso exemplo. Felicidades. Enio e família, 22/12/98”.

“Felicidades pelos 25 anos. Parabéns!” Abel e Leocádia 22/12/98

“Inês e dindo Tatto

À distância estou em sintonia com toda a família e amigos que louvam a Deus. Hoje dia 22, que marca os 25 anos de tão abençoada caminhada matrimonial, com meu carinho, sua afilhada, Vanessa Torres, Brasília, dez. 98”. Vanessa uma amiga querida, que conheci na missão em Boston onde ela era Vice-Cônsul. Uma honra muito grande ser seu padrinho.

“O Cristo, que vocês nos ajudam a amar e respeitar, fique sempre com vocês. Roque e Rita 22/12/98”.

“A vida de vocês é um exemplo a ser seguido. Parabéns pelos 25 anos de casados. Jilmar e família, 22/12/98”.

“Que Deus pai, nossa Mãe e seu Filho, que sempre estiveram com vocês, continuem vos cobrindo de bênçãos por muitos anos. Um milhão de felicidades! São meus votos e, agradecida, por ter tido a oportunidade de compartilhar um pouquinho destes 25 anos. Beijos, Netchê, 22/12/98”.

“Parabéns pelo aniversário de casamento. Luzinete e família, 22/12/98”.

“Antoninho e Inês

Nesta data muito importante de suas vidas, que Deus abençoe, suas vidas, sua união e toda a família. Que Deus derrame as melhores bênçãos, muita paz, alegria e saúde. São os votos de seus amigos, Vendelino, Natalina, Vanderlei e Julcéia, 22/12/98”.

“Inês e Antoninho

Que a felicidade, paz e harmonia destes 25 anos sejam multiplicadas no decorrer dos anos que vierem. Abdias e família, 22/12/98”.

“Imploro a Deus copiosas bênçãos nos 25 anos do enlace matrimonial. João Monteiro Barros Filho”. Que honra esta mensagem do fundador da nossa Rede Vida de Televisão.

“Bons amigos Inês e Toninho

Que bom ter vocês como amigos, e ver-vos celebrar 25 anos de casados e pais. Agora, mais 25 anos de casados e avós. Vão ser anos bonitos, maduros, de um casal experiente. Que Deus esteja sempre com vocês, em todos os momentos, como único caminho, verdade e vida. Um abraço fraterno. Manuel e Alice, 22/12/98”.

“Inês e Tatto

Que Deus continue abençoando vossa família como sempre fez, e que vocês continuem dando esse exemplo maravilhoso de vida conjugal. Cris e Marcelo, 22/12/98”.

“Toninho e Inês

Vinte e cinco anos de convivência proporcionam mais do que uma mera alegria para quem ama vocês; proporciona sim um testemunho de vida a dois! Parabéns e que Deus ilumine vocês. Juarez, Rosi, Inaiá e Anderson, 22/12/98”.

“Toninho e Inês

Com certeza para vocês este sonho se tornou realidade, que é essa união de tantos anos. União que nos serve como modelo a ser seguido, e um exemplo que nos faz acreditar que com amor e respeito constrói-se um casamento sólido, verdadeiro, o qual nenhuma tempestade pode abalar. Parabéns! Que Deus continue derramando suas bênçãos sobre vocês. Vocês têm um significado muito especial em nossas vidas. Adriana, Lúcio, Dudu e Carol, 22/12/98”.

“Antoninho e Inês

Unimo-nos na prece de louvor e ação de graças na celebração dos 25 anos de doação ao Senhor. Imploramos ao Pai Providente a graça da felicidade, na generosidade. Com carinho, o abraço e as preces das Irmãs Beneditinas da Divina Providência. Santo André, 22/12/98 pelas irmãs ass. Ir Mônica”.

“Querido Antoninho, nosso reencontro foi uma grande alegria, e que banquete gostoso! Foi bom poder conversar mais profundamente sobre nossos temas. Ainda não consegui ler seu novo livro, o que pretendo fazer logo. Você já se dedicou tanto para os demais pelo Brasil inteiro. Alguém deve focar também o equilíbrio entre amar ao próximo e a si mesmo. Meu orientador espiritual faz muita questão nisso. Se alguém não está bem consigo mesmo, não pode dar. Você sabe de tudo isso. Pôr em prática é sempre a dificuldade. Minha viagem resultou muito bem, estou contente e agradecida. Um grande abraço para ti e a querida Inês. Elisabeth Freitag, Essen, Alemanha”.

“Tatto. Que Santa Terezinha derrame sobre vocês suas chuvas de rosas. Em Cristo e nossa Virgem Maria. Paula Casas, Lima Peru”.

ACONTECIMENTOS E AÇÕES QUE MARCAM PROFUNDAMENTE

Li e fiquei pensando no significado deste bilhete que escrevi numa viagem. “Querida, estava com saudade de você. Quando você ligou, me deixou com mais saudades ainda! Estando longe, sabendo que não dá para ficarmos juntos, me dá um aperto muito grande. Se não fosse pelo trabalho missionário, não ficaria longe nunca. Seria tão bom se pudéssemos viajar sempre juntos. Um dia tudo isso vai ser realidade. Te prometo! Só uma coisa me deixa triste. Mas o tempo vai se encarregar para que isso não aconteça. Deus sabe o que se passa no meu coração. A proteção Dele não vai me faltar, para a nossa felicidade. Te amo e sofro porque horas nos separam. Mas é um sofrimento com sabor de vitória antecipada. Divirta-se que eu serei mais feliz. A cada comunhão você estará muito presente nesse fim de semana. Serão pelo menos oito missas. Deus te abençoe, e cuide bem do bem maior que temos, nossos filhos. Um beijo, teu Antoninho, 16/11/90, 14:50h”.

Muita coisa estava acontecendo, não me lembro dos detalhes, nada estava sendo fácil. Mas naquele tempo apenas horas nos separavam. E agora? Em 16/6/91 escrevia eu para Inês. A vida supõe sempre tensões e esforço. A felicidade supõe vencer o que a vida supõe. Minha vida de felicidade supõe você, teu esforço que vence todas as minhas tensões. Te amo. Antoninho.

Fiquei pensando, como seria agora minha vida naquela casa! Como seriam as minhas viagens missionárias, quem seria a me incentivar e dizer: “Você precisa ir, precisam de você”. Inês sempre foi uma missionária dedicada, atenta e uma fonte de incentivo. De alguma forma participava ativamente de cada missão, mas a cada uma atribuía um significado especial. Desta vez que não podia me acompanhar, mas tinha em seu coração muito viva a lembrança

da missão anterior, e sabia que eu precisava de um incentivo e de sentir, de alguma forma, sua presença carinhosa e intercessora.

“Deus realmente está conosco. Cada missão, sempre é, para mim, como se fosse a primeira. Hoje, durante as pregações na Par. São Luiz, senti que realmente há um novo ardor missionário em você. Peço a Deus te conservar, pois se só fazemos “certas loucuras”, é realmente por amor à missão, a Deus. Cada vez mais te admiro. Continue firme, que nós aqui estamos contigo, na oração, no coração. Vai com Deus. E que seja sempre feita a vontade Dele. Um beijo, te amo, Inês. 22/8/98”.

Foram muitos os momentos em que precisei do apoio e incentivo como no dia 16/11/90.

Daniel, muitas vezes, era este tradutor dos sentimentos seus e da família.

“Papai, viajem com Deus. Eu estou torcendo para que nada de mal te aconteça. O meu coração está indo com você. Ass. Daniel J.T”.

Meu coração vibrava de alegria e me sentia forte quando recebia alguma mensagem como esta dos quatro filhos, cada um com sua forma própria de manifestar seu amor de filhos. “ Kátia: Pai, hoje quero te agradecer por sempre me apoiar, por transmitir seus valores e sua sabedoria, com amor e carinho. Por tudo isso peço a Deus que te abençoe sempre. Kika: Parabéns meu exemplo, meu amado. Te amo. Dani: Parabéns paizão, obrigado pela paciência e toda força que nos dá. Te amo. Léo: Parabéns, meu pai amado. Deus te abençoe”.

Toda e qualquer mensagem dada a um missionário é sempre um grande incentivo para novas propostas, novas buscas no sentido de melhorar sempre a forma, conteúdo e disposição para realizar a Evangelização a que se propôs. Recebi muitas mensagens durante os mais de cinquenta anos de vida missionária. Algumas chegaram em momentos dramáticos. Ao recebê-las, sempre era um recado de Deus, uma resposta ou nova proposta. Como esta recebida em 20/3/94 das Irmãs Sacramentinas de Bérghamo:

“Prezado Missionário.

Agradecemos-lhe pelo trabalho que com tanto amor desenvolve pelo “Reino de Deus”, pela “Igreja de Cristo”.

Rezaremos para que o Senhor da vinha continue a dar-lhe forças para testemunhá-lo sempre com renovado ardor. E que a Virgem Mãe o acompanhe sempre de perto. Feliz Páscoa!”.

Foram inúmeras vezes que sentimos a presença protetora de Nossa Senhora em nossas viagens. Certa vez, Sérgio Cinci e eu deixamos uma paróquia, como tantas vezes, por volta de 22h. Tínhamos pela frente quase mil quilômetros e precisávamos chegar a casa para o trabalho na segunda-feira. Enfrentávamos as madrugadas frias e com muita neblina na rodovia Fernão Dias. Sérgio sempre teve muita sensibilidade. Percebia quando eu estava no limite. Era uma ordem, durma! Eu sabia, podia deixar o volante na suas mãos. Ele sempre foi um ótimo motorista, gostava de dirigir. Um volante, fones para ouvir músicas, e um café a cada duas horas, aí tínhamos um homem feliz. Mas naquela madrugada levamos um grande susto, acordei em sobressaltos, carro fazendo alguns ziguezagues e voltando seguro na pista. Naquela neblina forte um cavalo atravessou bem na frente, a poucos metros. Não fosse um Sérgio bom de volante, e sempre atento, teria sido complicado. Nossos pensamentos, como que combinados, elevamos nossas mãos para o céu e dissemos, obrigado Nossa Senhora. Sempre confiamos na sua presença. Em todas nossas viagens, o início sempre foi rezando o terço, como sempre nos recomendava o nosso grande incentivador, Rouxinol, quando de nossas despedidas na Editora O Recado, “façam boa viagem, e... rezem o terço”.. Por isso sempre valorizamos muito quando alguém nos recomendava a Nossa Senhora. Sérgio e eu, sempre que nos despedíamos saindo da casa paroquial, pedíamos para que o padre nos abençoasse.

ETERNAMENTE CONOSCO

Dias, noites, meses e anos com uma ausência de algo que está logo aí, quase podendo se tocar, podendo sentir como reconfortante presença. Inês foi, mas continuou muito presente. O que não

temos mais é o instrumento de comunicação que Deus usou, seu corpo, para que pudéssemos conhecê-la, conviver com ela, amá-la, descobrir a beleza de sua presença, o encanto do seu sorriso, seu carinho e a alegria de estar e conviver com todos. Este corpo é que termina com a morte, mas a essência da Inês não morreu, não se apaga, está sempre presente em toda e qualquer lembrança. Por isso, quando uma pessoa morre, nós sentimos saudade. Só podemos sentir saudade de algo real que existiu e continua existindo em nossa mente. Sentimos saudade da alma da Inês, com a qual vamos nos encontrar um dia na eternidade de Deus. Esta é nossa fé, é nisso que cremos.

Tanto o Fradão quanto Dom Fernando, em suas mensagens, nos lembravam do poder da intercessão. Quem nos amou em vida, quem amamos enquanto viva, na eternidade, no céu, junto de Deus, intercede por nós, cuida de nós. Eu creio nisso sim, pois sinto a cada dia que Inês interfere diretamente na minha vida. Quando algo de bom acontece, minha mente voa para a imagem dela na ação de Deus. Quando meu comportamento não é aquele que deveria ser, vem logo o arrependimento, a voz da consciência que martela para me lembrar que algo precisa mudar ou deixar de acontecer. Nesta hora é a imagem da Inês carinhosa que me vem à mente. Sim, creio que ela intercede por mim. E eu aqui curto na lembrança todos os momentos que Deus me concedeu, desde o primeiro olhar em Araraquara, naquela abençoada e providencial visita. Mais que isso, posso curtir e me alegrar vendo e relendo tantos e tantos bilhetes que Inês me enviava nas viagens missionárias ou que me entregava em ocasiões especiais, assim como os que eu escrevi para ela. Ei-los, aleatoriamente, sem cronologia, pois isso agora não importa, apenas tê-los e partilhá-los.

BILHETES

“Que esta missão seja para o Reino de Deus. Estamos com você em pensamento e orações. Sua ausência entre nós será nossa parte neste trabalho. Vá com Deus, fique com Deus. Um beijo, te amo, Inês”.

Inserção total, comunhão plena na missão. Vejam este:

“Te amo. Já achou o outro bilhete? Se não, procure bem. Se não está na mala, está em um lugar que com toda certeza vais abrir. Procure, não desanime. Te espero com muito amor. Deus seja louvado por me dar você. Inês”.

Encontrei sim o bilhete dela, estava na Bíblia. Ela escolhia com muita propriedade a página da Bíblia para minha reflexão. Às vezes o bilhete era curto e grosso, com um recado:

“Vá com Deus. Estarás em nossas orações. Deus te ilumine e faça instrumento. Um beijo. Inês, te amo (apesar de você não acreditar). Acho que o bicho tava pegando, com certeza, tinha feito ou falado alguma besteira. Tivemos momentos dramáticos, não era fácil cumprir todos os compromissos, às vezes tinha vontade de parar com tudo. Mas lá vinha o bilhete da Inês:

“Em momento algum pensei em você cancelar essa viagem. Vamos ficar bem. Reze bastante pelo Léo, diga sempre a ele que o ama, mesmo estando longe, que eu direi aqui, perto dele. Que Deus os ajude nessa missão, seja feita a vontade Dele, sempre em 1º lugar. Que Jesus os acompanhe passo a passo, para Seu Reino acontecer o quanto antes. Que a mãezinha os guarde em seu manto santo, protegendo-os em seu coração querido. E que o Espírito Santo os ilumine em tudo. Resumindo, vocês são Dele. E não tem volta. Te amo, Inês 15/5/97.

A segunda pessoa a que a Inês se refere nos bilhetes é o Sérgio Cinci. Nunca foi fácil, mas às vezes era mais difícil, mesmo assim a entrega da Inês era impressionante:

“Deus te acompanhe. Não se preocupe. Pedi para mãezinha durante esta semana, que, se fosse da vontade dela, para agradar a Deus e a seu Filho, eu iria fazer qualquer sacrifício. Ontem ela se manifestou. Está doendo muito, mas irei fazer o que ela pediu. Que Deus me ajude e me dê forças para realizar. Conto com tuas orações também. Seja feliz nesse trabalho. Seja feito tudo pela paz. Em tudo, em primeiro lugar a vontade de quem nos ama tanto sem nada em troca. Te amo Inês. Guarde bem esta data, 24/10/91”.

ANIVERSÁRIO DE CASAMENTO 20 ANOS

Dia 22/12/93, aniversário de vinte anos do nosso casamento, escrevi um cartão: Inês, nesta data pensei em dar-te um presente. Gostaria que fosse algo que simbolizasse o que és para mim. Perscrutando teu íntimo, rememorando os vinte anos que se passaram, encontrei tanta riqueza que fiquei constrangido. Teria que ser um presente bonito e significativo. Mas para uma pessoa desprendida e simples como és, que presente tem sentido? O que poderia ser um presente bonito para você, se hoje, quando acordei, você dormia e estava tão linda! Bonita como há vinte anos, quando perdi o fôlego ao vê-la de noiva, entrando naquela igreja. Mas preciso manifestar, num presente, minha gratidão, meu carinho e meu amor. Elevo então meu pensamento, com gratidão, ao Deus Misericordioso, que teve tanto carinho para comigo, dando-me você que é a pura manifestação do Seu amor. Oxalá minha fé me permita isso. Quero estar em sintonia com tua espiritualidade para que, em Deus, possamos agradecer tão grande dom que Ele nos concedeu, nossos filhos. Por tudo, Deus lhe pague e me perdoe por não ter sido tudo o que sonhastes. Mais uma vez renovo meu amor. Um beijo.

Ao completarmos 21 anos de casamento, recebi um bilhete que me deixou muito feliz.

“Meu amado! Estou muito feliz por mais um ano juntos. Hoje, ao levantar, lembrei do dia 22/12/1973, quando naquela correria nem pensava nos momentos que iríamos passar ou quantos anos ficaríamos juntos. Hoje, depois de 21 anos, recordando tudo, tudo, só tenho que agradecer a Deus, pelo companheiro que me pôs no caminho. Pode acreditar, fui muito feliz naquele dia, hoje sou muito mais. Meu terço foi inteiramente nessa intenção. Que eu te ame cada vez mais. Um beijo, com muito amor. Inês”

Meu cartão ao comemorar 21 anos:

Querida Inês. Hoje, passados 21 anos de casamento, olhando para trás, meditando, posso afirmar: esses 21 anos com você foram os mais importantes da minha vida, os melhores dela. Os úl-

timos doze meses foram os melhores desses 21 anos. O último mês foi o melhor do último ano e, este dia, está sendo o melhor dos últimos 30 dias. Com você, tenho certeza, o futuro será ainda melhor. Por tudo te agradeço, por tudo te amo. Por tudo, demos graças a Deus. Um beijo. O presentinho é só para marcar os momentos de felicidade que nos estão reservados com as quatro preciosidades que você me deu. Amo a todos.

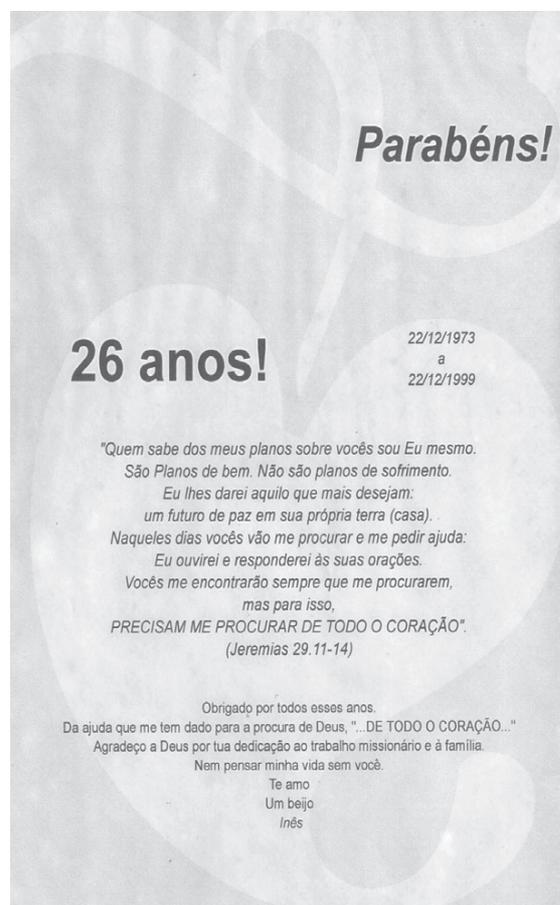
No aniversário de 09/08/96, todo grupo do Meac assinou um cartão onde escrevi esta mensagem: "Obrigado Deus por mais um ano que me permitiu guardar, com um vaso de barro, uma pérola preciosa, um dom maravilhoso! Inês querida, parabéns. Te amo!"

Dia dos namorados (o amor na simplicidade)

"Para o namorado da minha vida". Felicidade neste dia. Te amo, Inês, 12/6/03.

26 ANOS! (Inês escreveu)

"Quem sabe dos meus planos sobre vocês sou eu mesmo. São planos de bem. Não são planos de sofrimento. Eu lhes darei aquilo



que mais desejam: um futuro de paz em sua própria terra (casa). Naquele dia vocês vão me procurar e me pedir ajuda: Eu ouvirei e responderei às suas orações. Vocês me encontrarão sempre que me procurarem, mas para isso, PRECISAM ME PROCURAR DE TODO O CORAÇÃO". (Jeremias 29, 11-14)

Obrigado por todos esses anos. Pela ajuda que me tem dado para a procura de Deus, "...DE TODO O CORAÇÃO..." Agradeço a Deus por tua dedicação ao trabalho missionário e à família. Nem pensar minha vida sem você. Te amo. Um Beijo, Inês, 22/12/1999.

AOS 30 ANOS

Hino à minha amada!

Ponte unindo pontos
Unificando.
Escondendo abismos,
revelando horizontes.
Sua missão? Sustentar.
Pisada, não sofre,
são carícias.
Nela vão e vêm,
cada qual, segundo seus desejos,
conforme as necessidades.
O sentido? Que importa?
Respeita!
Serve!
Possibilita encontros.
É segurança na travessia.
Símbolo de resistência!
Caminho seguro!
Não há desvios. Chega-se lá.
Rumo certo!
Construtor zeloso!
Ser,
Servir,
Aceitar,
Cumprir.
És forte!
Menina, missionária.
Conduz para o infinito...
O Eterno.
Amas... és amada.
Aconteceu... a ponte para o sempre.
Nada é mais belo e precioso que uma
esposa virtuosa.
Nela tudo é bonito!
Sua voz encanta,

suas carícias,
são delícias repousantes.
Muito obrigado minha eterna amada!
Inês, como há trinta anos, estou apaixonado!

Antoninho Tatto

Querida Inês.

Parabéns pelo dia de hoje, seu aniversário.

Eu queria.....

Eu queria ser um poeta para cantar em prosa e verso este acontecimento. Queria poder descrever todos os encantos, a beleza, formosura, meiguice, docilidade, singeleza, a angelicalidade que te envolve. Queria ter o poder de curar todas as doenças para nunca vê-la sofrer de dores, de nenhuma delas. Queria ser um escultor para moldar de todas as formas, o presente escultural que Deus me concedeu. Queria ser um artesão especial e fazer a mais bela coroa para minha rainha.

Queria ter o poder mágico de te encantar. Quisera ser um colibri para ficar voando, voando, bem próximo ao seu rosto, fazendo ventinho, e dando bicadinhas de carícias.

Como não sou nada disso, apenas te digo que te amo muito, muito, muito! Parabéns e que as bênçãos de Deus supram todas as minhas deficiências e te concedam a sensação de tudo o que te desejo. Beijos. Antoninho Tatto

O QUE DIZIAM DA INÊS

Foram milhares de palestras durante toda minha convivência com a Inês. Não houve uma, que no final, nas despedidas, não houvesse as recomendações para Inês. Que amariam conhecê-la, mas mesmo assim era amada e admirada e mandavam agradecimentos. Algumas manifestações foram por escrito e guardadas com muito carinho. Como este cartão, enviado por ocasião do dia das mães onde, mais uma vez, eu estava ausente, em missão, desta vez nos Estados Unidos.

Foi ideia da Ilma, uma querida amiga que sempre nos acolhia em Framingham-USA: "Inês, teu nome é tão falado que o dia em que

te encontrar, acho que vou perder a voz. Já gosto de você sem conhecer-te. Feliz dia das mães. César”.

“Inês, apesar de não te conhecer, você já faz parte de nossas vidas. Que neste dia especial você possa ser fonte de inspiração para tantos que precisam de amor, carinho e amizade. Um grande abraço, Eliane e Paulo Assis”.

“Inês, obrigada por sua ajuda. Pela sua separação por alguns dias do Antoninho você ajudou a todos nós. Nos tocou com amor e carinho. Que Deus te dê, neste dia e tantos outros que estão por vir, muitas felicidades, paz e amor. Um grande abraço, Sandra”.

“Caríssima Inês. Ser mãe é ato sublime. Ser missionária é ato de fé, coragem e compromisso com a Palavra de Deus. Parabéns por você ser os dois. Feliz dia das mães. Que a paz infinita do Missionário eterno do Pai esteja sempre com você e sua família. Felicidades, Cláudio”.

Inês, mãe e amiga. Ser mãe é um dom divino, e você nos mostra esta bênção com sua família. Ilma, Melissa e Daniel”.

“Inês, obrigado por nos ceder uma pessoa tão maravilhosa quanto o Toninho. Deus te abençoe hoje e sempre. Feliz dia das Mães. Dado”.

“Inês, como diz uma canção: O mundo dá muitas voltas e a gente vai se encontrar..., não por mera coincidência, mas por providência de Deus, porque Ele nos coloca na mesma estrada, para darmos as mãos e segui-lo. Que Deus te abençoe, principalmente nesta missão de mãe, hoje e sempre! Felicidades, e... até um dia! Beta”.

O Dado e a Beta me acolheram carinhosamente em sua casa muitas vezes quando em missão na Arquidiocese de Boston.

“Que a Paz de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre com você. Veja, Inês, como foi boa esta ideia da Ilma! Deu para reunir alguns do grupo do Meac USA, e dizer-lhe numa só voz: Muito

obrigado. Pois, sem o seu exemplo de esposa missionária, nada disso teria acontecido e a história seria diferente. E porque você disse Sim, nós hoje podemos desejar-lhe que Deus, infinitamente generoso, lhe dê sempre o Dom do Espírito Santo para que você triunfe em todas as suas missões, mas principalmente, a de ser mãe. Abençoa, Senhor, a Inês e sua família, Amém. Com todo nosso carinho, um grande beijo meu e de meus filhos, Paulo e Roberto, Edinha”. Este cartão veio assinado também por Luiza, Flauzino, Ana e Paulo, Toninho e Luiza, Rosângela, Eliane, Eliana, Eloísio, Rubens, Teka e Chico, Sueli, Glória e padre Roque Patussi. Para algumas pessoas, pequenos gestos significam grandes mensagens. Boston, 26 de abril de 1996.

Inês. Permita-me chamá-la assim. Não a conheço, mas pelas suas mensagens que o Antoninho leu e nos falou você é uma pessoa muito especial. Que linda é a força que você transmite para ele, dando um testemunho de amor como esposa e como filha de Deus, que tudo faz para a construção de um mundo mais fraterno e para que a Palavra de Deus seja anunciada. Que exemplo de esposa missionária que você nos deu! Muito obrigado e que Deus a abençoe. Com carinho dos seus irmãos em Cristo Luiza e Toninho”.

“Queridos Antoninho, Inês, e família. Desejamos paz, felicidades, saúde, amor e muita prosperidade. Prosperidade em todos os sentidos! Vocês realmente são pessoas especiais, muito especiais! Viva! Mil felicidades hoje e pela eternidade, Sandra e Luiz Seixas, 25/12/97”.

Este casal de amigos queridos nos proporcionaram momentos de muitas alegrias, seja na convivência em nossas casas, nas viagens que fizemos para Las Vegas, de lazer e em busca de tecnologias, mas principalmente, ao apoio que deram a nossos filhos Léo e Daniel nos trabalhos de comunicação, onde foram nosso apoio maior, juntamente com o saudoso e querido amigo e irmão Pini, na elaboração dos programas de televisão que eu apresentava na Rede Vida.

“Querida Inês, que Deus a guarde sob seu manto. Não sei se já te disse, mas se disse vou repetir: Eu a admiro e a tenho como espelho de perseverança e dignidade. Seja forte, pois sua força é a força de todas nós. Um grande beijo de sua cunhada Yolanda, 11/05/08.



Inês, primeira comunhão

Dia 8 de dezembro de 2011 recebi e-mail do meu cunhado Luiz:

“Querido cunhado, hoje a Inês faz aniversário, foi o dia da 1ª Comunhão, o 1º contato físico com o CRIADOR. Não tenho certeza se foi em 1959 ou 1958, era pequenina ainda, mas já tinha em seu coração um respeito muito grande pela Sagrada Eucaristia. Me lembro que estava muito nervosa na véspera, no dia da Confissão. No domingo, na Missa das 10h a emoção tomou conta do seu ser. Foi uma data inesquecível e de muita festa, afinal era o dia da Imaculada Conceição. Hoje, ela não recebe a Sagrada Eucaristia, mas muito mais... faz

Dela a sua moradia!

Realmente, a Eucaristia era para Inês sempre um momento de profunda adoração. Comovia-se muitas vezes. Soube transmitir esta devoção aos filhos e netos.

Kátia me escreveu sobre isso: “Bom, agora sei de quem puxei toda a emoção da primeira comunhão. Lembra que chorei? E o Gabriel? Foi fotografado várias vezes após a primeira comunhão se acabando de tanto chorar. Bonitinho. Nem preciso falar que estou chorando agora, só de saber de mais essa. Afff, fico até imaginando a cena, a carinha dela recebendo a primeira eucaristia. Saudades eternas.

Da África vem um apelo forte:

“Bom dia, Sr. Antoninho. Como vai? Sempre me lembro dos seus testemunhos, sobre Inês. Ficarão marcados para sempre no coração de quem os escutou. Pense na publicação de um livro, seria ótimo”. **Adriana Nishiyama** (África, Guiné-Bissau, Bafatá).

Moçambique, Maputo

Foi em 2010, 24 de outubro, domingo, dia mundial das missões, em Maputo-Moçambique. Depois de alguns dias na Diocese de Pemba, retornando ao Brasil, uma parada obrigatória em Maputo, onde nosso trabalho começou alguns anos antes. Reencontrar com o grupo do Meac de Maputo, fortalecer os laços de amizade, concretizar a ideia de mais um núcleo do Meac. Entre as atividades, um encontro com as lideranças da Pastoral do Dízimo da Arquidiocese de Maputo. Após as reflexões por toda a manhã, missa de encerramento. Que momentos inesquecíveis poder partilhar nossa experiência missionária e receber nesse dia a imagem de Nossa Senhora do Dízimo abençoada na missa pelo Padre Geraldo! No final da missa, as despedidas, pois algumas horas mais tarde, retornaria para o Brasil. Entre os muitos abraços, um vai ficar marcado para sempre no meu coração. Um grupo de senhoras esperaram para o final, quando todos já se tinham retirado. Não era só para me desejar boa viagem, era para fazer um pedido. Cada uma me abraçou, e de cada uma brotavam palavras de carinho, agradecimentos, e não escondiam a emoção. Nem eu tão pouco. No final uma delas tomou minhas duas mãos, olhando nos meus olhos falou emocionada: “Escreva um livro para nós mulheres africanas, conte tudo o que você nos disse da Inês, precisamos disso”.

Pelo menos uma centena de vezes já tinha ouvido a pergunta: “Você tem um livro que relata tudo isso”?

Inês sempre chamava atenção por não chamar atenção. Tudo na vida dela tinha um valor enorme, as coisas importantes, grandes ou as mais singelas como estes dois bilhetinhos carinhosamente guardados entre suas coisas. “P/ Inês. Parabéns e muitas felicidades, com carinho de Otávio e Terezinha”. “Inês, parabéns

muitas felicidades, muita saúde e alegrias são os votos de Natalina, Vendelino, Vanderlei e Julcéia”.

“Não é bom que o homem viva só”. Não faz bem para a alma. Esta foi minha constatação, minha experiência. Após dois anos sem a presença da Inês, começaram as apostas. “O Antoninho precisa casar”. Quem seria? Teria que ser? Não teria que ser? Medos, inseguranças, ciúmes, invejas, interesses, apostas e propostas. Fui envolvido num turbilhão de ideias e possibilidades que não buscava, mas passaram a ser consideradas diante da carência afetiva, do isolamento e do silêncio ensurdecedor que martelava minha mente dia e noite. Me faltava a presença. Como considerar a possibilidade de um novo casamento depois de mais de quarenta anos de convivência com Inês, entre namoro e casamento? É claro que existem muitas pessoas boas, dignas, atraentes. Por que não considerar a possibilidade de uma nova experiência? O problema é acertar, não errar, não se arrepender. Quem viveu um casamento em toda sua plenitude não poderia arriscar numa aventura inconsequente. Por isso mesmo era preciso que a graça de Deus se manifestasse nesta decisão, “bala de prata”. Só abri o coração e deixei a luz do céu entrar. Passei a considerar algumas possibilidades e, tenho certeza, não teria errado. Mas deixei que as inspirações circulassem em meu coração e, entre elas, haveria uma, da qual não poderia ficar indiferente, na qual deveria me debruçar e, humildemente, aceitar como mais um dom de Deus, fruto certamente, de intercessão. No Meac temos muitos missionários e missionárias. Sabia que havia uma preocupação dentro da minha família, pelos irmãos, cunhados, cunhadas, até sobrinhos e sobrinhas. Carinhosamente tinham um olhar seu, olhar de cuidado para comigo. Quando se trata dos filhos e netos esta preocupação é mais profunda e zelosa. O mesmo vinha acontecendo no grupo missionário. A gente não se dá conta, mas depois fica sabendo de tudo, o papo corria solto. Na Bahia o papo rola numa cozinha entre receitas e degustações. Muita conversa, muitas risadas, gozações e desafios entre mulheres que buscam realizar seus sonhos mas, para sonhar, é preciso ter certeza de onde pisar. Fulana porque acabou com o namoro, porque deixou o marido e, você por que não namora, por-

que não arruma um marido, e assim vai fluindo a conversa. Lá estava aquela jovem que não ligava muito para as brincadeiras, que não se interessava muito pelos tipos de namoros, o assunto em pauta. Entre estas mulheres, a sabedoria de uma missionária de 82 anos, a Nitinha, ouvindo os anseios e diante das conclusões e dificuldades para que tais sonhos se realizassem, dispara, “E você, Fernanda, por que você não casa com o Antoninho?” A resposta tímida, mas firme foi: “Se for com ele eu caso”. Bastou isso e, em poucos minutos, chega a notícia aos meus ouvidos. Que absurdo! Onde já se viu uma coisa dessas? Como isso seria possível? Como assim? E, o mundo girou. Ela tem a metade da minha idade, não pode ser verdade, é brincadeira de mau gosto, é desaforo e indelicadeza. Filha de um casal de missionários, exemplos vivos e vibrantes para mim e para todo o grupo. A origem não poderia ser melhor, mas mesmo assim, situação delicada. Se algumas pretendentes foram desaprovadas pelos familiares, embora pudesse ser apenas reação do primeiro momento, ou demonstração de carinho e cuidados, como seria a reação diante do novo fato?! Não foi das melhores, a começar pelos mais íntimos, os filhos, principalmente as filhas. Mas a escolha não era minha, sem saber eu era escolhido e, sem talvez se dar conta, ela era escolhida.

As providências eram tomadas, as decisões aconteciam. Era preciso verificar tudo isso de perto. Fui ao encontro para conversar, para olhar nos olhos e deixar o coração sentir e compreender. Já havia uma decisão. Tudo estava formatado, incompreensível, mas nitidamente definido. Fernanda seu nome. Ou melhor, Fernanda Inês. Casamos no dia 19/01/2012. Combinamos que seria uma cerimônia simples, só família. Como norma da Igreja, o casamento deveria ser na paróquia da noiva, ou seja, na Bahia, Dias d’Ávila e não São Paulo. Depois faríamos uma recepção para os amigos mais próximos e familiares de São Paulo. Foi marcado com distribuição de convites para 06 de fevereiro de 2012. Assim encaminhamos tudo para a paróquia Boa Viagem com Pe. Euclides, e tínhamos que participar do curso de noivos. E lá fomos nós para o curso, ou a primeira entrevista. Quando Pe. Euclides me viu, disse “Que é isso? Você não precisa nada

disso. Com todos estes anos de trabalho missionário, vocês estão dispensados”. Tudo encaminhado, família avisada, passagens e acomodações sendo providenciadas, veio a mudança. Minha mãe não estava bem de saúde, temia pela vida dela, jamais poderia viajar. E talvez não vivesse até a data marcada 06/02/12. E, casamento, sem a presença da mãe, nada feito. Resolvemos antecipar para 19/01/12. Solicitamos autorização para que acontecesse em São Paulo. Agora a coisa mudaria de figura, casamento íntimo, só família na Bahia, o número de pessoas era bastante reduzido, mas quando se fala de Tatto em São Paulo, só família é um grande número. Então fizemos uma recepção após a cerimônia, claro com um grande número. Dia 22 de janeiro deveríamos retornar a Dias d’Ávila para assembleia do Meac. Com a mudança de local do casamento para São Paulo, o povo da Bahia aceitou diante das circunstâncias, mas ficou um pouco frustrado. Então aproveitamos a presença dos missionários do Meac e fizemos uma recepção, nada íntima. Foi a segunda festa. E agora, como ficam todos que tinham recebido o convite para 06/02/12? Avisar a todos cancelando? Foi o que pensamos, mas as primeiras comunicações já manifestaram grande frustração. Resolvemos então manter e fizemos uma grande recepção para todos como manda o figurino. Para quem não queria nada, ficou de bom tamanho! Mas tudo foi muito bom e importante, até minha sogra ficou contente e participou alegre do nosso encontro com



a presença de todos os missionários no dia 22/01/12. Assim que é bom, todos felizes, não é mesmo? Pois é!

Para a cerimônia de casamento encaminhamos tudo no Santuário São Judas Tadeu com o Pe. Anthony. Convidamos para celebrante, com Pe Anthony, nosso diretor espiritual e também do Meac, o Fradão. Dom Fernando Antônio Figueiredo, nosso bispo, ao ser comunicado fez questão de estar presente e fazer a celebração. Foi um momento muito especial para Fernanda e eu, a presença dos três, numa missa normal da comunidade de uma quinta feira.

Mensagem de Dom Fernando:

“É uma alegria celebrar este matrimônio. A amizade que nos une vem desde que aqui cheguei, em São Paulo. Quantos anos! Cheguei em 89, portanto, vinte e dois anos, laços que nos unem, sem dúvida, de amizade, de fraternidade. O mandamento de Jesus é amai-vos uns aos outros como eu vos amei. O objetivo de Jesus é nos levar à comunhão. O que une este casal, Fernanda e Antoinho, não são sentimentos fugazes, passageiros. O que vos une é este amor que provém do próprio Deus que constitui a nossa base de esposa e esposo na edificação de um ideal de vida. O



Com a mãe e os pais de Fernanda

matrimônio é justamente esta expressão belíssima desse ideal de comunhão de vida. Este amor é solidificado pela fidelidade, pela amizade, por este encontro de ambos nesta construção. E hoje, vocês são privilegiados porque vão receber a bênção sacramental para viver em profundidade este amor. Um amor que é doação, generoso, dadivoso, gratuito, o amor que não busca outra coisa senão amar como Deus nos ama. É nesta profundidade que vocês vão viver. Eu creio que, como nas bodas de Canã, é o próprio Senhor que estará presente abençoando vocês para que alcancem a riqueza, a grandeza, a beleza da felicidade. É o que desejo de coração a vocês. E que essa felicidade traga a vocês, a cada um, aquela alegria interior, a paz e serenidade da alma. Felicidades para vocês, parabéns e que Deus os abençoe agora e ao longo da vida de vocês”.

Tenho dito e, repito, o bondoso Deus criou e escolheu duas mulheres especialmente para Antoninho Tatto. Mulher carinhosa, meiga, silenciosa, presente e compreensiva, companheira e, principalmente, respeitosa com as minhas saudades. Recebeu com carinho e respeito todos da família, de modo muito especial meus filhos e netos, com muita naturalidade e simplicidade. Da mesma forma, foi acolhida com muito carinho por todos, pois a todos conquistou com seu jeito humilde e carinhoso. O mais marcante foi a reação de minha mãe quando lhe falei da possibilidade de



um novo casamento. Sua resposta foi “faça o que seu coração sentir, mas tem que ser para valer, como foi o teu casamento com a Inês”. Quando a mãe conheceu a Fernanda Inês, ficou maravilhada. Bastaram apenas umas poucas horas de presença, de observação, de algumas palavras para ela me dizer, “mas como ela é legal!”. Eu sabia que a escolha não tinha sido nem minha e nem da Fernanda Inês, algo bom estava acontecendo. Minha presença na família de Fernanda foi algo natural devido à convivência de tantos anos na vida missionária com Bruno e Marilene, seus pais. Mas percebo que a extensão foi maior quando recebo uma mensagem como essa da sobrinha Lavínia Rossi: *“Hei Tio! Não te conheci quando novinho, não vi você mudar, não vi você crescer, mas nunca te imaginei assim. Te admiro pela força, pela coragem, a garra que tem, e a simplicidade de fazer as pessoas felizes sem muita coisa. Te admiro muito mais por fazer uma das pessoas que eu mais amo nessa vida feliz. Te admiro mais ainda pela sinceridade, pelos teus sonhos, tua lealdade, tua vontade de fazer acontecer, tua simplicidade, o seu sorriso. Não são muitos que, com essa idade (só 24 anos não é mesmo), que é um verdadeiro ser, um verdadeiro homem, um sábio. Você me ensina muito e, mais ainda, me inspira. Inspira todos a sua volta.*



Com os filhos

Você não é Deus, mas traz paz com suas palavras, seus gestos, sua caridade. Você é um homem de exemplos. Seus filhos, netos, sobrinhos, irmãos, pais e mulher, todos nós, nos orgulhamos muito de você! Você é um educador, uma dádiva de Deus! Obrigada por ser assim, e continue sempre assim. Meu amigo, meu tio, irmão por parte de Deus, um homem de Fé! Meus sinceros parabéns! Que Deus ilumine teus passos onde quer que vás, e onde quer que estejas Ele esteja com você e, mais ainda, você com Ele. Muitos anos de vida! Força! Foco e Fé! Eu amo muito você!

PARA MASSAGEAR O CORAÇÃO

Pe. Paulo Homero

Antoninho, meu amigo. Acabei de ler neste momento o seu livrinho sobre a Bruna. Que coisa mais linda! Como você escreve bem! Parecia vê-lo falando. Que emoção, que testemunho! Comecei às 13h30 e não consegui mais parar de ler. Estou muito edificado e fortalecido na fé. E difícil um padre *veio*, calejado, chegar às lágrimas com esta leitura, e eu cheguei. Só sei dizer que você é muito abençoado e estou muito feliz por você. Agradeço imensamente este presentão que você me deu quarta-feira e que hoje saboreei. E vou passar para frente. Tenho amigos que precisam ler. Feliz o homem que confia plenamente no Senhor: Seus passos serão sempre iluminados pela luz do Senhor! Um abraço e minha bênção a você, à Inês e a todos os seus.

Joaquim Accioly

Quero colocar dentro desta mensagem todos os corações que te apreciam, toda a luz e paz que você merece. Que a felicidade te acompanhe sempre e que ela seja ainda maior do que já é, pois é maravilhoso o bem que você planta ao longo do seu caminho. Tenha certeza que na vida, no tempo e na eternidade Deus te descreve sorrindo.

Jordana Bernuti Tatto (meus 71 anos)

”Hoje o dia amanheceu mais bonito, você veio ao mundo. E não apenas para uma simples passagem, veio com muito amor para dar, ensinamentos a passar, histórias de vida para nos contar. E

quis Deus me presentear me dando você como sogro. Confesso que, no início, me assustei um pouco, sério, bravo, até certas vezes, rude. Mas depois fui conhecendo e descobrindo a pessoa maravilhosa que é, e com o coração maior do mundo. Obrigada por tudo. Que Deus continue te abençoando com muita saúde e alegrias. Parabéns!! Te amo muito”.

Wagner e Célia

Ainda hoje, um amigo de longas datas me dizia que, depois dos oitenta perdeu a alegria de viver e agora só lhe resta esperar o dia D. Mas, por outro lado, vejo amigos que caminham ainda para essa marca, mas conservam firme essa alegria. Doçura e humildade não lhes faltam. Mas sempre é bom recordar um conselho da Palavra: “Meu filho, faze o que fazes com doçura, e, mais do que a estima dos homens, ganharás o afeto deles” (Prov 3,19). Para você esse conselho é como “chover no molhado”, pois sua vida e seus exemplos nos provam essa verdade. Vá em frente, meu irmão e, quando chegar na esquina do 8.0, olhe para trás e veja quantos seguidores ainda tentam acertar os próprios passos com os seus. Abraços e orações desses irmãos que apreciam a doçura de um fruto maduro, como você. Mas lembre-se: não caia tão cedo da árvore que te sustenta...

Kátia

Pai, você e esse seu dom das palavras sempre acabam comigo. Mas é bom ler tudo o que escreve. Sua opinião é muito importante e é bom saber que estou no caminho certo mesmo diante das provações que a vida tem imposto pra mim. Me traz a certeza de continuar sendo o que sou, sempre pedindo a Deus que não permita me desviar do caminho D’Ele. Obrigada por ser meu pai obrigada pela mãe maravilhosa que tive. Tenho certeza que ela está bem pertinho de mim me mimando como sempre fazia dizendo “óhhh meu bebê acabou de nascer” sempre no horário do meu nascimento. Sou eternamente grata a Deus por ter recebido de vocês a melhor educação que uma pessoa pode ter, a formação do caráter e do amor incondicional a Deus, entregando tudo nas mãos D’Ele, inclusive o que mais amamos. Totalmente sem restrições. Te amo muito, com toda minha vida.

PARA COMPLETAR, COM CHAVE DE OURO, ESTA HISTÓRIA

Como me referi em outra ocasião, cada um dos meus irmãos teve uma trajetória muito bonita. Jamais poderia negligenciar suas ações na luta por um mundo melhor, sempre com um olhar para com todas as pessoas com as quais sempre nos envolvemos. Conhecer os detalhes de cada um certamente nos enriquecerá. E ficará marcado para nossa história, como exemplos de superação, para nossos filhos, netos e o que Deus nos conceder mais.

Professor de comunicação

Antes, porém, de entrar neste mundo bonito e vitorioso dos meus irmãos, quero partilhar uma mensagem que recebi com muita alegria e honra num livro “ Comunicação MacLuhan” do Professor Osvaldo Melantonio, mestre da Comunicação Verbal dos maiores oradores deste país.

Diz em sua dedicatória:

“A Antoninho Tatto, com as homenagens do autor que agradece o privilégio de tê-lo conhecido como meu aluno e atualmente meu colega semeador, apesar, creio, de nossas pequenas divergências. Respeito os Tatto porque são seres superiores e justifico: De acordo com Jesus, você e seus familiares são pessoas especiais. No Novo Testamento em Marcos 9: 33-37, e Lucas 9: 46-48 encontramos a pergunta para Cristo: “Quem é o maior?” E recebemos a resposta: “Quem se torna humilde como criança, esse é o maior no reino dos céus”. Em Mateus 20: 25-28 lemos: “O maior será como o menor”. O Messias acrescentou: Eu, porém, estou entre vós como quem serve”. Baseado ainda em outras citações e realizando a inteligência graças à semântica de todo o evangelho e para melhor comunicar hoje em dia, sem fugir do espírito do cristianismo, podemos propagar: Se há alguém superior dentre vós que seja para servir”.

A Família Tatto vem há um quarto de século servindo de várias maneiras para diminuir as injustiças numerosas de nossa sociedade. Por estes motivos e por outros, presto aos Tatto as minhas reverências. Abraços e saudações socialistas de quem muito os admira e respeita pelos testemunhos cristãos de vocês.

Osvaldo Melantonio, 21/07/2004.

LEONIDE

Leonide, como vimos no decorrer da nossa história, sempre esteve envolvido na política e foi o grande incentivador dos irmãos. Certa feita foi escolhido como Administrador Regional da Capela do Socorro no mandado de Luiza Erundina como prefeita de São Paulo. Revelou-se um excelente administrador, sendo reconhecido e admirado até pelos adversários políticos. Foi um divisor de águas para a Regional a presença do Leonide, pois toda experiência acumulada nos trabalhos de comunidade, a facilidade de reunir o povo, de combinar os projetos, ouvir e propor as soluções, fez grande diferença na forma de administrar os poucos recursos que tinha. Foi notável a solução adotada em tantas vielas entre os barracos das favelas da região, que sempre foram muitas, e suas ruas eram de terra, com décadas de atrasos, de promessas dos administradores anteriores. Agora eram contemplados com a famosa bica corrida. Uma mistura de pedra com cimento espalhada numa grossa camada, uma solução rápida, muito eficaz que trouxe alegria e facilidade para a vida de milhares de moradores. Sabia que não era o ideal, mas era uma atenção dada de forma emergencial, dando mais segurança e facilidades para essa gente que sempre foi preterida e esquecida. Faz a diferença quem conhece e convive com o sofrimento do povo. Faz a diferença quem tem consciência social, espírito solidário e princípios cristãos que trata a todos com igualdade.

Leonide não deixou de atender os mais abastados, dos bairros ricos dos arredores que, “eram obrigados a suportar e conviver com a coroa de pobreza”, mas não esqueceu dos que sempre foram deixados de lado. No fim do seu tempo como administrador, eram recorrentes as vozes, “foi o melhor administrador da Capela do Socorro de todos os tempos”. Este reconhecimento vinha de todos os comerciantes, favoráveis ou não do partido, dos pontos abastados e dos lugares mais distantes, dos moradores das mansões e dos barracos.

Anos mais tarde, depois de algumas administrações, Leonide foi homenageado com uma placa comemorativa incrustada na sede

da Administração, atual Sub Prefeitura da Capela do Socorro. Claro, ficou contente por ter sido reconhecido tanto tempo depois, antes tarde do que nunca. Mas foi apenas uma ilusão de pouco tempo, apenas mudou a administração e a placa foi arrancada e jogada no lixo. Coisa e atitude pequena. Que importa? Leonide jamais pediu homenagens, uma placa de bronze não faz falta em seu currículo espiritual e social, mas seu dever cumprido, sua missão realizada, isso sim, sempre teve grande valor em sua vida.

O processo a que ainda hoje responde injustamente perante o Ministério Público, é mais uma marca do seu compromisso social com os mais pobres. Tendo tomado conhecimento de uma invasão em determinada área, onde centenas de famílias pobres se organizaram para montar suas tendas de lona preta para proteger suas famílias, solidariamente, fez uma visita para ver a situação e de que forma a Prefeitura poderia ajudar e proteger aquela gente. Foi denunciado como incentivador da invasão e responsabilizado por isso. Não importa se é verdade ou não, importa achar um culpado.

Quanta hipocrisia e crueldade. É desta forma que o Estado se justifica e se exime das responsabilidades que lhe competem. Para Leonide é apenas mais um capítulo das frustrações com os que exercem o poder, que fazem dele trampolim particular sem ouvir o clamor, sem poder ver pela distância a que se encontram da realidade, a realidade do povo.

Ainda hoje Leonide é voz sempre ouvida, atentamente analisada e, na maioria das vezes, assumida como foco, em questões que demandam decisões políticas em base a princípios éticos, cidadãos, sociais e cristãos. Como podem ver, não perdi nada e ninguém em meu trabalho missionário, pois a missão apenas se alargou, assumiu a amplitude sempre apontada pela Doutrina Social da Igreja, cartilha e livro de cabeceira, que sempre norteou toda e qualquer lei, todo e qualquer ato e iniciativa no campo legislativo, dos que agora passaram a fazer da política sua atuação como cristãos indicados pelas comunidades.



ONEIDA TERESINHA TATTO

Ternura, preocupação, é sua maior característica. Sempre assumindo destemidamente a frente nos problemas da casa, principalmente sendo a grande força, tão necessária para nossa mãe, diante dos grandes desafios da família. O que precisou superar, o que teve que suportar, impossível imaginar. Pude constatar nas poucas vezes em que estive em visita ao Paraná nas férias o quanto sua presença e ações eram vitais naquelas situações crônicas de desesperança que vivia toda a família. Nunca a vi desesperada, nunca murmurava, assumia, como sua missão, ser amparo dos mais pequenos e suporte importante para nossa mãe.

Mensagem no aniversário

Querida e amada irmã Oneida.

Deus, na sua misericórdia infinita, entre Suas criações existem os Anjos como criaturas perfeitas. Para cada coisa criou um Anjo. Anjo da Guarda que cuida de cada um de nós, mas também Anjos para cada coisa; cada flor, cada fonte, cada objeto, mesmo os criados por nós homens. São Anjos especiais para tomar conta daquilo e prestar contas ao Criador. Que coisa linda este nosso

Deus! Às vezes nos esquecemos disso, ou desconhecemos, e fazemos muito mal em esquecer. Eu não tenho dúvidas de que existe o Anjo irmã. Você é um destes Anjos especiais para atividades especiais. E como você está dando conta do recado! De maneira maravilhosa, atenta, delicada, discreta, com amor. O que seria de nós, a família, sem você? Você consegue substituir a todos, fazer as vezes de todos, ser o que precisa para todos. Enfim, um Anjo perfeito. Por isso, no dia de hoje, dizer só, parabéns querida pelo aniversário, pode soar simplório demais. Mas dizer o quê? Acho melhor dizer obrigado, meu Deus, pela criatura especial que nos deu de presente, esta irmã maravilhosa. Que Deus te abençoe. Antoninho Tatto

É melhor deixar que nos relate, ela mesmo, algo sobre si mesma.

Na infância:

Passei minha infância no Pardo (RS). Era um lugarejo, uma espécie de vale com diversos morros e, conforme descíamos dos morros, bem abaixo, via-se a nossa casa e das pessoas que moravam por lá. Eu me recordo do Rio do Pardo, das pedras que ali havia, que usávamos para brincar, e de uma grande quantidade de borboletas que rodeavam o rio formando uma visão rica e colorida que eu amava. Cortando o rio havia uma ponte instável que chamávamos de “Pinguela” e, quando crianças, andávamos e brincávamos de balançar ao passarmos por ela. O mesmo rio que admirávamos e em que brincávamos, servia como local para tarefas diárias, quando ficávamos de joelhos e lavávamos nossas roupas sujas da roça.

Neste rio tinha um açude nas nossas terras e que desaguava em um canal responsável por fazer com que o rodão funcionasse. Meu pai colocava uma rede de proteção para que os patinhos que nadavam por ali não descessem canal abaixo. Rede essa responsável por conter meu irmão Alceu e facilitar que a Izena – sua madrinha – o salvasse quando, aos 2 anos, caiu nesse açude. Tenho memórias de ver de longe a cabeça de meu irmão, de cabelos tão loiros que chegavam a ser brancos, subindo e descendo na água.

Lembro do moinho de pedra do meu pai, com as paredes feitas de tábuas que, com o tempo, foi perdendo algumas tábuas e criando grandes buracos. Ali meus irmãos, Toninho e Nide, passavam as noites trabalhando para produzir farinha de milho na pedra.

Sempre tive uma sensação de apego e proteção com meus irmãos. Sabia que o Toninho e o Nide às vezes dormiam dentro dos sacos de milho durante as noites de trabalho procurando se resguardar do frio e se esconder do meu pai que acordava para conferir e garantir que não estivessem dormindo em seus turnos. Essas noites me tiravam o sono e me enchiam de medo, por imaginar que meus irmãos pudessem cair no rodão devido aos buracos formados nas paredes daquele moinho.

O Pardo me proporcionou muitas lembranças, algumas tristes outras encantadoras. Lembro da admiração que todos tinham pela minha mãe que, depois de uma jornada longa de trabalho na roça, preparava a janta das crianças e, em seguida, recebia as pessoas que queriam aprender a catequese. Ela ensinava suas amigas a cantar e catequizar as crianças da região, mesmo quando se sentia sem graça em lidar com as aparições inesperadas do meu pai, que sofria de alcoolismo severo, e que a maltratava verbalmente em suas reuniões.

Minha mãe era uma mulher guerreira e forte, que não permitia que nenhuma circunstância atrapalhasse suas jornadas de trabalho na roça. Ela trabalhava arando a terra embaixo do parreiral e sob o sol quente, mesmo grávida e no final de suas gestações. Aquele parreiral que eu via como lindo e farto na época de colheita das uvas, também gerava grande preocupação pelo sofrimento da minha mãe.

Tenho lembranças das noites em que ela fazia polenta para as crianças. Todos os meus irmãos sentados lado a lado no chão, encostados na parede, com um prato esmaltado, cada um esperando o momento certo de comer. Como a refeição era muito simples, minha mãe emendava água no leite para que tivesse a quantidade certa para todos e, mesmo quando a polenta ainda

estava meio crua, ela tirava do fogo e servia meus irmãos. As crianças comiam, com muito sono, quase dormindo, sentadas com os pratinhos no meio das pernas. A dinâmica era feita para que eles comessem e dormissem.

Minha jornada ao lado da minha mãe sempre existiu, mas me traz mais memórias a partir dos 8 anos de idade. Sabendo da rotina de trabalho da minha mãe, eu ficava encarregada de cuidar dos meus irmãos e de aspectos da casa enquanto ela ficava na roça. Com essa idade eu era responsável por cuidar de meus irmãos Arselino, Enio e Verônica e de garantir que o fogão a lenha não apagasse enquanto preparava nosso feijão. Porém, como toda criança, eu me perdia e não conseguia lidar com tantas responsabilidades e, em um determinado momento, acabava levando bronca por ter permitido que o fogo se apagasse e por ter adicionado mais tempo ao preparo da nossa refeição.

Sempre que nascia um irmão era mais alguém para cuidar durante as noites. Quando as crianças choravam, eu levantava para niná-los para que a nossa mãe pudesse dormir. Quando alguma das crianças ficava doente, ficávamos sem saber o que fazer e passávamos noites em claro. Como por exemplo, quando meu irmão Enio adoeceu e gerou muita tristeza na minha mãe, com medo da perda de um filho.

É curioso pensar que, mesmo com as responsabilidades que me foram dadas tão cedo, sempre alimentei um lado lúdico. Como não tínhamos nenhum tipo de brinquedo, criávamos nossa forma de brincar.

Encontrava a minha prima Inês Tatto e brincávamos de casinha com muita alegria. Eu amava! Fazíamos pequenas prateleiras com pedaços de gravetos, montávamos a “mesa” com pratos e talheres feitos com cacos de pratos, improvisávamos nossas panelas de mentira e inventávamos uma boneca usando uma espiga de milho verde com cabelo. Com panos e fronhas enrolávamos nossa boneca de espiga de milho, formando uma espécie de roupa de bebê com uma touca e, assim, servíamos nosso

banquete com comidas de verdade que roubávamos da cozinha da minha mãe.

No nosso Natal nos sentíamos ansiosos pelo dia seguinte, porque sabíamos que, ao acordar, acharíamos bolachas coloridas de clara de ovo com açúcar colorido, que sempre vinham acompanhadas de uma florzinha colhida no campo. Meus pais diziam que o menino Jesus havia preparado para nós e trazido durante a noite, e aquele acontecimento alimentava grande alegria entre as crianças.

Como toda criança também criava meus medos infantis. Aprendi no catecismo que se eu cometesse algum tipo de pecado, o “diabinho” viria me buscar. Imaginava um monstro de rabo e olhos vermelhos com uma cara aterrorizante. Me causava grande medo subir as escadas externas da minha casa no escuro, porque temia que o “diabinho” pegasse minhas pernas e me levasse embora. Tive uma infância complicada, repleta de receios e inseguranças. Na época e local em que morava não havia muito zelo pelas crianças e, por conta disso, o número de abusos infantis era grande. Ao longo da minha infância sofri alguns abusos e, por isso alimentava um medo de pessoas que pudessem me assediar. Meu pai, que era alcóolatra, nos deixava apavorados e, por termos medo dele, fugíamos. Víamos ele enfrentando minha mãe quando bebia, ameaçando bater nela, ao mesmo tempo que ameaçava nos colocar para fora de casa.

Hoje reconheço que, apesar da raiva que sentia pelo meu pai, pelo alcoolismo e maus tratos à minha mãe e irmãos, quando ele estava sóbrio era um homem maravilhoso e cheio de carinho. Meu pai tinha uma forma diferente de demonstrar seu amor por nós: era um jeito mais reservado.

Quando meu pai adoeceu e foi vítima de um câncer em São Paulo, falecendo posteriormente, pude entender parte de seus sentimentos. Consegui compreender seu sofrimento e constatar que, naquele ambiente, ele era muito subestimado pelos outros e que isso, ao longo do tempo, gerou uma profunda depressão que o levava ao alcoolismo.

Paraná - Penha

Com 11 anos fui morar na Penha (PR) e lá novos desafios surgiram para nossa família. Ao chegarmos à Penha não tínhamos plantações na nossa terra; então, para que garantíssemos a nossa alimentação, foi necessário que trabalhássemos na plantação de um vizinho em troca de mandioca. (A mãe cozinhava e dava junto com o leite pra gente comer).

O trabalho na plantação exigia muito tempo e esforço, o que fez com que meus pais transferissem parte dessa responsabilidade para nós, crianças. Então, todos os dias, ao voltarmos da escola, nos preparávamos para trabalhar no período da tarde na lavoura. Era um processo muito doloroso para mim e meus irmãos. Eu não gostava de trabalhar na roça e rejeitava a ideia de permanecer ali. Meu sonho era mudar daquele ambiente, fugir do sofrimento que tínhamos, da pobreza em que vivíamos, das tardes de sol quente, da realidade de alcoolismo do meu pai e da falta de resistência que eu sentia ao capinar. Ao conversar com a minha mãe sobre meus sonhos e minhas vontades, ela dizia que verdadeiramente precisávamos de paciência.

Seguíamos trabalhando e permanecíamos com força garantindo nossa sobrevivência, e eu não conseguia visualizar saída para nós; não conhecia outra realidade.

Ao completar 14 anos, minha angústia para sair da roça fez com que tomasse a decisão de estudar em um colégio de freiras. Acreditava que essa decisão me afastaria daquela realidade, além de sentir que manteria algum tipo de contato com a minha mãe e a família, já que nosso colégio levava as juvenistas para as missas de domingo onde minha família frequentava.

Foi um período de muita saudade da minha mãe e das crianças, pois as freiras – muito tradicionais e radicais naquele colégio – me impediam de ver minha família. Me senti por muito tempo com raiva, enclausurada, até que, por fim, tomei a decisão de ir embora do colégio.

Essa decisão me gerou momentos de humilhação pela madre superiora diante das outras estudantes do colégio. Minha decisão foi encarada como uma negação a Jesus, o que, dada a minha criação, foi a pior coisa que eu poderia ter feito. Foi um momento complicado para mim, também porque houve resistência do meu pai em entender a situação em que eu me encontrava, mas passado o tempo me senti feliz pela minha decisão.

Vinda para São Paulo

Passado um tempo, o primogênito Antoninho mudou para São Paulo abrindo portas para que eu e, futuramente, toda a nossa família, pudéssemos deixar para trás aquela realidade que não era a que sonhávamos.

Ao fazer 17 anos minha vida passou por um grande processo de transformação, e devo muito disso ao meu irmão que meu deu a oportunidade de ir para São Paulo. Houve uma indicação para ajudar uma família como empregada doméstica em uma casa de família amiga do Antoninho, e em troca havia o pagamento de um curso de corte e costura. Assim que meu irmão me arranhou essa oportunidade, saiu do seminário e me buscou com um furgão e, desde aquele momento, experimentei realidades muito diferentes.

Em São Paulo eu pude trabalhar, estudar e tomei conhecimento de uma independência e força que eu não conhecia, percebendo que não havia mais vontade de retornar ao Paraná.

No princípio enfrentei dificuldades pessoais ao lidar com a vida numa cidade completamente nova. Demorei a me acostumar com aspectos pequenos e simples do dia a dia, mas que eram muito distantes. Tive que aprender a atravessar a rua, entender como funcionavam os semáforos e compreender como funcionavam as luzes de uma cidade e como era possível que tantas pessoas morassem ali.

Aos poucos fui perdendo a timidez e o medo que, no princípio, eram tão presentes. Fui aceitando desafios maiores e, com o dinheiro do meu trabalho, decidi fazer o curso de madureza para

concluir o segundo grau. Posteriormente eu pude fazer um curso técnico de contabilidade e, em seguida, faculdade de administração de empresas.

Conforme o tempo foi passando, minha família mudou-se aos poucos, e moramos juntos eu e meus irmãos Antoninho, Nide, Alceu e Arselino. Sentia que a vida ia ficando melhor e mais estável. Aos 30 anos conquistei minha liberdade absoluta e independência, me senti agradecida e feliz pelos meus passos e por ter concluído minha faculdade. Pude realizar a maior parte dos meus sonhos: ajudar meus irmãos mais novos e começar a traçar caminhos mais próximos daquilo que sempre sonhei para mim.

Conheci o amor da minha vida, Antonio Carlos Pereira e, aos 34 anos, nos casamos. Um homem nascido em São Paulo, carinhoso, que pode compreender minhas raízes e que compartilhava dos mesmos desejos para o futuro. Namoramos, nos casamos e juntos tivemos nossa filha Paola, que veio ao mundo com muita luta e que hoje é o grande amor e orgulho da nossa vida.

Ao longo desses últimos anos dediquei meu tempo a cuidar da minha mãe. Me senti feliz e lisonjeada por ter estado ao lado dela, por ter contribuído como pude e por ter dedicado carinho e cuidado a ela, como ela dedicou para a nossa família. Juntas nós choramos e rimos muito, lembrando das histórias e do que vivemos no Sul. No final da sua vida e com o avanço da sua doença houve muito sofrimento. Seu olhar foi perdendo o brilho e sua força foi se esvaindo, mas passado esse momento, eu sei que ela está bem e ficará feliz se todos nós estivermos bem.

Hoje, olhando para toda a minha história, me sinto realizada. Vejo o quanto fui privilegiada em alcançar tudo o que alcancei e reconheço que enfrentei grandes dificuldades para chegar até aqui.



ALCEU

Palavra dos filhos Alexandre, Lucila e Leyla

“Definimos o nosso pai como um vencedor. Ao longo das nossas vidas presenciamos várias crises, e em todas elas ele se saiu bem. Sempre com a cabeça erguida, e pronto para outra. Não importa o resultado, negativo ou positivo, nunca deixou a peteca cair. É um homem de verdade, que zela pela família em todos os aspectos. Que atire a primeira pedra o filho que não agradece o “Não” do passado. Eles nos ensinaram a plantar... simples assim. Nosso ídolo. Ele nos ensinou a plantar e, hoje, estamos colhendo com amor e alegria os frutos de todas as broncas e “nãos” que recebemos. Isso mesmo, pelos “nãos” que tivemos, hoje somos adultos formados para encarar a vida seja do jeito que for.

Carinhoso do seu jeito. Preocupado e atencioso com todos. Um avô maravilhoso que baba nos netinhos. Paizão! Tem um jeito sério, bravo, mas é uma manteiga derretida. Carinhoso, do jeito dele”.

Palavras da esposa, Regina

“É um maridão presente, um baita companheiro, sempre foi um pai presente nos momentos mais difíceis e, muito protetor”.



ARSELINO ROQUE TATTO

O ano é 1963. O anseio é por mudanças.

A esperança de dias melhores modifica o cenário da família de agricultores que deixa a lavoura do Rio Grande do Sul rumo à colheita de soja, milho, arroz, feijão, trigo e fumo, no Paraná. Mais tarde, em 1972, outra grande transformação: a chegada a São Paulo, aos 15 anos de idade.

A mãe, Dona Ignês, foi quem enxergou mais longe, sabia que o destino da família não seria na Ponte do Pardo, uma cidade pe-

quena com um futuro tão incerto. Ela sempre foi muito sábia, e enxergava além das enxadas, do frio intenso e da vida sem sucesso. Como toda mãe, pôde sonhar para cada um dos seus filhos a busca de uma cidade grande onde pudessem trabalhar dignamente, serem vistos e terem outras oportunidades, coisa que jamais teriam naquele lugar. Ir além do trabalho, das conquistas, mas, sobretudo, oferecer solidariedade, sentimento que não faltou na roça, entre pessoas tão simples, mas com coração enorme. Esse sonho tomou uma grande proporção. O Antoninho, irmão mais velho, viu que era impossível a família tão numerosa continuar vivendo numa situação de sofrimento, com pouca subsistência. Foi ele o responsável por mudar a vida de cada um, de dar outro destino, de enxergar novos sonhos. Ele trouxe, um a um, os irmãos e, por último, seus pais. Por isso, sempre nos discursos do vereador Arselino o ouvimos falar sobre a gratidão eterna ao Antoninho e o orgulho desse grande missionário.

Assim tem início a história de Arselino Roque Tatto que nasceu em 1956, na cidade de Frederico Westphalen (RS), um dos 10 filhos de Ignês Fontana Tatto e Jácomo Tatto, esposo de Maria José Tatto, pai de cinco filhos e avô também de cinco.

Já em São Paulo, começa a trabalhar como *office-boy* em várias empresas e como metalúrgico na empresa Eletromec, onde teve grande contato com o movimento sindical. De família católica, logo se envolve em ações das Comunidades Eclesiais de Base – CEB's e projetos sociais. Na Igreja Nossa Senhora Aparecida fazia parte do grupo de jovens e foi catequista. Desse momento em diante, por forte influência de Padre Pegoraro, que discutia a relação entre Fé e Política, tomou conhecimento do que era a luta pela justiça e direitos dos trabalhadores. Foi aí que teve o primeiro contato com os ideais de Luís Inácio Lula da Silva, o grande líder metalúrgico.

Arselino Tatto foi um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores, PT. Em 1983 atua na formação da Central Única dos Trabalhadores - CUT e assume o Diretório Zonal de Parelheiros, passando a integrar também o Diretório Municipal do PT de São Paulo.

Em 1988 é eleito vereador de São Paulo.

Seu mandato atuante, com propostas de grande relevância para os cidadãos paulistanos, como a aprovação da Lei da meia-entrada para estudantes, começou a desenhar sua história, tendo participado de momentos importantes, como a elaboração da Lei Orgânica do Município. Tudo isso o fortalece e o conduz à reeleição, em 1992. Entre 1990 e 1994 atuou como líder da bancada do PT, momento de contribuição intensa para o fortalecimento do partido na Câmara. Em 1994 é candidato a deputado federal, sendo eleito primeiro suplente.

Em 1996, reeleito pela terceira vez, é o vereador mais votado do PT, algo que viria a se repetir no ano de 2000, quando obteve mais de 45.000 mil votos, tornando-se o quarto mais votado na cidade. Pela segunda vez é líder da bancada.

Em 2003 foi eleito Presidente da Câmara Municipal de Vereadores de São Paulo. Com propostas radicais ficou marcado como o Presidente que implementou a reforma administrativa na maior casa de leis municipais da América Latina. A iniciativa cortou privilégios, como altos salários e outras despesas elevadas. A economia gerada foi destinada, entre outras coisas, à criação de salas e auditórios nas dependências da Câmara, além da reforma da biblioteca que preservava um arquivo cultural riquíssimo, a criação de praças em espaços abandonados ao redor do prédio e a instalação de um restaurante-escola que promove até hoje cursos de gastronomia para jovens de baixa renda. Muitas outras ações foram realizadas com a reforma administrativa, entregando uma nova Câmara Municipal: moderna, enxuta, dinâmica, transparente e mais eficiente. Em 2004 foi reeleito para o segundo mandato na Presidência, além de ser eleito vereador pela quinta vez.

Em 2008, deu início ao sexto mandato. Mais uma vez assume a liderança da bancada do PT. Foram tempos difíceis, de descontinuidade do projeto político e econômico que vinha sendo desenvolvido pela Prefeita Marta Suplicy para a cidade de São Paulo, na época ainda filiada ao Partido dos Trabalhadores.

Arselino Tatto coordenou, em 2010, a campanha de Aloízio Mercadante ao Governo do Estado de São Paulo.

Em 2012, Arselino Tatto foi eleito para o sétimo mandato ao lado do seu irmão caçula, Jair Tatto, também eleito vereador pela cidade de São Paulo, este pela primeira vez. A vitória do Prefeito Haddad foi recebida com grande entusiasmo, pois era considerado o novo modelo de político, com propostas inovadoras, como se pôde conferir durante sua atuação.

Neste mesmo período, Arselino foi escolhido para ser o líder do governo na Câmara, com a incumbência de dialogar com os vereadores e partidos, costurando acordos que pudessem contribuir para aprovação de projetos importantes, como o Plano Diretor.

Em 2016 sua candidatura é vitoriosa e mais uma vez torna-se vereador da cidade de São Paulo. Morador antigo da região da Capela do Socorro, vê duas de suas grandes lutas se tornarem realidade: o alargamento da Avenida Dona Belmira Marin e a construção do Hospital de Parelheiros. Durante todos esses anos, além do trabalho intenso na Câmara, Arselino nunca deixou de voltar às suas bases, de conversar com seus apoiadores e até mesmo com aqueles que não o conheciam. O hábito de ouvir, anotar e encaminhar o que as pessoas lhe pediam rendia sempre bons frutos. Desde o pedido por uma iluminação na rua à construção de um hospital, tudo recebia algum tipo de direcionamento. Isso sempre o aproximou da comunidade, que via no seu estilo “agenda e caneta sempre à mão” uma simplicidade e vontade de resolver os problemas da comunidade. Por isso, as conquistas do povo também são as suas, comemora cada uma delas com grande alegria e com o desejo de realizar sempre mais.

Em 2017 e 2018 ocupou a função de 1º Secretário na Mesa Diretora da Câmara, período no qual também foi membro de uma das comissões mais importantes da Casa, a Comissão de Educação, Cultura e Esportes. Um destaque do seu trabalho foi o Gabinete Itinerante. Cada final de semana escolhe um bairro, vai com toda sua equipe, montam uma grande barraca para

acolher as reivindicações do povo. É assim que conhece as necessidades mais prementes, é assim que entende a linguagem sofrida das pessoas, e é assim que surgem as leis para ajudar.

Foi um dos coordenadores da campanha eleitoral ao Governo do Estado de São de Paulo de Luiz Marinho.

É desta forma que o vereador Tatto está desenhando sua participação na política atual e pretende avançar na questão que desde seu primeiro dia na Câmara Municipal o inquieta: “a defesa da população mais sofrida, quer na periferia, quer no centro urbano”.

Dos primeiros passos como vereador à criação das leis mais importantes da cidade de São Paulo

A primeira vez que Arselino Tatto entrou na Câmara foi para ser diplomado como vereador. Eleito pela primeira vez em 1988, logo no primeiro discurso declarou aos presentes na 1ª sessão ordinária ocorrida no ano de 1989 que sua atuação seria “na defesa da população mais sofrida, quer na periferia, quer no centro urbano”.

Pautado neste discurso começou a percorrer um caminho na busca incansável por colocar o seu mandato a serviço do povo, e a melhor maneira de fazê-lo seria elaborar Leis que pudessem criar direitos de cidadania aos paulistanos, especialmente os menos favorecidos.

Arselino Tatto entendeu profundamente que uma Lei, por mais simples que seja, precisa nascer de uma necessidade real das pessoas. Esse pensamento foi evoluindo, ideias surgiam e ganhavam corpo.

Assim, nascia um projeto que mais tarde seria consolidado na Lei nº 11.113, que instituiu o direito à meia-entrada de estudantes em espetáculos, eventos esportivos, cinemas e outras atividades culturais. Em 2000, esse benefício seria estendido aos idosos e pessoas com deficiência por meio da Lei nº 12.975.

Neste período, o movimento estudantil esteve bem próximo do mandato e a repercussão da aprovação da Lei gerou grande visibilidade para o vereador que caminhava rumo ao segundo mandato.

Fruto desse trabalho intenso, grupos de apoio surgiram em toda a cidade. A atuação constante nos bairros aumentou o número de lideranças que aderiram as suas ideias e a seu projeto político, especialmente os presidentes de associações de bairro. A atuação por meio das Leis não parava.

A primeira, Lei nº 11.602, permitiu a mobilidade da pessoa com deficiência ao indicar que a Prefeitura deveria adaptar pelo menos um ônibus às necessidades desse público. O grande avanço neste sentido é que Arselino Tatto abriu caminho para uma importante mudança. Hoje, uma Lei Federal de 2004 determina que todos os ônibus do serviço público de transporte tenham ônibus adaptados. Ou seja, Arselino Tatto já pensava à frente de seu tempo. A segunda Lei neste segmento, Lei nº 11.506, determinou a criação de vagas destinadas aos deficientes em estacionamento. É também deste período a Lei nº 11.257 que criou o Programa Atende, que garante, até hoje, o direito de locomoção das pessoas com deficiência por meio de um transporte especial, adaptado às necessidades dos usuários.

Foi um período de grandes ideias e de valiosa contribuição para toda a sociedade. Com isso, o mandato não parava de crescer e de colecionar conquistas significativas.

No terceiro mandato aprovou a Lei da Renda Mínima. Talvez essa seja a principal lei em termos de distribuição de renda que houve na cidade de São Paulo. A política de assistência mudou para instrumento ativo de transformação social e econômica, momento de grande emoção para um vereador que, desde o seu primeiro dia na Câmara Municipal, sonhou em realizar algo que, efetivamente, mudasse a vida das pessoas desassistidas. Seu sonho ganhou forma, corpo e chegou a milhares de pessoas. Foi nos diálogos que teve com Eduardo Suplicy, também grande entusiasta do assunto, que o programa surgiu. A renda a que o benefi-

ciário teria direito estava vinculada à educação, ou seja, receberiam o dinheiro as famílias que ganhassem até três salários mínimos, desde que mantivessem os filhos na escola com comprovação de presença de no mínimo 80%.

No quarto mandato, Arselino dedicava-se a orientar as famílias sobre como poderiam ser beneficiárias do programa Renda Mínima. Eram numerosas as dúvidas, assim como também a procura por informações. Aos poucos aumentava o número de cidadãos que iam sendo contemplados, e o programa começou a mudar a vida das pessoas.

Continuando seu trabalho, aprovou outra Lei de grande importância contra o assédio moral na administração pública. Na época, a busca por informações foi tão grande que foi necessário elaborar uma cartilha para distribuição aos interessados, inclusive parlamentares de outras cidades que tinham interesse em apresentar a proposta em seus municípios. É deste período ainda a criação das casas abrigo, destinadas às mulheres vítimas de violência. Outra proposta aprovada foi a criação do Banco de Alimentos. Empresas e indústrias doavam alimentos não perecíveis que eram destinados às entidades sem fins lucrativos. A Prefeitura, por meio do Banco de Alimentos, intermediava essa distribuição.

Este foi com certeza um mandato ímpar. Na Câmara discutiam-se e votavam-se questões essenciais para o futuro da cidade, como a Lei que criou os Centros de Educação Unificados – CEUs; o Plano Diretor da cidade; a criação das subprefeituras; o conselho de representantes que garantia a participação popular. Enfim, foi um período de grande contribuição para melhoria e crescimento da cidade.

Todas as Leis criadas por Arselino Tatto têm a missão de atender as necessidades mais latentes dos cidadãos. Nesse sentido, merecem destaque duas importantes Leis (11.083 e 14.268) que garantem a gratuidade dos serviços de sepultamento e exumação, respectivamente. No momento da perda de um ente querido, a fa-

mília geralmente está muito vulnerável e precisa lidar com o custeio de despesas para as quais nem sempre está preparada. Elaborar esse tipo de proposta, conseguir sua aprovação e saber que ela é utilizada até hoje por quem realmente precisa, é motivo de grande honra para um parlamentar.

Em 2017, inspirado no Programa Atende, apresentou um projeto semelhante, voltado para aqueles que possuem doenças graves e que precisam de transporte especial para realização de tratamentos médicos especiais, como quimioterapia, fisioterapia e hemodiálise. A iniciativa denominada “Atende–Doenças Crônicas”.

Em 2018 Arselino apresentou o “Escola para todos”, projeto que denuncia a tentativa de amordaçar ideias, de obstruir a formação crítica dos alunos da rede pública municipal de ensino com o cerceamento de opiniões e assegura os direitos da Constituição Federal.

O agricultor do Rio Grande do Sul que chegou a ocupar o cargo de Presidente na Câmara de Vereadores mais imponente da América Latina tem orgulho da sua história e do currículo que soma 122 leis aprovadas, 146 projetos de leis em tramitação e 30 anos de dedicação diária à profissão que não escolheu, mas pela qual foi escolhido.

FALA MARIA JOSÉ (esposa)

Nos conhecemos em 1991 e logo percebi que ficaríamos juntos até o fim...Vi nos seus olhos algo além de sonhos, vi um mundo maior do que aquele em que eu vivia. Conheci, naquele momento, uma pessoa que veio para fazer história, transformar a realidade sofrida da maioria das pessoas que moram na periferia desta cidade: aqueles que são os excluídos, as minorias, as pessoas que não são vistas por conta de sua condição social, os mais pobres. Assim, ver essa triste realidade através dos seus olhos e todo o desejo de mudança em seu coração me fez desejar viver ao seu lado.

Foi com ele que aprendi que a palavra solidariedade tem uma extensão muito maior, que amar a família é condição nata, mas amar

o próximo e fazer algo por ele é nobre, é solidário. Seus projetos e leis mudaram a vida de milhares de pessoas ao longo desses trinta anos como parlamentar na cidade de São Paulo e sua ausência em casa teve sempre uma explicação. Foram muitos finais de semana em que não mediu esforços para se reunir com outras famílias que não fosse a nossa, e conhecer, discutir e debater sobre suas necessidades e anseios, e nós compreendemos que tudo isso era em nome de muitas causas que se tornaram suas lutas pessoais, lutas que se transformaram em leis mudando a vida de muitas pessoas. Sua vida pública nos orgulha profundamente.

Viver ao seu lado é, antes de tudo, compreender que suas raízes justificam esse homem simples que luta, diariamente, para mudar o futuro e dar oportunidades através da política àqueles que acham que sonhar por uma vida melhor, mais igualitária, é impossível, e na verdade não é, sonhar é possível e transformar uma sociedade também é.

Construir uma família com você é algo que foi além do nosso amor, é o amor incondicional. Deus nos deu de presente cinco filhos maravilhosos: Cristiano – Advogado, Lênin – Veterinário, Camila – quarta anista em Veterinária da sua união com a Isabel, Caio – Advogado, e Henrique – terceiro anista em Direto. Nossos filhos, juntos, são uma família grande. O futuro dos nossos filhos sempre foi uma preocupação diária, mas hoje sabemos que valeu a pena sonhar o possível. Eles são motivos de grande orgulho e da nossa razão de viver. Você é um grande pai, também avô da Isabella e Marina, Davi e Letícia, Geovanna e Luiza, presentes de Deus, e sogro da Juliana, Simone, Renata e Ricardo, uma bênção em nossas vidas. Você é inspiração para nossos filhos, e para os que o rodeiam, você lhes ensinou o melhor de você.

Descobri com você que conceito de família é muito maior... “não importa se família é de sangue ou de coração, o importante é que exista amor, e que famílias de verdade são formadas por pessoas unidas, que se apoiam incondicionalmente, que querem o bem do outro, que se sacrificam reciprocamente sem pedir nada em troca, que celebram as conquistas e alegrias da vida juntas”.

Tenho muito orgulho e admiração por sua história de luta, por ser um homem íntegro. Sou feliz por viver ao seu lado, e imensamente grata a Deus por tê-lo colocado na minha vida, por ser meu marido, e termos construído uma família. Que Ele ilumine e proteja sua trajetória, e que o nosso amor seja eterno... Má Tatto

ARSELINO, PRESIDENTE DA CÂMARA PELA SEGUNDA VEZ.

Mais um dia de júbilo na família Tatto, escrevia eu naquele dia feliz.

“As lágrimas de todas as pessoas, no mundo inteiro, são salgadas”. (Hélio Ribeiro)

Quando perdi meu “braço direito” no trabalho de evangelização naqueles tempos difíceis, hoje é moleza, com qualquer musiquinha se arrancam suspiros, fiquei preocupado. Tempos de forte perseguição política e religiosa, quando se pregava o evangelho sob ameaças, “veja lá o que vai dizer” e ostentavam gravadores quando não mostravam armas. Foi um momento de incertezas. No pequeno espaço daquele centro comunitário no meio da favela, diante do sacrário, escorreram as primeiras lágrimas salgadas pela perda de mais um colaborador nas pregações. Já havia perdido o Leonide, escolhido pelas Comunidades Eclesiais de Base para ser o primeiro, a “perder” os mais belos anos da vida em favor dos mais pobres. Agora era o Arelino que aceitava o desafio com a mesma alegria e determinação, que dedicava noites e finais de semana na catequese e em encontros de fé. Incertezas sim, pois não sabia o que eu faria sozinho para continuar meu trabalho missionário e não sabia no que ia dar o envolvimento de meus irmãos na política suja, muito suja daquele tempo. Quando iniciei minha jornada missionária, jamais poderia imaginar tal trajetória. No melhor dos momentos, quando consegui trazer meus irmãos para São Paulo, vindos, como eu, da roça, e conquistá-los para o trabalho de Igreja, a mesma Igreja à qual servíamos com simplicidade e que nos animava, por seu pastor maior, nosso bom amigo Dom Paulo Evaristo, Cardeal Arns a assumir compromissos na vida política. E lá vão meus colaboradores diretos, me deixando só naquela favela do Jardim das Imbuías. Só, naquele

pequeno espaço, diante do sacrário. E aquele que tudo pode nos reservaria uma trajetória que nos leva às lágrimas, salgadas sim, mas para dar sabor, tempero bom que preserva os valores aprendidos do evangelho e na convivência no meio do povo pobre e sofrido. Mais de trinta anos de trajetória, aquelas ausências foram preenchidas por outras pessoas que apostaram na nossa proposta missionária. Nesse mesmo tempo, a cada dia, a cada passo as incertezas do primeiro momento deram lugar às constatações mais belas daqueles irmãos que, na política, souberam lutar por ideais e mudanças que julgávamos causa perdida. Tudo começou com o Leonide que fez da política um ato de louvor a Deus pela sua coerência e luta, muitas vezes inglória. Hoje colhe com alegria os frutos das sementes de cidadania que plantou no coração dos irmãos. Arselino é eleito vereador, reeleito, e, mais uma vez, e outra vez. Agora é Presidente da Câmara o terceiro homem mais importante a comandar São Paulo. E lá está ele novamente, agora reeleito Presidente da Câmara. Na mesa, como Presidente anuncia a presença de companheiros de caminhada política, entre eles o Enio Tatto. As lágrimas correm pelo nosso rosto, um arrepio toma conta do corpo mesmo assistindo tudo pela televisão. Diante de mim, no pequenino espaço de trabalho dos últimos trinta e dois anos, sobre a mesa, o jornal do dia nos dá conta de que nosso povo já anda melhor nos ônibus de São Paulo, com mais conforto, segurança e tem um trajeto de uma hora e meia diminuído em trinta minutos graças as ações de um outro irmão, Jilmar Tatto, secretário dos transportes. Graças a seu trabalho sério recebo um telefonema do Padre Augusto C. Pereira, sacerdote respeitado neste país, que diz, “parabéns pelo que seu irmão está fazendo na cidade de São Paulo. Mostra que, quando se é honesto, dá para melhorar muitas coisas na política em favor do nosso povo”. Esta é a razão maior de nossa alegria no dia de hoje, dar consequência àquilo em que acreditamos.

Louvado seja Deus! Hoje concluo que não perdi ninguém no trabalho de evangelização: continuamos juntos a fazer, cada um com seus talentos e no espaço específico. Que se realize o grande desejo da Igreja fiel aos desejo do Senhor, “que todos tenham vida, e a tenham em abundância”.

Obrigado Leonide, Arselino, Jilmar e Enio pelo bonito trabalho, pela alegria que nos proporcionam realizando coisas boas para o povo. Continuem lembrando: O que fazemos para nós mesmos, acaba com a morte. O que fazemos para os outros, se eterniza. Todos estamos felizes e orgulhosos. Obrigado, mãe e pai, por nos terem ensinado isso tudo.

A atuação do Arselino, sempre acompanhado por Leonide, Enio, e agora com a presença do Jilmar, se envolvendo fortemente com eles, foi reconhecida pelo mentor intelectual e Profeta da Esperança, Dom Paulo Evaristo, Cardeal Arns. Quando encontrava com Arselino sempre dizia, “meu vereador”. Isso basta.

Palavra dos filhos:

Cristiano

Falar sobre o meu pai não é tarefa das mais fáceis. Sou o Cristiano, o primogênito de cinco filhos. Além de mim, na sequência, vêm meus outros irmãos: Lênin, Camila, Caio e Henrique. Nós três (Cristiano, Lênin e Camila) somos frutos do primeiro relacionamento do nosso pai, com nossa mãe, a Isabel. Meus outros dois irmãos, Caio e Henrique, são frutos do atual relacionamento do meu pai com a Maria José.

Meu pai, é mais que um pai, ou um Edil qualquer. Ele é um paizão que sempre esteve ao nosso lado quando mais precisamos. Sempre nos orientou e nos apoiou a trilhar nossos caminhos. Quando decidi ir morar e estudar na Inglaterra, a princípio não aceitou e resistiu, mas logo cedeu e apoiou minha escolha, pois sabia que era algo que eu sempre sonhava em realizar, conhecer culturas distintas, aprender um novo idioma, enfim, amadurecer como pessoa.

O pai trabalhou na Eletromec por alguns anos, onde exercia o cargo de metalúrgico, na extinta firma de componentes eletrônicos, localizada nas proximidades do autódromo de Interlagos.

Morávamos em uma casa simples que ficava aos fundos de uma borracharia na Rua Acaccio Fontoura (conhecida como Avenida

Hum), no jardim Santa Rita, onde posteriormente veio a adquirir e construir um sobrado no local do comércio que ficava à frente. Na vida política, ajudou a fundar o Partido dos Trabalhadores em 1979, ano este em que eu nasci. Costumavam reunir-se na garagem de casa onde realizavam reuniões periódicas, discutiam a conjuntura política, madrugavam nas portas das fábricas para panfletagem, junto aos demais companheiros do partido. Sempre militou e esteve ao lado do povo, das Comunidades Eclesiais de Base, dos mais necessitados, procurando maneiras de ajudar e fazer o bem ao próximo.

Na medida em que o partido foi crescendo, foi-se criando então a expectativa de sair candidato a algum cargo eletivo, oportunidade esta que surgiu após seu irmão Leonide, o decano na política, ter lançado sua candidatura e não conseguir se eleger a Deputado Estadual, na década de 80. Com seu apoio, saiu então candidato a vereador pelo PT e conseguiu se eleger para seu primeiro mandato em 1988. Daí para frente não parou mais. Foram sucessivas reeleições até o dia de hoje, passando por diversos governos petistas e de oposição, exercendo a liderança do partido, assumindo a presidência da Câmara Municipal de São Paulo no governo Marta em 2004, sendo o principal articulador político da sigla na Câmara Municipal de São Paulo.

Abdicou de saltos maiores na carreira política em prol dos outros irmãos – Enio, Jilmar, Jair e Nilto – que também lançaram suas candidaturas e vieram a se eleger aos cargos de Deputado Federal, Deputado Estadual, Vereador, sem contar os cargos assumidos pelo Jilmar como secretário, que também teve mandato de Deputado Federal e passou por diversas secretarias no Governo Marta e Haddad.

Hoje, o nome Arselino Tatto é o nome mais respeitado naquela casa legislativa, por ser um dos vereadores mais antigos a ocupar o cargo por consecutivas vezes. Foi o líder mais influente do Governo Haddad, responsável pela articulação política na aprovação de projetos importantes e estratégicos para a cidade de São Paulo.

Talvez seja mais fácil falar do Arselino Tatto como político do que como pai, pela dedicação à vida pública ao longo desses longos anos. Mas sempre que podemos, todos os filhos e hoje netos, estamos reunidos, seja para um almoço em família, para uma viagem, um ato político ou qualquer outra ocasião. O fato é que ele é, e sempre será, um pai que esteve presente em nossas vidas, dando carinho, atenção e todo apoio necessário. Um paizão de verdade! Parabenizo aos idealizadores desse projeto por viabilizar sua brilhante biografia. E a você, meu pai, meus profundos sentimentos de amor e carinho pelo pai que você é para todos nós. Um beijo no seu coração. Te amamos muito!

Lênin

Em resumo, é o meu orgulho, meu herói, um vencedor e o meu líder. Apesar de todas as dificuldades, dos problemas da vida, da separação, que afetou muito, em alguns momentos, a mim e meus irmãos, que fique claro, que não chegam nem perto dos problemas que ele e nossos tios e avós passaram. Ele, nos principais momentos esteve ao nosso lado. Sempre, quando teve dificuldade, deu a volta por cima. Sempre resolveu os problemas que, algumas vezes, foram por ele mesmo criados, ou pelos filhos, esses filhos que sempre deram muito trabalho, e dão até hoje. Mas, como dizia Vladimir Ilyich Ulyanov “A revolução começa em casa”. Político nato. Além de me dar esse nome, me ensinou a lutar pelos meus ideais. Não sei se é defeito ou virtude, o de ser o mais “encrenqueiro”. Teve muita tristeza no caminho. Mas depois das tempestades, que às vezes foram necessárias, vem a bonança, e tudo valeu a pena para nos tornamos pessoas melhores a cada dia. Perdoar e ser perdoado. Tenho muitos defeitos, porém procurei sempre honrar seu nome e seguir suas virtudes.

Tenho na lembrança muitos fatos marcantes com nosso pai, como uma viagem para Porto Seguro, BA, que foi incrível. Mas na maioria das vezes as lembranças são ligadas a política e futebol, como ir assistir o Maradona no Morumbi e, principalmente, na casa antiga Av. Hum (hoje Rua Acácio Fontoura). A Camila neném, o Cristiano mais velho, nessa fase, muito presente, com brincadeiras

na piscina, com meu pai, o Cristiano que uma vez me salvou, quando caí na piscina, evitando uma tragédia. Lembro das reuniões organizadas pelo meu pai em família para discutir política e para assistir jogos de futebol, como por exemplo o jogo da eliminatória da Copa do Mundo de 1994, que ocorreram em 1993, e também para assistir o jogo que ocorreu nesse mesmo ano, a final do mundial interclubes entre São Paulo e Milan em dezembro de 1993. Nessa casa, tios, primos reunidos, lembro da televisão pequena que meu pai colocou, e da sua felicidade com o gol do Romário contra o Uruguai e, principalmente, meses depois com o título mundial do São Paulo naquele mesmo lugar comemorado com um belo churrasco, na churrasqueira pequena de tijolo na madrugada. Recordo também muito quando chegava o dia de ir para o Center Ball, nossa mãe Isabel no sábado de manhã nos aprontava para acompanhar nosso pai. Era uma alegria incrível ir com ele, encontrar meu parceiro de infância, Gustavo Tatto, e conseguir jogar com ele e meu pai os minutos finais das calorosas disputas de futebol valendo praticamente a “vida”. Nossos irmãos do segundo casamento, o Caio (junto com o Gustavo meu outro parceiro de infância) e o Henrique, puderam também pegar um pouco disso e acompanhar meu pai em sua outra paixão, além da política, que era o futebol, mas, em local diferente, anos depois no Rolley Ball, quando meu pai pendurou as chuteiras.

Na política, além das reuniões em casa, tenho memórias de quando era bem pequeno, e pedia para meu pai me levar para a câmara, para sentar na sua cadeira, para ir para o plenário, para andar de elevador e comprar lanche. Também muito marcante, na nossa antiga casa na Av. Hum, na garagem, os tambores de soda para fazer cola, das latas de tinta, das telas para estampar o nome do Lula nas camisetas brancas, dos folhetos e tudo para a campanha, da nossa mãe Isabel fazendo os pães com mortadela e suco para equipes que iam sair madrugada adentro colando cartazes, pendurar faixas, pintar muros. Tudo estocado dentro da Kombi, que foi muitas vezes nossa cama, pois éramos pequenos e, por diversas vezes, saímos com as equipes e acabávamos dormindo no meio do material e acordávamos com a música do Lula ou da campanha do meu pai. Meus brinquedos nessa época

eram uma bola de futebol e pegar os broches e estrelinhas do partido para brincar. Era uma época mais humilde, mas não faltava nada: foi uma época muito feliz. Hoje, somos o que somos, graças aos nossos pais, cada um com sua importância. Tenho gratidão eterna. Os tombos da vida sempre vão ocorrer, mas nosso pai sempre nos ensinou a levantar e nunca desistir. E o principal de tudo é que procurou sempre estar ao nosso lado. Confesso que tive um período de ciúmes da política, por meu pai ser tão fanático politicamente. Mas acredito que, com o amadurecimento, aprendi a respeitar e apoiar. Tenho orgulho do meu pai, da pessoa que ele é, da família que ele construiu com filhos e netos, da sua luta, de ter entrado para história com criação de leis e dos serviços prestados para o legislativo paulistano.

Te amo, você é o nosso líder e um orgulho para todos nós!

Camila

Se fosse descrever meu pai em uma única qualidade, diria que é um homem generoso. Generosidade, sempre presente em sua vida. Pensa num coração sem tamanho. Admiro o carinho que sempre dispensou à nossa família, sem hesitar. Igualmente à sua profissão. Compreendi o peso das origens de sua vida e o valor inestimável de suas amizades. Da sua coragem em fazer o impensável, mesmo sob as dúvidas alheias. Aprendi com ele, e fui atrás de meus sonhos. Eu os alcancei. E trago comigo o melhor do que aprendi. Sou imensamente grata pela criação que recebi. Personalidade não se adquire, se constrói. Se realizo grandes feitos, esse é seu legado. E se hoje sou essa mulher, devo a excelente criação que ganhei. Que estejamos juntos sempre, por muitos anos à frente. Te amo!

Caio

Pai, você foi aquele que me fez crescer, ser uma pessoa responsável e dedicada. Cada conquista devo a você. Agradeço de coração por me mostrar o caminho do bem, da dignidade, da honestidade, da persistência, para alcançar meus objetivos. Isso ninguém tira de mim, levarei esses ensinamentos para sempre. Gostaria que soubesse que, se hoje me tornei o homem que sou, é porque tive você como grande exemplo. Entendi a sua ausência,

quando precisei. Entendi que um homem público não cuida apenas da sua própria família. Aprendi a te conhecer melhor a cada dia. Tenho orgulho da sua história de vida, da sua trajetória política, pautada para aqueles que mais necessitam. Que você nunca abandone sua luta. Você é um pai maravilhoso. Te amo.

Henrique

Meu pai sempre foi um pouco frio com todos os filhos. Mas era um frio carinhoso, apenas um jeito de ser. Não era maldade, nem algo do gênero. Recordo-me de uma frase do “Che” que meu pai reproduziu certo dia, que traduz o que ele é: “Hay que endurecerse, pero sin perder la ternura jamás!”. Eu não sei se é de sangue, mas sinto que a política corre em minhas veias. Talvez seja por que ele colocou minha filiação ao PT na porta da maternidade quando nasci, e 16 anos depois, no dia do meu aniversário, tirei o título de eleitor e me filiei ao PT. Foi como o batismo e a crisma, o batismo os pais assumem em nome do filho, a crisma é a confirmação por livre arbítrio. E assim aconteceu. Aprendi com ele que a política está em tudo, e ela é fantástica. É, com toda a certeza, um político extraordinário. Meia entrada, Renda Mínima, Ônibus Biblioteca, Atende, Aprovação de um Novo Plano Diretor da Cidade de São Paulo, 102 projetos de leis aprovados em 8 mandatos, 3 vezes Presidente da Comissão de Constituição, Justiça e Legislação Participativa, 2 vezes Presidente da Câmara Municipal de São Paulo. Não é pouca coisa.

Deu à Cidade exemplo de como deve ser um Vereador. Deu a mim, quatro irmãos maravilhosos. Uma mãe única é inigualável. Uma linha de pensamento e raciocínio magnífica. Uma base política e social fantástica. Me ensinou muito sobre seu trabalho, o qual acompanho de perto. Pai, obrigado por tudo! Obrigado, pelos ensinamentos, cada risada, cada puxão de orelha, pelas idas à Câmara com você para acompanhar seu trabalho, pelas discussões políticas, pelo exemplo, pela família, pela educação, pelo pão de cada dia que nunca faltou, pelas oportunidades, por um lar sereno, e por me ensinar a ser mais homem a cada dia que passa.



VERÔNICA

Em vários momentos citei o nome da Verônica, que para nós sempre foi a Lurdes. Só depois que veio para São Paulo descobri que o nome dela era Verônica Lurdes Tatto. Quando se fala de meiguice, me vem sempre à mente a figura dela. A vejo sempre como um passarinho, daqueles pequeninhos, que sempre encanta. Uma figura agradável para conversar, solícita em tudo e em qualquer circunstância. Dádivosa, aberta ao diálogo, compreensiva e sempre pronta a abrir mão da razão para conquistar o coração. Se a Paz é a meta, busca-a sempre a qualquer custo. Não abre mão das suas convicções, mas respeita sempre a convicção do outro. Eis o motivo porque é tão querida e sempre solicitada quando o coração sangra. Certamente é a que mais ajudou a cicatrizar feridas dolorosas na família, por sua postura amiga, por suas palavras suaves e sábias. Certamente que as dificuldades vividas em sua própria vida e as que teve que superar na família, serviram para aliviar e ajudar a superar problemas que sempre foram compartilhados com ela, pois sabiam que encontrariam uma palavra de encorajamento, mas também de orientação sem passar a mão na cabeça. Sabe ouvir e meditar

sobre qualquer problema, ajudar, mas também fazer compreender, que se há desavenças, precisam ser encaradas com sinceridade, com honestidade para que sejam superadas. Ninguém tem toda a razão, ninguém está livre de perdoar e de pedir perdão. Ela sabe muito bem como direcionar esses momentos. Talvez possamos compreender mais e melhor deixando que ela mesmo nos narre um pedaço de sua vida que, nós da família, sabemos muito bem, é rica e profunda.

SOU A VERÔNICA

Nasci no dia 22/04/1958 na Ponte do Pardo, interior do Rio Grande do Sul. Sou a sexta de onze filhos, dos quais são oito homens e três mulheres. Não conheci uma irmã que faleceu com nove dias de vida. Minha mãe contava que, quando estava grávida de mim, a torcida por ser uma menina era grande e quando nasci, foi uma alegria em dobro (rss).

Vivi no Pardo até os cinco anos de idade. Em 1963, meus pais resolveram sair de lá com a família e alguns animais para morar no Paraná. Tenho poucas lembranças do Pardo: tinha apenas cinco anos quando fomos para o Paraná.

Lembro de uma casa branca, do rodão, do moinho, das brincadeiras no monte de serragem que tinha perto de uma serraria, de uma fonte onde eu ia colher agrião com minha Irmã Oneida, de uma tia muito brava, do meu avô doente, deitado numa cama (ele devia ter uma ferida grande na perna porque, quando eu ia vê-lo, ele falava em italiano que o nono tinha uma ferida). Lembro também do ônibus amarelo, da estrada para o cemitério, de uma procissão enorme, com tochas de fogo, acho que foi o enterro do meu avô.

Quando chegamos ao Paraná, tinha uma casa pronta, no meio do mato, perto de um rio, o Rancho Mundo. Tinha uma vizinha, a Dona Jandira, que muitas vezes dividia conosco a pouca comida que tinha. Entrei na escola com sete anos, no colégio Nossa Senhora Aparecida, na Penha, que era comandado por freiras. Minha primeira professora se chamava Semilda; fui alfabetizada

por ela. Depois tive duas professoras, a Irmã Ester e uma moça de que não lembro o nome (deve ser porque um dia ela quebrou uma régua na minha cabeça, me deixou de castigo e ainda queria que eu pagasse a régua). Eu era uma criança comunicativa, falava muito na sala de aula, cantava bem, por isso as freiras sempre me escalavam para os cantos nas missas de Natal, declamar poesias no dia das mães, dia dos pais, independência do Brasil e outras datas comemorativas. Gostava quando me vestiam de anjinho para a procissão de Corpus Christi e nas noites de Natal. Para chegar à escola, andava uns quatro quilômetros, sempre com outros amigos vizinhos. Muitas vezes entrávamos no pomar do vizinho para apanhar laranjas. Às vezes chegava à escola com o uniforme sujo e as freiras me davam bronca, faziam questão de me humilhar na frente dos outras crianças, e eu sofria o tal do bullying porque crianças na inocência, sabem ser cruéis. Morava na roça, o lanche que eu levava não era bom quanto o da amiga, a roupa não era bonita, as professoras faziam questão de comentar na sala de aula, que tinham visto o pai bêbado em determinado local, e assim por diante.

Podia chover, fazer frio, (lá fazia muito frio) que o pai e mãe não nos deixavam faltar à aula e à missa aos domingos. No dia da minha primeira comunhão chovia muito.

Minha mãe foi uma mulher muito forte, sempre esteve no comando de tudo, capaz de suportar com resignação as muitas dificuldades para criar os filhos. Ela trabalhava muito, cuidava da casa, dos filhos pequenos, trabalhava na roça, tratava os animais, não parava nunca. Conforme os filhos iam crescendo, saíam de casa para estudar e ela nunca se opôs, pois sabia que aquele lugar não oferecia nenhum futuro. Pensar que hoje ela não está mais entre nós fisicamente, dói. Mas de tudo o que ela foi, ficou um pouco. Ficou um pouco em mim, nos meus irmãos, nos netos, nos bisnetos. Ficou um pouco da beleza, da ternura, da generosidade, da alegria de viver, da fortaleza, da fé.

No último dia das mães que passamos com ela, fiz essa homenagem no facebook porque ela gostava de ver o facebook e sempre pedia para eu ler as mensagens que ela recebia. E recebia

muitas porque ela era muito querida por todos que a conheciam e conviviam com ela.

(Mãe amada, o que dizer nesse dia? Acho que tenho mais é que agradecer a Deus por tantas bênçãos! Obrigada pelo seu exemplo, pelos ensinamentos, por tudo, mãe. Mas o melhor de tudo, foi me ensinar que, nos momentos difíceis, de angústia, temos uma Mãe maior que nos ampara. E hoje, é a Ela que recorro e peço que fique do seu lado, te pegue no colo e te ampare. Te amo, mãe!!)

O pai, um homem trabalhador, de uma generosidade ímpar. Quando eu era criança tinha medo dele, ele tinha problemas com bebida e, quando bebia, ficava agressivo. Não era de pegar filho no colo, brincar, abraçar, beijar, acho que não aprendeu a fazer isso porque nunca ganhou uma carícia na sua infância. Mas tinha o jeito dele de fazer carinho. Quando saía, voltava com balas no bolso. Lembro de uma vez que ele ajudou a montar um presépio e, no dia de Natal, tinha presentes, era um pé de moleque para cada filho. E como foi gostoso! Na quinta série repeti de ano na escola, esperava uma bronca ou até apanhar, mas ele me consolou e disse que eu era inteligente e que passaria no ano seguinte. Ele era carente de afeto, gostava de conversar, mas fomos perceber isso muito tarde. Penso que pessoas que cultivam e gostam de flores e de parreiras são muito sensíveis, e ele adorava plantar e cuidar das roseiras, as preferidas eram as vermelhas, ficava todo feliz quando elas floriam.

Uma vez, estava tendo missões na igreja da Penha, e as rosas para enfeitar o altar eram as do nosso jardim. Na missa, o missionário pegou uma na mão, ia tirando as pétalas e falava sobre alguma coisa que fazia o povo chorar, depois falou que ficara com dó de destruir aquela rosa tão bonita e o pai ficou todo orgulhoso porque eram as rosas dele que estavam lá. Cuidava com carinho do parreiral, era o melhor e mais bonito da região, todos reconheciam isso.

Uma vez, fui convidada a participar de um encontro de jovens em Corbélia, uma cidade vizinha. Foi um fim de semana mágico:

tudo era lindo, músicas, palestras, depoimentos que emocionavam, as famílias eram perfeitas, os pais conversavam com os filhos, eram felizes, não tinham problemas. Eu me sentia um peixe fora d'água porque em casa não era assim. O pai era um alcoólatra, agressivo, a mãe sofria muito com isso, trabalhava muito, muitas vezes doente e tinha que suportar a cobrança dos filhos, falta de dinheiro, falta de conforto. Chorei muito, mas estava feliz, tinha passado um dia incrível. No encerramento, uma surpresa: era tudo escuro, alguém tocava e cantava muito bonito, quando acenderam as luzes, lá estavam os pais com uma rosa na mão. Por um momento fiquei triste e envergonhada porque achava impossível que meus pais estivessem lá. Mas, logo a vi, a minha mãe estava lá, e eu fiquei muito feliz! Meu tio Valse nos levou para casa, tudo estava bem, meu coração transbordava amor e felicidade. Chegando a casa, fui dormir, aí percebi que tudo continuava do mesmo jeito, o pai embriagado, brigando com a mãe porque passei o fim de semana fora de casa, porque a mãe tinha saído de casa e voltado tarde. Pensei que precisava dar um jeito de melhorar aquilo. Foi quando tive uma ideia. No primeiro dia em que ele saiu e voltou bêbado, peguei a chaleira de água quente e a cuia, sentei na varanda e o convidei para tomar chimarrão comigo. E assim fiz muitas vezes: tomávamos chimarrão e conversávamos sobre qualquer coisa, ele gostava, se sentia querido, valorizado, não brigava e não batia nos irmãos menores.

Com dezessete anos terminei o ginásio, era minha vez de sair de casa. Meu irmão Arselino chegou de São Paulo para me buscar, mas eu tinha ficado em um exame e o professor aplicou a prova na casa dele. Levei uma bacia de uva, fiz a prova, passei e ele me perguntou se eu ia trabalhar de faxineira em São Paulo. Respondi que podia ser, mas queria sair de lá. Esse mesmo professor um dia na sala de aula falou que viu meu pai caído na beira da estrada, bêbado. Eu morria de vergonha. Anos mais tarde, voltei à Penha, e vi esse mesmo professor bêbado, dando maior vexame numa festa. Senti muita pena dele.

Não foi fácil sair de casa, deixar a mãe chorando, os irmãos pequenos, as coisas ficaram mais difíceis para ela, mas eu tam-

bém sonhava com um futuro melhor. Cheguei a São Paulo no dia 20 de janeiro de 1975, deslumbrada e assustada com a cidade grande. Fui morar numa casa bonita, na Chácara Santo Antonio, com a Oneida, Leonide, Alceu e Arselino. Fiz o curso de Técnico em contabilidade no Instituto Tabajara (hoje se chama de Instituto Ítalo Brasileiro) em Moema. O Antoninho me ajudou a pagar os estudos, comecei a trabalhar numa gráfica, logo fui para a Contaget, escritório do Antoninho que empregava todos os parentes que chegavam a São Paulo. Alceu me ensinou as primeiras coisas do RH onde trabalhava com o Carlão, Carlinhos. Mais tarde fui para outras empresas, voltei para escritório de contabilidade onde trabalhei até me aposentar. Cursei Administração na Faculdade Costa Braga.

Dois anos depois da minha vinda para São Paulo, meus pais também vieram com os quatro irmãos mais novos. Foi melhor saber que estávamos todos juntos.

Em 1984 meu pai adoeceu, faleceu em 1985. Foi um período muito difícil para todos, principalmente para a mãe que cuidava dele. Senti muito a morte do meu pai.

Eu morava com a Oneida, minha irmã. Ela sempre foi muito importante para mim, minha amiga, sempre cuidou de mim, me orientava, me apoiava, era meu porto seguro. Ela se preparava para o casamento, quando conheci o Sérgio, amigo do Antônio Carlos, seu noivo. Não foi amor à primeira vista, mas não precisou de muitos dias para nos apaixonarmos e decidirmos que devíamos nos casar. Em onze meses, nos conhecemos, namoramos, noivamos e casamos. Muitos desafios, emprego novo, falta de dinheiro, doença e morte do sogro. Em 1988 nasceu nossa filha Vanessa. A experiência de ser mãe é inexplicável, a vida tem outro sentido, é maravilhoso! E Deus me presenteou com uma filha maravilhosa, de princípios éticos, brilhante em tudo o que faz e que nos enche de orgulho.

Compramos nossa primeira casinha com ajuda do Antoninho, nosso porto seguro em todos os momentos complicados.

Os anos foram passando, eu e Sérgio trabalhávamos muito, Vanessa estudava, tudo dentro da normalidade de uma pequena família. A situação financeira também foi melhorando, compramos nosso apartamento num lugar melhor, estava tudo bem.

No ano de 2000, certa manhã, acordei me sentindo estranha, formigamento do lado esquerdo do corpo, dor na perna direita. Era uma terça feira, dezembro, mês de muito trabalho no RH do escritório, não dei muita importância, imaginei que seria apenas cansaço. Fui a um pronto socorro pertinho do escritório para não perder tempo, me medicaram, mas eu só piorava. Esperei até a sexta-feira, para ir a um pronto socorro melhor. O médico solicitou uma tomografia de urgência e, vendo o resultado, falou que ia me internar porque precisava investigar melhor uma mancha no cérebro. No dia seguinte, me levaram de ambulância para outro hospital para fazer uma ressonância magnética da cabeça. O resultado saiu imediatamente. Eu tinha um CAVERNOMA no cérebro. Nunca tínhamos ouvido esse nome feio. Mas tudo bem, quando se tem um problema, segue-se a orientação médica e tudo se resolve. O que eu sentia não era tão grave assim. O médico ficou de passar no quarto às 10h. A família ansiosa para saber o que eu tinha. Era sábado, 10 de dezembro de 2000. Esse dia foi um divisor de águas na minha vida. Ele disse que eu tinha um sangramento do cavernoma no cérebro, que era muito grave, que não tinha cura, não dava para fazer cirurgia porque o problema era no tálamo, um lugar muito profundo e de difícil acesso. Eu perguntei, o que podia acontecer? Devia ter um tratamento, então. Ele respondeu que não, eu podia morrer a qualquer momento. Perdemos o chão. Ele falou que ia conversar com outros médicos e voltaria mais tarde. Ele saiu do quarto, sentei na perna do Sérgio, olhei pela janela e fiquei observando as folhas das árvores balançando. Sérgio me abraçou e disse que íamos enfrentar juntos e que tudo daria certo. Nesse momento, o Antoninho ligou para o Sérgio, ele sabia que o médico passaria às 10h. Meia hora depois o quarto estava cheio, a família quase toda estava lá. Fiquei uns dias ainda no hospital, me deram um tratamento com anticonvulsivos e antidepressivos, marcaram uma reunião com uma equipe de médicos de outro hospital para o dia 15 de janeiro.

Fomos pra casa. O Sérgio, inconformado com a situação, foi em busca de outras alternativas. Uma esperança se acendeu quando o Dr. Salah, amigo da família, que fazia residência na Unicamp, foi com o Sérgio mostrar os exames para um neurologista muito conceituado, professor dele. O Dr. Ramina se propôs a fazer a cirurgia para retirar o tal cavernoma em Curitiba onde ele tem um hospital. Marcaram a cirurgia. Falou que eu poderia ficar com algumas sequelas, mas eu não estava preocupada com isso.

O Pablo, amigo argentino, indicou um neurologista muito famoso de Buenos Aires. Sérgio ligou para ele, até cogitou de irmos para lá. A família preocupada, o Sérgio, inconformado com a situação, buscava outros meios, tudo era incerto. Um dia o Leonide me ligou, eu disse que não estava bem, imediatamente ele falou com o Arselino, pra tentar uma consulta com Dr. Jorge Pagura do Hospital Israelita Albert Einstein, que ele conhecia da vida pública. Marcou e lá fomos eu e Sérgio. Ele nos atendeu, viu os exames, e disse que o caso era realmente muito complicado, que o único hospital no Brasil equipado com um Neuronavegador capaz de chegar até o tálamo era o Einstein. Ele também se propôs a fazer a cirurgia, também disse que eu poderia ficar com sequelas, mas tinha que me dar uma chance de sobrevivência pois eu tinha somente quarenta e dois anos. Marcou a cirurgia para o dia 15 de janeiro. Aquele Natal foi diferente, a incerteza tomava conta de todos. Só nos restava ter esperança na competência do médico e no aparelho neuronavegador. Minha filha estava com doze anos, precisava muito de mim ainda, eu não podia deixá-la.

Passamos uns dias na praia, em Guarujá, e para lá também foram Oneida, Jilmar, Arselino, Antoninho, Leonide e as famílias. Eu percebia que queriam estar perto de mim, me sentia amparada.

Na véspera, voltamos para São Paulo, fui à missa com Sérgio e Vanessa, o Antoninho pediu para eu ler na Bíblia Josué 3.5 “Santificai-vos, porque amanhã fará o Senhor maravilhas no meio de vós”, e falar com o padre, pedir uma bênção. O evangelho daquele domingo foi o milagre da transformação da água em vinho. Eu gostava das homilias do Pe. Moacir, não me lembro o que ele

disse naquela missa, mas lembro que, quando me abençoou depois de explicarmos o que aconteceria no dia seguinte, ele disse para termos fé que Jesus transformaria aquelas lágrimas em vinho.

No dia 15 de janeiro de 2001 me internei no Hospital Israelita Albert Einstein. Foi um dia de preparativos, para a cirurgia que ocorreria no dia seguinte. Recebi uma ligação da Inês, sua voz calma dizia para ter fé, para pedir a Nossa Senhora que segurasse minha mão. Desde criança, com as missões na Penha, aprendi a ser devota a Nossa Senhora de Fátima, e assim eu fiz, pedi muito a ela, para ficar ao meu lado, que intercedesse por mim naquele momento. O Antoninho me levou um escapulário do Senhor dos Milagres, pendurou no meu braço. Às 13h vieram me buscar para a cirurgia. Agora estava nas mãos dos médicos, só me restava ter confiança no Dr. Pagura. A cirurgia durou 13 horas. O Sérgio, Oneida, Antoninho, Arselino, Jilmar, Giseli, ficaram do lado de fora aguardando. Deus coloca anjos na nossa vida nos momentos que mais precisamos. Naquela noite, difícil, cheia de incertezas todos estavam preocupados comigo. Ninguém lembrou que a mãe estaria em casa numa verdadeira agonia. Minha prima Adriana Sponchiado foi lá e ficou o tempo todo ao lado dela, até terem notícias. Como sou grata a ela!

A cirurgia foi um sucesso. Agora tudo dependia de como eu acordaria, se acordasse. No dia seguinte, às 9h, o Sérgio estava lá, ansioso, agoniado para saber como eu estava. Acordei, não sentia parte do corpo, não enxergava, mas estava lúcida. Até reclamei com o médico e perguntei o que ele havia feito comigo. A recuperação foi muito difícil, logo depois comecei a sentir muita dor na cabeça, o cérebro inchou muito e, por milagre mesmo, não explodiu tudo conforme o médico mesmo explicou. Já não tinha mais forças para lutar com tanta dor, pedi para o Antoninho levar o Fradão ao hospital (ele esteve com a minha sobrinha-neta Bruna, quando ela estava muito mal no hospital e sabíamos que o que tinha acontecido com ela foi um verdadeiro milagre). Fradão entrou na UTI, abençoou os medicamentos, falou em voz alta e exigiu que Deus tirasse aquela dor da minha cabeça, me deu a comunhão

e eu adormeci. Acordei sem dor. A recuperação foi lenta, aos poucos voltava a enxergar, a memória ficara bem atrapalhada, mas eu só podia agradecer porque tinha alcançado uma graça. Dr. Pagura, depois, falou que o que menos esperava era que eu voltasse a andar, falar, enxergar, mas precisava me dar a chance de uma sobrevida, ele se sentia muito feliz e orgulhoso pela minha recuperação. Ele é professor e meu caso foi objeto de estudos porque era raro e foi um sucesso. Os anjos apareciam de todos os lados. Minha cunhada Giseli, a Oneida revezavam com o Sérgio no hospital. Minha sogra Leotilde ficou em casa comigo, me ajudava em tudo. Por um tempo fiquei dependendo de outras pessoas para tomar banho, andar. O apoio dos irmãos tanto a mim como ao Sérgio foi fundamental, correntes de orações, amigos ligavam toda hora. Por ordem médica eu precisava fazer hidrogenástica; como não conseguia ir sozinha, a Graça entrou numa academia, me levava e cuidava de mim. Fez isso durante alguns meses, até eu conseguir ir sozinha. Muita gratidão por esse gesto tão bonito da Graça. A Vanessa, não entendia muito bem o que estava acontecendo, foi bem difícil para ela porque por um bom tempo eu perdi a noção e o rumo das coisas. Tudo ficou nas mãos do Sérgio, que tinha que cuidar de mim, da casa, da Vanessa e do trabalho.

Nove meses depois voltei ao trabalho, aos poucos fui retomando o rumo da vida, não tinha mais a disposição de antes, o escritório se tornou pesado para mim. Preferi sair, ir para um menor com meu irmão Alceu, fiquei até 2011, resolvi que era hora de me aposentar.

Aprendi que não devemos nos apegar em coisas, trabalhar demais, que temos que dar muito mais valor à família, aos amigos, que a fé pode criar caminhos para realização dos nossos desejos, que devemos afastar da mente pensamentos ruins. O poder da fé é tão grande que nada há que Deus não possa fazer por nós. Gratidão é o que tenho pela família, pelo Dr. Jorge Pagura e sua equipe e, principalmente, a Nossa Senhora de Fátima e, acima de tudo, a Deus.

Fala Sergio Labb (esposo)

Quando me foi solicitado para escrever alguma coisa sobre a Verônica, eu disse: Fácil falar da Verônica.... só que não é não. Não é, dada a dificuldade em defini-la e sua complexidade. A Verônica é dessas pessoas que traz consigo a racionalidade, das que olham os problemas de frente, e como eles são, e ao mesmo tempo possui a sensibilidade das que tocam o coração. Tem na religião o alicerce, e na família a sustentação.

A história de superação no momento mais difícil de sua vida demonstrou o tamanho de sua fé e a reverência pela vida. Sinto-me honrado e privilegiado em tê-la como esposa e mãe da minha filha. Aprendo com ela desde o dia que a conheci. Por tudo isso, agradeço a Deus por tê-la encontrado, nesta passagem, e me ensinar tanto.



ENIO

Enio entra na parada, saindo também do trabalho que fazia comigo com a saída do Leonide e Arselino, ficando eu mais uma vez escamoteado no trabalho da comunidade, mas sendo o reforço necessário para o exercício das atividades do Arselino, e por

isso mesmo, pela competência e pela visão política, é lançado candidato a Deputado Estadual, sendo eleito com extraordinária votação, revelando-se um político muito atuante na assembleia e, de forma marcante, na vida da sociedade, sendo também para ele, os pobres os preferidos, mas atento às necessidades e direitos de todos em suas pautas. Revelou ser um político atento a detalhes dos desmandos públicos, corajosamente denunciando e atuando para o bom exercício do cargo confiado pela vontade popular. Enio não é pessoa de estardalhaços. Homem simples, de gestos e atuações silenciosas. Nunca fica indiferente aos apelos de alguém necessitado. Nunca promete nada, nunca se adianta em promessas, ouve, e depois age conforme o que é preciso fazer. Pessoa dadivosa. Sempre que têm a oportunidade de falar, é sempre para buscar no fundo do coração o que é marcante na vida das pessoas, suas histórias. Nunca se coloca como protagonista dos fatos, enaltece as virtudes dos outros, embora seja na maioria das vezes o autor absoluto dos acontecimentos. O que tem importância para o Enio são as coisas simples, não fatos extraordinários, que todos veem e usam para se promover, mas a intimidade das pessoas, seus sofrimentos, suas buscas, encontros e desencontros da vida.

Quem é

Em 10 de maio de 1960, nascia em Frederico Westphalen, uma pequena cidade no norte do Rio Grande do Sul, o sétimo filho de Jácomo e Ignês Tatto. Ele só seria registrado dez dias depois, prática comum na época em pequenas cidades, e assim, oficialmente, em 20 de maio de 1960 nascia Enio Francisco Tatto.

Passou a primeira infância em sua cidade natal, onde viveu até os três anos. Mesmo pequeno, levou do Estado a paixão pelo Grêmio Football Porto Alegrense. Em 1963, acompanhou a família em um processo migratório para o oeste do Paraná. O destino era a cidade de Corbélia, distrito da Penha. Durante a infância e adolescência se dividia entre o Colégio Nossa Senhora Aparecida onde cursou o primeiro grau, e as plantações de arroz, milho e outros onde trabalhava como pequeno agricultor. Dos dez irmãos, foi o que morou e trabalhou mais tempo na zona rural. Iniciou o ginásio no Colégio Estadual Amâncio Moro, mas aos 17 anos

migraria novamente, dessa vez para São Paulo, e só concluiria seus estudos na nova cidade.

Em 1978 começava sua história na Capela do Socorro. Terminou o ginásio no Colégio Mademoiselle Perillier, no Jardim das Imbuías, e paralelamente, passou a frequentar a Comunidade Nossa Senhora Aparecida, hoje Paróquia São Paulo Apóstolo e Nossa Senhora Aparecida. Foi da coordenação da comunidade e ministro da eucaristia. E foi lá que, cinco anos depois, no grupo de jovens da igreja, ele conheceria sua futura esposa, Yolanda, uma baiana que também estava migrando em busca de uma vida melhor.

Tendo como grandes orientadores espirituais o Padre José Pegoraro, Dom Mauro Morelli da Diocese de Santo Amaro e o exemplo e prática da forma de trabalhar de Dom Paulo Evaristo Arns, defensor da Teologia da Libertação, da atuação religiosa, logo passou à atuação social e política. Foi eleito representante do setor Veleiros e da diocese de Santo Amaro. Participou das Comunidades Eclesiais de Base organizando a região. Em 1986 foi eleito coordenador do Encontro Nacional das Comunidades Eclesiais de Base em Trindade, Goiás. O tema era: Terra de Deus, Terra de Irmãos. A delegação tinha em torno de 300 delegados.

Enquanto a atuação política amadurecia nos movimentos sociais nas áreas de educação, saúde, transporte, habitação e meio ambiente, cursou Técnico em Contabilidade no Colégio Radial em Santo Amaro e, em seguida, Ciências Contábeis na Faculdade Costa Braga. Durante esse período, foi atuante no movimento estudantil, organizando a primeira greve da instituição junto com seu irmão Arselino. Os alunos reivindicavam mudança na data do pagamento e manutenção de descontos. Foi expulso por 15 dias, mas a decisão foi revertida e conseguiram as mudanças. A greve durou uma semana.

Profissionalmente, depois de abandonar o trabalho na roça, foi office boy em escritórios contábeis, trabalhou na área administrativa de uma metalúrgica em que foi eleito pelos funcionários membro do CIPA. Curiosamente, a metalúrgica ficava a cerca de

800m do local onde Santo Dias, membro da Pastoral Operária, seria assassinado pela Polícia Militar em 1979.

Com o envolvimento crescente nos movimentos sociais e estudantil, participou ativamente das manifestações pelas Diretas Já, no processo de redemocratização do país. Em 1980 e 81 ajudou na construção e na formação do PT. Foi membro e presidente do diretório da Capela do Socorro e do diretório estadual. Participou diversas vezes dos encontros municipais, estaduais e nacionais como delegado.

Nesse período, deixou o emprego na área administrativa pela primeira vez para coordenar as campanhas eleitorais do irmão Leonide em 1982 e 1986, mas só em 1988 elegeria o primeiro irmão para vereador, Arselino.

Foi nessa época também que grandes mudanças aconteceram em sua vida pessoal. Depois de quatro anos de namoro casou-se com Yolanda e tiveram sua primeira filha: Karlla. Onze meses depois já eram duas, Carmen não quis esperar. O caçula só viria três anos depois, em 1992, para completar o trio, e recebeu o nome de Carlos.

A partir daí sua vida profissional se dividiu entre seus próprios negócios e a coordenação das campanhas que viriam. Foi proprietário de uma empresa de assessoria e de uma papelaria até abrir seu escritório contábil em 1997.

Conciliou o trabalho de contador com a coordenação de diversas campanhas importantes. Foi coordenador das campanhas estadual e federal do irmão Jilmar, e a campanha vitoriosa de Fernando Haddad e de Marta Suplicy para a prefeitura de São Paulo, e de Alexandre Padilha para governador, sempre na mobilização e organização da campanha nas cidades e periferias.

Foi em 2002 que veio a mudança. Foi lançado a deputado estadual pela primeira vez e eleito com mais de 118 mil votos. Hoje exerce o seu quinto mandato, sempre reeleito e atuando na área social, em

especial nas de educação, saúde, idosos e pessoas com deficiência. No parlamento paulista, sempre muito atuante, apresentou cerca de mil projetos de lei, tendo aprovadas 43 leis. Como parlamentar também liderou a luta pela aprovação das Leis Específicas das Represas Guarapiranga e Billings e conquistou a realização de audiências públicas regionais para debater com a sociedade o Orçamento do Estado. Além disso, conseguiu a aprovação e a liberação de recursos de emendas orçamentárias para beneficiar um grande número de municípios paulistas com obras de infraestrutura e de implantação de equipamentos públicos. Foi, ainda, vitorioso em iniciativas que levaram à melhoria da saúde, dos transportes e do atendimento judiciário na Capital, em especial na Zona Sul, onde reside desde sua chegada a São Paulo. Firme na fiscalização do Executivo, assinou pedidos de CPI, tendo integrado a que apurou irregularidades na Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo - CDHU, e constantemente requer informações ao Executivo para avaliar a execução de políticas públicas no Estado.

Foi duas vezes líder da Bancada do PT e líder da oposição uma vez. Atualmente é o 1º secretário da Mesa Diretora da Assembleia Legislativa. É a terceira vez que ocupa o cargo, feito não alcançado por nenhum outro deputado na história do Parlamento paulista. É reconhecido como um dos parlamentares mais queridos da Assembleia Legislativa de São Paulo.

YOLANDA FALA DO MARIDO ENIO

Conheci o Enio no final de 1982. Ele e a família moravam no final da rua em que eu morava com meus tios Hipólito e Ivanilde. Mas fomos nos encontrar na Comunidade Nossa Senhora Aparecida, do Jardim das Imbuías. Meus tios já participavam dos grupos de trabalhos e de estudos bíblicos e também do Conselho Administrativo.

Ainda na Bahia eu participava do grupo de jovens. E chegando aqui não foi diferente. E foi no grupo de jovens que conheci o Enio. Ele já era ministro de Eucaristia, mas assessorava muitos grupos em formação na comunidade. Eu não sei se foi amor à

primeira vista, só sei que, depois que nos encontramos pela primeira vez, não nos desgradamos mais. O grupo de jovens era o MAC e depois passou a ser o JUSC – Juventude a Serviço de Cristo.

Eu e meus tios fomos convidados a participar do Conselho da Comunidade que ainda estava em construção. Não tínhamos um padre responsável. As celebrações eram feitas por leigos e o Enio era um deles. De cabelos encaracolados, camiseta vermelha “Tirem as Mãos da Nicarágua!”, tinha o dom da palavra.

Numa reunião do conselho, Enio indicou minha tia para que assumisse o cargo de secretária do Conselho. Ela não se sentia confiante em transcrever as atas e o Enio se dispôs a me ensinar e foi assim que ele, pela primeira vez, esteve na casa dos meus tios.

Eu havia acabado de chegar da Bahia e de completar 15 anos, trabalhava como babá em casa de minha tia durante o dia e estudava à noite.

Enio trabalhava na Balan-Set, era técnico contador. Foi ele quem conseguiu uma vaga de emprego para mim em 83. Íamos juntos para o trabalho, para a igreja e nos finais de semana ele ficava rondando a casa onde eu morava. Muitas vezes só nos olhávamos e sorriamos um para o outro.

Meus tios eram muito cuidadosos comigo e, no princípio, obviamente não houve uma aceitação do “namoro”, que por um bom tempo se confundia com amizade.

Enio tem 6 anos a mais de vida do que eu. E sempre me respeitou. Morei sozinha durante 4 anos, inclusive nos fundos da casa onde a Dona Ignês morava.

Conheci toda sua família. Fiquei amiga-filha de sua mãe que me acolhia e cuidava de mim de uma forma única. Zelava por mim e sempre apoiou nosso amor.

Enio saía do trabalho e ia direto para a Faculdade. Fez ciências contábeis na faculdade Paulo Eiró, que depois mudou de nome para Costa Braga. Lá também militava contra os aumentos abusivos das mensalidades. Chegou a ser expulso por causa de um dos atos. Depois foi reintegrado.

Ficamos noivos em 1986. Íamos casar em março de 1988. Mas engravidei de nossa primeira filha, Karlla. Foi nesta fase que eu conheci o que era ter um homem ao meu lado. Eu morava sozinha, minha família distante, grávida e longe de todos... Enio em nenhum momento me deixou sozinha, me apoiou e esteve ao meu lado. Nossa alegria por eu ter um filho naquelas circunstâncias muitas vezes não foi entendida. Claro que, por sermos da igreja, sofremos muitos julgamentos: “Como esses dois estão tão felizes depois de fazer “coisas erradas?”

Marcamos o casamento para 10/10/87. Ele trouxe meus pais e meus irmãos todos de volta para SP.

Nos casamos dia 08/10 no civil. Dia 10/10/87 na igreja São Pancrácio. Nosso amigo, padre Albino, fez uma linda celebração. A esta altura, eu e o Enio já tínhamos a EnYo Assessoria que prestava serviços legais para a Balan-Set, e o Antoninho nos vendeu uma casa na passagem Uirapuru. Demos entrada com linhas de telefone (planos de expansão). Acho que o Antoninho tem uma das linhas até hoje...

Enio continuava participando ativamente das Cebis, dos movimentos sociais e participou da fundação e organização do PT. Eu continuava também com a catequese e na pastoral da juventude.

Dia 01/02/88 quando ele chegou a casa da faculdade, depois da meia noite, correu comigo pro Hospital Fleming no Largo Treze. Nossa filha nasceria duas horas depois de parto normal.

Onze meses e quinze dias depois já tínhamos outra filha. A Carmen! Sua gestação foi uma provação. Eu tive problemas hormonais

e desenvolvi, junto com a criança, um cisto ovariano que crescia na mesma proporção do bebê. Eu e a criança corríamos risco de morrer.

Mais uma vez a serenidade e a tranquilidade do Enio foi fundamental para tomar a decisão de levar a gravidez adiante. E juntos passamos 7 meses angustiados, mas cheios de fé.

Queríamos ter 4 filhos. Com o nascimento da Carmen, os médicos nos avisaram que se quiséssemos outro, teríamos que fazer tratamentos. Não fizemos. Deixamos pela vontade e o tempo de Deus.

Em maio de 91, voltando juntos do trabalho, senti enjoos. Enio tinha certeza de que eu estava grávida! E estava! Quase quatro anos depois, veio nosso terceiro filho, o Carlos!

Enio fez festa quando soube que fecharíamos nossa “produção” familiar com um menino.

Enio deu nome aos três filhos, ainda na maternidade. Todos eles com histórias e simbolismos por trás.

Sempre foi um pai amoroso e cuidadoso. Obviamente que os compromissos com a igreja, com os movimentos sociais e com o partido nos “tiravam” sua companhia por um bom tempo. Mas eu não sinto, e acredito que seus filhos também não, que faltou amor e presença... Pelo contrário, Enio fazia questão de ter os filhos ao lado e os levava a tiracolo para as reuniões e para o futebol.

Enio estava cada vez mais engajado com a política. Mesmo trabalhando no escritório de contabilidade, coordenou as campanhas eleitorais do Leonide, Arselino e Jilmar em todos os pleitos, vitoriosos ou não.

Até que chegou a sua vez. Em 2000/2001 já se cogitava o nome do Enio para a política. E eu sentia a empolgação dele e me preocupava muito.

Eu via o que todos os outros sofriam em relação a publicidade de suas vidas. E eu não queria aquilo para ele e para nossos filhos. Era muita exposição. Muita incompreensão.

Lembro que um dia o Enio chegou a casa e me disse: “Amor, o grupo todo já definiu que eu serei candidato a deputado estadual. Eu sei das tuas preocupações. Mesmo todos indicando meu nome, o que me importa é o seu apoio, o apoio de nossos filhos. Sem vocês eu não farei nada!”

Eu chorei copiosamente, pois sabia que uma grande mudança aconteceria. Meu marido, pai dos meus filhos, oficialmente seria um homem público, um homem do povo.

Eu respondi que não seria eu que seria contrária aos seus sonhos e a vontade de um grupo sólido. Que eu o apoiaria. Que eu cuidaria do nosso escritório, dos nossos filhos e de nossa casa. Que ele teria nosso apoio e nosso amor!”

E foi aí que, em 2002, Enio foi eleito. Eleito com muitos votos, com apoio popular, com apoio dos movimentos populares e religiosos. E de lá para cá, só nos orgulha muito do seu papel como parlamentar.

Houve a oportunidade de ir para Brasília. Ele teria votos para tal. Mas ele quis ficar perto do povo. Achava que Brasília era fria e distante, ficaria longe de nossa família também.

Enio hoje está em seu quarto mandato e não tem um só dia que não chegue a casa, beije sua família e pergunte se nós vimos e ouvimos as suas falas e projetos; e pergunta o que achamos.

E se eu posso falar do que mais me orgulho no meu marido é de que ele preservou (o que é muito difícil no meio) a sua humildade, a sua sinceridade e humanidade.

Amamos pegar nosso carro, chamar nossos filhos ou, na maioria das vezes, sozinhos e viajar para todos os lugares a que íamos juntos: Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul... Ele já foi até para Campo Alegre de Lourdes-BA, conhecer a cidade em que eu nasci: 3.300 km de estrada.

Eu amo quando ele chega nos locais e chama o povo pelo nome e conta suas histórias. Reencontra os amigos do Pardo e da Penha e eles contam as suas histórias de quando morava lá. Enio não perdeu a essência do homem que ama ter sua família por perto.

Enio me acorda pela manhã quando estamos na praia em dias nublados e com chuva e diz: “Amor, vamos tomar café! O dia está lindo!”

Enio é aquele que passa mensagem para os filhos dizendo: “Vem aqui no quarto me dar um abraço!”

E é isso que me encanta e me faz ver que todas as lutas valeram a pena e faz todo sentido do mundo estarmos juntos. E vai ser assim até o fim, porque eu não vou desgrudar dele nunca!



NILTO IGNÁCIO TATTO

Nascido em Frederico Westphalen, no Rio Grande do Sul, Nilto Tatto, ainda criança, migrou para Corbélia, no Paraná, onde viveu até a adolescência, ajudando a família em uma pequena propriedade rural.

Em 1978, com 14 anos de idade, veio com a família para Capela do Socorro, periferia da região Sul de São Paulo, e ingressou na Pastoral da Juventude por meio das Comunidades Eclesiais de Base.

Esse foi o berço de sua atuação nos movimentos sociais em defesa da saúde, educação, moradia, transportes, cultura, meio ambiente, direitos humanos, dentre outros.

A intensa atuação social aproximou Nilto Tatto das lutas sindicais do final dos anos 1970 e início da década de 1980, e o levou a ingressar no Partido dos Trabalhadores (PT), onde se transformou numa das principais referências na área socioambiental.

Nilto foi líder estudantil no início da década de 1980, período em que cursou Estudos Sociais na Faculdade Osec. Lecionou na rede pública e se especializou em Administração para Organizações Não Governamentais na Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Entre 1983 e 1994, administrou o Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI). Instituição que assessorava o movimento de trabalhadores do campo, operários, indígenas e da educação popular.

No Cedi atuou na capacitação administrativa para o Conselho Nacional dos Seringueiros em Rio Branco (AC), na época liderado por Chico Mendes, e para a União das Nações Indígenas em São Paulo e no Acre, liderado por Ailton Krenak.

Em 1987, ajudou a fundar a Espaço de Formação Assessoria e Documentação, organização da sociedade civil, localizada no bairro Cidade Dutra, com atuação na área de educação e meio ambiente. Na Espaço atuou até 1994 como voluntário, e assessoro-

rou diversos movimentos sociais, com destaque para o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (Mova-SP), ajudando a implementar vários núcleos de alfabetização na zona Sul de São Paulo. Articulou também diversas iniciativas em defesa dos mananciais de São Paulo.

Com o encerramento das atividades do CEDI, em 1994, participou da fundação do Instituto Socioambiental (ISA), do qual foi secretário executivo a partir de 1999. Também coordenou ações e projetos de assessoria e capacitação em gestão administrativa para diversas organizações indígenas, como a Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (Foirn) com sede em São Gabriel da Cachoeira (AM), a Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab), e a Associação Terra Indígena do Xingu (Atix).

Entre 1999 e 2001, coordenou o Projeto de Manejo Florestal Xicrin do Cateté desenvolvido pelo ISA com os índios Xicrin do Cateté, no município de Paraupabas (PA), tendo sido o primeiro projeto de manejo florestal em Terra Indígena no Brasil.

Em 1982 conheceu Lucinha, mineira de Cajuri, com quem se casou em 1987 e teve duas filhas: Júlia e Ligia. Lucinha era estudante de Serviço Social na mesma Faculdade em que o Nilto cursava Estudos Sociais, e era líder do Movimento estudantil. Lucinha fez, posteriormente, o curso de história e contabilidade e, atualmente, tem um escritório contábil. Nilto, após concluir Estudos Sociais, iniciou o curso de Ciências Sociais, na PUC, mas não conseguiu terminar devido seu envolvimento com a política e inúmeras viagens a trabalho por diversos Estados do Brasil e fora do país também.

Quando se conheceram, Lucinha não era militante política, mas como ela sempre acompanhava o Nilto nas reuniões do DCE (Diretorio Central dos Estudantes), da OSEC, e reuniões dos núcleos do PT, não demorou para se encantar com as teorias do PT que iam de encontro a seu curso “Serviço Social”. Como ela mesmo diz: “Namoramos, casamos e tivemos filhos dentro de uma sala de reunião do PT.”

Apesar de Lucinha sempre reclamar da ausência de Nilto, principalmente após as filhas nascerem, ela sempre compreendeu e apoiou o trabalho do companheiro.

Se a Lucinha acabou entrando para a política para acompanhar o Nilto, a recíproca também é verdadeira. O Nilto foi para escola de dança de salão para aprender forró e samba, paixões de Lucinha na época, e chegou até a bater pandeiro em carnavais para agradar ao sogro.

Em suas viagens nunca voltava de mãos vazias, trazia sempre um presente para as filhas e esposa, mostrando que, apesar da distância, estava sempre presente.

Quando chegavam as férias escolares, Nilto levava as meninas para o ISA onde ele trabalhava, e elas se encantavam com tudo e todos “diferentes”. E elas diziam, conforme cresciam, que não sabiam que profissão seguiriam, mas queriam que fosse “alguma coisa parecida com a do papai”. A Júlia fez Jornalismo e Contabilidade, especializando-se e trabalhando na área de responsabilidade socioambiental de empresas, e a Lígia está no último ano de Engenharia Ambiental na UNICAMP. Assim como os pais, as duas sempre se engajaram em trabalhos voluntários.

Em 2004, passou a coordenar o Programa Vale do Ribeira do ISA – cargo que ocupou até março de 2014. Nilto Tatto enfrentou o desafio de dar visibilidade à luta das comunidades quilombolas e de articular a implantação de políticas voltadas à manutenção da rica diversidade da região que possui menor IDH do Estado. Em 2009, Nilto Tatto recebeu o Prêmio Dorothy Stang de Direitos Humanos, na categoria humanidade, por sua atuação em projetos de alternativas econômicas sustentáveis e geração de renda junto às comunidades quilombolas no Vale do Ribeira.

Ao longo de sua trajetória, ministrou palestras em diversas partes do Brasil, Europa, África e América Central e Estados Unidos, tendo também atuado junto a comunidades tradicionais de Angola. A história, militância e agenda que sempre trabalhou, o levaram a disputar uma vaga na Câmara Federal, tornando-se uma das maiores referências políticas para a pauta socioambiental.

Minhas impressões

Uma das características do Nilto que sempre me impressionou é

sua calma para tratar dos assuntos mais complexos. É próprio de sua personalidade a reflexão, aprofundamento, a observação e interferências com serenidade. Sempre apresenta o que tem de maior, convicção, sempre alicerçada em dados históricos, experiências vividas na convivência e contatos com tudo o que diz respeito aos trabalhos em que se envolve. Percebe-se uma entrega de corpo e alma na defesa do que acredita e, principalmente, quando envolve pessoas, povos, culturas e o mundo da ecologia. Ele nos faz muito bem quando está presente, seja para tratarmos de temas importantes ou para jogar conversa fora. Para quem quer aprender, Nilto é referência na paz e na luta. Sendo agredido vergonhosamente em plenário, soube ter o equilíbrio do não confronto agressivo, mas tendo em pauta o falar, o questionamento verbal, o convite para o confronto de ideias que, por si só, desmantelam qualquer agressor. Como irmão se apresenta sempre amoroso, aberto para o diálogo franco e sincero, defendendo, com simplicidade e humildade, ideias e ideais com os quais não negocia. Conversar com ele é aprender e descobrir que o saber não pode ficar escondido ou subornado. Certamente Nilto, bem como os demais irmãos, pode-se dizer que ensina o que sabe, vive o que ensina e pergunta o que não sabe. Gosto de conviver com pessoas assim, me faz um bem enorme. Certamente, por isso tudo, foi convidado a colaborar em Roma para Sínodo da Amazônia, para honra de toda nossa família.



Brasília – DF, 20 de setembro de 2019.

Excelentíssimo Sr.º Deputado Nilto Tatto,
Membro da Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável,

O Papa Francisco convocou a Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para o período de 06 a 27 de outubro de 2019, um convite para refletir sobre o tema: “Amazônia – novos caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral”.

A Assembleia é um espaço destinado aos bispos da região Pan-Amazônica e outros convidados pelo Santo Padre, que durante o mês de outubro vão aprofundar as dimensões pastorais, missionárias, bem como as problemáticas socioambientais da região, a fim de encontrar novos caminhos para uma presença mais comprometida da Igreja neste território.

No mesmo período, pastorais e organizações sociais realizarão, em Roma, a Tenda da Amazônia - Casa Comum, com dezenas de atividades formativas, de mobilização, exposições e celebrações. A Tenda será um espaço de apoio para as reflexões que acontecerão dentro da Sala Sinodal.

A fim de subsidiar as reflexões com a apresentação de estudos sobre a realidade socioambiental da Amazônia, a Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM – Brasil), convida o Excelentíssimo Sr.º Deputado Nilto Tatto, Membro da Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, para um evento na Tenda da Amazônia Casa Comum, em Roma, no dia 14/10/2019, onde será apresentado por parte dos parlamentares brasileiros um documento acerca da realidade socioambiental da Amazônia.

Para nós e para toda a Igreja a vossa presença será motivo de honra, para que juntos possamos trilhar os caminhos de cuidado com floresta amazônica e seus povos.

Atenciosamente,



Ir. Maria Irene Lopes
Secretária Executiva da REPAM Brasil
Comissão Episcopal Especial para a Amazônia

SGAN - 905 - Lote C - Sala 5 - Brasília, DF - Brasil - CEP 70790-050
(61) 3048-7906

repambrasil@gmail.com
www.repam.org.br

Carta-Convite



JILMAR

O Jilmar, com a chegada da família em 1978, foi trabalhar no escritório do Leonide, na JLA que já citei antes, sendo registrado em carteira com apenas 14 anos, no dia 01/07/78 como Office Boy, depois veio para nosso escritório, a Balan-set, cuja história é conhecida, e de lá passou a trabalhar numa empresa que desenvolvia software para nosso escritório, a Pró-Logos.

Sua trajetória profissional deu uma guinada total no momento em que resolve pensar sua vida politicamente, ou de fazer da política sua vida. Vale a pena acompanharmos sua biografia política com mais riqueza de detalhes. Começou com a indicação do Leonide para administrar a sede do PT Estadual.

Sua infância se deu em uma realidade social precária, assim como era, e ainda é, a vida de milhões de brasileiros que moram no interior do país. Junto com seus irmãos, Jilmar iniciou sua participação em encontros de grupos de jovens nas Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica, principalmente na periferia da Capital. Sua liderança nata fez com que se tornasse um dos coordenadores da Pastoral da Juventude na região de Santo Amaro,

atualmente Diocese. Nesse período, tomou contato com aquela realidade socioeconômica e se engajou em diversas iniciativas por melhores condições de vida para a população. Participou ativamente dos movimentos contra a carestia, por moradia, transporte, saúde e educação de qualidade. Ajudou a organizar ações de solidariedade ao povo do Araguaia e a Dom Pedro Casaldáliga, bispo daquela Prelazia, e aos agricultores sem-terra de Ronda Alta – RS. Também colaborou na formação de comitês de apoio aos trabalhadores em greve no ABC Paulista e do Comitê Santo Dias da Silva (operário assassinado pela Polícia Militar, em 30/10/1979). Tudo isso favoreceu a curiosidade e o estímulo pela política, que vinha passando por mudanças com o fim da ditadura. O Partido dos Trabalhadores, recém fundado, foi escolhido por Jilmar para exercer sua militância. Ajudou na formação e consolidação do PT através do trabalho de base, vindo a fundar o núcleo do Jardim das Imbuías, na Capela do Socorro, Zona Sul de São Paulo. Em meados dos anos 80, tornou-se membro da direção partidária na Capela do Socorro e, a seguir, membro da direção estadual. Conciliou sua militância política com os estudos e participou da União Estadual de Estudantes e de diversos congressos da União Nacional dos Estudantes. Formou-se em História e cursou Direito até o segundo ano. Exerceu o magistério em escolas públicas da Capital.

Jilmar Tatto é doutorando no Programa de Pós-Graduação em Engenharia Elétrica da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP). É Mestre em Ciências pela própria USP. Possui graduação em História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Moema (1987) e curso de Direito (incompleto) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Em 1990 foi candidato a deputado estadual e obteve a quarta suplência. Assumiu o mandato no final da legislatura. Em 1995, tornou-se presidente municipal do PT de São Paulo. Integrou a direção nacional do partido, em 1997.

Jilmar se elegeu deputado estadual em 1998, sendo o segundo candidato mais votado da bancada do PT, com quase 52 mil votos.

Foi um deputado estadual participante e combativo, apresentando diversos projetos e requerimentos em defesa dos interesses da classe trabalhadora.

No final do ano 2000, quando Marta Suplicy foi eleita prefeita de São Paulo, Tatto foi convidado a integrar sua equipe de governo. Em janeiro de 2001 iniciou sua atividade como Secretário Municipal de Abastecimento.

Implantou, num curto espaço de tempo, uma alimentação adequada para os estudantes de toda a rede municipal de ensino, conhecida como Almoço e Janta. Conseguiu reduzir os valores dos contratos de fornecimento de leite para o programa Leve Leite, que se encontravam superfaturados, alcançando uma economia de R\$ 22 milhões por ano. Também criou o Banco de Alimentos e reestruturou as feiras livres. Iniciou o processo de recuperação e modernização do mercado municipal. Foi responsável pela criação do Conselho Municipal de Alimentação e Nutrição. Em sua gestão, houve redução dos preços dos alimentos nos chamados “sacolões da Prefeitura”.

Pelo êxito que obteve no seu trabalho na secretaria de Abastecimento, foi chamado para ser secretário da Implementação das subprefeituras (09/01/2002). Foi na sua gestão que, a antiga divisão em administrações regionais, criada em 1965, foi substituída pelas 31 subprefeituras organizadas em distritos com a aprovação da Lei nº 13.399/2002. Nesse processo, houve audiências públicas, debates e reuniões com organizações e lideranças da sociedade civil. Atuou para dar um novo dinamismo à administração da cidade; tornou permanente a limpeza e a manutenção de praças e canteiros públicos; criou as praças de atendimento e um sistema de fiscalização eletrônica que inibiu a corrupção na administração pública municipal.

Vencido o desafio de aproximar a administração da população, Jilmar passou a enfrentar o caos no sistema de mobilidade como secretário da pasta (25/11/2002). Nessa árdua tarefa, priorizou o transporte coletivo de qualidade e combateu a chamada “máfia dos transportes”. Sua ação resultou na implantação do sistema integrado de transporte na cidade.

Devido à sua determinação, foram realizadas as maiores concessões e permissões de transporte público urbano do país, com a efetivação dos sistemas estrutural (empresas de ônibus) e local (cooperativas de micro-ônibus), o que levou à legalização do serviço e à retirada de empresas “laranjas”.

As linhas de ônibus foram reordenadas e os passageiros passaram a usar o Bilhete Único (sistema de bilhetagem eletrônica), que permitiu pagar apenas o valor de uma passagem, por um período de duas horas, para a realização de várias viagens. Ainda como secretário de Transportes, implantou 200 km de corredores de ônibus, 10 novos terminais e outros 20 foram projetados. Na época, ocorreu o maior índice de compra de novos veículos para o serviço.

Na mais recente gestão municipal do PT, com o prefeito Fernando Haddad, Jilmar Tatto permaneceu quatro anos à frente dos Transportes. Além de incrementar a utilização do Bilhete Único, com as versões mensal, semanal e diária, fez 400 km de ciclovias e 430 km de faixas exclusivas de ônibus.

Essas iniciativas garantiram confiança, segurança e rapidez na mobilidade paulistana. Além de servir de referência nacional e internacional, projetaram São Paulo para o futuro na questão da modernidade das intervenções administrativas.

Houve, ainda, as novidades das linhas de ônibus noturnas, que garantiram o funcionamento do serviço por 24 horas; as faixas de pedestres para travessia em diagonal nos grandes cruzamentos, que são mais seguras; as “lombo faixas”, que obrigam os veículos a diminuir a velocidade para a passagem dos transeuntes; e as “Frente Segura”, um espaço de parada para motocicletas adiante dos outros veículos junto aos semáforos.

Em 2010, Jilmar se reelege deputado federal, obtendo a segunda votação entre os deputados petistas no Estado e a melhor votação na Capital, alcançando 250 mil votos. Nesse segundo mandato, se destacou como líder da bancada petista e presidente da Comissão de Desenvolvimento Econômico, Indústria e Comércio,

que analisou a MP 579/12 (redução das tarifas de energia elétrica) no ano de 2012.

Tatto ocupou o cargo de Secretário Municipal de Transportes de São Paulo e Presidente das empresas São Paulo Transporte S/A e Companhia de Engenharia de Tráfego na gestão petista (2013-2016) com a missão de implantar 150 km de novos corredores e 200 km de faixas exclusivas para ônibus, 400 km de ciclovias, instalação de novos radares, além do Bilhete Único Mensal.

Em 2018 concorreu ao Senado, pelo Estado de São Paulo, obtendo 2.103.277 de votos.



JAIR

Jair é uma daquelas pessoas que você conhece e não liga muito. Depois vai convivendo com ele, e se for observador, começa a perceber que algumas ações só acontecem por causa da atuação dele. Não faz alarde. Não sai gritando aos quatro ventos as providências que vai ou está tomando para resolver coisas que não podem esperar e de que dependerá o sucesso de todo e qualquer empreendimento, normalmente nada para si, sempre no interesse maior, de uma proposta maior. Claro que todos esperam reconhecimento de seus atos, suas atuações e conquistas, principalmente quando são a favor dos outros e, de modo especial, dos sem voz, dos sempre esquecidos. Jair não reclama, sente, mas não cobra reconhecimento, segue em frente e questiona, com seu comportamento, a atuação dos que garganteiam e pouco fazem. Aliás, é sempre assim, quem muito faz, fala pouco do que faz. Quem nada ou pouco faz, precisa amplificar o que por si só não aparece. Jair é uma boa alma. Talvez devesse cuidar um pouco mais de si, faria bem para ele, para sua família, para nossa família. Mas se, para cuidar de si, de seus interesses, é necessário deixar de se preocupar com as necessidades da população, jamais o fará. Não é egoísta, jamais foi, não sente inveja, vibra com as conquistas dos outros. Tem um coração sertanejo, deleita-se e viaja no tempo com uma moda de viola. Sabe enaltecer e reconhecer o talento e as realizações das pessoas. Ele é uma boa pessoa.

Biografia Pessoal

Em 1968, pelas mãos de Dona Zefa, a única parteira do município de Corbélia, interior do Paraná, nasce o último filho de Dona Ignês Tatto, uma simples lavradora nascida no Rio Grande do Sul, descendente de Italianos, mulher forte, resiliente às dificuldades da dura vida na roça. Ignês, que já era mãe de nove filhos, protetora e carinhosa, católica, devota a Nossa Senhora Aparecida, bravamente criou todos os filhos e sonhava com o futuro melhor para todos.

Caçula, sonhador, curioso, traquina e, por muitas vezes, destemido, Jair fala das lembranças e momentos na infância quando menino, das alegrias e brincadeiras na roça e das dificuldades

sociais. Ele sofreu humilhação na escola, chegou a ir descalço porque tinha apenas uma conga, sempre encardia com o barro, já que no vilarejo não tinha asfalto. Lembra de como as freiras eram bravas, a madre superiora principalmente. Era difícil ter dinheiro para comprar lanche. Passava em frente ao empório do vilarejo e sentia certa diferença das pessoas que moravam na cidade para com as que moravam na roça. Foi apelidado de Balancê na infância, porque balançava muito a cabeça, depois foi tique e taque, diziam que era doença, a mãe, preocupada, chegou a levar ao padre, a fim de benzer ou obter a bênção. O Padre então deu a tarefa de repetir “Não devo balançar a cabeça”, por dez vezes ao dia.

Jair teve a infância de um garoto crescido na roça que, mesmo com as dificuldades, venceu. Hoje guarda na memória medos, alegrias, tristezas e sentimentos que o tornaram um homem corajoso e perseverante em suas escolhas. Quando já crescido, os irmãos mais velhos ganharam o mundo em busca de emprego e melhorias. Uma das maiores felicidades que recorda é a chegada dos irmãos da cidade ao vilarejo, a visita era aguardada anualmente, um misto de ansiedade e esperança de, como bom menino do interior, ganhar a bola nova, pois por vezes o futebol era improvisado por laranjas, limões, bolas de meia e tudo que pudesse fazer a alegria das crianças. O entusiasmo de estar junto de seus irmãos, passear de carro e fazer tudo de mais divertido na cidade, dizer aos amigos que seus irmãos chegaram de São Paulo era motivo de orgulho.

Quando adolescente Jair se descreve rebelde e agitado, confessa ter dado certo trabalho para seus pais. Teve momento de muitos erros, “faltava na escola, me escondia dos meus pais, meus irmãos pegavam muito no meu pé, minha mãe tinha o olho muito mágico, ela percebia quando estávamos desviando. Eu repeti alguns anos por faltar, para ir jogar sinuca em bar. Diria que, se não fosse minha família, que pegava no meu pé, mesmo eu dizendo que estavam errados, não teria estrutura para estar onde estou hoje. “Seus caminhos sempre levavam a cenários políticos: aos nove anos foi representante dos alunos da escola. Mais tarde, já em São

Paulo, na escola Mademoiselle Perieer, onde cursou até a oitava série, foi eleito representante de classe e do corpo docente, e também orador da formatura.

Em Abril de 1978, Ignês e os filhos Verônica, Nilto, Jilmar, Enio e Jair chegam a São Paulo. Os irmãos Antoninho, Leonide, Oneida e Arselino já moravam nesta grande metrópole.

Sempre com muita devoção a Deus, a família Tatto foi criando suas raízes na cidade e nas relações com a igreja católica; a matriarca jamais abriria mão dos princípios e compromissos religiosos. Com muita devoção a Deus, a vida difícil não gerou desilusões na família, mas trouxe esperança de dias melhores. Com um leve sorriso no rosto, Ignês costumava lembrar da roça, no vilarejo da Penha, e dizia que: “Na vida não tem que se lastimar, tem que ir à luta!”, e o menino Jair leva com ele esse lema.

Jair fala do privilégio de ser o caçula de dez irmãos e ter nove oportunidades de aprender muitas coisas na vida com cada um deles, com a maneira como enxergam as alegrias e os percalços da vida, com duas irmãs e sete irmãos, que o ensinam até hoje, seja na vida pessoal ou nas atividades políticas. Nas convivências não delonga em dizer, por várias vezes, que seus melhores amigos são os irmãos. Nutre um carinho muito especial pelo Enio. Na infância lembra que Enio era o mais velho dos homens e como caçula ele cuidava mais dele.

– *“O Enio era aquele que nunca tinha dinheiro, mas se ele tivesse ele me levava para cidade e o que ele tinha gastava comigo, comprando sorvete e lanche mirabel. Dos irmãos, ele foi o que mais cuidou de mim, o que nos tornou compadres quatro vezes. Mas meus irmãos e minha família foram e são as pessoas mais importantes da minha vida”.*

Semelhanças e afinidades

Sobre relações, Jair é enfático e certo, sabe destacar o que mais o atrai ou o distancia das pessoas. A ligação com o pai Jácomo foi rasa, com tristeza, mas com afeto. Jair diz que foram

os problemas e dificuldades com alcoolismo que tornaram a relação turbulenta. No fundo, sente que seu pai tinha dentro de si generosidade, e talvez tenha herdado isso dele. Recorda que, quando chegaram a São Paulo, Jácomo trabalhava como ajudante de pedreiro, ajudando o Sr. Sebastião na comunidade João Paulo I, no Jardim das Imbuías.

“Sofremos preconceito de classe social, eu sentia vergonha dele e dizia que ele era meu avô. As pessoas nos humilhavam muito, e isso me marcou, era preconceito em cima de mim que eu transmitia aos outros, ou seja, não só sofri, como me ensinaram a ser preconceituoso, e isso foi muito triste, eu me arrependo muito.”

A partida recente de Dona Ignês (junho de 2019) marcou a família, pois ela era a coluna principal. Para Jair, falar da matriarca ainda é doloroso. O profundo afeto, quase não cabe, a voz estremece, alguns segundos de pausa e com a entonação de voz mais séria afirma: - “Ah, minha mãe. Sou muito pequeno para parecer com ela. É impossível parecer com ela. O legado que ela nos deixou foi grande. Ver minha mãe partindo foi muito forte. O sofrimento da minha mãe neste período em que a enfermidade ficou mais intensa foi muito triste, ela ficou muito fraca fisicamente. Por outro lado, eu e meus irmãos permanecemos juntos e fortalecemos nossos laços e nossa união.”

Jair recorda do Padre Alcides Galinari, já falecido. Lembra que atuaram juntos na organização das CEBS (Comunidades Eclesiais de Base) e na pastoral da juventude da comunidade João Paulo I. O respeito e a boa convivência daquele tempo intensificaram a sua relação e gratidão à igreja católica.

Hoje desfruta do legado familiar, casado com Wleila há 18 anos, têm dois filhos: Giovanni e Raphaela. É pai de Carol, sua primeira filha, que o presenteou com seus netos Olavo e Ulisses.

Jair é homem simples e justo. Não perdeu os costumes da vida no interior e nem goza de luxos. Atrai-o a vida no campo e as boas comidas caseiras, não abre mão da moda de viola e valoriza as pessoas que estão por perto, que o cercam com boas intenções.

Biografia Profissional - Vereador Jair Tatto

Jair José Tatto é natural de Corbélia (PR) e nasceu em 17/06/1968. Trabalhou como técnico em contabilidade, office-boy, auxiliar de contabilidade e assistente administrativo.

Filho de Ignês Fontana Tatto e Jácomo Tatto, casou-se com WLeila e tiveram dois filhos: Giovani e Raphaela. Sua primeira filha é a Carol, mãe dos seus dois netos: Olavo e Ulisses.

Católico, foi agente de pastoral nas Comunidades Eclesiais de Base, Ministro da Palavra na comunidade João Paulo I, no Jardim das Imbuias.

Iniciou sua militância política na Zona Sul da cidade de São Paulo e está filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT) desde 1985.

No período de 1998 a 2001, foi Secretário de Organização Geral do Diretório Zonal do PT da Capela do Socorro. Foi coordenador da campanha majoritária, em 2002, de Lula Presidente e Mercadante Senador.

Jair Tatto foi secretário geral, vice-presidente, secretário de organização do Diretório Estadual do PT de São Paulo, coordenador do GTE (Grupo de Trabalho Eleitoral) nas eleições 2006 e responsável pela elaboração do programa de governo do PT.

Sob a coordenação política organizacional de Jair Tatto, o PT ampliou sua atuação de 509 para 622 municípios; sua gestão no Diretório Estadual registrou o maior número de filiações desde 1980, sendo realizadas mais de 60 mil novas filiações, no ano de 2008, no Estado de São Paulo.

Com vasta experiência política, coordenou campanhas de vereadores da capital, deputados estaduais e federais, inclusive dos irmãos Arselino Tatto, Enio Tatto, Nilto Tatto e Jilmar Tatto, o último, ex-secretário municipal de Transportes das gestões Marta Suplicy e Fernando Haddad.

Eleito em 2012, com 31.685 votos, exerceu pela primeira vez o mandato na Câmara Municipal de São Paulo.

Como todo cidadão que cultiva algum gosto, Jair Tatto não é diferente, admira a música caipira brasileira “moda de viola”.

No primeiro mandato, foi membro das Comissões Extraordinárias de Meio Ambiente, Defesa dos Direitos da Criança, do Adolescente e da Juventude e dos Direitos Humanos e Cidadania. Durante os quatro anos, foi membro da Comissão de Finanças e Orçamento, apresentou mais de 150 projetos de lei, sendo autor do Bilhete Único Mensal.

Reeleito em 2016, com 30.989 votos, foi presidente da Comissão de Finanças e Orçamento no biênio 2017-2018, e atualmente é membro da Comissão de Educação, Cultura e Esporte.

JAIR TATTO E A MATURIDADE DE QUEM COMEMORA 50 ANOS

Fazer 50 anos me deixa muito preocupado. Por quê? Porque nossa vida é uma responsabilidade renovada todos os dias.

Quando a gente pensa que vai descansar, vem um novo desafio. Quando o Jilmar decidiu concorrer para o Senado foi assim... Quando a gente pára e acha que vai estacionar, vai só administrar o que existe, tem sempre uma novidade.

Quando o Enio foi disputar uma eleição, era uma novidade, porque a gente pensou que parava lá com Jilmar e o Arselino (primeiros parlamentares). Depois o Jilmar e o Enio disputaram a mesma eleição e foi outra responsabilidade. Foi responsabilidade grande também quando o Arselino pediu que eu fosse candidato. Enfim, nossa vida é isso. Nossa vida é feita de desafios. Eu tenho dito em todos os lugares que eu frequento: a minha maior escola é a minha família.

Mas sem gargantear muito. Tenho nove irmãos mais velhos que eu, basta eu perceber um pouco o que eles fizeram de certo e errado. E procurar errar menos, e acertar tanto quanto eles. Então, eu digo que sou um privilegiado na vida!

O fato de a gente fazer política é a coisa mais maravilhosa na nossa vida. Porque nos permite conhecer um monte de gente, todos os dias. E quando você conhece um monte de pessoas, diariamente você entende o que é nosso país, entende o que é nossa cidade.

A gente não é de ler e de escrever. A gente é de viver e sentir cada dia de nossa vida. Algo que eu nunca quero perder (e desejo que meus irmãos também não percam) é o bom humor com o povo, com nosso eleitor querido. Porque se algum dia a gente sair de casa e achar que do lado de fora não tem dificuldades, não tem sentido nossa vida.

Nossa vida é muito mais marcada pela vida política. E a vida política é encontrar dificuldades, refletir e vencer. Eu repito o que Dom Paulo Evaristo falava: “As pequenas comunidades é que transformam a sociedade”. E Dom Helder disse uma vez que aceitaria nascer em “qualquer momento da vida, e em qualquer lugar”.

Eu concordo, e agradeço a Deus por não nascer em lugar pacato e sem dificuldades! **Jair Tatto, Junho de 2018.**

JAIR, PALAVRA DA ESPOSA:

Falar do Jair não é nada fácil, porque sempre vai ficar algo a ser dito. Jair é como uma poesia, carece sempre de boa interpretação. Ora extremamente doce, e ora extremamente ácido e provocador, mas sempre uma poesia. Pai maravilhoso, apaixonado pela família, companheiro, compreensivo, amigo. Tudo o que ele faz nesta vida é pensando no melhor para nós. Aqui em casa, ninguém tem dúvida disso. Tem o melhor e maior coração que já conheci num ser humano. Penso realmente que ele faz jus ao verdadeiro significado da palavra “político”. Ele ama verdadeiramente o que faz, e faz com responsabilidade, amor e muito respeito por quem deposita confiança e esperança nele. Estamos juntos há 25 anos, e viver com Jair é um aprendizado constante. Todo esse aprendizado contribui de maneira constante com meu crescimento como pessoa, assim como de nossos filhos. Temos três, Carol, Giovanni e Raphaela. Todos herdaram o coração bondoso do pai. São filhos maravilhosos, e não podiam receber herança melhor.

PALAVRAS FILHO GIOVANNI

Meu pai sempre foi um símbolo para mim. Um símbolo de bondade, carisma, simpatia e justiça. Meu pai nunca teve grande facilidade de expressar seus sentimentos, mas a gente sente um amor imenso guardado ali por ele com suas pequenas ações. Quando me perguntam o que quero ser quando crescer, a primeira coisa que me vem a mente é dizer “aquele homem”. Já perguntaram “político?”, não. Quero ter seu caráter, sua forma única de enxergar o mundo, sua habilidade de alegrar todo lugar a que vai. Meu pai não enxerga maldade em nada. E, quando enxerga, ele dá um jeito de repelir.

Ele não é dos mais presentes por conta do trabalho, coisa que eu entendo. Mas ele sempre dá um jeitinho de recompensar esse tempo “perdido” conosco. Todos nós aqui enxergamos seu esforço.

PALAVRA DA RAFHAELA

O meu pai é o melhor pai de todos. Ele se esforça muito com tudo. Ele faz de tudo para ter a gente bem. Por isso que eu o amo muito. É o melhor pai que eu poderia ter, o pai certo.



FECHANDO

Estava em Manaus. Passávamos em frente de um cemitério, e um dos missionários disse: “Estamos na cidade dos orgulhosos”. No primeiro momento, fiquei sem entender o comentário, ou a informação. Perguntei: – Como assim? Ele explicou: “Nesta cidade todos são muito orgulhosos, cada um fica no seu quadrado, não olham e nem falam com os vizinhos”. Dei uma risadinha. Até hoje estou pensando nisso.

Há muito temos adotado almoço dominical. Presença sempre maravilhosa dos filhos com suas famílias. Fiquei muito ausente no passado, seja pelo trabalho, pela missão no Meac e por negligência. A certo ponto compreendi que era importante criar laços mais fortes que unam e fortaleçam a convivência fraterna, começando em casa. Nestas ocasiões, sempre com a recomendação que seja após a missa, que nem sempre é levada a sério, infelizmente, vão chegando a casa. É sempre um momento grandioso, o carinho e alegria de cada um. A presença dos netos é impagável! Algazarra benéfica.

Como bons Tatto, apreciamos nossos drinks, cervejinha, vinho... às vezes até demais. Mas antes do almoço, um momento especial é nossa reflexão do Evangelho do dia. Cada um, na missa de que participou, deve comentar a reflexão feita pelo padre, quais os destaques e o que mais impressionou e tocou o coração. Os comentários são sempre muito ricos, muito expressivos. De modo especial aqueles trazidos pelos netos, até as crianças. Algumas expressões me deixam pensando muito durante a semana. Os que, naquele dia, não participaram da missa, ficam sem poder contribuir, o que não é bom, não é bom testemunho para as crianças e ficam devendo na partilha da fé. Tenho percebido que isso tem unido muito nossa família, nos ajuda nas pequenas desavenças, sem deixar que cresçam ou até que surjam. O Evangelho tudo cura, tudo purifica, tudo sublima, tudo ensina. Prepara o terreno para o resto do dia, sempre deixando saudade para o próximo domingo.

O Papa Francisco comentou certa ocasião que o Domingo tem duas finalidades primordiais. Primeiro celebrar o dia do Senhor. Para nós, a missa é, sem dúvida, a maior expressão de fé, o melhor que podemos apresentar de louvor a Deus. A segunda é o convívio com a família. São duas coisas de que não podemos, não devemos abrir mão. Por isso tudo é que nós, irmãos, temos procurado muitas oportunidades para estarmos juntos. E assim será sempre, com a graça de Deus.

Por isso também é que, desde 2006, temos procurado reunir todos os Tatto do Brasil. Já foram quatro encontros, sempre com expressiva participação. Chegamos a ter mais de trezentas pessoas. Já temos

marcado nosso próximo encontro em 2021 na cidade de Pato Branco - PR, e devemos continuar, como combinado, a cada três anos. Indiscutivelmente foram encontros importantes, esclarecedores, renovadores de ânimo e de estreitamento familiar. Seria pena não continuar.

Para isso tudo é que propomos acompanhamento por todos os instrumentos que temos à disposição. Sugiro algumas coisas que julgo importantes dentro da nossa família. Temos tido uma preocupação grande em descobrir, conhecer e preservar nossas raízes. Lamentamos muito não termos tido a precaução de guardar objetos e, principalmente, histórias que poderiam ter sido contadas por nossos avós e pais. Ainda é tempo para coletarmos alguma coisa, é só cada um de nós pensar nisso e não perder a oportunidade de fazer as devidas coletas quando surgem as oportunidades. Fica a dica para nossos filhos e netos.

Os anos passam depressa, quando menos esperam sentirão saudade de algo ou de alguém que não guardaram na prateleira, no arquivo digital ou na memória. Não haverá mais tempo para correções. Temos alguns tesouros históricos para preservar. Um deles é nossa árvore genealógica, iniciada por Luigi Tatto em Feltre na Itália. Inês fez um grande trabalho digitando todos os itens num programa de computador, **myheritage**. Hoje com 910 membros. Veja se você, e sua família estão lá. Se não estiver, poderá estar, é só nos comunicar no link abaixo:

<https://www.myheritage.com.br/site-64534231/antoninho-tatto>

A HISTÓRIA CONTINUA...

Assim chegamos até aqui. Com alguns relatos, memórias, atos e fatos de uma história que poderia ter muitos finais, mas que prevaleceu a vitoriosa.

Por tudo que pude observar durante a vida, pelo período em que estive ensaiando, na minha mente, a realização críticas deste trabalho, pelos comentários que me enviaram, pelas críticas recebidas, manifestas ou não, concluo que há um longo e importante caminho a ser trilhado. Certamente o faremos juntos. Como diz um ditado: “Se queres andar rápido, vai sozinho. Se queres ir longe, vamos devagar e juntos”.

Nosso site: www.tatto.com.br

e-mail: tatto@tatto.com.br

Fone: +55119.9454-7181



Luiz e Inês



*Luiz,
Regina
e Inês*



Inês



Inês





Avós maternos Aurelia e Pedro Fontana



Antoninho, Leonide e Oneida com Pierina Magri



Oneida e Antoninho Tatto 1ª Eucaristia

João Tatto



Fazendo média com a sogra



Inês e Luiz e nosso pai à esquerda



*Celebração:
Padre Evers*



*Festa do
Casamento*



Familiares da Inês



Mãe e irmãos da Inês



Inês e Kátia



Leo e Daniel no computador cobra



Aniversário da Inês com Dom Fernando e Dona Maria



Inês, Carlinhos e Fábio no CPD Balan-set



Nossa família com a Netche



Inês, Kátia e Dona Maria



Inês e Kika



*Tatto com os padrinhos
Jerônimo e Francisca*



Luiz, Inês, Tarciso e Regina



Nossa família com a Nette e Dona Maria



Dona Maria com os filhos Tarciso, Regina, Luiz e Inês com Bruna no colo

Deus realmente está conosco. A cada missas, sempre é para mim, como se fosse a primeira.
 Hoje durante as orações no Par. S. Luiz senti que realmente há um novo ardor missionário em você. Peço a Deus te conservar, pois só fazemos "certas letras", é realmente por amor à missas, a Deus.
 Cada vez mais te admiro. Continue firme, que nós aqui estamos contigo, na oração, no coração. Vai com Deus. E que seja sempre feita a vontade Dele.
 22.8.98 Am seijo te amo X



Inês e Regina fantasiadas de Charles Chaplin



*Bodas de prata:
Tatto e Inês*



*Celebrando
25 anos de
matrimônio*



Casamento: Kátia e Fábio com os pais



Tatto comemora 50 anos em Boston com o grupo do MEAC – USA.



Encontro com a Família Marques



*Pe. Francisco (Ir. Jorge),
Walter e Tatto*



*Família com Vera,
Mãe e Dona Nilva*



Brinde do casal

Reunião de família



*Brinde de Inauguração
da casa no Guarujá*

*Mãe e Inês
no Guarujá*





*Inês e
Antoninho*



Tatto e Inês com neto Miguel



Inês e o pequeno Miguel



*Inês com Miguel,
Juliana e Daniel*



Casal feliz



Última foto da Inês com o neto Miguel



Aniversário Tatto, 60 anos, a família e sua mãe



Tatto, Leo e Inês



Querida Inês

Parabéns pelo dia de hoje, seu aniversário.
Eu queria.....
Eu queria ser um poeta
para cantar em prosa e verso este acontecimento.
Queria poder descrever todos os encantos, a beleza,
formosura, meiguice, docilidade, singeleza,
a angelicalidade que te envolve.
Queria ter o poder de curar todas as doenças
para nunca vê-la sofrer de dores, de nenhuma delas.
Queria ser um escultor para moldar de todas as formas,
o presente escultural que Deus me concedeu.
Queria ser um artesão especial,
e fazer a mais bela coroa para minha rainha.
Queria ter o poder mágico de te encantar.
Quisera ser um colibri para ficar voando,
voando, bem próximo ao seu rosto
fazendo ventinho, e dando bicadinhas de carícias.
Como não sou nada disso, apenas te digo que
TE AMO MUITO, MUITO, MUITO!
Parabéns e que as bênçãos de Deus supram todas as minhas deficiências
e te conceda a sensação de tudo o que te desejo.
Beijos.
Antoninho Tatto



Tatto com Dom Claudio Humes ao receber Título de Cidadão Paulistano, com Arselino proponente



Título de Cidadã Paulistana à nossa Mãe, com o proponente Zelão e Arselino



Inauguração CEI Jácomo Tatto



Tatto com os netos



*Cultivando tradições
com o neto Lorenzo*



*Tatto com Mateus e Lucas
"Vô, como se faz um livro?"*



Encontro dos primos



Tatto, Fernanda, filhos, netos, noras e genros no Guarujá



A cada ano, mais momentos de intensa alegria.
 Mais motivos de louvor a Deus pelo dom da vida.
 Mais constatações de que podemos amar cada vez mais.
 Mas neste ano da Misericórdia,
 pedir e conceder perdão é a maior e melhor dádiva .
 Participar deste momento, com todos vocês,
 é simplesmente maravilhoso.
 Família, como é bom ter, como é bom amá-la
 e ser por ela amada.
 Estou feliz, Deus é muito bom
 e Nossa Senhora sempre cuidando de nós.

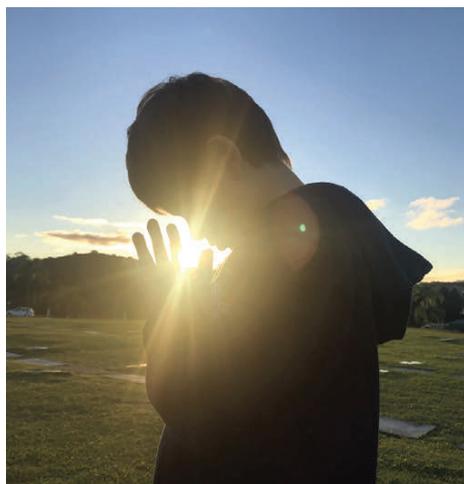
Espero você no dia 19/03
 a partir das 14h00, na Rua Von, 100
 para comemorar meus 89 anos




Jácomo e Ighes



Oneida, mãe e Verônica



Miguel rezando



Deus, meu tudo!
 Jesus, minha salvação!
 Nossa Senhora, inspiração maior!
 Igreja, orientadora e mãe!
 Minha família, meu tesouro!

Ignês Fontana Tatto
 ★ 14/03/1927
 † 03/06/2019

"Se me amais, não choreis por mim. Estou em paz. Fiquem sempre unidos."



*Tatto e Fernanda
com os pais
Marilene e Bruno*



*Tatto e Fernanda
com os amigos
Rouxinol, Talita,
Marcelo e Cristina*



Tatto e Fernanda



*Recepção no casamento
de Tatto e Fernanda*

